1952

NOVEMBRO - N.426

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS



NESTA EDIÇÃO: EXISTE A MAÇÃ QUE ADÃO MORDEU? ★ NOVAS LUZES SÔBRE OS GÊMEOS ★ AS MULHERES DIRIGEM MELHOR UM AUTOMÓVEL ★ O SOL É UM PÉSSIMO RELÓGIO!



Maravilhoso Presente

aos fans de

CINEMA
RADIO
MUSICA
TEATRO

Retratos dos artistas

Páginas inteiras

Muitas côres

Biografias completas

Notas e informaçoẽs

EDIÇÃO de 1952.

A venda em todo o Brasil

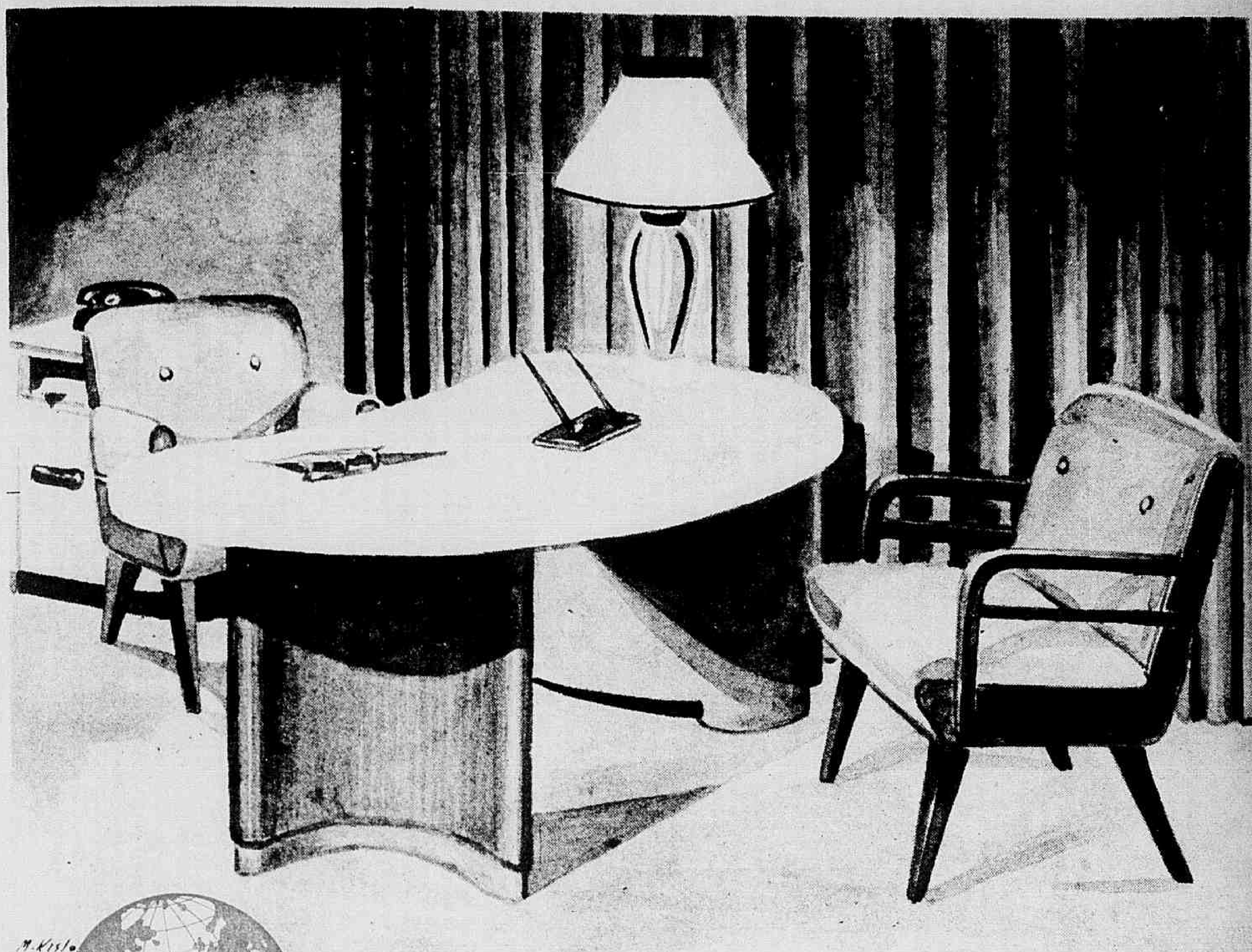
Preço Cr$ 25,00





Cia. Editora Americana — Rua Maranguape, 15 - Rio.

MÓVEIS E DECORAÇÕES





Orçamentos executados por técnicos-decoradores

TAPETES FEITOS À MÃO

TAPETES E PASSADEIRAS

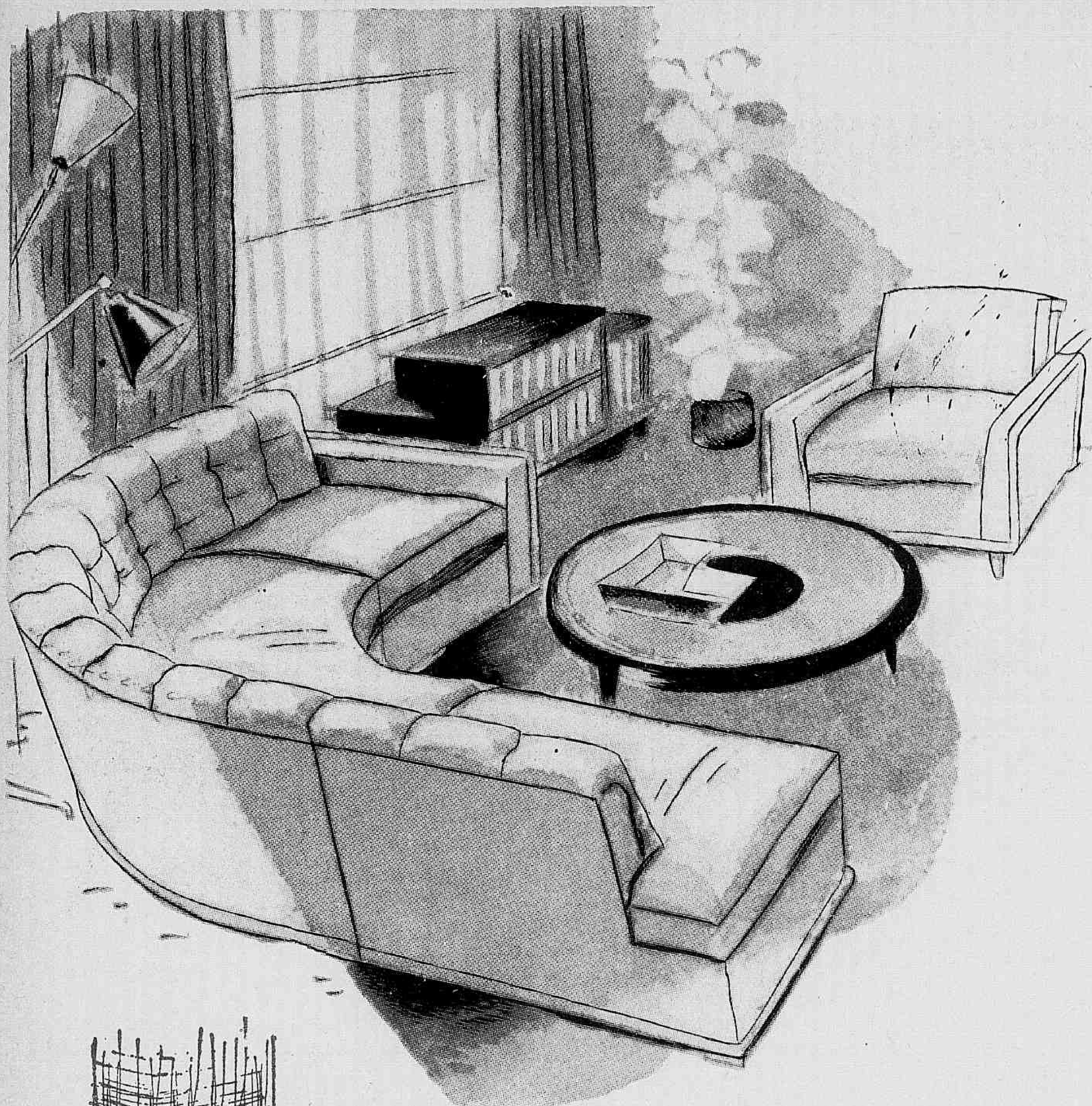
de farração, em côres lisas e com flores

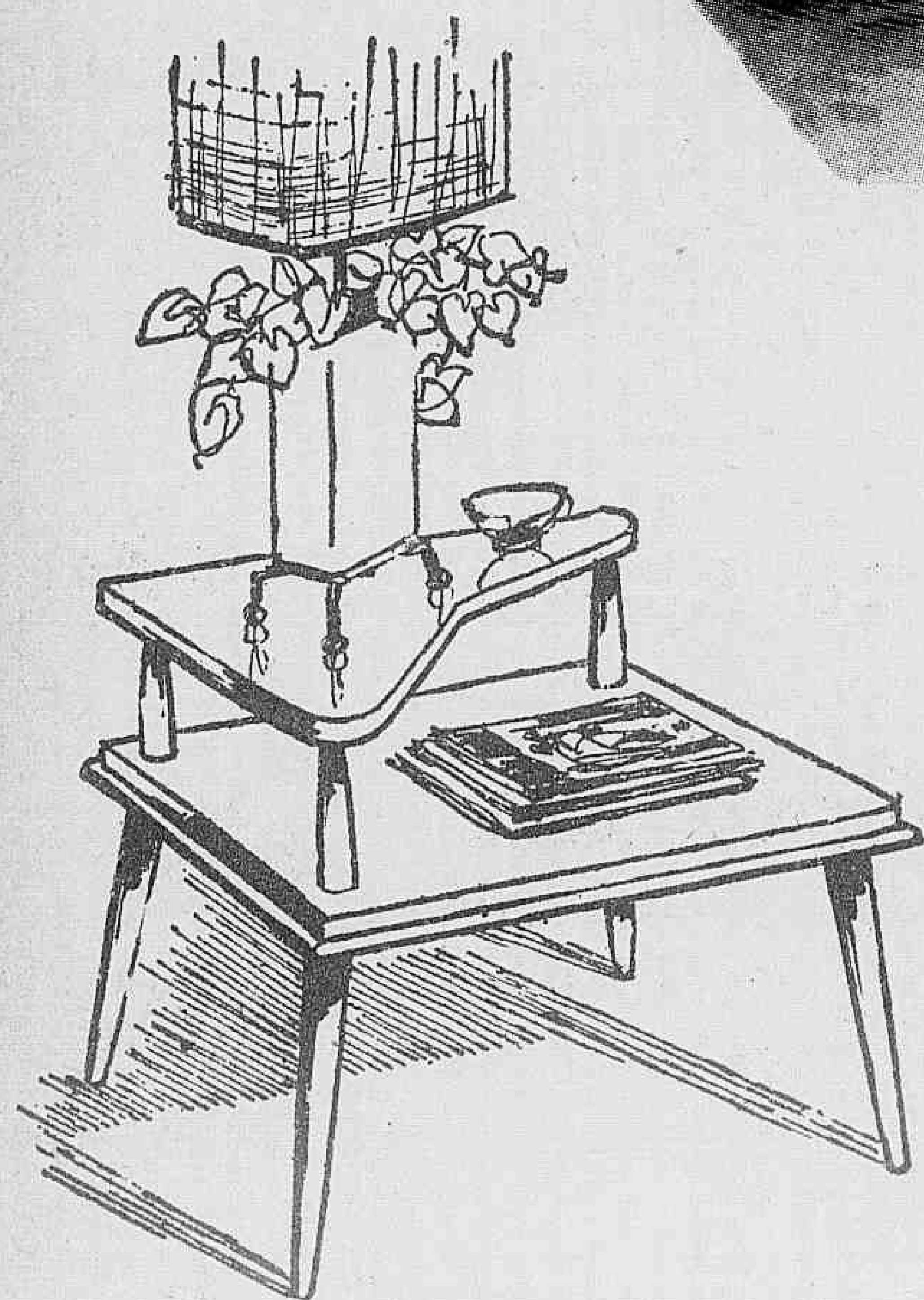
GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, Rua da Carioca, 67 — Rio





PARA O

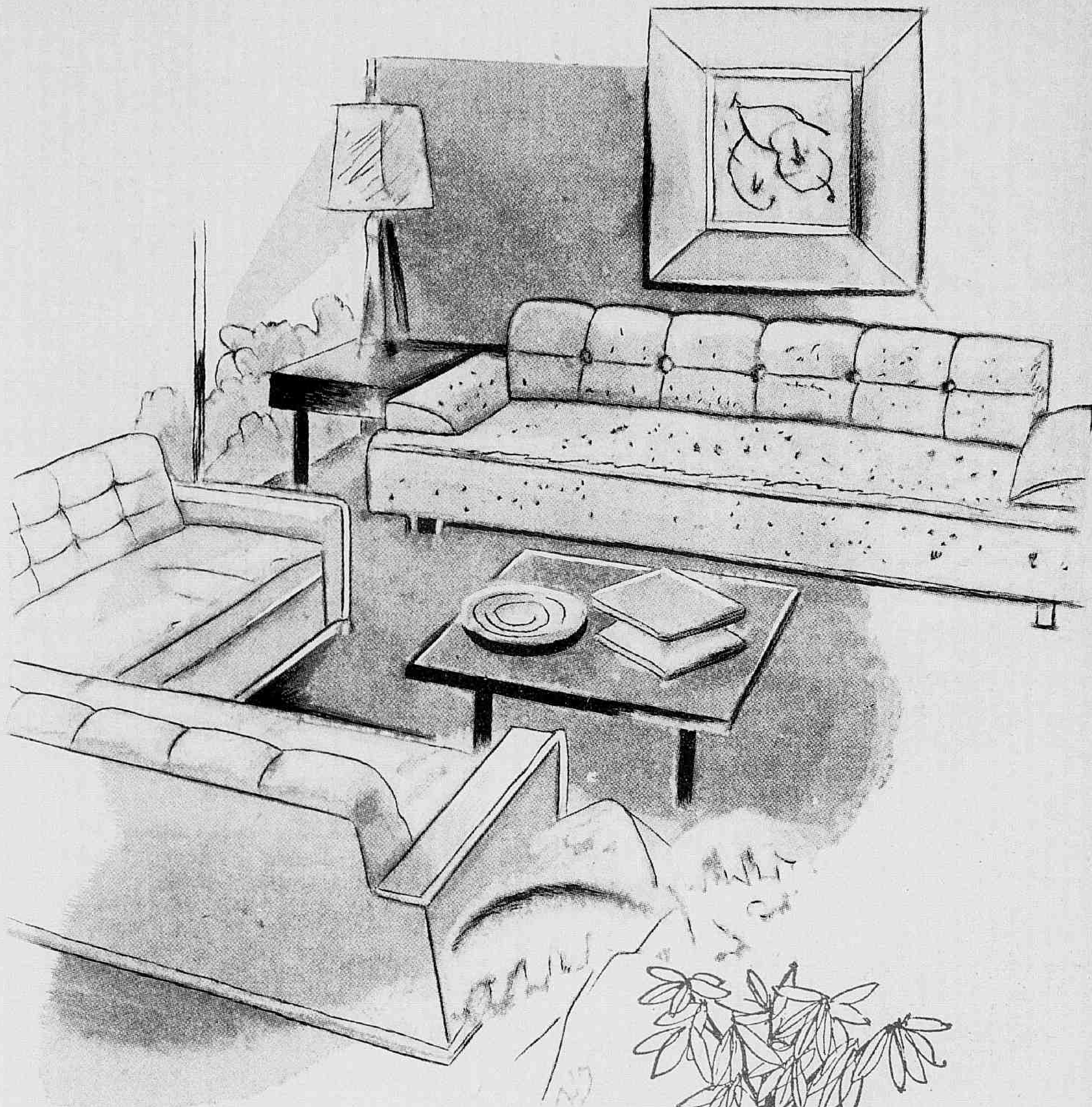
DISPONHA MELHOR

NÃO é bastante ter bons móveis, confortáveis sofás, poltronas deliciosas, etc.

Uma visita nunca se sentirá á vontade — e dará maior trabalho à dona da casa — se o mobiliário não estiver disposto de tal forma que tudo fique **mais fácil**: uma apresentação, um "tête-a-tête", um grande debate, o serviço do lanche, etc., etc.

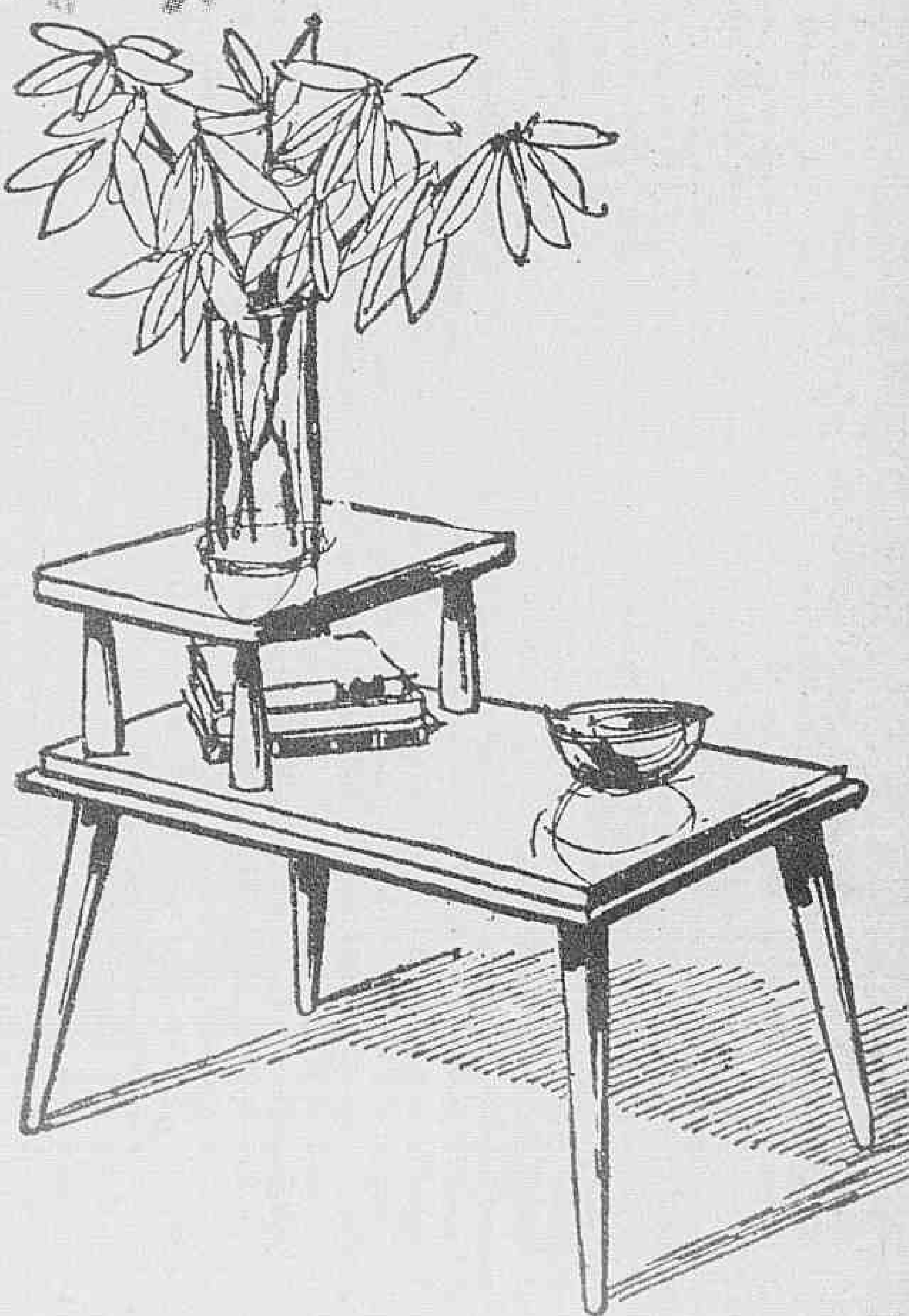
Móveis dispersos ou voltados um pouco **à la diable,** pouco ajudam, numa recepção.

Se os amigos que recebemos têm que estar torcendo o pescoço ou sentados enviezados ou na pontinha do sofá ou da poltrona, (para não



SEU LAR:

OS SEUS MÓVEIS



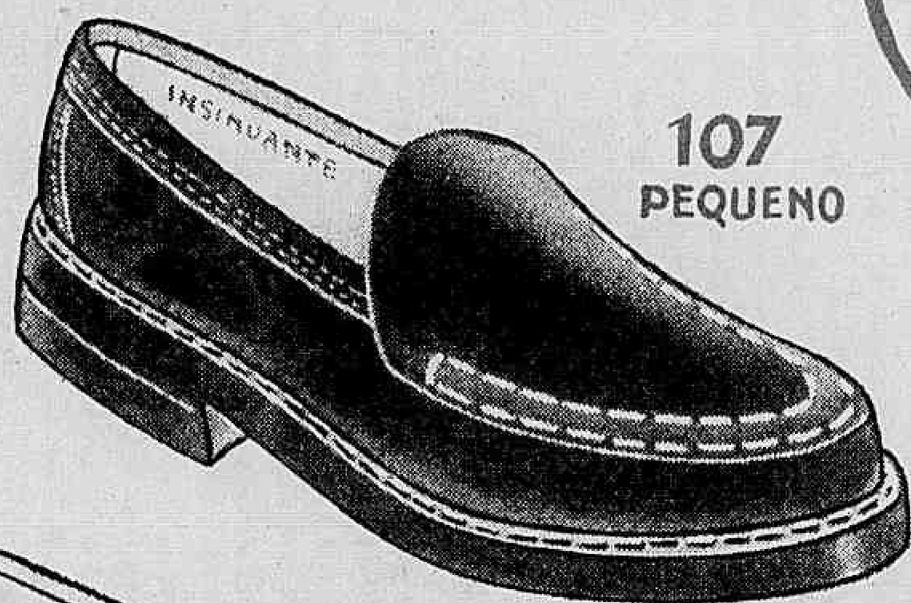
voltar as costas a uma senhora ou se quiserem ver com quem conversam) nunca estarão confortáveis, e muito menos poderão gozar o confôrto da mobília, pois que não a usam cem por cento, nunca podendo sentir o fundo das almofadas ou o macio de um espaldar... — sem o que ficariam isolados dos demais convidados.

E' preciso colocar as visitas frente a frente, sem esfôrço algum e com o máximo de confôrto.

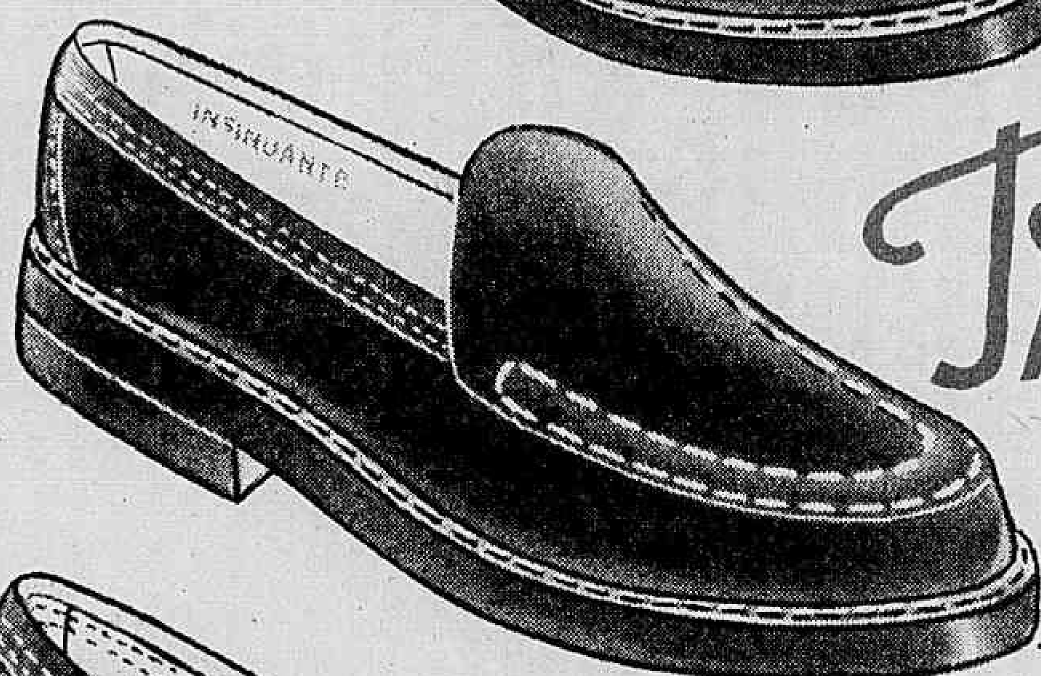
As duas sugestões que acima apresentamos são dignas de estudo. E não devemos esquecer que essas mesinhas modernas, servindo para todos os misteres, ajudam muito e aumentam o bem-estar geral.

BEM SERVIR

CARACTERISTICO INCONFUNDIVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE!



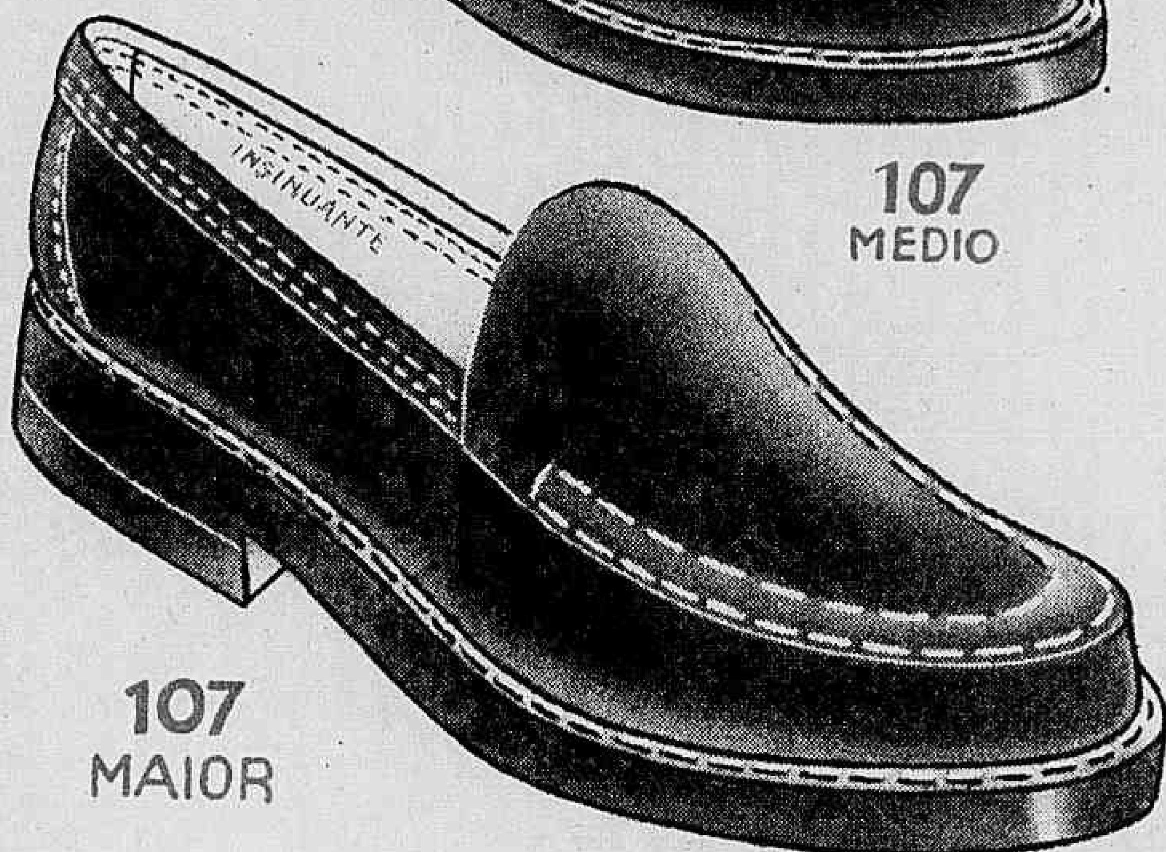
107
PEQUENO



Trampolim do Diabo!

**UM SAPATO PARA SI
PARA O SEU FILHO
E PARA O SEU NETO**

107
MEDIO



107
MAIOR

PREÇO:

Pequeno	28	a	33	CrS	150.00
Médio	34	a	37	CrS	195.00
Maior	38	a	44	CrS	200.00

Remetemos para todo o Brasil. Porte por par 5 cruzeiros

Não fazemos reembôlso postal

insinuante

Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46-48 — 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG.



Diretor: GRATULIANO BRITO

.Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

"P. HOLLISTER HALL SERIA CAPAZ DE TUDO PARA PEGAR UMA TRUTA. E AQUELA PEQUENA ERA CAPAZ DE FAZER FÔSSE O QUE FÔSSE, PARA PEGAR P. HOLLISTER HALL..."



Dupla "PESCARIA"



P. Hollister Hall, sorrindo para si mesmo, muito satisfeito, guiava a sua canoa de volta, ao longo da margem do lago, na direção do acampamento. Aquêle tinha sido um ótimo dia. Conseguira fisgar uma **"Grandalhona"**, com uma linha especial, que êle próprio havia preparado. Não havia, exatamente, **pescado** a "bicha" — as trutas grandes são espertas e sentem o anzol mais cedo do que convém ao pescador. Pudera, ao menos, ter a visão apocalíptica de uma bocarra maciça e um corpo verde, luzidio e ágil, fazendo um rodopio... Amanhã tentaria apanhar essa "D. Grande" com um anzol menor, pouquinho menor e forte. Então não haveria "castigo"

O seu sorriso de satisfação desapareceu repentinamente. **Fechou** mesmo a fisionomia ao avistar uma figura metida em grandes calças de lona impermeável, e postada acima de uma represa, bem à sua frente. Era realmente espantoso encontrar fôsse lá quem fôsse nessas remotas asperezas do Ontário, e muito mais surpreendente quando se tratava de uma mulher. Ela o aguardava com um sorriso e com o braço levantado, o polegar enérgico e eloqüente, pedindo "carona".

— Será que o senhor vai para onde eu vou? — perguntou ela, com desembaraço.

Hollister hesitou.

— Desculpe... Não entendi.

— Estou sem canoa — explicou ela — O senhor poderia levar-me até **Camp Pierre?**

Êle se esforçou para manter o equilíbrio da embarcação, enquanto a moça se instalava no segundo banquinho. Notou, então, que ela sabia como agir dentro de uma embarcação. Colocou os



seus aparelhos de pescaria, cuidadosamente, no fundo da canoa; Hollister ficou então estudando a qualidade do caniço, a linha bem enrolada, o carretel importado da Inglaterra. Só mesmo uma pescadora de qualidade podia possuir material assim. Instintivamente êle se mostrou mais cordial.

— Meu nome é Hall — disse com um sorriso amável — P. Hollister Hall.

— Eu sei... Fizemos um primeiro-almôço juntos, esta manhã!

— Oh! Tem razão... — disse êle, fazendo um retôrno à primeira hora matinal. Recordava agora que pouca atenção havia dado àquela figurinha quando ela entrara na sala de refeições. Estava tão entretido com linhas, anzóis e carretéis que pouco ligara à sua presença. Tudo o que pudera ver fôra um casaquinho de lona, um chapéu amarrotado e cabelos louros da côr de manteiga.

— Eu sou Jackie Benson — disse ela — Meu pai é B. T. Benson.

— Hum... — disse êle sem grande entusiasmo — Então é filha... dêle? — E acrescentou, aparentando interêsse — Tenho ouvido falar a respeito de seu pai.

Todo o mundo conhecia "B. T.", por certo. Todos os anos, infalìvelmente, aparecia êle em **Camp Pierre;** era um ardoroso pescador, possuidor de muitos milhões de dólares e um gênio difícil, encolerizando-se com facilidade. Essa irascibilidade não melhorou quando o velho "B. T." escorregou, dois dias antes, no pequeno cais de tábuas e quebrou uma perna. A atmosfera em todo o acampamento tornara-se sulfurosa a partir dêsse acidente. Por isso Hollister indagou, polidamente:

— Parece que êle... Creio que está...

— Terrível como um urso! Pobre papai! — disse ela com ar penalizado — Teima em não querer ficar na cama. Esta a razão por que decidi vir! Para cuidar dêle. Felizmente êle desistiu de se mexer, hoje! — acrescentou ela, sorridente — Eu trouxe comigo todo o seu material de pesca!

— Também gosta de pescar com "mosca"?, miss Benson? E' boa pescadora?

— Gostaria de ser... Preciso aprender muito! — voltou-se para êle, com um sorriso sedutor — Quer ser meu professor, Sr. Hall?

Qualquer coisa aconteceu quando êle procurou os olhos dela. Foi como se olhasse para o sol. Tudo escureceu. A canoa, momentâneamente abandonada à própria sorte, se aproximou perigosamente de umas estacas.

— Havia de me sentir muito feliz — disse êle, surpreendido com a própria voz e com as palavras que dizia — Que tal... amanhã?

*

Como eu estava dizendo, Miss Benson — explicou Hollister — Pescar com "mosca" no anzol é uma arte...

Realizou uma série de falsos lançamentos e recolheu a linha fazendo cantar a carretilha. O anzol com a "mosca" flutuou ligeiramente no centro da bacia e desceu, levado pela correnteza. Jackie ficou agachada no banco arenoso, ao lado dêle, cabeça inclinada, cotovelos apoiados nos joelhos.

— Ao contrário das outras formas de pescar — continuou êle, recolhendo a linha no carretel e voltando a lançá-la no centro da bacia — o pescador que usa "mosca" no anzol procura coisa





Tendo a mão de Hollister andado, num instante, pelos arredores do queixo de Mervyn, êste foi cair dentro do fundão, desamparado.

especial. Por assim dizer, escolhe a prêsa, prepara-lhe uma armadilha... Recorre, por isso, a todos os truques. Em outras palavras, Miss Benson...

Ela se mexeu um pouco e perguntou em voz baixa:

— Por que não me chama, simplesmente, Jackie?

— Hein? Oh... Em outras palavras, Jackie, é como se você fôsse o caçador e o peixe a prêsa... E não deve deixar que êle desconfie de que está sendo perseguido e caçado, é claro! Nada deve fazer para o alarmar. A armadilha deve ser preparada com cuidado, apresentada de forma atraente.

Retirou mais uma vez o anzol da água e entregou o caniço à sua aluna.

— Pessoalmente prefiro êste tipo de anzol — disse êle. — A côr é linda! Chamam êsse tom de Royal Coachman...

Ela tocou delicadamente a "mosca" de metal com a ponta dos dedos.

— E' linda! — exclamou.

—Eu preparo todos os meus anzóis — disse êle modestamente. — Porque faz muita diferença, a maneira como a armadilha é preparada... A isca, você compreende, tem grande valor! E' como saber escolher uma sêda, um penteado, a côr mais vantajosa...

Os dedos dela tocaram um instante o pulso moreno.

—Qual é a sua côr favorita, Holly?

— Ora... — respondeu êle, rindo — Confesso que tenho ligeira preferência pelo vermelho...

A mãozinha macia agarrou o pulso moreno, puxando-o ligeiramente. Êle obedeceu, sentando ao seu lado.

— Porém o mais importante é saber o que o peixe prefere... — acrescentou.

Ela se ajeitou melhor ao seu lado, os seus ombros tocando-se.

— Suponhamos que êle... não goste de nada neste mundo? — perguntou, pensativa.

— Bem... Você terá que ficar atenta, **para saber!** E aí é onde começa a arte! Digamos que o peixe visado está muito calmo, no fundo do lago, e recusa vir à tona. Você terá que saber excitá-lo, criando qualquer irresistível tentação.

Ela levantou a cabeça num movimento tão brusco, para o olhar de frente, que os seus cabelos espanaram-lhe o rosto.

— Como assim?

— Ora... Colocando a isca, a armadilha bem diante do nariz dêle, uma vez, duas vêzes, tantas vêzes quantas forem necessárias para despertar o seu apetite. Terá que persistir dias e dias, ou mesmo semanas...

Ela moveu a cabeça, pensativamente, significando que compreendia. Aquilo exigia muita paciência, segundo estava começando a entender. Ela própria... desde aquêle primeiro dia em que lhe pedira **carona**, estava tentando despertar o desejo, o interêsse de Holly. Procurava colocar-se bem diante do nariz dêle, tão formosa e sedutora como podia, e sem perder uma só ocasião, dias a fio! Empregara todos os truques que conhecia para despertar-lhe o **apetite...**

Mexeu-se de novo, chegando-se mais para junto dêle.

— Holly... — murmurou com voz mansa e reticente.

— Hmm? — indagou êle, com os olhos sondando as águas escuras.

— Algumas vêzes você se sentiu... desanimado?

— Naturalmente isso pode acontecer, **com os novatos** — disse êle, sorrindo com indulgência. A seguir, levantou-se, acariciou-lhe levemente a cabecinha e caminhou de volta à margem. — Assim é a pesca com anzol de "mosca" — concluiu.

— Algumas vêzes você não sente vontade de mergulhar... e agarrá-lo com as próprias mãos? (seus olhos brilharam com súbita paixão) Não tem vontade de quebrar-lhe a cabeça com um pau? De usar um arpão, uma bengala de dinamite ou até de atirar-lhe uma bomba atômica?

— E' como lhe disse — falou Hollister, muito calmo, medindo o comprimento da sua linha — Pescar é uma verdadeira arte!

A essa altura ela apertou os dentes e continuou com êles apertados, enquanto remavam de regresso ao campo. E nos olhos o brilho apaixonado era agora indicativo de fúria mal contida. Trocou de roupa ràpidamente e parou no quarto do pai, em caminho para o salão de jantar.

— Como vai essa perna, papai?

"B. T." estava reclinado numa confortável **chaise-longue**, a perna engessada pendurada numa alça que descia do teto.

— **Okay!** Eu já podia estar pescando, se êsse médico tivesse um pingo de cérebro!

Deteve-se para observar a filha com atenção e declarou:

— Você está uma verdadeira beleza, esta noite, querida.

Ela depositou um leve beijo na calva paterna, em pagamento pelo sincero elogio.

— Êsse vestido é novo, hein? Afinal, que côr é essa? Vermelho?

— Não sei — disse ela com o pensamento distante... Parece que chamam a êsse tom... **Royal Coachman.**

Hmmm... Você agora deu para falar como os pescadores, hein? (Pigarreou com fôrça e depois falou, noutro tom) O que sei é que há um ou dois telegramas para você, na escrevaninha. Devem ser daquele camarada com quem você diz estar noiva... Como é mesmo o nome dêle?

— Mervyn — disse ela sem entusiasmo.

— Se quer saber, abri um dêles! Quer que você volte para a cidade e case logo com êle!

— Não quero casar com êle.

"B. T." pareceu gostar da resposta, pois sua fisionomia se desanuviou.

— Nunca apreciei muito êsse rapaz, se me permite a franqueza... Então, aquela mania pelo golf... Puf! Mas, diga-me: como você mudou de pensar, assim... de repente?

— Estou gostando de pescar. — disse ela.

Êle observou por cima dos óculos de leitura.

— Diga-me uma coisa, beleza — disse "B. T.", enquanto enchia o chachimbo — Desde quando começou a gostar de pescaria?

Ela sentou, resignada, ao lado de "B. T."

—E' que descobri e localizei um peixe muito

grande, papai! E' coisa realmente **especial**, e quero "fisgá-lo" mais que qualquer outro neste mundo! Porém êle não parece interessado por mim... Tenho tentado tudo. Não consigo "pescá-lo".

— Hmm... Sei como é isso — declarou "B. T.", acendendo o cachimbo — Recordo-me de um peixe assim, colossal, na represa de Beaverkill... Eu a tentá-lo, incansàvelmente... e nada! Não me ligou importância... **enquanto foi o único peixe no local...**

Fêz uma pauca para riscar um fósforo e sorrir, satisfeito, antes de continuar:

"Então aconteceu qualquer coisa muito engraçada. Outro peixe apareceu na represa e se interessou por minha isca. Quando o peixe grande, que eu mais queria, viu o jeito do outro, atirou-se mais que depressa à isca... e foi apanhado!

Sugou longamente o cachimbo e concluiu.

"Um concurrente! Entendeu? Em certos casos êsse é o supremo remédio!

Ela o beijou novamente:

— Obrigada, papai...

— Mas, como em tudo — acrescentou "B. T." — é preciso ter arte!

Ela saiu para o terraço, após o jantar. Hollister já ali se encontrava, sentado no primeiro degrau, olhando extasiado para o lago. A lua era cheia e seu rastro prateado tremia sôbre a água batida por leve brisa. Ela foi sentar ao seu lado, porém Hollister não fêz qualquer movimento para passar um braço em redor da sua cintura. Parecia observar a luz.

— Está uma noite lindíssima — disse ela num cochicho.

— E aí está o mal! — falou Hollister apontando para o céu — Lua cheia significa que vamos ter tempo bom, claro e firme amanhã... E bem precisava de chuva! Para obrigar o peixe grande a mexer-se um pouco.

— Bem... Eu não estava pensando em pescaria, agora — disse ela — Correu os dedos de vagar pela sêda do vestido e sorriu romànticamente.

"Holly... — cochichou — Você gosta disto?

— Hein? Gosta... de quê? — repetiu êle, assombrado.

Ela mordeu os lábios, antes de perguntar, com voz um tanto trêmula de emoção ou de furor:

— Você... Você acha que os peixes não podem distinguir as côres?

— Bem... Na verdade essa é uma pergunta interessante... — começou Hollister entusiasmado. — Há quem discorde... Entretanto, alguns técnicos pretendem que o nervo ótico do peixe só é sensível à luz e assim mesmo nos locais bem sombrios. Entretanto, se tivermos o mesmo cone de visão de uma truta...

Ela se ergueu repentinamente.

— Há quem tenha o cone de visão de uma truta... — disse ela entre dentes e a meia-voz; e rodando nos calcanhares afastou-se.

— Onde você vai?

— E' que... acabo de lembrar — disse ela — Tenho que passar um telegrama — explicou **sem** voltar a cabeça.

★

Estavam postados na extremidade do fundão, abaixo da represa, e falavam em cochichos. A mão de Hollister segurou-a por um braço, tão firmemente que a magoava.

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

UMA noite, a pedido de vizinhos com os quais mantinha relações muito cordiais, consenti em ficar tomando conta de sua filhinha, uma garotinha de apenas um ano de idade. Uma hora depois da saída dos pais, estando eu completamente só com a criança, esta começou a chorar. Corri para ela e notei que a criança estava febril e parecia sofrer alguma dor. Quando tentei telefonar para o número que seus pais haviam deixado comigo, para alguma emergência, a telefonista informou que o mesmo fôra **desligado temporàriamente!**



O único médico na cidade, que eu conhecia, não atendia a chamados noturnos. Hesitei, não querendo assumir a responsabilidade de chamar outro qualquer, tomado da lista telefônica. Da mesma forma a criança podia estar bastante doente e, por certo, os pais ficariam zangados comigo, caso não tomasse uma providência **imediata.** Como o leitor resolveria isto?

(Resposta na página n. 110)

— Observe bem aquêle trecho de água parado. Foi ali que a vi. Bem junto do paredão.

Depois foi de novo o silêncio, tão completo que chegavam a ouvir a própria respiração. A superfície da água parecia unida como vidro. Repentinamente, enquanto olhavam, uma pequenina bôlha apareceu no centro do fundão, logo seguida de outras muitas. Uma série de pequenos círculos se abriram em seu redor em ligeiríssimas ondulações que se alargavam e morriam.

—E' ela! — anunciou Hollister, cuja mão tremeu — E' a "grandalhona"! Está comendo, no fundo. (Apontou para o canto do remanso) Vem trazendo a "mosca" mais para a direita, de manso, numa corrida em zigue-zague. Depois deixe ficar um pouco parada...

Ela obedeceu, cautelosamente, pisando e movendo as pernas com a lentidão que convinha, para não levantar muito limo do fundo, com a ponta da bota de borracha, e quase sem provocar rugas na superfície. Repetiu o movimento agora mais largo e veio trazendo novamente a linha, atenta às indicações de mão que êle lhe fazia pois agora seria êrro clamoroso tentar falar, mesmo em cochichos. Uma sombra passou majestosamente a três passos de distância e a um metro e pouco da superfície, da água, que marcou a presença da truta com um tremor característico.

— "Olá, Jackie!" — gritou nesse instante uma voz alegre e forte — Disseram-me que você estava aqui... E aqui estou, também!

Hollister voltou a cabeça, com ar furioso. Um rosado rapazinho, envergando bonito casaco de flanela, tipo esporte, descia a rampa do fundão e parava no chão de areia úmida, bem ao seu lado. Jackie porém não desviara o olhar da "mosca", que flutuava agora ao sabor da corrente e passava, vagarosa, diante dela.

"Então? Não vem falar comigo? — insistiu o rapazinho, ligeiramente zangado — Depois de uma noite inteira, com o pé na **tábua**, para vir ao seu encontro, é assim que me recebe?

Jackie colheu um pouco a linha, e voltou-se.

— Oh... Mer-vyn! — exclamou numa bem dissimulada surprêsa — que está fazendo aqui?

— Que acha, então, que estou fazendo aqui? — falou o outro com ar surpreendido — Recebi o teleg...

— Psiu! Não grite tanto, Mervyn! — pediu ela, interrompendo-o — Não vê que estou pescando?

— Ora! Você alguma vez ligou a pesca...

— Mervyn Meloney — disse ela, interrompendo-o novamente — Hollister Hall...

— Alô? — disse Mervyn, sem ao menos olhar para a mão que Hollister lhe estendera. Voltado para Jackie, intimava:

— Ande! Venha daí dessa água e dê-me um beijo.

Pelos olhos de Hollister passou uma sombra escura dando-lhes perigoso aspecto.

— E por que ela há de sair da água e beijá-lo? — perguntou êle.

Mervyn se voltou então para encarar Hollister, como se só agora o tivesse visto.

— E por que não havia de vir beijar-me? — perguntou, por sua vez, engrossando a voz — Nós vamos casar...

— Oh... — o coração de Hollister pulou dentro do peito, como se quisesse vir cá para fora.

— ...logo que ela marque a data! — acrescentou Mervyn.

— Oh... — o coração de Hollister saltou uma segunda vez. — Mas procure ficar quietinho, sim? — Pediu, falando entre dentes — Está perturbando a pescaria.

Mervyn abriu a bôca para responder alguma impropriedade, mas desistiu em tempo. Então, voltou-se para Jackie:

— Escute belezinha — começou, escolhendo as palavras; mas logo desistiu em tempo. Então, noutro tom, impaciente, concluiu — Se não sair já e já dessa água — ameaçou quase gritando — ...vou até aí e trago-a a fôrça!

— Isso é o que você não vai fazer! — disse Hollister, plantando-se na frete dêle.

Mervyn hesitou entre o que responder ou fazer. Repentinamente desistiu de palavras e preferiu agir.

— Saia da minha frente! — gritou furioso. Ao mesmo tempo meteu um ombro contra o peito de Hollister, atirando-o para um lado. A mão direita de Hollister, entretanto, obedecendo a um irresistível comando de reação em cadeia, subiu com vertiginosa velocidade, indo parar violentamente nas proximidades da ponta do queixo de Mervyn, que entrou num repentino movimento de recuo. Movimento perigoso, porquanto depois de trocar pernas, duas ou três vêzes, procurando desesperadamente recuperar o equilíbrio, Mervyn acabou caindo de costas, desamparado, bem no centro do fundão. Quando se deu o choque do seu corpo contra a água, com o ruído característico e o levantamento do líquido, que saltou em tôdas as direções, Jackie teve um sobressalto e instintivamente levantou a ponta do caniço. Simultâneamente um maciço par de maxilares dentados bateu o ar em vão, pois a "mosca" fugiu, subindo e colocando-se fora do seu alcance. E a grande cauda quadrada por um instante bateu o ar. A "Grandalhona" tornou a mergulhar, o que fêz juntamente com o corpo desengonçado de Mervyn.

— Mervyn! — exclamou Jackie, zangada — Viu o que você fêz?

Mervyn estava no centro do remanso, com água até o pescoço; tinha os cabelos emplastados e as orelhas cheias de limo pegajoso. Hollister abriu as longas pernas, passando sôbre êle — como se tivesse simplesmente galgado um ligeiro obstáculo inerte — e segurando Jackie por um braço, conduzi-a para a margem.

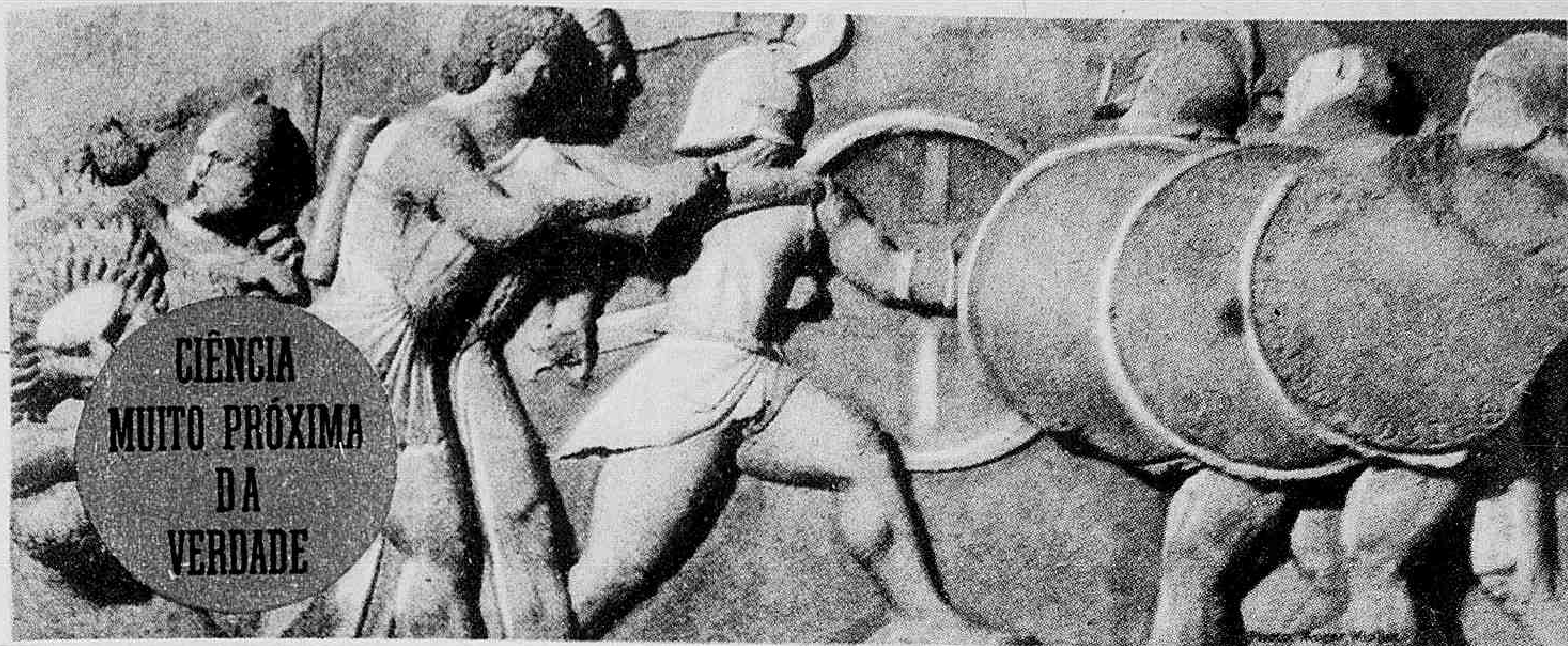
— Vamos! — disse êle em tom decidido — Vamos sair daqui.

— Para... para onde vamos? — perguntou ela com voz ainda emocionada.

— Vamos tratar de nosso casamento — disse êle, levantando-a nos braços e colocando-a no pequeno cais de madeira.

— Mas... Holly — exclamou Jackie, quase perdendo o equilíbrio — Quando?

— Agora mesmo! — disse êle — Aqui nada mais temos que fazer, hoje. Será preciso, no mínimo, deixar passar umas vinte e quatro horas, para que êste fundão se aquiete de todo e seja possível pescar outra vez.



OS ANTICORPOS

Maravilhoso Mecanismo De Defeza Contra Os Micróbios

OS VENCEDORES DOS MICRÓBIOS — Por mais espantoso que possa ser, durante muitos anos os homens indagaram por que milagre conseguiam curar certas moléstias, enquanto outras, não apresentando — aparentemente — gravidade tão grande, eram, no entanto, mortais. Como o organismo invadido — por exemplo — por uma quantidade considerável de micróbios, consegue libertar-se dêles?

Já em 1880, um sábio alemão, Ehrlich, descobrira a existência dos glóbulos brancos e descrevera, com detalhes, as suas diversas formas. Alguns anos mais tarde, Metchnikoff descobria a "fagocitose", isto é, a propriedade que têm os glóbulos brancos polinucleares de paralisar, cercar e depois digerir, pura e simplesmente, as partículas de matéria biológica introduzidas no organismo. Concluiu que, dessa maneira, por intermédio dos glóbulos brancos, os micróbios patógenos eram destruídos.

Procurou êsses corpos e os descobriu; são os "anticorpos", espécie de contraventores cuja finalidade é a de ajudar os glóbulos brancos polinucleares na defesa antimicrobiana do organismo.

O GRANDE SISTEMA DE DEFESA DO ORGANISMO — Metchnikoff, antes de qualquer outro, emitiu a hipótese de uma origem particular dos anticorpos. Pensou que êstes eram produzidos por uma variedade especial de tecido do organismo, de resto mal conhecido nessa época: o sistema retículo-endotelial.

A essa variedade de tecido pertencem os diversos órgãos: fígado, baço, certas partes dos gânglios linfáticos assim como os glóbulos brancos do sangue, que são produzidos, em grande parte, pelos órgãos precedentes. Seu papel intrigou os pesquisadores e foi sòmente poucos anos antes da guerra de 1939-1945, que os sábios tudo poderam descobrir. O sistema retículo-endotelial constitui a grande organização de defesa do nosso corpo.

Em certas condições — em particular em certas doenças — lança êle, na circulação sanguínea, células que se aparentam aos glóbulos brancos por suas funções, mas que são muito diferentes por suas formas, suas dimensões muito maiores, suas propriedades físicas e químicas. Essas células, que são chamadas plasmocitas, desempenham papel tão importante como os outros glóbulos brancos, no fenômeno da fagocitose e constituem, de um certo modo, um refôrço defensivo.

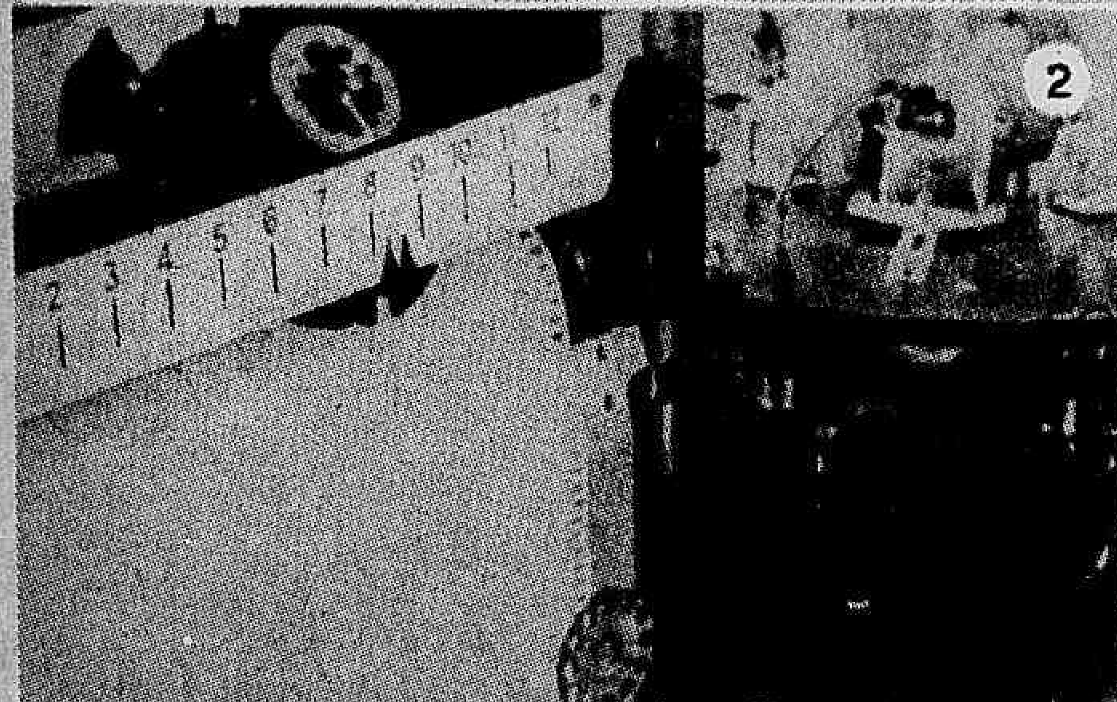
Para verificar essa hipótese, Metchnikoff praticou experiências muito numerosas. Antes de tudo, fêz com animais (cão, gato, cobaia, macaco e até mesmo porco) variadas experiências, por meio de injeções com a ajuda de certos produtos ou corpos estranhos, destinados a provocar no organismo uma reação. Tais corpos são chamados "antígenos".

Êsses antígenos são de natureza muito diversa. Compreendem não apenas os micróbios (bacilos tíficos, pneumococos, etc.) mas, também, produtos biológicos (glóbulos vermelhos provenientes de uma outra espécie) ou químicos, (venenos, arsênico, cianuro) ou, simplesmente, corpos estranhos como poeira, talco, etc...

Depois, examinando no microscópio preparados praticados com a ajuda de amostras do tecido retículo-endotelial, (baço, fígado) verificou que os antígenos eram destruídos com particular intensidade nesses órgãos. Isso parecia demonstrar que sua hipótese era justa.

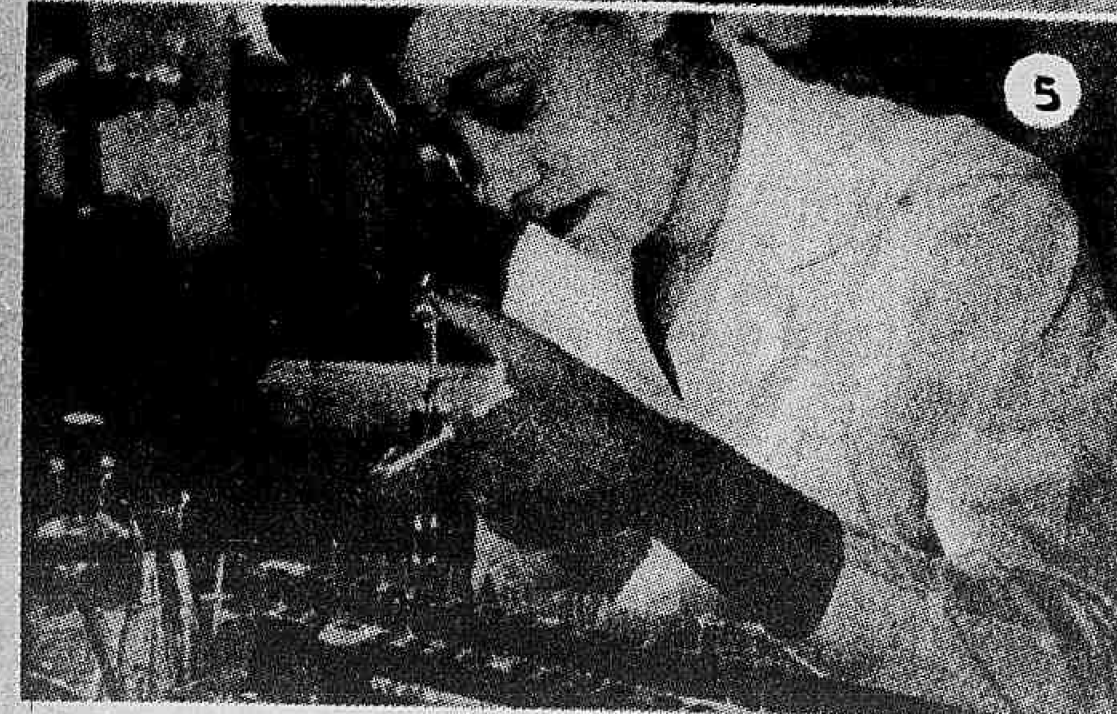
UMA SÉRIE DE BELAS EXPERIÊNCIAS — Entretanto, alguns anos mais tarde, em 1896, outro











pesquisador, Deutsch, praticou uma contra-experiência, injetando os mesmos produtos tóxicos, isto é, os mesmos antígenos, nas mesmas raças de animais de laboratório, mas havendo tomado a precaução de lhes retirar o baço algum tempo antes de realizar a experiência. Verificou que, mau grado essa ablação, os antígenos eram igualmente destruídos, isto é, que os anticorpos continuavam, apesar de tudo, a ser formados. Isto tendia a provar que os anticorpos não se formavam no baço ou, pelo menos, que êste último não era **o único** a produzir anticorpos.

Os sábios retomaram, então, o problema desde o início e, um pouco mais tarde, foi possível indicar com absoluta certeza que, apesar de tudo, os anticorpos destinados a resistir à invasão de um novo antígeno — fôsse essa invasão criada experimentalmente ou não — são formados **no próprio local da introdução do corpo tóxico!** Isto significa que o sistema retículo-endotelial vizinho do local da invasão é o primeiro mobilizado para impedir a invasão geral do organismo pelos antígenos.

Para resumir a questão, podemos dizer que no início dêste século já se sabia que os anticorpos eram produzidos pelas células do sistema retículo-endotelial, ignorando-se, porém, **em que parte** do mesmo eram êles fabricados.

A partir de então os pesquisadores orientaram as suas pesquisas no sentido dos glóbulos brancos normais, dos quais certas variedades são produzidas pelo sistema retículo-endotelial. Êsse é o caso, em particular, dos que são chamados Grandes Linfócitos. Novamente encetaram, os sábios, numerosas experiências e tôdas demonstraram que êsses Grandes Linfócitos constituíam, realmente, a **origem**, o **órgão produtor** dos anticorpos.



COMO UM LABORATÓRIO TRABALHA COM OS "ANTICORPOS"

As pesquisas sôbre os anticorpos são das mais delicadas. Não podendo ser isolados em estado puro, nem pesados (pois que são muito mais um "estado" das globulinas do serum sanguíneo que um corpo determinado) só podem ser estudados pelo exame dos seus efeitos. 1) — Os estudos de um anticorpo determinado têm início numa cultura do micróbio visado. O sábio examina uma cultura de bacilos diftéricos. 2) — A existência de micróbios na cultura deve ser rigorosamente determinada. A foto mostra um contador de micróbios, aparelho ótico baseado na transparência maior ou menor da cultura. 3) — A "toxina", titulada e estandardizada: injetada no organismo em dose fraca, provoca o aparecimento de anticorpos no sangue. Os frascos contêm "anatoxina" diftérica, isto é, uma toxina inofensiva. 4) — A classificação dos anticorpos numa série de vidros estéreis nos quais é introduzida uma quantidade crescente de serum do indivíduo em quem já foi injetada a toxina. 5) — Outro método de classificação biológica pelo processo de "floculação". E' utilizado na reação do Bordet-Wassermann, para detecção da sífilis, que é o verdadeiro reconhecimento e classificação dos anticorpos produzidos no organismo pelo treponema.

COMPRAREMOS, BREVEMENTE, ANTICORPOS, COMO COMPRAMOS, HOJE, QUALQUER COMPRIMIDO? — Uma vez conhecida e demonstrada a sua origem exata, era preciso isolar quìmicamente os anticorpos a fim de poder definir a sua natureza.

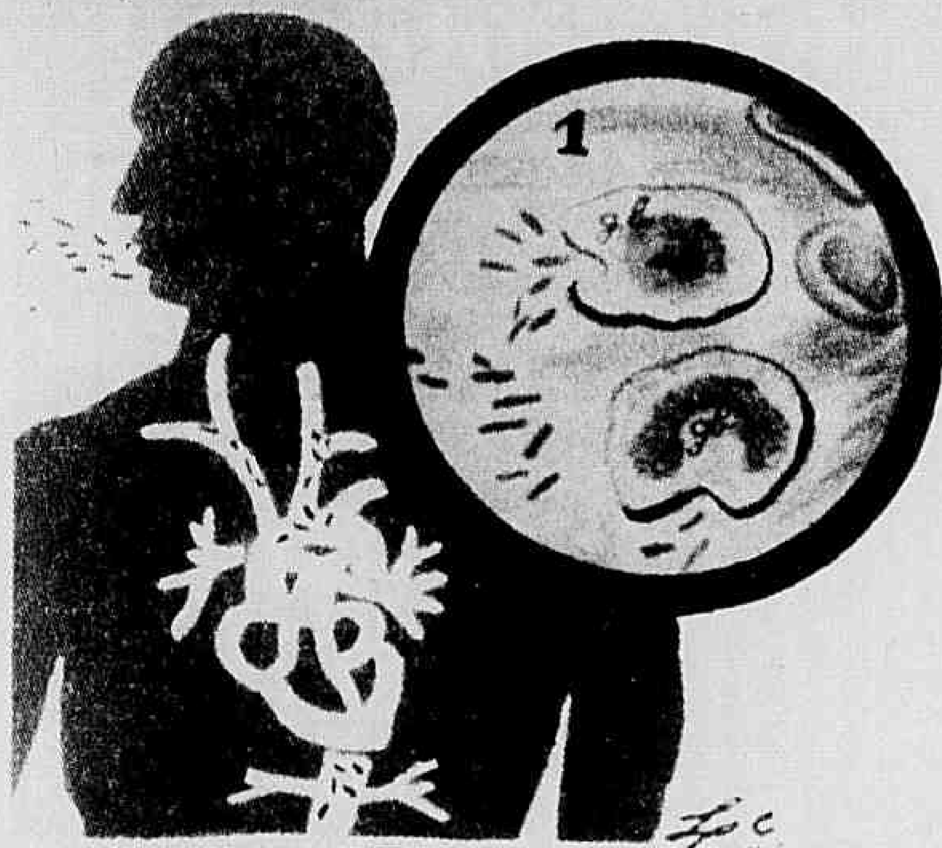
Procedeu-se, então, a dosagens minuciosas dos compostos normais do sangue e, particularmente, das albuminas, das gorduras e dos açúcares, antes e após a introdução de diversos antígenos no organismo. As gorduras e os açúcares sempre conservaram uma porcentagem idêntica antes e após a introdução, enquanto que, ao contrário, as alguminas acusaram um aumento constante. Essa experiência indicava que os anticorpos pertenciam à família das albuminas.

Porém os sábios não se consideraram satisfeitos. Continuando suas pesquisas, procederam, então, a dosagens separadas de diversas espécies de albuminas, a fim de saber quais eram aumentadas. Conseguiram saber, dêsse modo, que apenas dois grupos de albuminas variavam sob a influência dos antígenos: são as **beta**-globulinas e as **gama**-globulinas. As **gama**-globulinas, principalmente, mostravam-se em geral muito aumentadas, enquanto as **beta**-globulinas só o eram passageiramente.

Isolaram, então, por meio de processos elétricos, essas gama-globulinas e experimentaram o seu poder sôbre suspensões puras de micróbios. Tôdas as experiências praticadas deram o mesmo resultado: as **gama-globulinas são por si mesmas os anticorpos e são elas que destroem os antígenos, isto é, os micróbios!**

Infelizmente, as pesquisas se detiveram aí, e não foi possível ainda isolar, entre essas gama-globulinas, as diferentes espécies de anticorpos, os que combatem o sarampo ou a escarlatina ou a coqueluche, etc. Em conseqüência, é impossível fabricá-los sintèticamente. Mas não devemos desesperar e talvez vejamos chegar, breve, o dia em que possamos comprar numa farmácia, como hoje compramos um remédio para dor de cabeça, os anticorpos contra qualquer enfermidade microbiana!

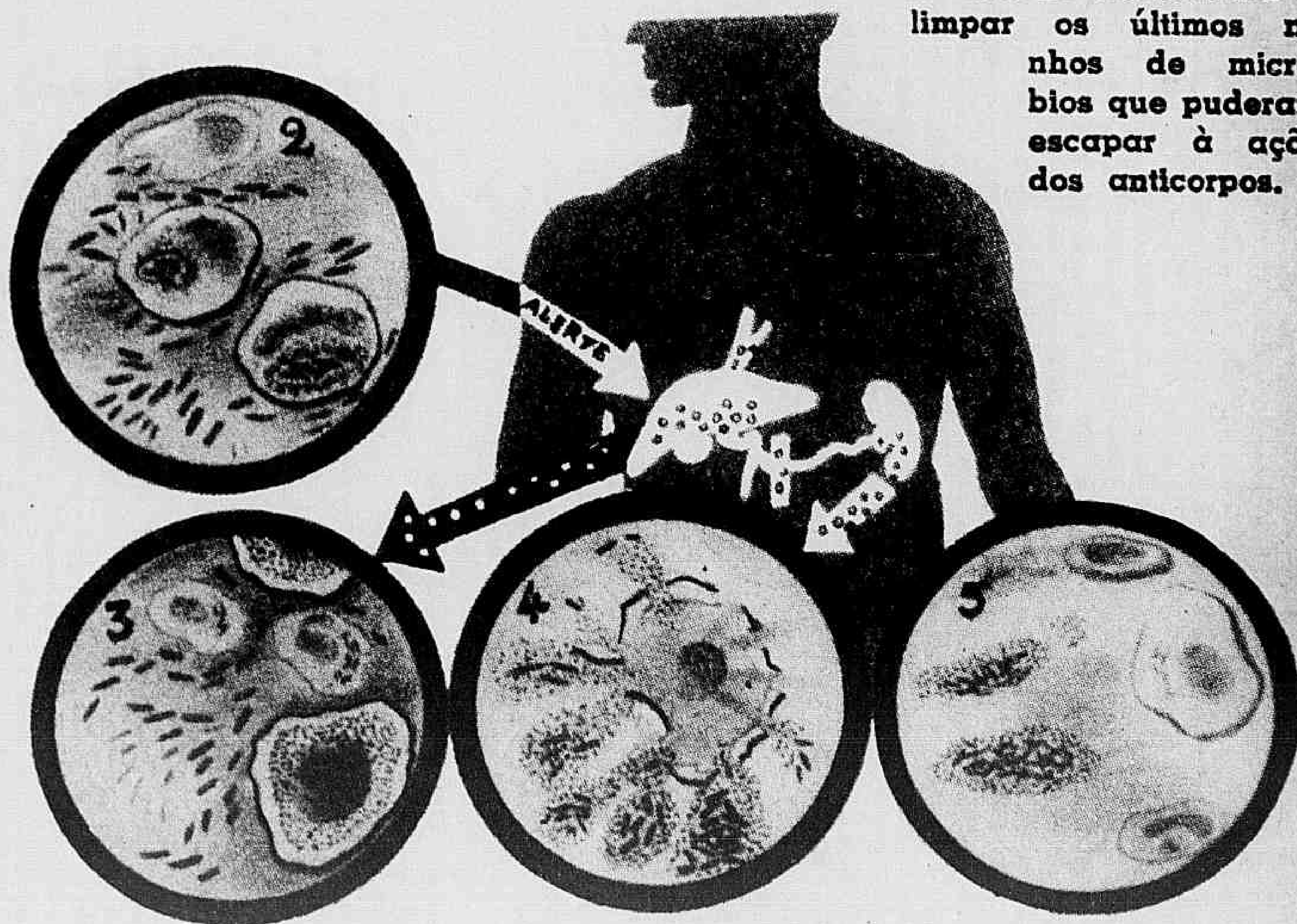
HÁ MUITO USÁVAMOS OS ANTICORPOS SEM OS CONHECER! — Desde muitos anos os sábios utilizavam os anticorpos sem ao menos suspeitar da sua existência! A êsse



COMO O ORGANISMO SE DEFENDE CONTRA OS MICRÓBIOS

Quer penetrem pelas vias respiratórias ou, ao contrário, pelas vias digestivas, uma erosão da pele, das mucosas, etc., em cada segundo da vida, os micróbios nos ameaçam. Felizmente, o organismo possui um maravilhoso mecanismo de defesa e de alerta. Vejamos o que ocorre em nosso corpo, quando é êle atacado por um micróbio. Suponhamos que um exército de micróbios está atacando o personagem acima e penetrando por suas vias respiratórias. Os germes, figurados por pequeninos bastões, penetram no pulmão e se introduzem no sangue. Mas, penetrando nos vasos sanguíneos, são êles imediatamente atacados, ou seja, contra-atacados pelos Glóbulos Brancos (fig. 1, ao alto).

Suponhamos um assalto de micróbios extraordinàriamente numerosos e excessivamente virulentos e que sobrepujassem essa defesa de glóbulos brancos (fig. 2, em baixo). Imediatamente entraria a funcionar o mecanismo de alerta. O fígado e o baço, contraindo-se, lançariam no sangue novos contingentes policiais de refôrço. os Linfócitos, (fig. 3, em baixo) cujo interior está inteiramente cheio de anticorpos (figurados por um pontilhado). Entrando em contato com os micróbios, os Grandes Linfócitos explodiriam como granadas (fig. 4, em baixo), libertando os anticorpos, que atacariam imediatamente os micróbios, provocando a sua morte e depois a sua dissolução. Em breve (figura 5, em baixo) a calma retornaria. O ataque teria sido repelido vitoriosamente. Alguns glóbulos brancos, cessada a luta se dedicariam a limpar os últimos ninhos de micróbios que puderam escapar à ação dos anticorpos.



peito, podemos dizer que os primeiros a utilizar os anticorpos foram... os Chineses que, desde a Idade Média, praticavam a vacinação antivariólica!

O fenômeno da vacinação, de fato, não constitui outra coisa senão **uma produção de anticorpos, desencadeada voluntàriamente.** O micróbio injetado (atenuado ou morto, de maneira a não ser nocivo) constitui o antígeno. Sua introdução no organismo provoca a formação de anticorpos, que, postos em reserva, estão prontos a intervir no momento em que surja qualquer agressão pelo micróbio que provocou a sua formação.

Os seruns constituem outra aplicação do fenômeno da produção de anticorpos. Para produzir um serum, injeta-se uma cultura de micróbios atenuados ou mortos em um animal. Depois retira-se o seu serum, no qual se encontram os anticorpos produzidos por seu organismo. Êsse serum, verdadeira "conserva de anticorpos", pode ser, em seguida, injetado num doente, cujas reservas assim estarão reforçadas.

Fato importante: os anticorpos são **específicos,** isto é, a cada antígeno determinado corresponde um anticorpo determinado, **que só age sôbre êle,** não tendo qualquer influência sôbre um outro antígeno. E' o que explica que o serum antidiftérico, por exemplo, ativo contra a difteria, não tenha qualquer efeito contra o tétano — e inversamente.

Os micróbios não são os únicos a provocar a produção de anticorpos; todos os corpos biológicos o fazem; por exemplo, o veneno da cobra provoca a fabricação de anticorpos especiais (veneno anticobra).

A DEFESA DO ORGANISMO — Já agora, pois, os anticorpos estão parcialmente definidos quìmicamente e conhecemos também a sua origem.

QUAL E', ENTÃO, O SEU MODO DE AGIR? — E' mal conhecido. Entretanto, os anticorpos parecem ser contra-venenos, agindo verdadeiramente por **lisa,** isto é, por uma espécie de digestão química que faz desaparecer todos os corpos biológicos, como um ácido rói uma impureza. As experiências prosseguem nesse sentido: imagina-se, com muita razão, que nesse domínio, só é possível afirmar um fato estabelecendo-o sôbre resultados experimentais absolutamente seguros.

Outro problema, porém, apresentou-se: que ocorre com os anticorpos, uma vez fabricados? São eliminados ou destruídos?

De fato, sabemos hoje que, uma vez produzidos e quando sua ação termina, os anticorpos são "estocados", muito simplesmente, a fim de poder servir contra uma nova eventual invasão de antígenos.

Mais ainda: sabe-se que os anticorpos são estocados **nas células do sangue que lhe deram nascimento,** isto é, nos Grandes Linfócitos. São êsses linfócitos que, quando fôr necessário, os libertarão, sacrificando-se, **como uma granada que se destrói, lançando seus estilhaços.**

Nessas condições, se desejarmos resumir como se efetua a defesa do organismo contra uma invasão de micróbios, podemos decompô-la assim:

1.º — Uma mobilização maciça dos glóbulos brancos do sangue (polinucleares e grandes linfócitos) que acorrem ao ponto em que o micróbio penetrou;

2.º — A "fagocitose" dos micróbios pelos glóbulos brancos polinucleares;

3.º — A libertação maciça dos anticorpos por destruição dos grandes lifócitos.

REAÇÃO DE ALARMA E MOBILIZAÇÃO DOS ANTICORPOS — Em que casos êsses anticorpos entram em ação? Na realidade, com muito maior freqüência do que geralmente se acredita; e podemos dizer que estão contìnuamente **na brecha.**

As medidas imediatas de defesa, segundo vimos, consistem na mobilização dos glóbulos brancos do sangue. E' o que se chamou de "reação de alarma", comparável, se assim podemos dizer, ao chamado de uma classe para mobilização. Se essa reação de alarma se prolonga muito ou se revela insuficiente, o baço entra em cena. Êsse órgão constitui, de fato, uma enorme reserva de glóbulos brancos. Contrai-se, expulsando os glóbulos brancos, que conservava em reserva. Em terceiro lugar também o fígado intervém, embora em grau menor, por meio de um mecanismo idêntico.

Quanto às causas dessa reação de alarma, isto é, dessa mobilização dos anticorpos, são elas muito numerosas. Referem-se, não apenas a tôdas as enfermidades, mas também aos choques psicológicos, certas incompatibilidades sanguíneas e mesmo certos tratamentos médicos, tais como os raios X, o rádio e os isótopos rádio-ativos, sem contar a destruição espontânea de algumas de nossas células.

Em nosso corpo, de fato, as células estão morrendo, constantemente, aos milhões, e sendo substituídas por novas. Mas as células mortas são como venenos para o nosso organismo e devem ser destruídas imediatamente. Essa destruição é assegurada por anticorpos especiais, descobertos em 1938 pelo biologista Askenazi, os "auto-anticorpos" que, semelhantes — nisto — a todos os demais anticorpos, são libertados sob a influência da glândula suprarrenal.

Em caso de uma agressão — por melhor que possar ser — a suprarrenal secreta seus hormônios que, por sua vez, agem sôbre os grandes linfócitos para provocar a libertação abundante dos auto-anticorpos.

Podem os leitores verificar, por tudo isso, que vivemos numa perpétua reação de alarma. Sem a proteção de nossos anticorpos sucumbiríamos ràpidamente ao ataque dos micróbios e dos inumeráveis perigos que diàriamente ameaçam a nossa vida.



O ABC da Vida

Por
I. A. R. WYLIE



Viva e deixe viver. — Schiller.

ESTAS palavras soam simplesmente — talvez vulgarmente. Têm sido pronunciadas em geral com uma indiferença reveladora de descuidada tolerância. Mas, quando foram escritas pelo grande poeta alemão, Schiller, tinham a sonoridade emocionante de uma apaixonada afirmação. Pesemo-las cuidadosamente, hoje, e verificaremos que conservaram todo o pêso da sua significação. Porque essas quatro palavras exprimem concisamente todo o dever do Homem para consigo e para com os seus semelhantes.

Nós, humanos, podemos ser muito espertos e hábeis. Mas não somos muito inteligentes, nem sensatos. Inventamos e descobrimos coisas surpreendentes, umas utilíssimas, outras condenáveis e destruidoras. Mas, não pudemos aprender como viver em paz com a nossa consciência ou com cada um de nossos semelhantes. Não conseguimos resolver sequer as econômicas condições do mundo, em que vemos um povo morrer de fome, enquanto o seu vizinho vive na abundância. Com a nossa ambição e loucura, arruinamos o trabalho de muitos séculos e massacramos nossos semelhantes. Em resumo: ainda não aprendemos o ABC da Vida. Não sabemos viver!

E já é tempo de aprendermos, pois o tempo vai fugindo depressa... para dias mais sombrios. Encontramos novos meios de destruição contra nós mesmos — e desta vez completamente!

No sentido que Schiller lhe deu, "viver" pode significar muito mais que sobreviver. Pode significar vida vivida no mais elevado e mais pleno sentido da nossa capacidade de fazer o bem. Pois não podemos ter qualquer dúvida a êsse respeito: o viver bem, nós mesmos, envolve vida boa e feliz para todos os nossos semelhantes.

Jamais poderemos ser livres em atos ou palavras entre os que não têm liberdade e foram condenados ao silêncio. Não podemos gozar inteiramente com a própria abundância no meio da pobreza alheia. Precisamos fazer um grande esfôrço para resolver êsse problema angustiante. Se não o fizermos, mais cedo ou mais tarde teremos que lutar e destruir e ser destruídos. Para viver, temos que deixar viver.

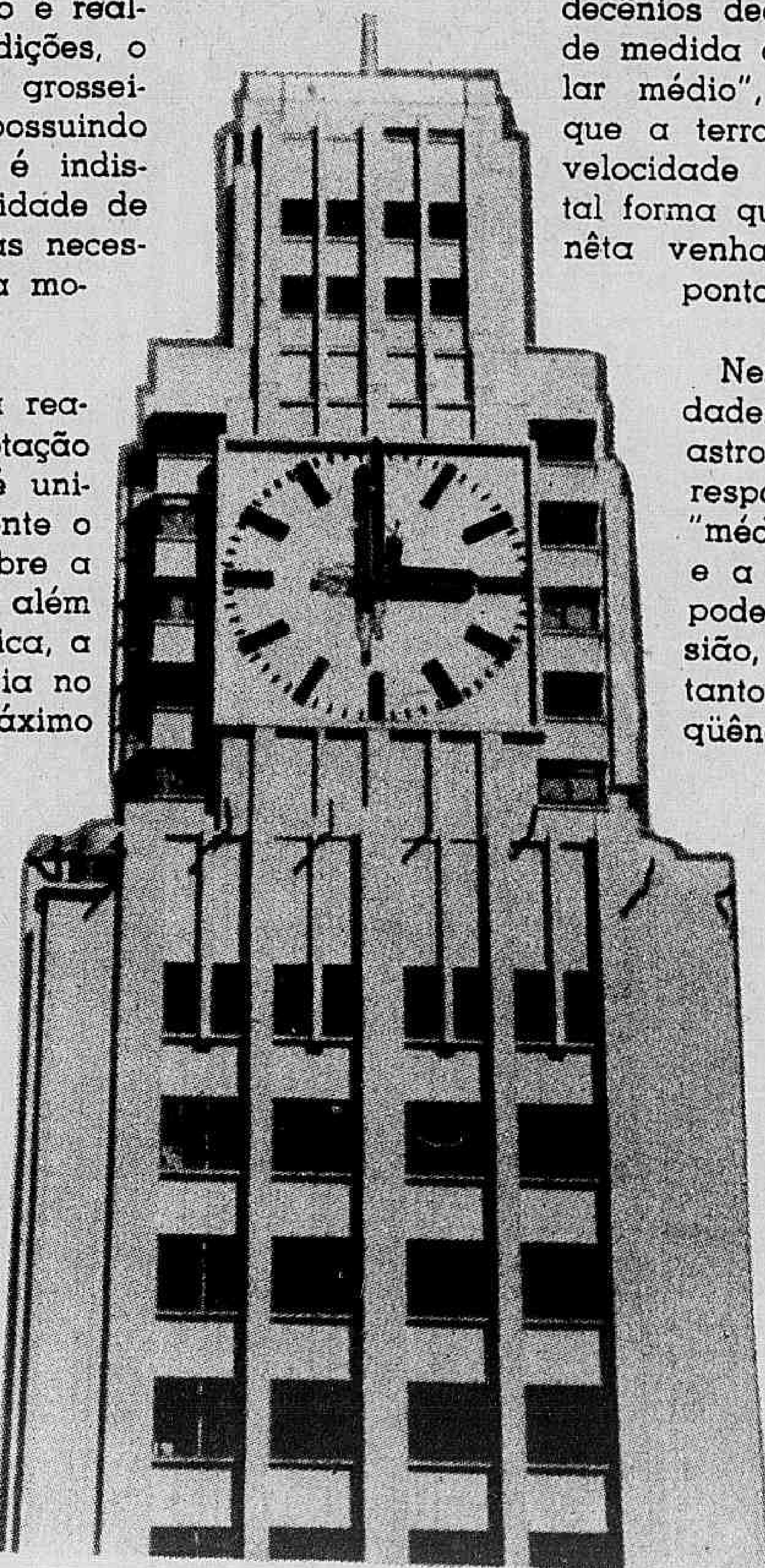
E é tão simples!

O SOL é um péssimo

RECENTEMENTE, como já foi realizado ou apenas tentado em outros países, um recente comunicado do govêrno italiano revelava o seu propósito de mudar a "hora civil italiana", trazendo à cena o problema da convenção relativa à medida do tempo.

Mas, infelizmente — e erradamente — êsse comunicado apenas provocou muita confusão de idéias, no público e na imprensa, tanto mais que tais problemas, muito simples em sua essência, são muito difíceis de explicar em poucas linhas e envolvem inúmeras questões de natureza astronômica e internacional.

Desde a sua origem, o homem regulou a sua vida pela duração de um "dia", ou seja: pelo intervalo de tempo em que o sol realiza, aparentemente, uma volta completa em redor da terra Mas, contràriamente ao que muita gente pensa, tal intervalo não é realmente constante. Nessas condições, o "dia", conforme o entendiam grosseiramente os antigos, não possuindo aquela invariabilidade que é indispensável para uma exata unidade de medida, não poderia servir às necessidades da ciência e da vida modernas.



A "HORA "MÉDIA" — Na realidade, o movimento de rotação da terra sôbre o seu eixo é uniforme, mas contemporâneamente o nosso planêta se desloca sôbre a sua órbita em redor do sol; além do mais, a órbita sendo elíptica, a velocidade de translação varia no correr do ano, com um máximo quando a terra atinge o periélio (ponto de mínima distância do sol) e um mínimo no afélio (distância máxima). Além disso, o eixo da terra, inclinado relativamente ao plano da órbita (o que provoca a sucessão das estações), não se mantém paralelo a si mesmo no espaço e, como um pião, descreve um amplo cone: tal movimento é lentíssimo e se completa em 26.000 anos, apesar do que faz sentir o seu efeito sôbre a duração do dia solar.

A combinação dêsses vários movimentos (e de um outro, menor, chamado de "mutação") tem por efeito que, em aparência, o sol não se comporta como uma estrêla fixa e, no tempo em que a volta celeste cumpre uma rotação aparente em redor da terra (dia "sidéreo"), o astro maior sofr eum afastamento com relação às outras estrêlas e se encontra em atraso, em média, de quase quatro minutos por dia (exatamente um dia em um ano). Tal atraso é "médio", isto é, cresce e diminui no curso dos meses até atingir, em 4 de novembro, um máximo de 16 minutos.

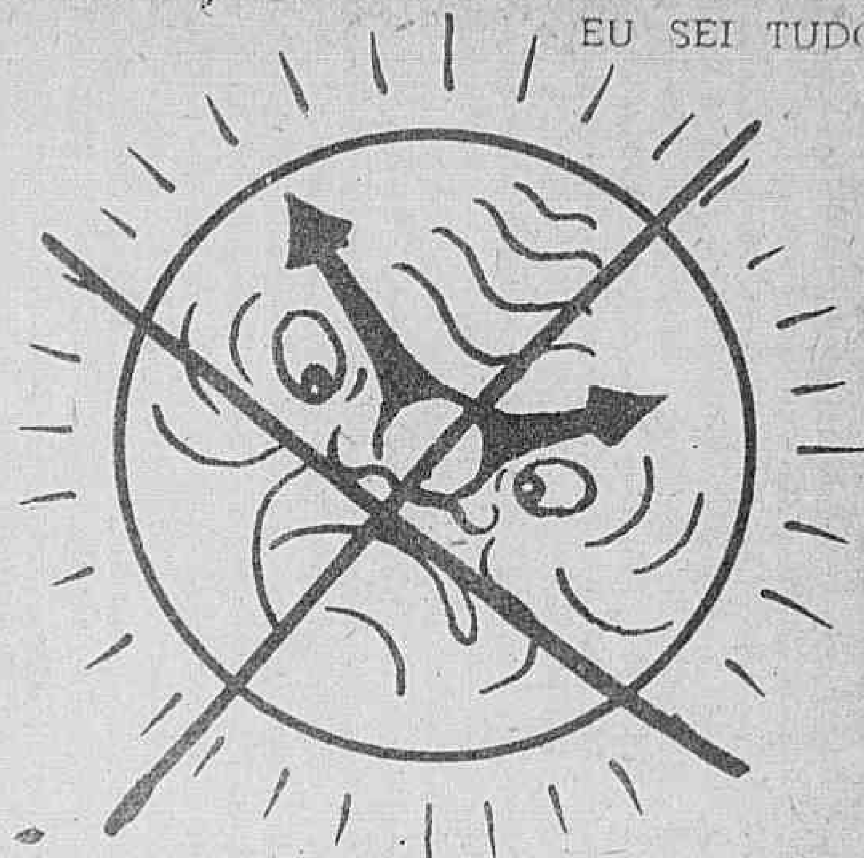
Em conclusão, o sol, por si mesmo, é um péssimo relógio, que acelera ou retarda dia a dia, segundo uma lei bem conhecida dos astrônomos, mas muitíssimo complexa: portanto parece impossível regular os relógios diretamente pelo movimento do sol e aceitar o dia solar a "sério" como unidade de medida científica do tempo. Os astrônomos, por isso mesmo, já há muitos decênios decidiram aceitar como unidade de medida o que se chamou de "dia solar médio", supondo convencionalmente que a terra gira em redor do sol com velocidade rigorosamente uniforme, de tal forma que, ao fim de um ano, o planêta venha a encontrar-se no devido ponto de sua órbita.

Nessas condições, a hora "verdadeira", que foge da realidade astronômica e geográfica, não corresponde, quase nunca, à hora "média" que é usada na prática, e a diferença, como já dissemos, pode atingir, em determinada ocasião, a dezesseis minutos. Entretanto, não há apreciável conseqüência no uso comum, ao passo que oferece a enorme vantagem de regular a vida humana sôbre o "dia médio", sempre igual, de idêntica duração de 24 horas exatas.

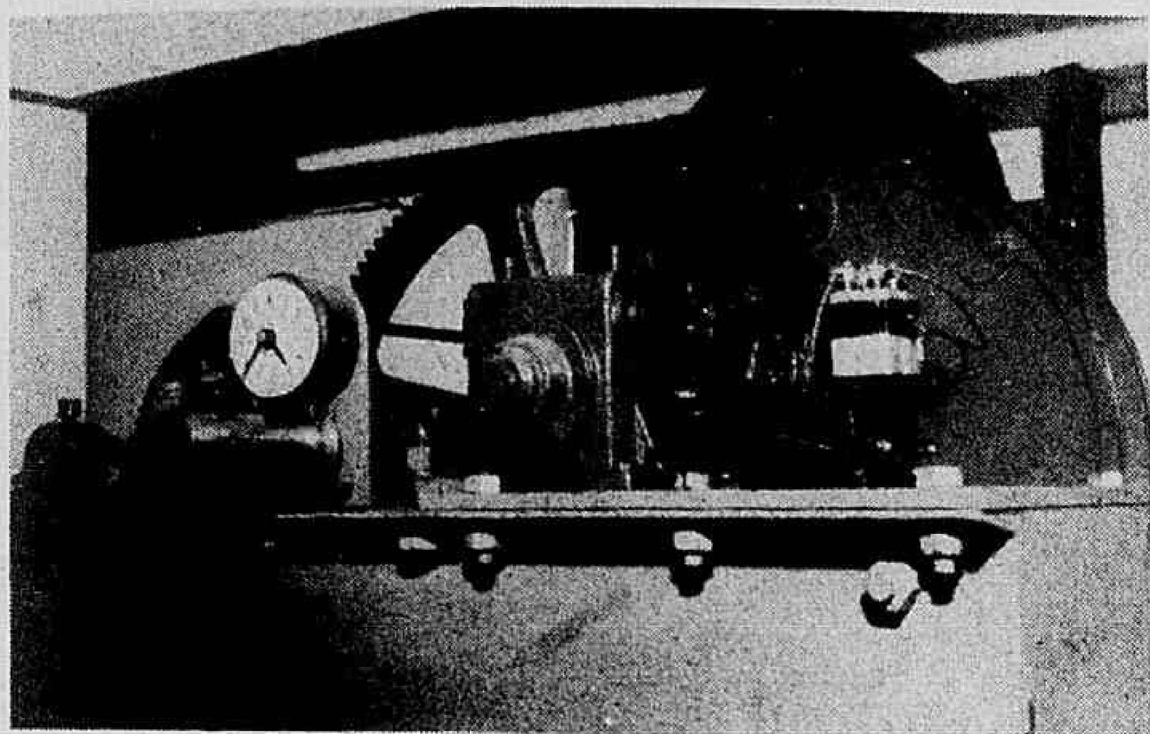
Com tudo isso, porém, foi resolvido apenas o problema da medida prática do tempo em cada ponto da terra que não se encontre sob um mesmo meridiano.

Na realidade, se em um certo momento, leitor, o sol se encontra próximo do meridiano do nosso país, ou seja, para nós, cêrca de meio-dia, na nossa antípo-

RELOGIO!



É NECESSÁRIO CORRIGI-LO COM FUSO HORÁRIO, CONVENÇÕES E «HORA LEGAL»



Mecanismo do relógio da Central do Brasil

da será cêrca de meia-noite; num país a levante do nosso já começou o entardecer, porque o sol, há já algum tempo, passou pelo meridiano; no Pacífico, ao contrário, que fica a poente de nós, é ainda manhã, porque ainda decorrerá algumas horas antes de que o sol chegue sôbre êle.

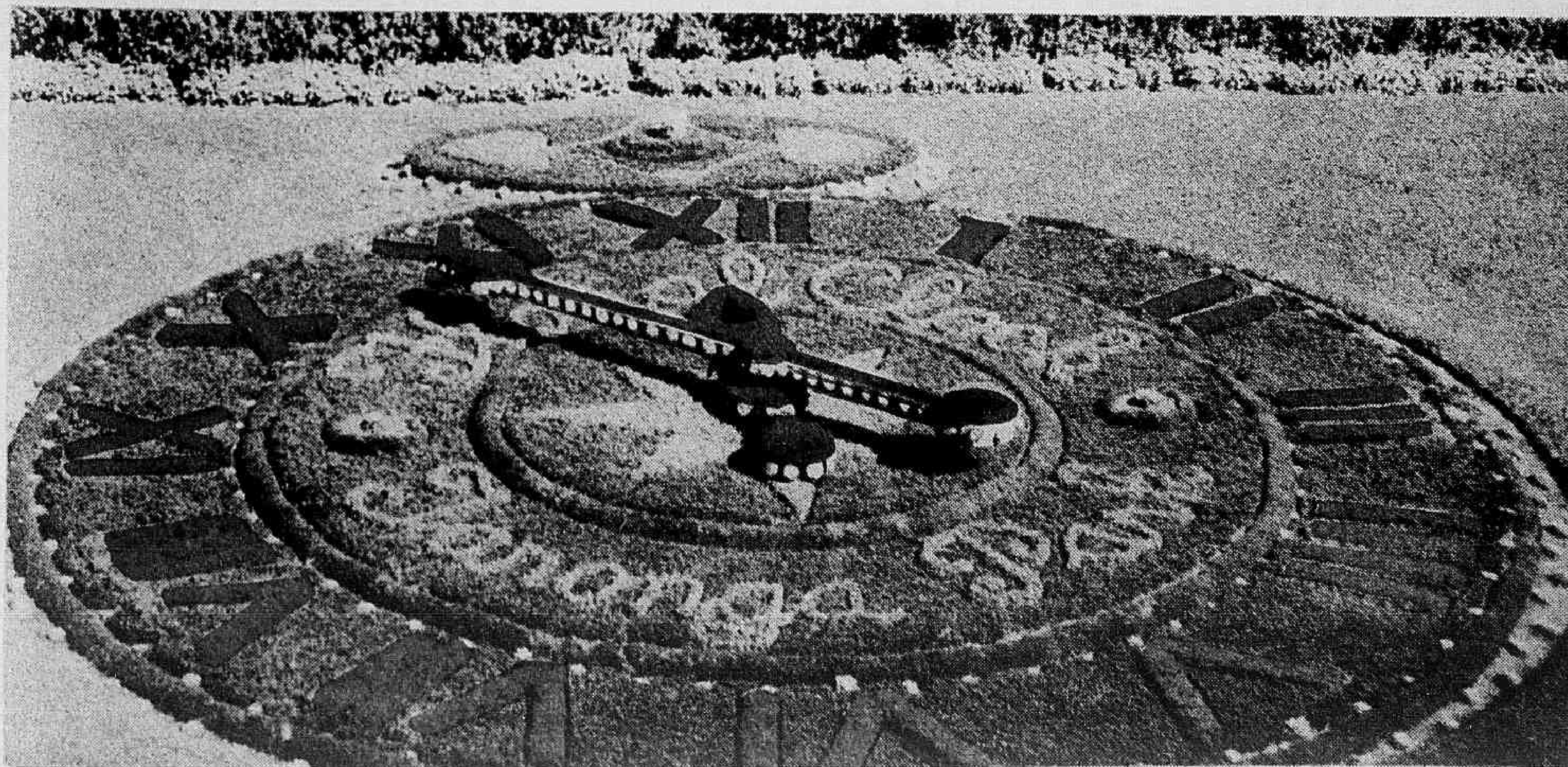
Na realidade, enquanto não surgiu a nossa época de imensos e rápidos transportes e comunicações, cada país regulava a própria vida pela "sua" hora, tomada do relógio solar. Dada a escassez e lentidão dos contatos, não resultava daí nenhum sensível inconveniente. Mas com o raiar da nossa época, especialmente depois da invenção do telégrafo, o sistema depressa resultou inaceitável... porque comportava inumeráveis complicações e erros, na relação de uma localidade e outra. Cada nação, em vista disso, estabeleceu que todos os relógios do próprio território assumissem uma hora uniforme, geralmente aquela que, astronômicamente, competia à sua própria capital; assim nasceram as... "Hora de Roma", "Hora de Paris", "do Rio de Janeiro" e, sucessivamente, com referência às demais capitais.

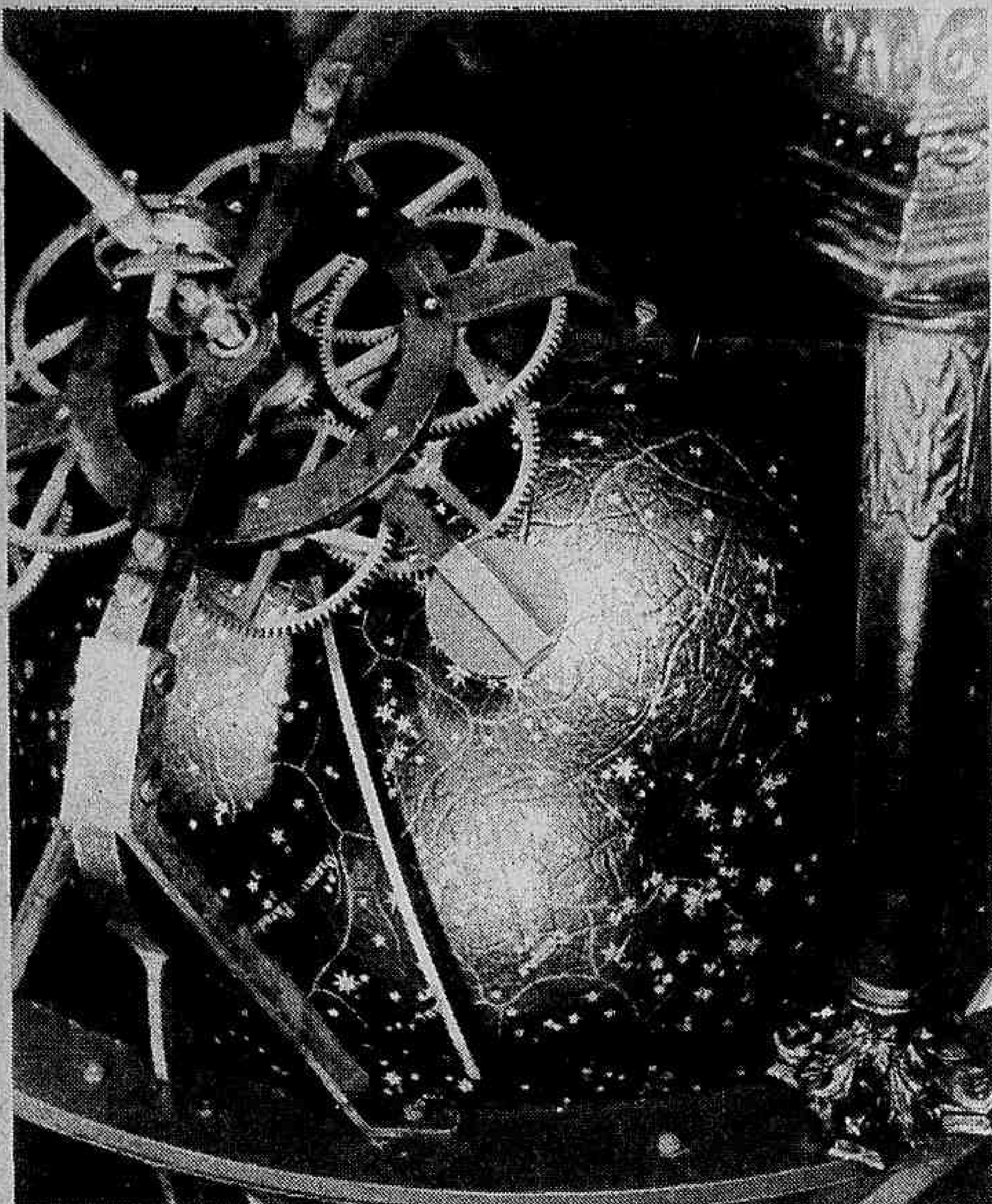
Essa foi, na realidade, a primeira vez que se instituiu uma "hora legal", porque regulada por **lei** e não mais por referência **natural.**

O SISTEMA DE FUSOS — Quase na mesma época se difundiu a norma de considerar-se a noite como hora "zero", quando anteriormente o seu uso variava, de região para região.

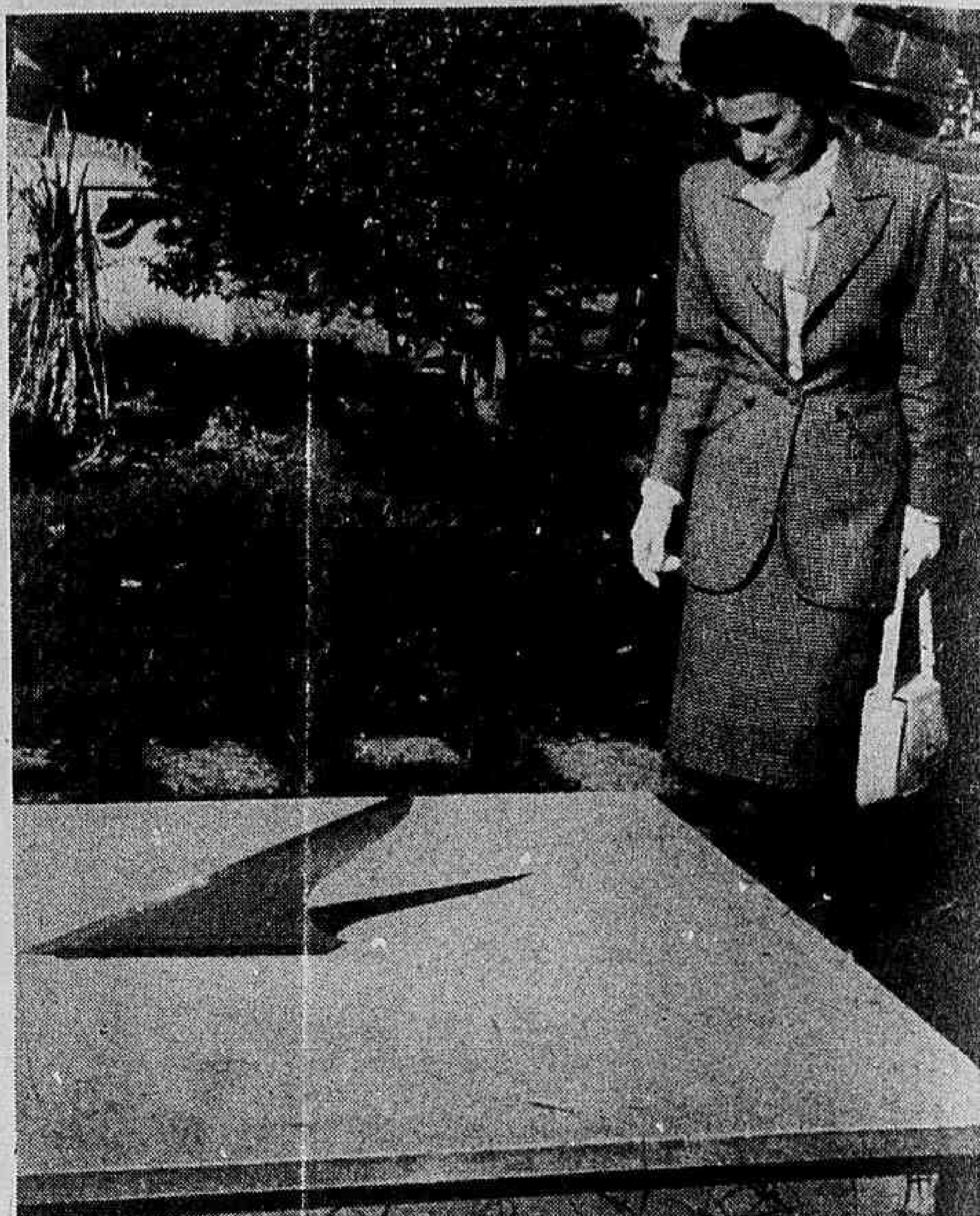
Na antiguidade, da mesma forma, Gregos e Romanos haviam por muito tempo dividido o

O mais curioso relógio em todo o mundo: o Relógio Floral, de Sydney, Austrália, situado num jardim público.





O famoso relógio da Catedral de Strasburgo, na França, com o seu complicadíssimo mecanismo, fruto de minuciosos cálculos astronômicos e todos de acôrdo com o Sol!



Próximo ao aeroporto do Rio de Janeiro há um relógio de sol. Só os passageiros, por curiosidade, vão observá-lo. Os pilotos, entretanto, preferem consultar o seu relógio-pulseira.

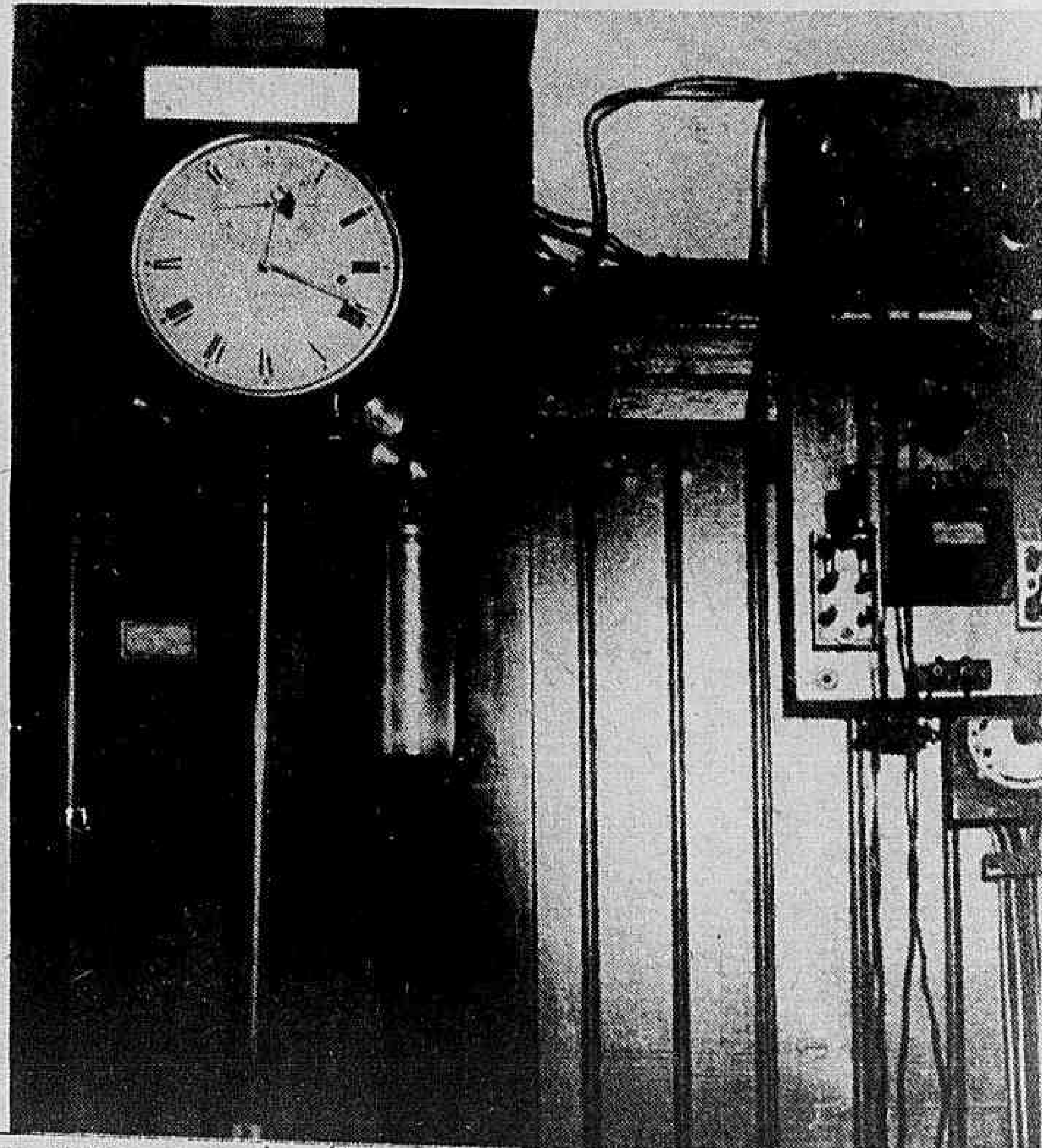
dia em sòmente oito partes, quatro diurnas e quatro nòturnas e, além do mais, de duração diferente — e segundo a estação do ano!

Na Idade Média, ao contrário, teve larga difusão a chamada "hora italiana", com a sua divisão do dia em vinte e quatro horas, a primeira das quais, entretanto, tinha início com a aurora; além do mais, a regulação dos relógios era feita **quotidianamente**, no correr no ano.

Na Terra Santa dos ortodoxos, ou seja, nos conventos da península do Monte Athos, os relógios eram — e ainda são — regulados hora a hora, no correr do dia, fazendo coincidir o início da primeira hora com o instante de surgir o sol.

Intensificando-se as grandes e rápidas comunicações, êsse sistema da hora "nacional" não tardou a se mostrar inadequado às necessidades, se não por outro motivo, pelo menos porque a di-





À esquerda: êste é pêndulo legal. Faltam alguns minutos para o meio dia e os segundos estão sendo irradiados pela emissora PPE. — À direita: um dos sete pêndulos do subsolo do Observatório. Para calcular com relativa exatidão a média das horas é preciso um mínimo de 3 pêndulos. O nosso Observatório tem 7.

ferença de hora entre as várias nações resultava em cifras "consistentes", de uso pouco prático. Eis por que o canadense Sanford Fleming, em 1878, propôs o sistema dos "fusos horários", gradualmente adotados por tôdas as nações.

Eis por que o globo terráqueo foi dividido em 24 fusos esféricos, cada um amplo de 15 graus de longitude e ficando estabelecido que tôdas as regiões compreendidas em cada um dêles adotariam uma hora "civil" uniforme, exatamente aquela pertencente, por natureza, ao meridiano central de cada um dos fusos.

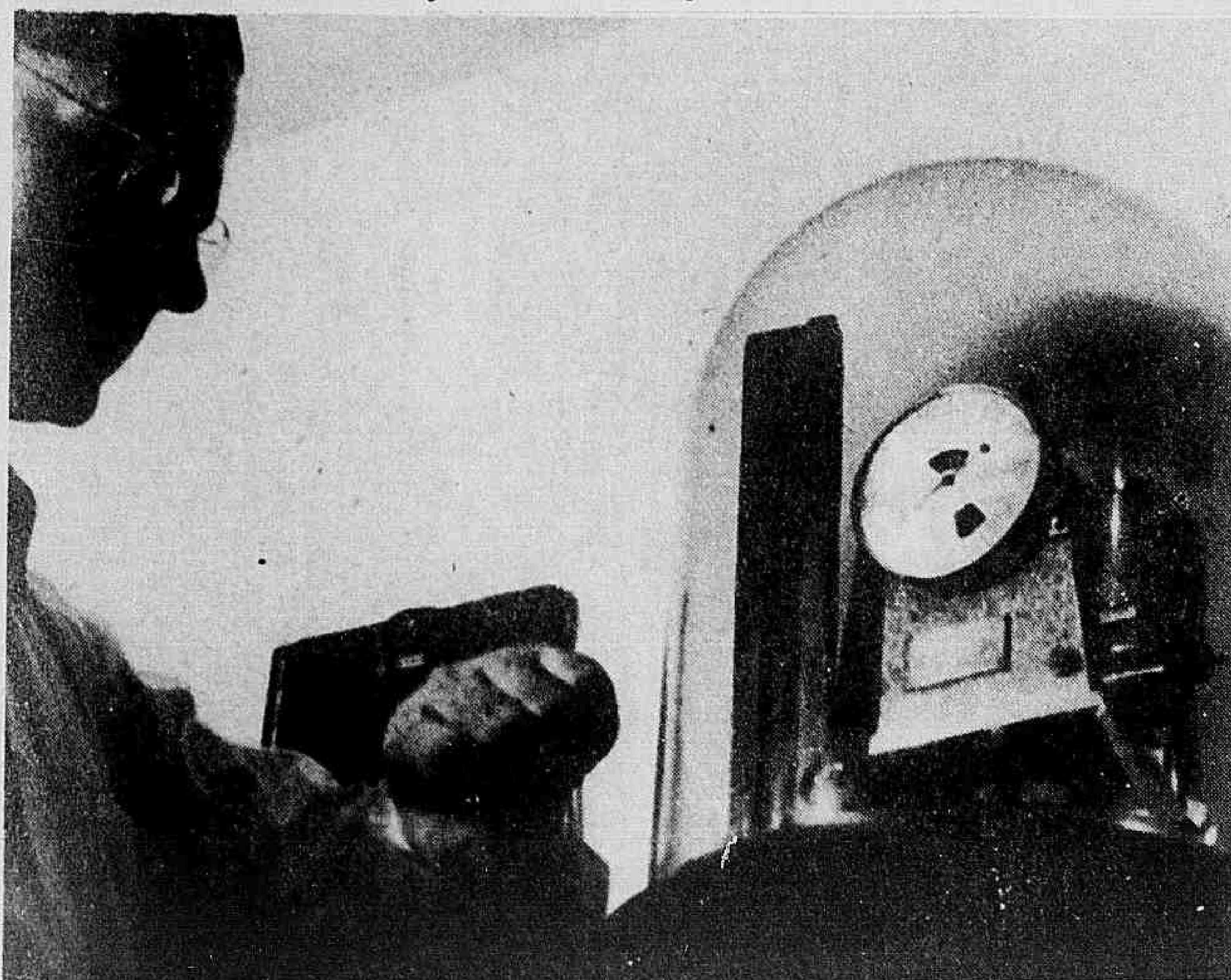


O mais olhado mostrador, em todo o mundo, é êsse, do famoso "Big Ben", de Londres.

Assim pôde ser conseguido que se adotaria como hora fundamental (também chamada "hora mundial") a do Observatório de Greenwich (Londres) e cujo meridiano já tinha sido adotado como original para a medida das longitudes.

Em conseqüência dêsses convênios, o "fuso zero" é aquêle que tem por meridiano central a longitude "0" e a hora correspondente é chamada internacionalmente "tempo médio de Greenwich" (abreviadamente: T. M. G.).

O "fuso um", no qual os relógios são acertados com uma hora mais além do T. M. G., tem por meridiano central a longitude "15° Este", e a hora relativa é chamada "tempo médio da Europa Central" ("T. M. E. C."); êsse é o fuso a que pertence a Itália e, pôsto que é o 15° e cai sôbre o Etna, o seu tempo se chama "purc" ou, se preferirem, "hora do Etna". O "fuso dois" fica a cavalo do meridiano 30°, assim continuando, de 15 em 15 graus.



Êsse é o pêndulo principal. Fechado numa redoma de vidro, dentro da qual o ar foi rarefeito. Trabalha em movimentos isócronos, constantes, com uma diferença de apenas 18 centésimos de segundo. Para nós já satisfaz.

Os fusos horários, entretanto, foram delineados atendendo-se preferentemente aos limites geográficos, para conservar sob uma mesma hora, todo o território de uma nação, que, de outra forma, poderia estar prêsa a um fuso adjacente.

Assim, por exemplo, citaremos a zona do Piemonte, na Itália, que se encontra ao "Oeste" do meridiano 7° e 30' (o qual passa próximo de Cuneo, também na Itália) e teria que adotar, de fato, a "Hora de Greenwich", porque cai, geogràficamente, no "fuso zero". Todavia, por evidentes motivos práticos, foi agregada ao fuso sucessivo, a fim de ficar uniforme com a hora italiana.

Finalmente, a última inovação na matéria, é a denominada "hora legal", que muitos — ou porque muito moços ou porque de curta memória — acreditam ser invenção fascista da última guerra.

A sua aplicação, na estação estival (porque foi chamada, anteriormente "hora estival" ou "do verão") foi sugerida pelas exigências sempre numerosas e prementes em tempo de guerra, mas ... **no primeiro conflito**

mundial". Foi seu promotor o deputado W. Williet, ao apresentá-la ao parlamento inglês, em 1915. Entretanto, foi ela adotada pela primeira vez na Alemanha, em 1 de maio de 1916.

Depois do exemplo germânico, muitas outras nações se apressaram a adotar a hora do verão No Brasil foi ela adotada, uma primeira vez, em 1932, pelo então ministro da Viação, José Américo de Almeida. No ano seguinte foi abolida, para ser novamente aplicada a partir de 1 de dezembro de 1949.

Não foi, portanto, uma invenção fascista, pois que, na Itália, foi adotada uma primeira vez em 3 de junho de 1916 e, após cinco anos de aplicação, foi abolida, em 30 de setembro de 1920. A sua ressurreição na passagem de 1941 para 1942, portanto, foi a repetição de uma antiga providência.



EXISTE A MAÇÃ QUE ADÃO MORDEU?

EXATAMENTE. A maçã do Jardim do Eden! A mesmíssima, pela qual gememos hoje neste vale de lágrimas, sem esperanças de retornar às delícias do Paraíso. Está à disposição de quem quiser gastar a bagatela de 50.000 dólares (cêrca de um milhão de cruzeiros).

Não acreditam? Nós também não acreditamos. Mas há quem acredite... e queira, com isso, enriquecer. Vamos explicar.



Na verdade, nem só os congressistas, ministros e chefes de Estado recebem cartas engraçadas e incríveis. Muitas delas são dirigidas aos diretores de Museus. Principalmente dos Museus que têm bastante recurso para efetuar compras, sem precisar recorrer a subscrições públicas, como o "American Museum of Natural History", de Nova York, por exemplo.

Vejamos, a seguir, algumas dessas cartas, apanhadas entre as várias dezenas de outras que ali chegam, diàriamente.

★

De um cavalheiro francês, residente no Canadá: "Sr. Diretor. Possuo a maçã original, com a qual nossa mãe Eva tentou nosso pai Adão. Há nela a falta de dois nacos, **arrancados a dentadas;** o resto está petrificado. Posso vendê-la por 50.000 dólares."

★

ÁGUA D EFAMOSA INUNDAÇÃO — "Sr. Diretor, escrevo-lhe para informar que tenho, perfeitamente arrolhadas, duas garrafas contendo a verdadeira água apanhada durante a colossal inundação de 1937. Posso vender, juntas ou separadas, a 250 dólares cada garrafa."



SOMBRA E ÁGUA FRESCA — "Por favor, Sr. Diretor, envie-me pela volta do correio o nome e o endereço do cientista que procura um jovem casal para ser abandonado numa ilha deserta e nela viver inteiramente nu durante cinco anos."



EXIGÊNCIA DOS ESTUDOS — "Sou um estudante de curso superior e sendo os répteis a parte mais importante dos meus estudos, muito apreciaria que me enviasse o Encarregado do Departamento de Répteis Fossilizados dêsse Museu."



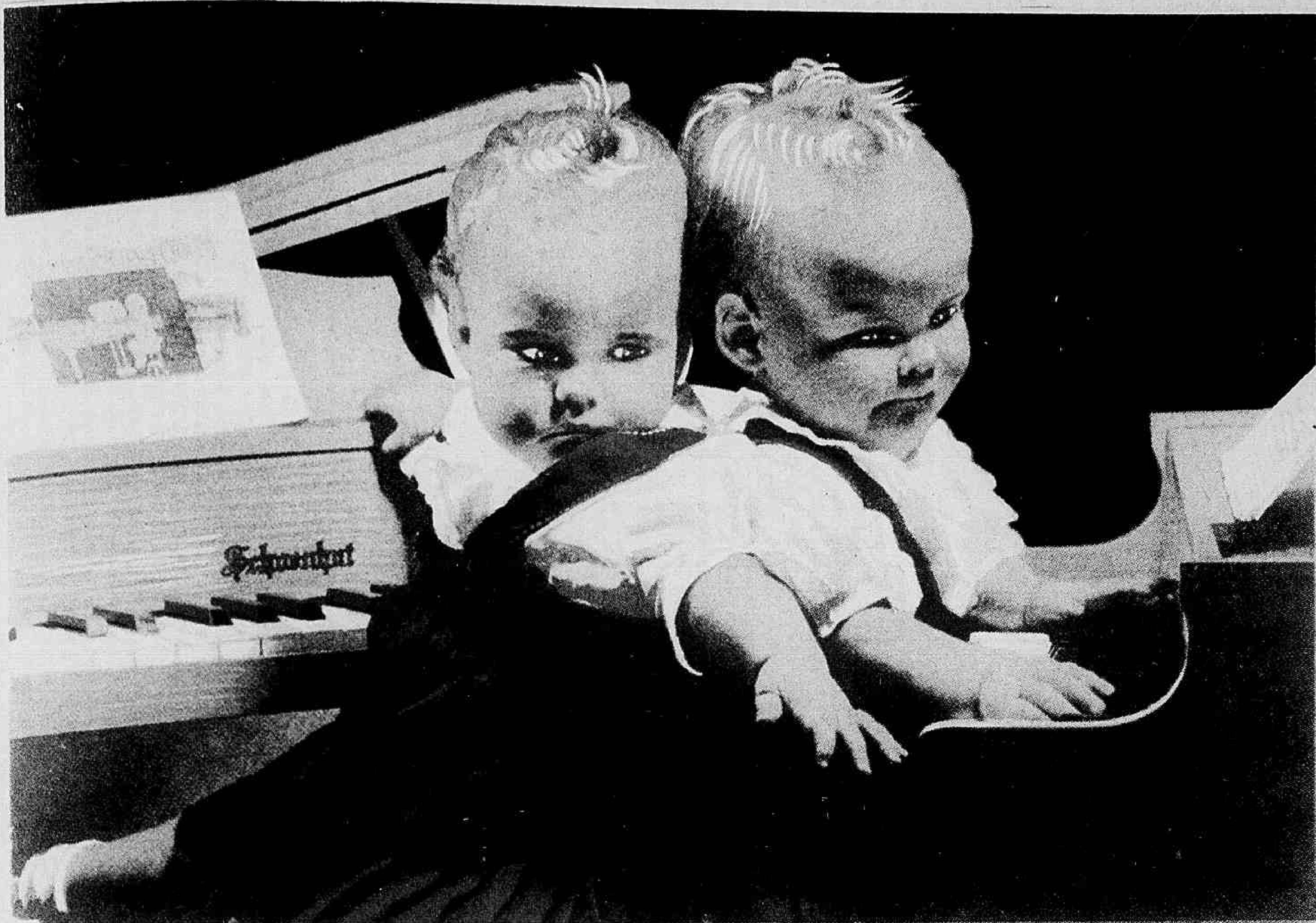
EM BUSCA DE ESPÔSA — "Pagarei ao senhor 100 dólares se me conseguir uma espôsa. Ela deverá ter, no mínimo, 10.000 dólares em dinheiro. Poderá servir desde os 16 até os 45 anos de idade. Não tenho vícios e possuo 250 dólares em banco, além de um seguro de vida no valor de 10.000 dólares. No caso de vir a ficar viúvo, deixarei todos os meus bens, por minha morte, para êsse Museu, em testamento."



TESOURO ENTERRADO — Pode, o Sr. Diretor enviar para o enderêço abaixo indicado, algumas informações relativas a tesouros por descobrir nas ilhas e montanhas da América Central? Se possível, gostaria que me enviasse também roteiros, mapas e detalhes da região."



INCRÍVEL! — "Sr. Diretor; meu marido está petrificado. Estêve cinco anos enterrado e recentemente descobriu-se que o seu corpo se transformara em pedra. Caso o Museu não se interesse por êsse magnífico espécime eu tratarei de vender o corpo para ser transformado em fosfato. Assim farei porquanto, não tendo sido êle nem gentil nem correto, não terei nenhum remorso em transformá-lo em dinheiro."



Novas luzes sôbre os gêmeos



O DR. J. B. RHINE, diretor da Duke University e chefe do seu Laboratório Psicológico, afirma que os gêmeos idênticos, tendem a pensar como se fôsse uma só pessoa.

"PODEM LER O PENSAMENTO, UM DO OUTRO? POR QUE NÃO E' RARO QUE ACABEM SE ODIANDO? CONHEÇAM FATOS CURIOSÍSSIMOS A RESPEITO DE UMA DAS MAIS INTRIGANTES FANTASIAS DA NATUREZA"

POUCO antes de raiar o dia, não há muitos meses, uma jovem muito bonita, residente em Fresno, Califórnia, saltou do leito. Vestiu um belo **chambre** azul, foi apanhar um rifle, calibre 22, entrou pisando na ponta dos pés, no quarto de sua irmã-gêmea... e varou-lhe a cabeça com uma bala!

A seguir, Alice Richard, foi ao telefone e ligou para a polícia, à qual declarou:

— "Acaba de ser praticado um assassinato aqui! Venha prender-me."

Alice, a assassina, estava muito calma. Tinha apenas 14 anos...

— "Matei porque a odiava! — declarou aos seus pais e à polícia. E acrescentou — Não! Não me arrependo do que fiz... Apenas lamento por causa das minhas amigas e meus conhecidos."

Alice Richard está agora numa casa de saúde para enfermos mentais.

Devemos dizer que Alice e sua irmã eram gêmeas **fraternais**, não gêmeas **idênticas**. (e nisso vai uma grande diferença!).

Gêmeos-**fraternais** são nascidos de dois óvulos que foram fertilizados aproximadamente ao mesmo tempo, podendo haver até duas semanas de diferença. Há casos (raros) de gêmeos fraternais serem frutos de diferentes pais.

Os fraternais são dois indivíduos inteiramente diferentes, justamente como se fôssem irmãos ou irmãs nascidos separadamente. Podem ser menino e menina, dois meninos ou duas meninas. Ordinàriamente não têm qualquer semelhança, embora isto não queira dizer que não possam ter qualquer identidade física. O gênio, sim, é quase sempre muito diferente. Se um gosta de determinada coisa, o outro detesta. Também pode acontecer que se detestem profundamente. O que se vê comumente é cada um dêles viver a sua própria vida, procurando ignorar o outro.

MAIS DE 2.000 SÓ NOS ESTADOS UNIDOS — Os gêmeos-**fraternais** são quatro -vêzes mais comuns que os gêmeos **idênticos.** Porém os gêmeos **idênticos** apresentam um dos maiores problemas da natureza. Quebram êles, realmente, tôdas as regras que governam a raça humana, **porque introduzem variações no esquema geral**

que aponta ser cada indivíduo, na terra, diferente de outro indivíduo.

Nos Estados Unidos, de cada 87 nascimentos ocorre um de gêmeos. E como nem todos os nascimentos de gêmeos são mencionados e, ainda, como ocorre, às vêzes, morrer um dos recém-nascidos, essa porcentagem pode ser ainda mais alta. Na verdade, vivem no grande país do norte, mais de 2.000.000 de gêmeos!

Naturalmente, os gêmeos-**idênticos** apresentam o mais interessante problema. Como isso pode ocorrer, isto é, como podem êles ser formados, ninguém parece saber explicar **exatamente**, mas a verdade é que continuam a nascer regularmente. E por isso existem, absolutamente registrados, nos Estados Unidos, mais de 250.000 gêmeos-**idênticos.**

São êles originários de um simples óvulo que se divide em duas partes. E, detalhe interessante, são êles **sempre** do mesmo sexo; e, embora um possa ser ligeiramente mais comprido do que o outro **ao nascer**, acabarão geralmente sendo da mesma estatura! E não será senão depois de alguns meses que os pais e os parentes mais próximos poderão identificá-los — e assim mesmo devido a pequeninas peculiaridades, como alguma nódoa da pele. E por isso muitas vêzes acontece ser a mesma criança alimentada duas vêzes, enquanto a outra, gêmea, fica relegada ao leito, sem qualquer alimento.



SINGULARIDADES DOS GÊMEOS

O LEITOR SABIA que, nos Estados Unidos, em cada 87 nascimentos ocorre um caso de gêmeos?

QUE em grande maioria os gêmeos são canhotos?

QUE os gêmeos-de-espelho têm as impressões digitais ao reverso?

QUE os gêmeos-fraternais podem ter diferentes pais?

QUE os gêmeos, em geral, nascem prematuramente?

QUE se o leitor é gêmeo, provàvelmente será pai de gêmeos?

Outro detalhe realmente estranho é o seguinte: há mais meninos gêmeos-**idênticos** do que meninas, mas ouvimos menos a seu respeito, justamente, porque os gêmeos do sexo masculino têm maior tendência para o individualismo. Geralmente recusam vestir-se igualzinho ao irmão, enquanto as meninas adoram êsses detalhes, fazendo mesmo questão de ter vestidos, sapatos, chapéus, absolutamente iguais, em tôdas as ocasiões.

Os gêmeos, em geral, são canhotos. Os gêmeos-**idênticos**, meninos ou meninas, têm impressões digitais idênticas, chegando mesmo a perturbar um perito que se vê incapaz de distinguir umas de outras. Têm os mesmos tipos de unhas, o mesmo lóbulo de orelha e até mesmo o remoinho capilar, que forma a "coroa" no lugar usual da cabeça, se apresenta e nasce da mesma forma!

Tudo isso se aplica aos gêmeos-**idênticos** — exceto aos gêmeos-**de-espelho!**

Êstes últimos atingem aproximadamente a proporção de um quarto de todos os gêmeos-**idênticos** — cêrca de 62.500 só nos Estados Unidos da América do Norte — e são os mais estranhos entre todos!

De fato os gêmeos-**de-espelho** são gêmeos-**idênticos...** com imagem reversa um do outro.

Se um gêmeo-**de-espelho** é canhoto, o outro é destro. Se um tem o "remoinho" dos cabelos da esquerda para a direita, o outro o terá da



Os gêmeos podem ser verdadeiros "quebra-cabeças" para os pais, irmãos, professôres e também para os namorados, como no caso acima, representado pelas irmãs Ame Joan Miller, artistas da T. V. em N. York.

Estavam sentadas em lados opostos no imenso salão; até aí nada de anormal. Seus questionários prosseguiram tão idênticos como de início. Preferência de Mona: nadar, viajar, todos os esportes, desenhar. De Carita: nadar, viajar, todos os esportes, desenhar. Alimento favorito de ambas: bife. Disco favorito para ambas: **"How High the Moon".** Côr favorita: Mona, azul e prêto; Carita, azul claro e prêto.



OS GÊMEOS IDÊNTICOS TÊM CÉREBROS IDÊNTICOS — Entretanto, é tudo o que podemos saber. Tomemos para exame o caso das gêmeas Cromwell, de Nova York. Tendo servido no corpo feminino auxiliar, regressavam da Europa, logo após a terminação da guerra. Uma delas sofrera grande depressão nervosa e chegou ao extremo de pensar em matar-se, atirando-se do navio ao mar. Sua irmã procurou dissuadi-la... **e acabaram saltando, as duas, ao mar, e desapareceram.** Isso pode ser, apenas, mais um caso de extrema afeição — senão mais um caso de **um só pensamento para duas pessoas;** ou melhor: **duas pessoas pensando como uma só!**

O juiz Charles S. Crail, da Superior Côrte de Justiça da Califórnia, autor do famoso livro **"Meu irmão-gêmeo Joe",** declara que há gêmeos condescendentes e outros relutantes. Os gêmeos condescendentes gostam de vestir-se iguais; os gêmeos relutantes estão sempre brigando um com o outro. O juiz Crail foi sempre um gêmeo condescendente. Afirma que o cérebro e o raciocínio dos gêmeos condescendentes, frutos de um único óvulo, **são idênticos!** Afirma, ainda, que o pensamento deve passar de um cérebro para outro, embora não possa explicar como isso ocorre. E conta-nos o seguinte fato:

Êle e seu irmão Joe foram postos em salas separadas para um exame escolar; era Virgílio, o tema do exame e os dois haviam estudado juntos uma semana inteira. Charlie foi instalado numa sala distante 50 metros do local onde ficou o irmão. Entretanto não podia começar a sua prova.

— Então? Que tem você que não começa a escrever? — perguntou o seu professor de latim.

— Não sei . . . Não consigo me concentrar.

— Nessas condições o seu irmão vai terminar a prova muito antes de você.

— Não creio, senhor — respondeu Charlie.

A verdade, entretanto, foi que, sòmente quarenta minutos depois, na outra sala, o examinador entregava o papel rubricado a Joe, para que êste escrevesse a sua prova. Charlie, nesse mesmo instante, começou a escrever . . . e os dois irmãos terminaram juntos, depois de escrever com o mesmo desembaraço . . . igual número de laudas, quase o mesmo número de linhas e . . . com os mesmos erros.

VIVEM REGULARMENTE, O MESMO NÚMERO DE ANOS? — Sim. Segundo uma investigação realizada pelo Instituto de Pesquisas Biológicas, de Washington, os gêmeos considerados sadios e que tenham nascido em parto correto, sem nenhum atropêlo ou acidente e passem pela vida obedientes aos mesmos preceitos de higiene, vivem geralmente num número de anos bastante aproximado. E' interessante notar que isso é mais constante com as mulheres gêmeas (uma diferença média de menos de dois anos para a morte de ambas), enquanto para os gêmeos mas-



Gêmeos idênticos e condescendentes. Vestem-se iguais (para confundir os que desejam reconhecê-los)

direita para a esquerda. Se um tem uma certa falha na sobrancelha direita, o outro a terá na esquerda.

Até mesmo suas impressões digitais serão ao inverso, mão por mão e dedo por dedo. No resto, são como os gêmeos-**idênticos.**

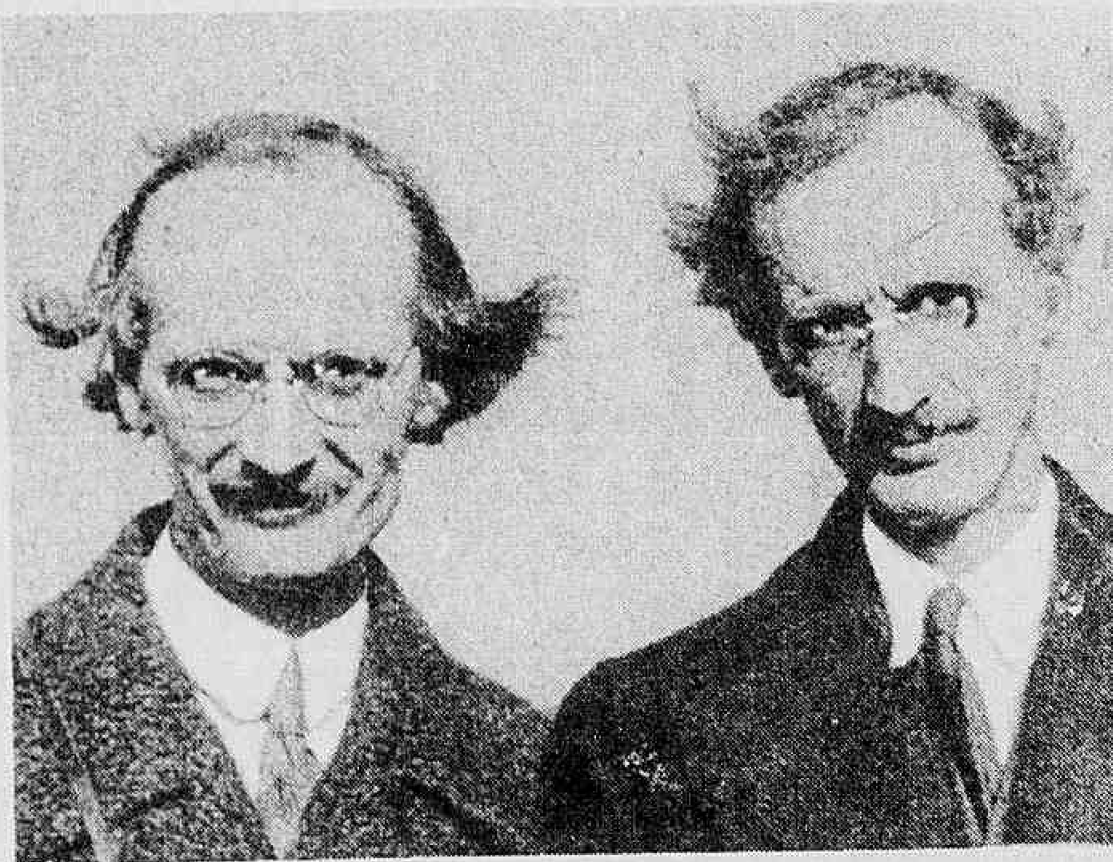


Gêmeos fraternais. Têm, quando muito, um "ar de família".

Talvez, em todo o mundo, os mais conhecidos gêmeos-**de-espelho** sejam os belgas Auguste e Jean Piccard, famosos exploradores da estratosfera e da batisfera; os homens, enfim, que, juntos, foram além do teto de nuvens e, muito profundamente, nas entranhas oceânicas!

São **quase iguais;** são inseparáveis, também!

Jean é destro e o seu remoinho vai da direita para a esquerda. Auguste é canhoto e seu remoinho vai da esquerda para a direita.



Os gêmeos de espelho mais famosos do mundo: os irmãos Piccard.

OS GÊMEOS - IDÊNTICOS PENSAM... IDÊNTICAMENTE? — Para simplificar o assunto e ser breves, vamos explicar o que vem a ser gêmeos-**idênticos.** Sabemos que os gêmeos frutos de óvulos diferentes, são como quaisquer irmãos normais — ou irmãs — com vida própria, individual. Nem **sequer** são parecidos. Um pode ser menino e outro uma menina.

Os gêmeos-**idênticos,** entretanto, apresentam problemas que a ciência ainda não pôde completamente resolver. Por exemplo: **têm os gêmeos-idênticos alguma tendência para pensar como uma só pessoa? Podem ler o pensamento um do outro?**

O Dr. Donald A. Laird, antigo diretor do Laboratório Psicológico da "Colgate University", aceita a idéia, embora com restrições. O Dr. J. B. Rhine, da "Duke University", prefere opinar em contrário. Por sua vez, o Dr. Horatio Hackett Newman, famoso especialista em gêmeos adota a neutralidade, permanecendo no centro.

Vamos deixar que o leitor decida.

Em 17 de fevereiro de 1949, uma linda jovem sentou confortàvelmente no imenso salão de um escritório, num gigantesco edifício de Chicago, a fim de encher um questionário. Era Mona Herche, de Sheboygan, Wisconsin. Tinha olhos castanhos e cabelos louros; tinha forçosamente que ser linda, pois justamente por isso é que ali estava. Com sua irmão gêmea, Carita, procurava emprêgo nessa companhia de Chicago que, sem dúvida, mais tem trabalhado para o censo de gêmeos nos Estados Unidos que outra qualquer instituição.

Mona e Carita tinham 19 anos; seu "manequim" era 12; medida de chapéu, 22; de luvas, 6; de sapatos, 4½! Ambas tinham cursado a **Grant School,** a **Central High,** a **Universidade de Wisconsin** e a **Layton School of Art.** Desejavam ser modelos!

culinos essa diferença já acusa maior espaço de tempo (em média três anos e meio de diferença para a morte dos dois irmãos).

Isto, é claro, não se falando em mortes acidentais. Também não podem ser levados em consideração os casos em que um dos gêmeos nasce muito mais forte ou mais bem formado que o outro. São casos, êsses, considerados fora de cogitação para aquela pesquisa.

OS GÊMEOS IDÊNTICOS PODEM SOFRER MAIS DO QUE NÓS! — Exatamente! Sofrer no que diz respeito às dores físicas. Isto foi comprovado recentemente em sucessivos estudos realizados entre centenas de gêmeos idênticos, nos Estados Unidos. Enxaquecas, dores físicas, etc., são sentidas pelos dois irmãos-idênticos simultâneamente. E por isso sofrem mais do que nós, segundo dizíamos acima, porque sentem os males próprios e também os do seu irmão.

São conhecidas, num dos colégios da Zona Sul, do Rio de Janeiro, duas meninas, gêmeas-idênticas. Têm cinco anos e, positivamente, não se dispensam um só instante, vivendo, por assim dizer, coladas uma à outra, na rua, no colégio, no recreio, etc. Se uma escorrega e fere o joelho, logo a outra entra a chorar e acusa dores no mesmo lugar, embora não tenha sofrido qualquer queda. Positivamente, a não ser o estado febril, qualquer mal físico que uma acuse, a outra também sentirá...

Por quê? Eis o que a ciência ainda não pôde explicar.

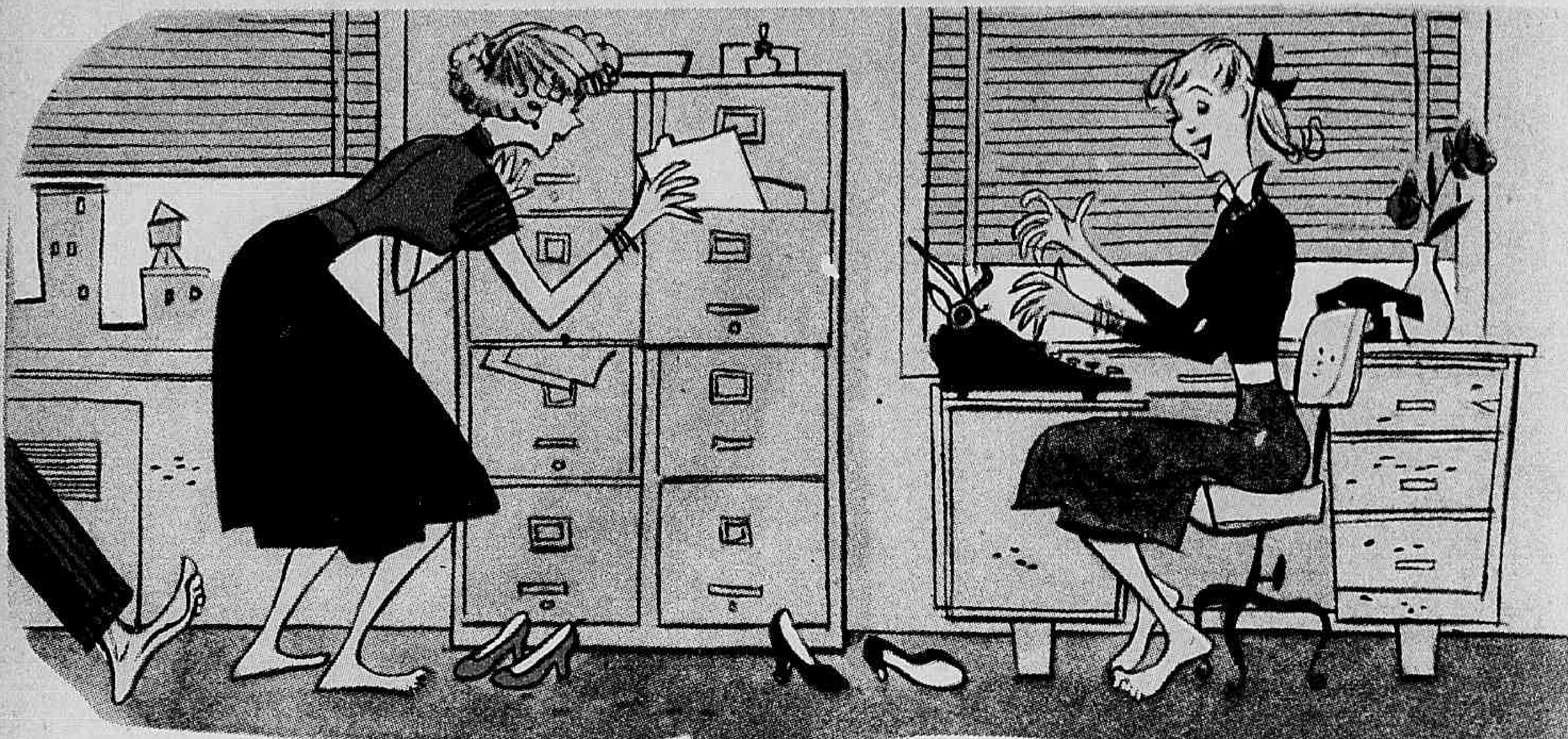


Só num circo de Nova York são apresentados, em números de picadeiro, seis pares de gêmeos idênticos!

OS GÊMEOS, AO NASCER, SÃO MENORES — Ninguém pode ter gêmeos... à vontade. Êles chegam quando a natureza assim quer — por acaso, digamos. Se o leitor é um gêmeo, seja homem ou mulher, é muito provável que não queira ter filhos gêmeos. Mas quem tem filhos gêmeos uma primeira vez é muito provável que tenha outros mais... gêmeos também.

Mas não se assustem porque em geral os médicos não cobram mais quando atendem ao nascimento de gêmeos. Da mesma forma êsses partos duplos são mais fáceis — **para a mãe.** Isto porque os gêmeos nascem muito menores do que as crianças de parto simples; o primeiro nasce com facilidade e o segundo ainda mais fàcilmente. Acontece, também, que na maioria dos casos os gêmeos nascem prematuramente, podendo também haver casos de super-gêmeos (quando têm grandes dimensões), triplos, quádruplos e quíntuplos. Nascem, em média, cêrca de três e meia semanas mais cedo do que as crianças únicas. Vivem no ventre materno duzentos e cinqüenta e seis dias em vez de duzentos e oitenta e um, conforme o tempo normal para os que nascem simplesmente.





ACREDITEM ou não, os médicos norte-americanos estão agora prescrevendo o mais fácil tratamento que um paciente poderia desejar. Ouvem as queixas do cliente, examinam todos os seus órgãos por meio de testes e apalpadelas e finalmente **receitam:**

— **Tire os sapatos sempre que isso seja possível, esteja onde estiver!**

Não... Não sorria, amigo leitor! Êsse é, realmente, um **santo remédio!**

E qualquer um poderá tirar uma prova confirmatória da seguinte maneira:

Por exemplo, estamos ligeiramente preocupados — os receosos — relativamente aos diferentes **casos** que nos assaltarão no dia imediato, no escritório ou simplesmente, tememos que as **explicações** que teremos com a parte contrária não possam ser muito fáceis e fraternais como desejaríamos?

Muito bem... Tiremos os sapatos e caminhemos cinco ou dez minutos com os pés no cimento ou — se a estação não aconselhar — no soalho do apartamento. Facílimo, não acham? Pois não podem imaginar como isso acalma e conforta!

O médico-chefe de um hospital de Chicago declarou, recentemente:

— Estou sempre recomendando aos meus clientes que tirem os sapatos. E' sedativo esplêndido! E, se querem um exemplo, ouçam êste caso:

"Uma senhora, gerente de uma grande loja de artigos femininos, queixava-se de fortes dores

TIREM OS

Por HOWARD

nas pernas afirmando que nem podia dormir. Disse-lhe que tirasse os sapatos, sempre que tivesse uma oportunidade para isso, **estivesse em casa, no ônibus, no restaurante ou mesmo na loja.**

"Agora ela dorme maravilhosamente! E há uma coisa que sempre devemos lembrar: **um sapato não serve para o caminhar, a menos que seja bastante flexível.**



Por sua vez, um famoso ortopedista declarou:

— Há muita verdade, quando se diz que **"se dói o pé, dói todo o corpo"**. E, realmente, não chega a ser gracejo o dizer que **"os sapatos são a base de quase todos os aborrecimentos"**.

Ouçamos, agora, o que diz a respeito, um especialista dos males do coração:

"O melhor processo de combater as tensões, tão perigosas para os que sofrem do coração é andar



DESCALÇOS, secretários e chefões podem produzir mais!

NÃO IMPORTA ONDE VOCÊ ESTEJA... ÊSTE É UM SIMPLES — E CIENTÍFICO — PROCESSO DE COMBATER A TENSÃO E A FADIGA

descalço **sempre que isso seja possível.** E o que mais encanta, nesse **medicamento** é a sua facilidade. E' fácil e nada custa! E', entre todos os recursos para repousar e ter os músculos bem relaxados, o mais eficiente... **porque não chegamos sequer a compreender que estamos fazendo um esfôrço para atingir êsse fim.** E, de fato, não estamos! Entretanto, outro qualquer recurso, como o deitar e estirar pernas e braços,

SAPATOS!

VAN SMITH

sempre exige **algum** esfôrço: **o de pensar,** pelo menos, em manter todo o corpo imóvel, como abandonado... **Tirar os sapatos repousa o corpo, sem dar trabalho ao espírito!**



Muitos dêsses médicos — usualmente apontados como incapazes de seguir, êles próprios, os seus bons conselhos (e adeptos, portanto, do "faz o que eu digo e não o que eu faço!") afirmam que só devem perder, provàvelmente, para os **carteiros**, aquêles que, chegado o fim do dia, tiram os sapatos e caminham alguns bons minutos descalços... **e felizes!**

Infelizmente, ainda hoje, sendo embora uma coisa que todos gostariam de poder fazer, livremente, o andar descalço — estando completamente vestido e em público — causa riso.

Ainda recentemente, destacado político, chegada a sua vez de falar, numa cerimônia pública, levantou-se da sua cadeira e caminhou para o pequeno estrado onde se encontravam os microfones. Notou, porém, que o público ria muito. Então olhou para os próprios pés... e verificou que havia deixado os sapatos sob a cadeira, entre a assistência!



Mas está errado! Está errado o riso, como estará errada a timidez do indivíduo!

Se o leitor sente a necessidade urgente de tirar os sapatos, **obedeça!** E' o que ordena o médico. Naturalmente deverá, primeiro, pedir licença e fazer a coisa o mais discretamente possível, sem grandes gestos



não atirando os sapatos para o lado, de qualquer maneira.

*

QUE E' MAIS NATURAL? — E' claro, quando se trata do patrão, a coisa é mais difícil, pois não poderá êle andar descalço por todo o escritório, mas talvez possa ter olhos menos severos para a dactilógrafa que, insensìvelmente, retirou os sapatos e brinca com os pésinhos nus, debaixo da mesa de trabalho!



Ela deve merecer, sim, elogios, pois, com certeza, está trabalhando com mais eficiência!

Um conhecido e respeitado psicologista, o Dr. Granville Fisher assim opinou:

— Muitas vêzes, em casa principalmente, andamos descalços, como fazem as crianças — e como acontece com as crianças, essa ansiedade produtora de problemas, própria dos homens, logo desaparece, deixando de pesar em nosso espírito.

E sabem por quê? Porque descalços somos **mais naturais!**

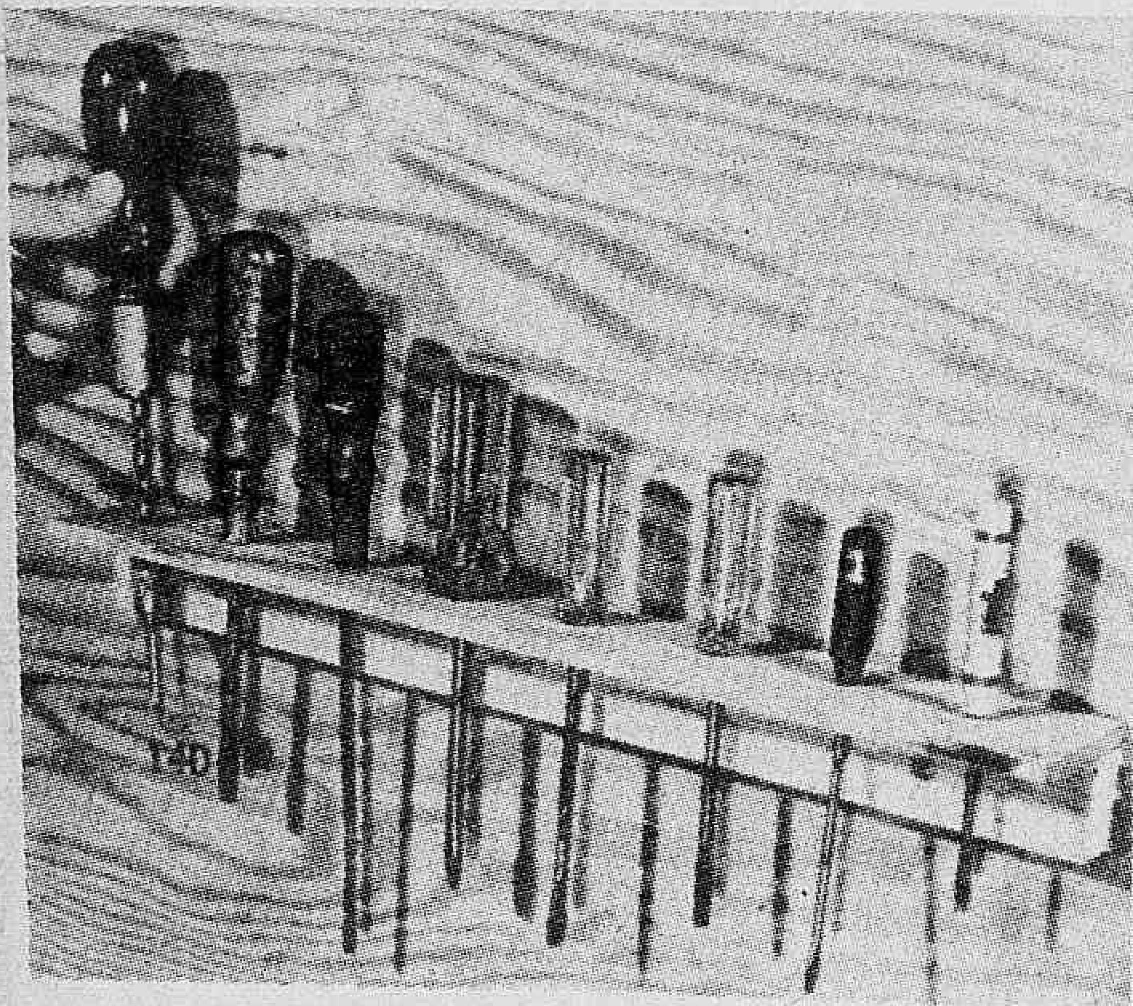
O mesmo psicologista quando recebe amigos de certa intimidade, em sua casa, costuma pedir-lhes que tirem os sapatos. O resultado é que todos ficam **mais à vontade**, mais agradáveis e interessantes, também, em suas palestras.

Só há uma contra-indicação! Segundo o "National Safety Council", quando um indivíduo está dirigindo um automóvel é preferível ter os pés calçados — pelo menos **por enquanto...** Pois os atuais pedais dos automóveis são feitos para ser acionados por pés **calçados.**

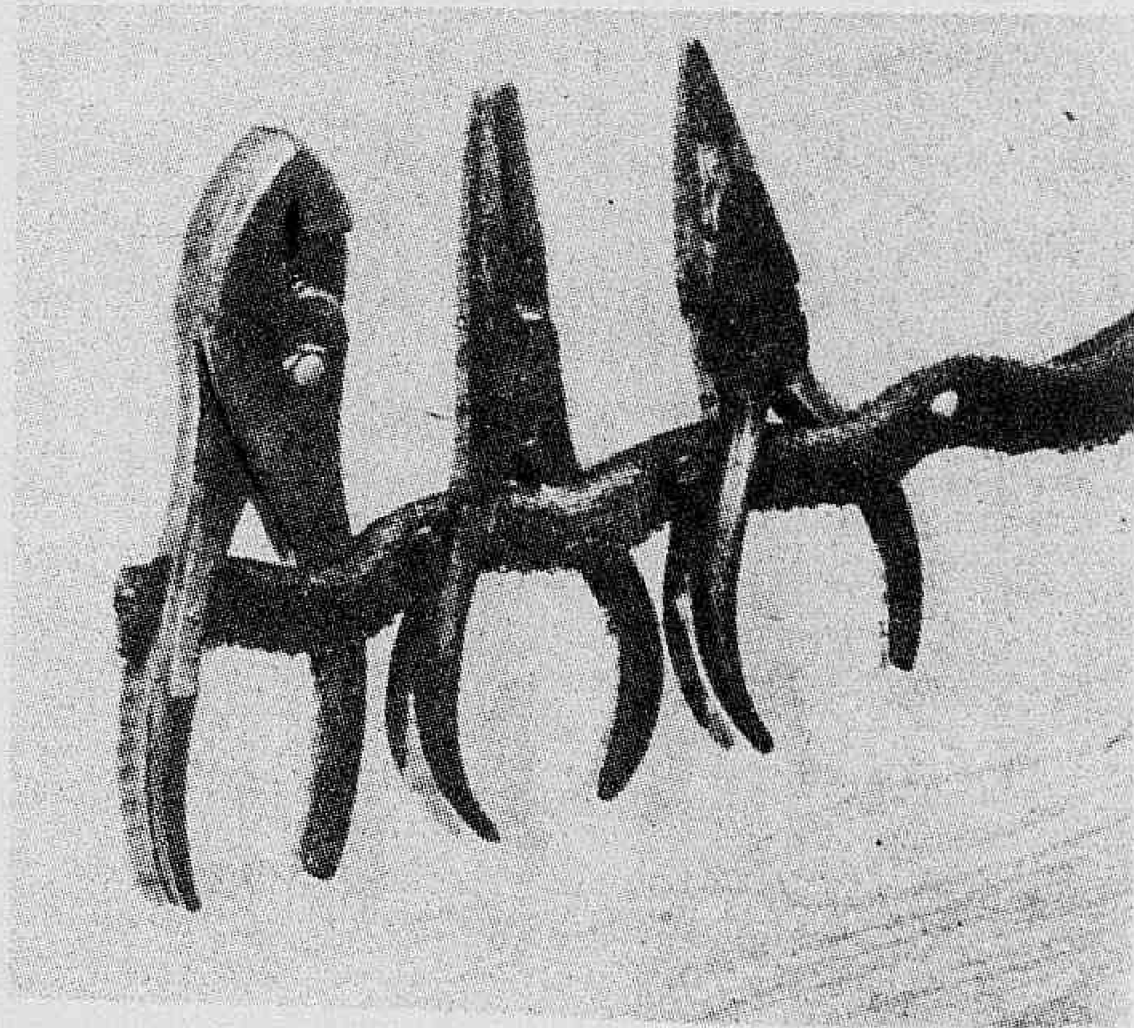
*

P. S. — Será que, a esta altura, o leitor já tirou os sapatos?

* *



PARA GUARDAR PEQUENAS FERRAMENTAS — Aconselhamos o processo acima. Duas simples tábuas, ligadas ao comprido, e formando ângulo reto. Os orifícios devem ter diferentes diâmetros para receber ferramentas de variados tipos.



PARA GUARDAR ALICATES, ETC. — Uma simples tira de saco, borracha ou lona, dobrada para ter maior resistência e durabilidade, pregada simplesmente à parede, por meio de taxas escalonadas de 5 em 5 centímetros, é um bom processo.

* *

CUIDADO COM ÊSSES ESPERTALHÕES!... — A polícia de Oil City, após uma grande luta, conseguiu descobrir um novo truque para roubar as casas comerciais. O ladrão entra e depois de examinar esta e aquela mercadoria, apanha uma qualquer e, longe de se dirigir para a saída, procura o gerente da firma, não despertando, portanto, a atenção dos detectives porventura presentes, como é comum nas grandes lojas. Diante do gerente o indivíduo faz uma cena, protestando contra a "porcaria" que lhe venderam... e consegue receber uma "devolução" do dinheiro que jamais pagou.



Vitória Sôbre a Dor

Já é possível operar sem SANGUE

NÃO há muito, tivemos oportunidade de mencionar as extraordinárias propriedades do plasma em pó, PVP, de que tanto andou falando a imprensa mundial, nos últimos meses. Tal plasma é obtido do gás acetileno e a tão notável descobrimento devemos somar outro, referente às propriedades dos sais de metônio, agentes da hipotensão controlada, novíssima técnica cirúrgica.

Já o grande Alexis Carrel afirmava.

"— E' preciso dar a um fragmento de tecido vivo, cultivado num frasco, um volume de líquido igual a duas mil vêzes o seu próprio volume, **a fim de que não o envenenem, em poucos dias, os resíduos de sua nutrição!"**

A nutrição gasosa é de tal importância, que êste fragmento de tecido artificialmente conservado em estado "vivo", deve ter à sua disposição uma atmosfera gasosa **mais de dez vêzes maior que seu meio líquido!**

E Carrel acrescentava:

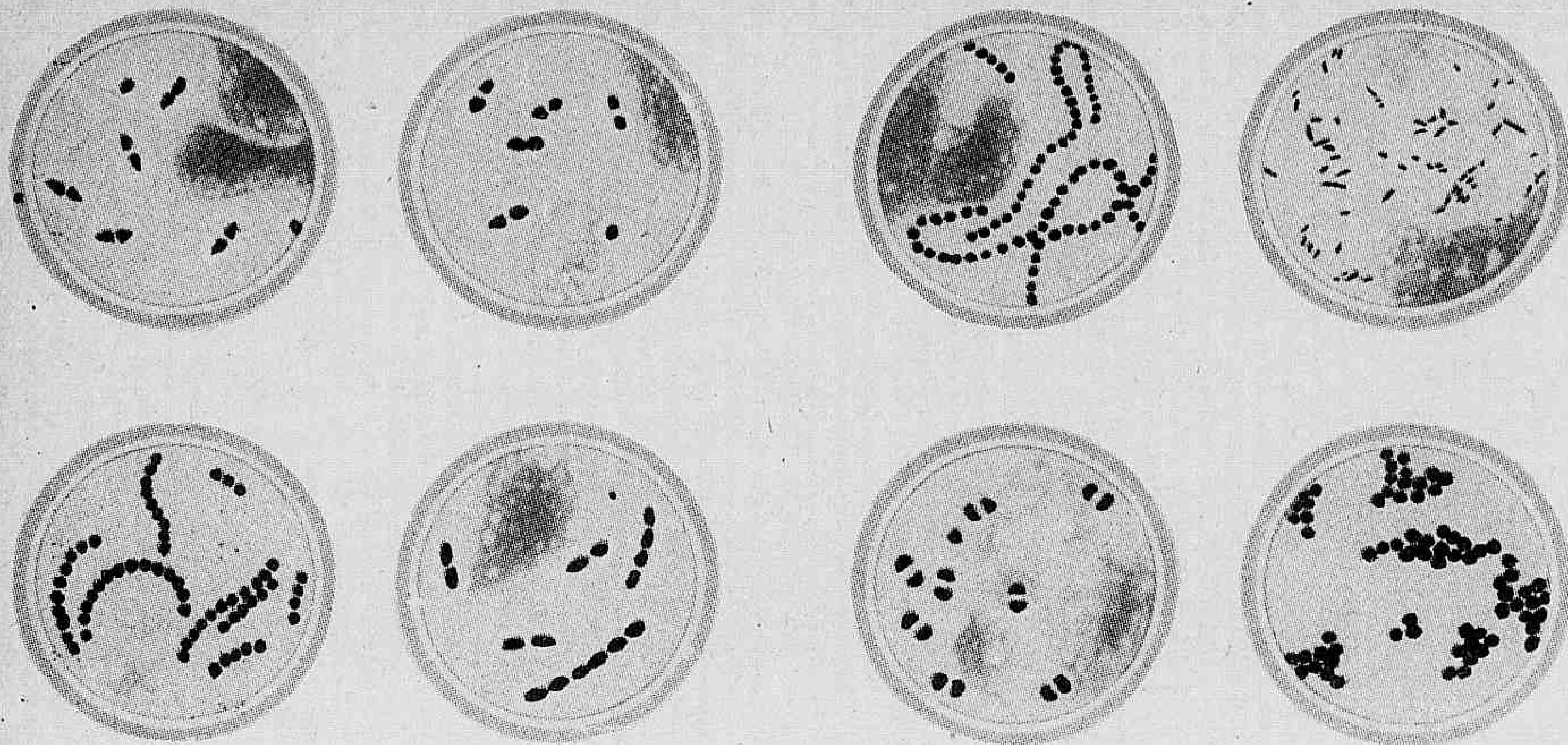
"— Graças à maravilhosa perfeição dos aparelhos que fazem circular o sangue, carregando-o de substâncias alimentícias e livrando-o de seus resíduos, os nossos tecidos podem viver em sete ou oito litros de líquido em lugar de em duzentos mil." A quantidade de sangue que cada homem possui é inferior à décima parte de seu pêso. Isto quer dizer quão preciosa é cada gota de sangue, principalmente em determinadas circunstâncias.

Depois de um ferimento grave, que tenha provocado hemorragia importante e necessite de uma intervenção cirúrgica imediata, os médicos tratam por todos os meios de evitar ou limitar, durante o seu trabalho, uma nova perda de sangue, que poderia ser fatal. Entretanto, em muitos casos, isso é coisa muito difícil.

A HIPOTENSÃO CONTROLADA — Por isso, todos os cirurgiões se mostram vivamente interessados



Como estamos longe dos tempos em que se amputava uma perna a serrote, lentamente, e sem anestesia!



Êsses germes estão sempre ameaçando o nosso corpo, principalmente se não temos reservas de anticorpos.

em uma nova técnica chamada de "hipotensão controlada", que já foi aplicada com êxito em uma centena de casos, principalmente na Inglaterra e na França.

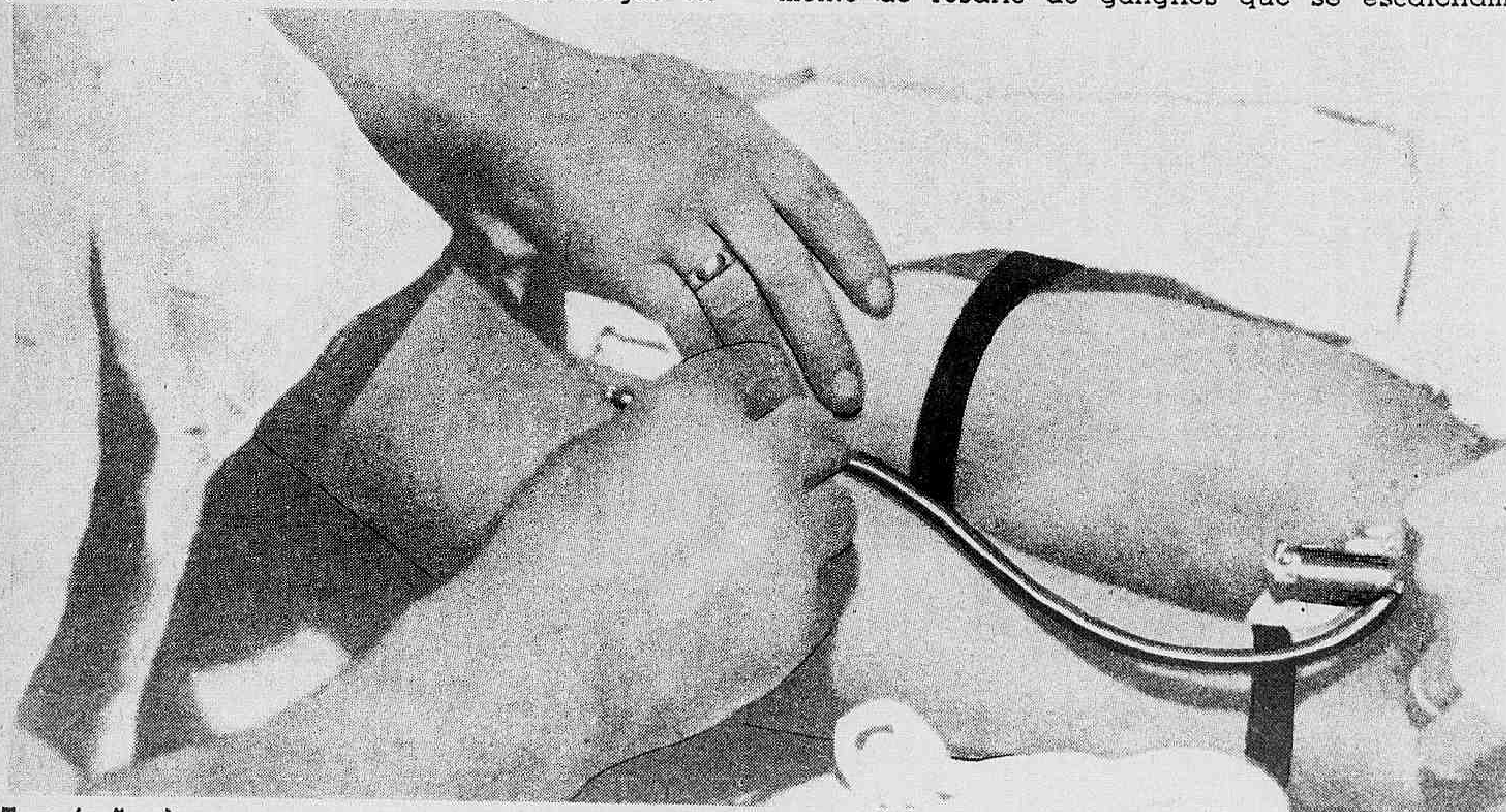
Em que consiste essa técnica?

Em 1949, os médicos inglêses Organe, Paton e Zaimis anunciaram no "Lancet", de Londres, que um composto químico, o ioduro de decametônio tinha — como o curare — a propriedade de relaxar os músculos das pessoas operadas. Aconselhavam, portanto, como antídoto, em caso de incidente, o emprêgo do pentametônio, indicando que êste último sal, sob determinadas condições, "fazia descer muito a pressão arterial".

Os cirurgiões, interessados, ensaiaram imediatamente os diversos metônios para reduzir a hipertensão; porém o manuseio dessas drogas tornou-se bastante delicado e seu efeito transitório. No entanto, os trabalhos prosseguiram sem descanso nesse domínio.

No dia 2 de março de 1952, o doutor Hale Enderby, anestesista chefe do "Queen Victory Hospital", de Londres, declarava à Real Sociedade de Medicina de Londres, que conseguira graças ao pentametônio e ao hexametônio, fazer baixar a tensão de seus enfermos adormecidos e, ainda mais, conseguira também **suprimir** — colocando o paciente de certa maneira — **a hemorragia dos vasos!**

A AÇÃO DOS SAIS DE METÔNIO — A referida hemorragia pode ser assim suprimida, porque os sais de metônio modificam o funcionamento do rosário de gânglios que se escalonam

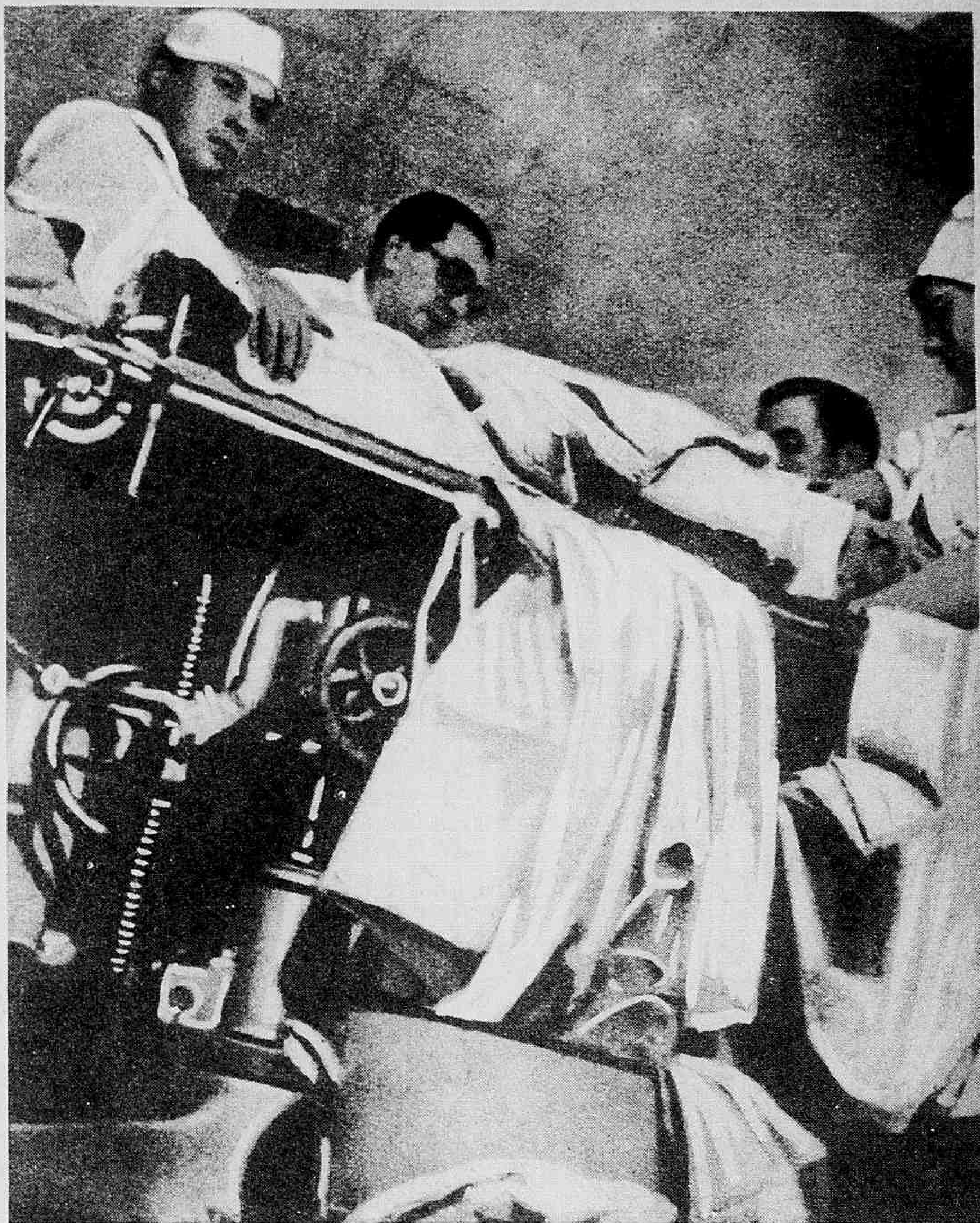


Transfusão de sangue numa pessoa em grave estado, após ferimento que exige intervenção cirúrgica imediata.

ao longo da coluna vertebral. Nossos vasos se contraem e dilatam sob a ação respectiva de **fios** simpáticos e parasimpáticos, saídos dos gânglios e unidos à medula.

Os **fios** simpáticos servem para contrair os vasos, enquanto os **fios** parasimpáticos os dilatam. Há nisso um delicado jôgo de equilíbrio que ajuda a estabilidade da pressão arterial.

Se com novocaína local — ou com metônio intravenoso — os referidos **fios** simpáticos constritores são "cortados" quìmicamente (o que também pode ser conseguido, literalmente, com o bisturi), os **fios** parasimpáticos (dilatadores), funcionam, sòzinhos. Haverá, portanto, **apenas** vasos dilatados e, do mesmo golpe, o sangue propulsado pela ação insuficiente do coração terá tendência a depositar-se nas regiões baixas do corpo.



NUMEROSOS PROBLEMAS CIRÚRGICOS SIMPLIFICADOS — Depois da anestesia, o enfêrmo que deve ser operado no cérebro recebe uma injeção intravenosa de um sal de metônio. Que ocorre, então? Imediatamente, ficam paralisados os seus gânglios simpáticos. Então, se se inclina a mesa de operação de maneira a que o enfêrmo fique em posição de pé, logo o sangue descerá para o ventre e para as pernas.

E a cabeça? — perguntarão os leitores?

— Oh! E' claro! Pela cabeça exangue passará, apesar disso, suficiente quantidade de oxigênio, procedente do resto do corpo, para manter com vida os tecidos nobres; porém nada sangrará quando o cirurgião cortar a carne.

Na cabeça a tensão máxima será de quatro e nas pernas de doze, no máximo.

*

Uma operação semelhante acaba de ser descrita com extraordinária minúcia pelos Drs. Merle d'Aubigné, Petit-Dutailles e Guiot, perante os seus colegas da "Sociedade de Neurologia", de Paris.

O professor Petit-Dutailles e o Dr. Guiot conseguiram extrair, com pleno êxito, numa operação "branca" — isto é, **sem sangue** — um enorme **angioma** do cérebro; devemos explicar que **angioma** é um tumor composto de vasos dilatados e que, habitualmente, é quase sempre impossível operar **em razão da tremenda dificuldade em controlar a hemorragia.**

Quanto ao professor Merle d'Aubigné, **experimentou** com êxito completo a técnica da hipotensão controlada, no domínio ortopédico.

Realmente, colocando o enfêrmo de cabeça para baixo e os pés para cima, os cirurgiões dessa especialidade, operam agora em campo exangue, seja nos quadris, nos joelhos ou nos tornozelos.

O método de hipotensão controlada vai permitir resolver inúmeros problemas em vários domínios da cirurgia.

Até agora, não parece que os sais de metônio, administrados por mãos peritas apresentem qualquer perigo.

* *

Procure atender às necessidades do seu organismo, bebendo muito mais água no verão do que no inverno.

MAIS VAGAROSOS QUE O CARACOL

Um caracol, segundo ouvimos dizer, viaja à razão de 000363005 de quilômetro por hora! Entretanto, mesmo um caracol não seria mais calmo e vagaroso do que certos indivíduos, conforme a lista que damos, a seguir:

PAIXÃO INSOPITÁVEL — O prefeito de Margate, Inglaterra, recusou representar o papel de Cupido para um ex-pracinha norte-americano que havia conhecido uma linda camponesa, naquela cidade da Inglaterra, durante a Primeira Grande Guerra.

"— Eu esqueci o nome e o endereço dela — escreveu o veterano — Mas continuo realmente muito interessado e ansioso por passar um alegre **week-end** com ela."

O prefeito de Margate recusou procurar a criatura em questão considerando que aquela paixão despertara tarde de mais!

MATEMÁTICO — Um pastor residente em Dallas e que realmente acredita que todo o dinheiro deve render juros, lembrou-se repentinamente de que deixara de saldar uma conta de telefone, no valor de 8 dólares e 3 centavos, e que ficara a dever desde 1938. Imediatamente fêz todos os cálculos minuciosamente e agora, passados quatorze anos, remeteu um cheque de 13,88 para a companhia, juntamente com o seu pedido de desculpas. A companhia — que divulgou o fato aos jornalistas — recusou aceitar os juros.

RESTITUIÇÃO — Um professor da Universidade de Pennsylvania comprou, recentemente, um livro num pequeno livreiro e descobriu que o mesmo pertencia a uma Biblioteca Pública de San Francisco da Califórnia, de onde fôra furtado... 115 anos antes!

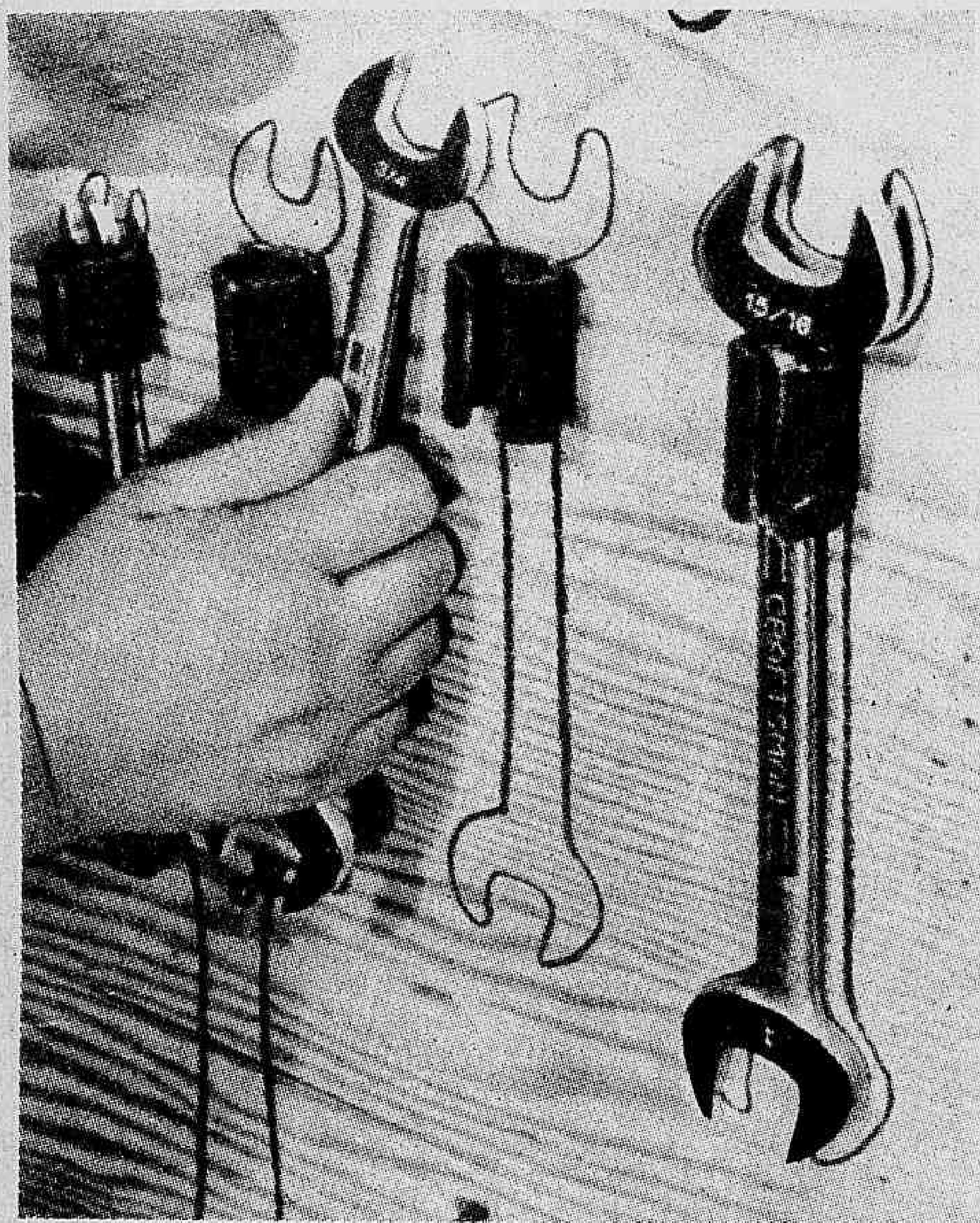
Imediatamente restituiu o livro à citada biblioteca.

APRESSADO — Em Green Bay, Estado de Wisconsin, um homem apareceu na delegacia policial do seu bairro a fim de apresentar queixa contra a sua espôsa, que abandonara o lar conjugal... dezoito anos antes.

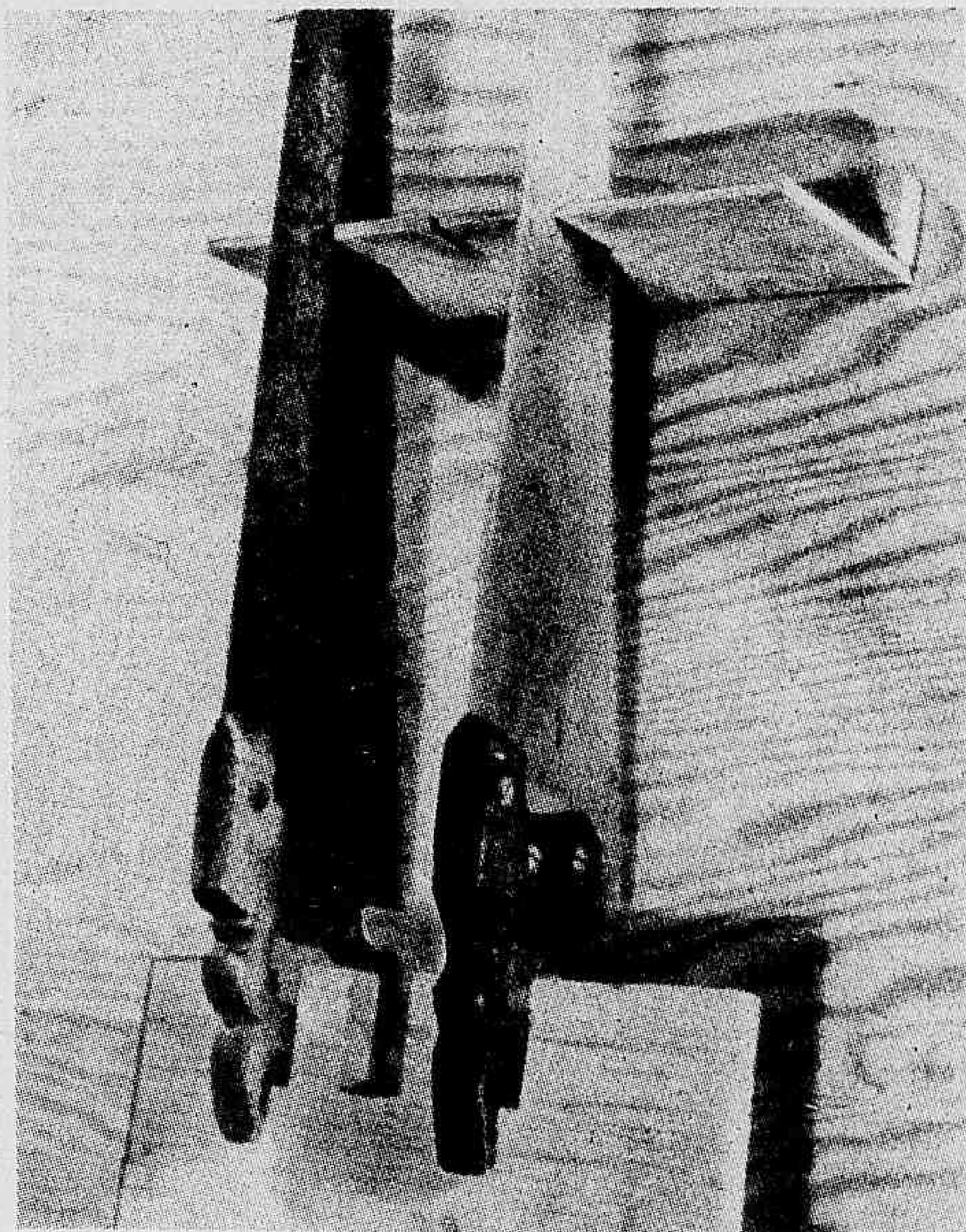
AMOR DE VERDADE — Aos setenta e um anos de idade, uma senhora de Kansas City, Montana, casou, recentemente, com o homem com quem havia rompido... às vésperas do seu casamento, 49 anos antes!

Ambos tinham continuado solteiros, teimosos, mas amando-se loucamente!

★ ★



PARA GUARDAR CHAVES DE MECANICO — Cortar velho cano de borracha em pequenas seções e pregá-las à parede, para guardar chaves ou outras ferramentas similares, que podem ser dispostas em escala, segundo o tamanho. Sustentadores de carimbo também podem ser aproveitados para essa finalidade.



PARA GUARDAR SERROTES — Eis uma ferramenta difícil de guardar pelo tamanho e o formato. O modêlo acima, fácil de construir, é o mais recomendável. Notem que a parte inferior do suporte fica afastada uns 10 centímetros da parede, para maior segurança e evitar quedas das peças. Os dentes devem ser voltados para dentro.

Um retrato Perfeito!



EARL Holzer, um homem de pouca estatura, robusto, lembrando um touro, com o nariz curto e a bôca quase sem lábios, como uma casa para botão, passou pela arcada da ponte, esperando o mais importante momento de sua vida. Nunca se sentira tão calmo, mas confiante, mais seguro. Nenhum dêsses arrepios ou sobressaltos de mêdo, que deve sentir todo homem procurado pela polícia por crime de morte.

"— Nunca me apanharam porque nunca perdi a calma nem a cabeça... — murmurou para si mesmo. Deliberadamente, escolhera aquêle local para encontrar-se com Jack; era muito fácil esconder-se, êle próprio, no seio da multidão que se comprimia diante das oljas de segunda classe e das barraquinhas armadas diante do circo barato que se erguia, pouco adiante, com as suas **videntes, rodas de fortuna, camelots**, etc.

No entremo da calçada, Holzer descobriu um homenzinho de cabeleira rebelde, sentado num tamborete de tiras de couro, trançadas, e desenhando o retrato de uma jovem mulher, que posava à sua frente. A seu lado, um simples cartaz anunciava os predicados do artista. Holzer leu:

"Mr. Eufrates — Artista — Caricaturista — Especialista em Futurismo
O **seu** retrato como há de ser daqui a 5 anos — 2 dólares
Como há de ser daqui a 10 anos — **4 dólares**

Holzer sorriu zombeteiramente. Imaginava a si próprio, deixando-se desenhar — e justamente naquela noite, a mais importante da sua vida! Tinha muita graça!

Aproximou-se mais um pouco do artista. Mr. Eufrates tinha dedos extremamente longos, cabelos grisalhos, emaranhados, e desenhava vigorosamente, a cabeça movendo-se de um lado para outro como uma galinha assustada.

Holzer comparou a pequena que posava com o desenho ainda incompleto. Espantoso, realmente! Ela não era bonita, mas tinha certo encanto, o encanto que sempre descobrimos nas criaturas moças e sadias. O retrato não apenas a reproduzia, mas como havia de ser 5 anos depois. Havia realmente mais fadiga e menos sonho em seu olhar. A bôca também tinha um certo ricto amargo. Qualquer coisa ruíra de cada lado do queixo. Sim; era a mesma criatura, não podia haver dúvida. No entanto, olhando para o modêlo e o desenho... era como se visse alguém envelhecer, repentinamente, diante dos seus olhos!

Holzer caminhou ligeiramente para um lado e foi examinar o próprio rosto no espêlho lateral de uma máquina registradora. Ali ficou alguns minutos, passando uma das mãos pelas faces, pensativamente. Como seria êle — não ao fim de cinco anos... mas **amanhã?** Essa pergunta o assaltara desde o início da semana, quando havia resolvido submeter-se a uma operação plástica. Jack afirmara que o cirurgião era dos melhores — embora saído apenas três meses antes da cadeia. Porque certos especialistas em plástica costumavam praticar erros verdadeiramente dramáticos — até mesmo em hospitais. Holzer sentiu no peito um repentino apêrto, o que era nêle sinal de pânico repentino.

"Nada de perder a cabeça agora! — disse êle para si mesmo — Não importa como a cara possa ficar... Sempre será melhor do que essa que tens agora. Muita gente anda procurando encontrá-la!"

Mr. Eufrates enrolou a fôlha de cartão com o retrato completo da cliente,

MR. EUFRATES PODIA DESENHAR AS PESSOAS COMO SERIAM CINCO ANOS DEPOIS

★

UM DOS SEUS MODELOS SOFREU UMA TERRÍVEL SURPRÊSA!

CONTO DE ALAN NELSON

prendeu-o com um elástico e entregou-o à jovem sorridente.

— E não se esqueça! — recomendou o artista — Não deve olhar para o retrato antes de voltar para casa! Isto é compromisso que todos assumem comigo!

Ela tornou a sorrir, recebeu o rôlo de cartão, pagou e afastou-se.

Mr. Eufrates ficou algum tempo enrolando um cigarro com ar pensativo; depois voltou-se para Holzer:

— Retrato? — perguntou.

Holzer voltou o rosto para examinar melhor o artista. O homem tinha olhos grandes, que brilhavam intensamente por trás de óculos de cristal grosso. Olhos que dançavam incessantemente como monstruosos protoplasmas amoébicos, nadando sob a lente de um microscópio... Holzer ficou um instante paralizado.

— São interessantes êsses seus retratos — disse êle, finalmente — Que veio fazer num lugar assim, é o que não compreendo. Com o seu talento devia procurar coisa melhor...

Mr. Eufrates moveu a cabeça negativamente, como homem que sabe o que faz; a seguir abriu os braços para dizer:

— A verdade, meu jovem amigo, é que ninguém quer saber como será daqui a cinco anos... Ninguém, exceto as crianças e os puros de espírito — e êstes, em geral, não têm dinheiro!

— Mas os que afirmam "ler" numa bola de cristal ganham muito dinheiro.

— Bem... E' diferente — disse. — Êles não mostram como o cliente vai ser, tempos depois. Dizer a um homem que êle vai perder o seu dinheiro ou a sua espôsa ou mesmo a sua vida — tudo isso é fácil. Mas mostrar a alguém, hoje, o seu retrato de daqui a cinco anos... Oh, é diferente! Eis por que exijo que o cliente espere até chegar a casa, antes de olhar para o meu desenho. Isso o livra de um choque — e a mim poupa ouvir palavras desagradáveis. Depois — se resolvem trazer o retrato de volta... **Okay!** Garanto a restituição do dinheiro.

— Isso... não posso acreditar! — disse Holzer, quase màquinalmente.

Mr. Eufrates, rápido, abriu um grande embrulho, feito com papel pardo, que envolvia uma dezena de retratos coloridos.

— Todos êles foram restituídos!

Holzer examinou um a um, detendo-se diante de cada rosto. Era coisa desagradável estar assim debruçado sôbre uma coleção de rostos velhos de criaturas **que ainda não eram como ali apareciam!** Era como se êle se intrometesse no futuro alheio, descobrindo o mal físico de um, o acidente ocorrido com outro, o sofrimento, a tortura, o desengano, tudo abrindo sulcos, formando rugas! Rostos femininos, castigados, lutando contra o tempo. Fisionomias marcadas pelo desespêro. Rostos maculados, repuchados, careteantes, de onde fugira a ilusão. Rostos, também, em que os olhos estavam fechados, **como os dos mortos!**

Todos êles tinham a peculiar assinatura de Mr.



Eufrates, no alto, à direita. "M. E." no centro de uma enroscada espiral.

— E que tal, comigo? — perguntou Holzer, procurando ajeitar o rosto e assumir o aspecto de um galã de cinema. — Que espécie de retrato faria comigo?

O artista observou atentamente o rosto grosseiro, a bôca cruel, os olhos estreitos.

— Vamos ver isso! — disse, finalmente — Quase posso garantir que o senhor vai querer o dinheiro de volta!

Holzer fêz uma ligeira careta de contrariedade ao mesmo tempo em que seu enorme pescoço ganhava um tom mais vermelho.

— Quem sabe? Talvez ganhe mesmo um novo freguês, velhinho! (Corrigiu os cabelos e foi sentar-se na cadeira, postada diante do cavalete) E' bastante pintar o meu retrato... como vou parecer, digamos... **daqui a uma semana!** — recomendou.



Mr. Eufrates assentiu com um movimento de cabeça e começou a desenhar. Durante dez minutos lutou com os **crayons**, como homem que procura desesperadamente o seu caminho. Rabiscou e tornou a rabiscar inúmeras vêzes. Estudou o rosto de Holzer de uma dúzia de ângulos. Não parecia encontrar o traço certo. Rasgou três es-



boços, depois de usar ativamente a borracha.

Holzer observava os seus esforços com satisfação crescente. Era de fato divertido ver o velhote suando e teimando sem conseguir executar o retrato.

Quando Jack chegou, não escondeu seu desagrado ao ver Holzer posando para o artista.

— Você! Com o retrato pregado em quase tôdas as paredes... e aí, calmamente sentado, deixando que lhe pintem o retrato! Você enlouqueceu?

— Calma, meu velho — disse Holzer — Isto é uma espécie de "antecipação"! A que horas tenho que estar com o doutor?

— Oito horas. Mas, pelo amor de Deus, vamos sair daqui! Tenho o automóvel ali adiante. Sabe o que acontecerá com você, se **êles** o apanham, hein?

— Claro! — disse Holzer friamente — Estarei mesmo **frito!**

Ao fim de mais dez minutos, Mr. Eufrates baixou os braços e preveniu:

— Está feito!



"— Tenho que dar uma **poeira** nesse "anjinho" — murmurou, entre dentes — Não posso levá-lo assim, nos meus calcanhares, até o encontro com Jake".

Enveredou loucamente por uma "fenda" do tráfego, com o carro-patrulha uivando em seu encalço, trezentos metros mais atrás. Quando atingiu a estrada livre, começou a esvaziar os bôlsos, atirando todo o conteúdo pela janela.

"— Se êle, afinal, me pegar, nunca saberá quem sou."

Lançou um olhar ao velocímetro, cujo ponteiro dançava frenèticamente entre as 70 e 75 milhas. As bandagens dificultavam um pouco a sua visão e tinha, que estar atento às indicações e chão da estrada.

"— Será que êle vai mesmo desistir? — continuou falando para si mesmo — na verdade começava a se enervar — E' preciso não perder a cabeça — pensava teimosamente, numa espécie de ladainha, como para se convencer — Se eu virar para Belmont e der a volta, a caminho novamente do centro..."

Foi quando Earl Holzer assim refletia que seu automóvel se espatifou entrando por baixo do colossal caminhão que estava parado junto do meio-fio com os faróis apagados e um pneu arriado.



Isso ocorreu justamente às 22 horas e 7 minutos da noite. Às 23 e 45, o **coroner**, seus assistentes e o policial patrulheiro olhavam para o

corpo atarracado, como o de um touro, estirado sôbre o frio mármore do necrotério. Ali, apenas coberto com o lençol, o corpo se apresentava horrível de ver.

— Afinal, quem é êle? — perguntou o **coroner**.

O policial ergueu os ombros.

— Lá sei! Quando o encontrei, em Bayshore, tinha nos bolsos 185 dólares. Só isso! Nem um papel; nenhum documento. Êsse dinheiro apenas, além de quatro palitos para dentes.

— Ouvi dizer que foi num choque de veículos... — disse o **coroner**.

— Um dos mais violentos que já vi — explicou o policial, movendo a cabeça com energia — Eu estava estacionado num cantinho estratégico de Turk Street, pronto para agir para o que fôsse necessário quando vi êsse homem surgir junto de um poste de iluminação, semelhante a uma múmia dentro das bandagens que lhe cobriam quase inteiramente o rosto. Quando me viu pareceu estremecer e recuou ligeiramente, como se não gostasse do encontro. Depois, entretanto, parou e acendeu um cigarro. Nesse instante alguma coisa caiu de um dos seus bolsos. Estava com o rosto tão enrolado em bandagens que não podia ver o que havia perdido. Por isso saltei do automóvel e fui apanhar o que caíra e, a seguir, corri para entregar-lhe. Porém, quando o chamei, êle desandou a correr. Naturalmente entendi que havia qualquer coisa **errada** e saí em sua perseguição. Êle saltou para o automóvel e antes de que voltasse para o meu já êle saía, **pisando** com vontade. Então começou a perseguição que só terminou quando êle se esborrachou contra o caminhão. Creio que perdeu totalmente a cabeça.

— Que foi o que caiu do bôlso dêle? — perguntou o **coroner**.

O policial desdobrou um pedaço de cartolina para desenho.

— Isto... Uma fôlha de papel quase inteiramente branca...

O **coroner** examinou o que lhe fôra entregue; virou o papel de um lado para outro e resmungou:

—Bem... Não está assim totalmente branca... Tem alguns rabiscos em baixo e no alto vejo um "M. E." enroscado...

Baixou a mão que empunhava o papel e tornou a olhar para o corpo estirado sôbre o mármore. Fôra um terrível acidente, mas as roupas estavam apenas ligeiramente desarranjadas.

— Como vamos poder saber quem era êle, doutor? — perguntou o assistente ao médico legista — Não há qualquer indicação, nenhum documento...

—Bem — respondeu êste. — Receio muito que só possamos dispor de um recurso para a identificação dêsse homem.

— Qual? — perguntou o **coroner**.

O legista ajustou os óculos e respondeu com calma:

— Pelas impressões digitais! Êsse homem **tinha** que ter um nome! Em algum lugar o encontraremos!

Não havia dúvida quanto a isso. Só as impressões digitais. Porque o homem que ali estava diante dêles, sôbre a pedra fria, **não tinha cabeça!**

ATIVIDADES CIENTÍFICAS

— Qual o esfôrço que pode fazer o cardíaco ou o tuberculoso? Até agora, essa pergunta não podia ser respondida, mas, recentemente, um médico indiano descobriu um método científico, mediante o qual o enfêrmo pode medir a capacidade de seu coração e levar uma vida normal e proveitosa, sem perigo de morrer devido à atividade física excessiva.

A Dra. Jean Walker Macfarlane, professôra de Psicologia da Universidade da Califórnia, acaba de terminar um estudo de crianças normais, no qual gastou vinte e quatro anos e que é o mais amplo já ocorrido na história das pesquisas científicas. A Dra. Macfarlane começou a estudar 260 famílias em 1928 e acompanhou o desenvolvimento dos filhos daqueles casais, desde seu nascimento até à maturidade. Entre as conclusões a que chegou a pesquisadora, destacamos as seguintes: as novas gerações não estão se degenerando; os testes de inteligência não devem ser levados muito a sério; as meninas aprenderem a mentir antes dos meninos.

Surgiram grandes esperanças de que os loucos recuperem a razão, graças a uma operação que consiste na ablação das glândulas suprarrenais. A finalidade original da operação era concorrer para o tratamento do câncer, mas observou-se que fazia melhorar tanto o estado mental quanto o físico, de pacientes que, além do câncer, sofriam de desequilíbrios nervosos. Aplicando-se o método a doentes mentais não atacados de câncer, verificou-se que também os mesmos obtinham melhoras. Um grupo de cientistas da Universidade de Chicago fêz uma comunicação nesse sentido, à Associação Americana de Psiquiatria, durante a reunião da mesma em Atlantic City.

— Será menino ou menina? Talvez esteja sendo encontrada resposta para essa pergunta, que sempre preocupou os pais. Dois cientistas norte-americanos anunciaram ter descoberto um exame de saliva que permitirá descobrir o sexo do nascituro.

Eis uma boa notícia para os automobilistas, especialmente para aquêles que se esquecem de experimentar as baterias de seus carros. Uma companhia de pesquisas de Miami afirma que as novas tampas por ela descobertas prolongam de 6 a 18 meses a duração das baterias. O motivo disso é que essas tampas estão cobertas por um material químico, o paládio, que torna a transformar em água o oxigênio e hidrogênio que procuram escapar, conservando a bateria sempre cheia, e, além disso, dissolve as emanações ácidas que corroem o metal.

Adeus... DINHEIRO!



(Episódio real)

QUANDO Lizzie Dean, uma velhota ainda robusta, foi despojada de um bom maço de ações ao portador ficou furiosa. Livrou-se tão depressa quanto pôde dos laços que a prendiam à cadeira e, correndo ao telefone público de seu pequeno **bar-restaurante**, ligou para a polícia:

"— **Acudam!** — gritou ela — **Meu neto acaba de fugir com 13.500 dólares que me pertencem!**"

Muita gente pode usar um telefone público em troca, apenas, de um níquel. Êsse telefonema, entretanto, iria custar a Lizzie muitos milhares de níqueis... (Mais de 450 mil dessas moedinhas!) Teria sido, portanto, muito melhor negócio, para ela, deixar que o seu ingrato neto continuasse em sua fuga, tranqüilamente, porque, nesse caso, o seu prejuízo teria sido apenas de 13.500 dólares!

Por sua vez, errando como a sua indignada avó quando se lembrou de telefonar para a polícia, Robert Hanief, o seu jovem neto, mostrava ser mesmo um ingênuo, pois procurava fugir... num "taxi"... Pobresinho!

Hanief fôra realmente um ingrato ao agredir e roubar a sua avó, senhora de sessenta anos e que o criara desde os dois anos, e o sustentara nestes vinte e cinco anos. Ajudado por Sam Smart, um camarada de rua, tão tôlo como êle próprio, amarrara a velhota numa cadeira e, ameaçando-a com um revólver, conseguira a indicação do local onde escondia a chave de um cofre particular, num banco, além de uma carta, autorizando-o a penetrar no recinto e retirar **valores**.

Feito isso, Hanief deixou Smart vigiando a avó e foi apanhar a importância (13.500 dólares), voltando então para reunir-se ao cúmplice, a quem pagou dois mil dólares pela ajuda prestada e, juntos, tomaram um "taxi" duas quadras além da casa, em Michigan City, no Estado da Indiana, mandando rodar para Gary, 25 milhas distante, pela estrada XX.

Em caminho, deixou Smart numa curva de estrada e continuou viagem, sòzinho, com a cabeça cheia de sonhos. Eram tantos os seus sonhos que, em sua cabeça não houve espaço para entrar a lembrança de que todos os "taxis" de Michigan City têm aparelho de rádio (receptor e **emissor**)!

E, por isso mesmo, não foi preciso muito trabalho para pegar o **trouxa.** Quando a vovòzinha telefonou para a delegacia, o Sargento Moldenhauer mandou o detective Stephenson imediatamente procurar a gerência da "Checker Taxi Company". A seguir, telefonou para o pôsto policial de Dunes Park, 10 milhas além, pela estrada XX, e pediu-lhe que estivesse atento a qualquer chamado.

No pôsto emissor da companhia de "taxis", o despachante, com a sua voz calma, diante do microfone, pediu ao **chauffeur** do carro em que Hanieff viajava que indicasse a sua posição. Pelo rádio o motorista deu a resposta pedida. Para o bôbo neto de Lizzie isso era coisa de rotina... De fato. De rotina... **policial!**

O detective Stephenscon telefonou para o sargento Moldenhauer, que por sua vez deu aviso a todos os postos policiais, que preveniram, pelo

NEM TÔDA PUBLICIDADE É FAVORÁVEL

rádio, as patrulhas de ronda. Em menos de vinte minutos o pálido e abobalhado Hanief estava metido entre as grades. A polícia não tardou a encontrar também o cúmplice, Smart, que trabalhava, tranqüilamente, numa fábrica de caixas de papelão.

No dia seguinte, 12 de fevereiro de 1947, os dois jovens delinqüentes eram acusados perante o tribunal de LaPorte, sendo o principal criminoso condenado a seis anos de Reformatório e o cúmplice a 1 ano e meio.

A vovòzinha, satisfeitíssima, recebeu de volta os seus 13.500 dólares e acreditou que tudo acabara bem, tratando de esquecer o desagradável incidente em que fôra tão maltratada.

Isso, porém, foi o que ela **pensou.** No entanto, aquêle chamado telefônico, para a polícia, iria custar-lhe os 13.500 dólares... e mais 9.200!

De fato, como era natural, o caso do assalto e da captura do seu neto, servira para encher o cabeçalho de alguns jornais. Muita gente leu o fato com interêsse e muita gente ficou deveras surpreendida. **Como pudera a velha Lizzie Dean, com o seu modesto bar e casa de lanches reunir tanto dinheiro?**

"**— Quando eu era moça,** dançava **nos cabarets!** — explicou Lizzie — **Êsses 13.500 dólares representam o dinheiro que sobrou dos 50.000 que então pude economizar.**"

Essa história não satisfez inteiramente à polícia e especialmente a alguns fiscais do imposto sôbre a renda, que resolveram examinar os livros e apontamentos de Lizzie — e também a sua conta bancária.

Êsses fiscais, geralmente, são homens quietos, de olhar frio e gostando de falar pouco. Do que viram e do dinheiro que contaram nada revelaram a Lizzie. Esta, porém, por intermédio do delegado do Tesouro, no Condado de LaPorte, recebeu, dias depois, um envelope lacrado e sob "protocolo".

Era a lista completa dos haveres, negócios e lucros de Lizzie Dean... e os correspondentes impostos e multas, devidos à União, desde 1942 até 1947!

Lizzie quase desmaiou de surprêsa e desespêro. Mas isso era apenas o começo dos seus dissabores.

A história dêsses impostos sonegados durante tantos anos também foi parar no cabeçalho dos jornais, pois Lizzie começava a ser figura popular. E tudo foi lido pelo **sheriff** local, Norm Reeg, veterano da Marinha de guerra e homem que estava decidido a limpar o condado de LaPorte de seus maus elementos. Entendeu que Lizzie não podia estar fazendo tanto dinheiro, vendendo café-com-leite, pão, manteiga e açúcar, para o lanche dos trabalhadores e decidiu fazer um inquérito cauteloso.

Logo no dia seguinte, Lizzie foi multada em 25 dólares e condenada a um mês de cadeia pela justiça local... **por entreter uma casa de tolerância.** Uma de suas ex-empregadas tudo revelou à polícia.

Em 27 de maio do mesmo ano Lizzie pagou os impostos, depois de gastar um dinheirão inùtilmente, com advogados. Segundo os jornais revelaram o imposto, com as multas, atingiu a 22.702 e 39 centavos (cêrca de quinhentos mil cruzeiros).

Os agentes de publicidade costumam afirmar aos seus clientes que **"Tôda e qualquer publicidade é sempre boa publicidade".** Lizzie Dean poderia provar-lhes o contrário, relatando o seu próprio caso!



A MENSAGEM INDECIFRÁVEL

(UMA ANEDOTA DO PERÍODO DA GUERRA)

A jovem e linda criatura que tinha o pôsto de 1.º tenente no Corpo Auxiliar Feminino era realmente sedutora e o jovem aspirante, que a substituía nos serviços de comunicações noturnas, ficou muito impressionado. Por isso mesmo prestava muita atenção à colega, não perdendo um só detalhe do seu rostinho e muito menos do seu físico, do seu caminhar, etc... e nenhuma às instruções que ela lhe dava com referência às mensagens que ainda estavam para ser decifradas. Uma noite, depois que ela se retirou o aspirante respirou profundamente, sentando-se, a seguir, para começar o seu trabalho. Logo de início os seus olhos encontraram uma curiosa mensagem batida à máquina, numa das fôlhas habituais. Era coisa curta. Infelizmente não tinha cabeçalho, nem prefixo... nada! Possìvelmente aquêle era um código que ainda desconhecia. Tentou decifrá-lo, mas em vão. Então começou a ficar nervoso, para acabar verdadeiramente em pânico. Aquilo bem podia ser algum aviso da patrulha aérea costeira, anunciando o ataque a algum comboio. Tentou recordar o que lhe dissera a lindíssima colega, mas apenas pôde recordar a côr dos seus olhos e o seu jeitinho de deitar a cabeça, quando escrevia. Finalmente, não se contendo, decidiu telefonar para o dormitório das mulheres e, depois de pedir muitas desculpas, esperou, ansioso, que ela respondesse, do outro lado da linha, à "mensagem" que êle lia, apressado:

— M2 P1 AL1 M2 PASSA SÔBRE AL1 1 PL SÔBRE M2 VOLTA M2 ATÉ FIM.

— Oh!... *isso?* — respondeu ela, desdenhosamente — Eu apenas estive ensinando *tricot* a uma colega!

Negócios Confidenciais



AQUILO bem podia, de fato, ser coisa perfeitamente inocente, assim como uma pura e simples retirada de dinheiro a fim de efetuar a compra de alguma casa ou coisa semelhante. Porém o detective Harry Cronce sabia que também podia tratar-se de algum "golpe" qualquer, provocado por algum vigarista de fama, e assim decidiu ficar alerta. Como membro do Departamento de Roubos e Fraudes, do Corpo de Detectives de Milwakee, era seu dever investigar. E oxalá fôsse mesmo um negócio honesto!

O detective Cronce se encontrava numa agência bancária do bairro sul da cidade, no seu serviço de rotina, quando notou que um homem idoso recebia num dos **guichets** pagadores uma grande bolada em notas de cinqüenta e cem dólares, que agora contava, uma a uma, cautelosamente.

Segundo era costume dos detectives quando trabalhando em bancos de grande movimento, resolveu seguir discretamente o indivíduo até à rua; ali chegando viu que o homem idoso se juntava a um outro indivíduo, muito mais moço, que o aguardava na beira da calçada.

Para o olhar experimentado do detective Cronce, qualquer coisa na atitude "calma" e "desinteressada" do segundo personagem fêz nascer em seu cérebro a suspeita: **conto do vigário!**

Imediatamente foi procurar o seu colega, Joseph Hayward e contou o que acabara de assistir. Juntos, os dois detectives decidiram acompanhar, a discreta distância, os dois homens que agora seguiam pela calçada, conversando animadamente... **e na direção de outro banco.**



Mais uma vez, o homem idoso penetrou no estabelecimento, enquanto o outro ficava esperando, junto da porta. Penetrando também no banco, Cronce viu quando o homem idoso enchia um cheque e retirava grande quantia em notas de cinqüenta dólares, contava-as demoradamente e, retirando-se voltava a reunir-se ao companheiro, na calçada. Preparavam-se para encetar nova caminhada, quando Cronce e Hayward se apresentaram.

O homem idoso imediatamente revelou sua identidade; tratava-se de Ernst Dankwardt, comerciante aposentado e que acabava de regressar de um período de férias na Flórida. O seu jovem companheiro declarou chamar-se Raymond E. Greer, vendedor de novidades por conta de grandes fábricas de Atlanta, na Geórgia. Mas, já a essa altura, os detectives estavam convencidos de que se tratava mesmo de "conto do vigário" ou de outro golpe que estava sendo preparado contra o rico comerciante. Assim decidiram conduzir os dois homens para a delegacia, principalmente depois que se mostraram tão relutantes em explicar para que estavam retirando tanto dinheiro dos bancos.

Na polícia central, o rosto de Greer — e suas impressões digitais — **casaram** perfeitamente com o rosto e as impressões digitais de um indivíduo ali registrado como Adrian L. Dudley, fugitivo da prisão federal de Atlanta, detentor de um verdadeiro record de prisões por fraudes, pequenos furtos, falsificações e prática do **conto do vigário** — e com a anotação: "possìvelmente armado; perigoso".

Muito surpreendido com essas revelações, Dankwardt contou tôda a história. Retirara-se do serviço comercial em 1949, tendo bastante dinheiro depositado em diferentes bancos e sendo proprietário da sua casa residencial em Milwaukee. Não apreciando o rigoroso inverno da sua terra, decidira passar um mês na Flórida.

Ali encontrara aquêle rapaz simpático e palrador, que se apresentara como Greer, negociante de Atlanta, também em férias. Uma boa camaradagem se desenvolvera ràpidamente entre êles que resolveram jantar num dos melhores restaurantes para festejar o feliz encontro. Ali, quando comiam, Greer repentinamente curvara o corpo para um lado e voltara à posição normal tendo em mão uma

EPISÓDIO REAL

carteira contendo 45 dólares em notas. Com o dinheiro havia um cartão de visitas com o nome do seu proprietário, Otto Schultz, e o seu endereço.

Imediatamente Greer sugerira que fôssem ambos visitar Schultz e restituir-lhe o dinheiro. Impressionado com essa prova de honestidade, Dankwardt concordou. Encontraram Schultz num hotel e fizeram a entrega do dinheiro no próprio quarto do visitado, que não escondeu a sua satisfação, felicitando a ambos por sua honestidade e cavalheirismo. Não era pelo dinheiro que se alegrava — segundo explicou, apontando para um grande **bôlo** de notas, atirado sôbre a mesa — mas apenas pela gentileza. E, repentinamente, como se fôsse assaltado por uma boa idéia, Schultz declarara que **o gesto dos dois visitantes merecia ser premiado** e que, para retribuir o favor, êle trataria de ajudar também os visitantes. Estava **associado** num negócio seguro. Uma "barbada", preparada para determinado páreo do hipódromo e que daria de lucro 100.000 dólares, **se cada um quisesse entrar com 10.000 dólares.**

Dankwardt e Greer conversaram alguns instantes e decidiram que aquela era uma oportunidade que não podiam perder. Greer declarou que tinha o dinheiro ali mesmo, na cidade, mas que acompanharia com prazer o seu amigo Dankwardt a Milwaukee, para que fôsse apanhar o seu dinheiro, voltando os dois, a seguir, no trem imediato. Então iriam a Chicago, com o dinheiro e ali o dariam a Schultz para que êste último fôsse fazer o jôgo.

Logo chegados a Milwaukee, Dankwardt e Greer tinham ido ao primeiro banco retirar o dinheiro. E fôra então que o detective Harry Cronce os avistara pela primeira vez, logo desconfiando da sua manobra.

A polícia do Milwaukee iniciou imediatamente dois processos contra "Greer", sendo um por abuso de confiança e outro por tentativa de fraude. Qualquer dos dois delitos significava prisão de um a três anos.

Outro processo foi iniciado contra "Schultz" — imediatamente identificado por seu comparsa como sendo Douglas Raymond, muito conhecido como vigarista e batedor de carteiras pela polícia de New Jersey. Estava, mesmo, sendo procurado pela polícia local por vários delitos.

Assim os detectives Cronce e Hayward puderam livrar um atônito mas agradecido comerciante, retirado dos negócios, de um **saque** colossal, mandando ao mesmo tempo para a "sombra" dois malandros perigosos e dando mais tranqüilidade por algum tempo à sociedade.

* *



ANTOLHOS PARA TOUROS — Essa foi uma idéia de um criador de Hagerstown, Midlands, para que o seu touro Hereford não continuasse a rasgar o próprio couro nas cêrcas de arame farpado para ir namorar as vacas dos pastos vizinhos. Com êsses antolhos o touro pode ver o terreno que pisa e encontrar o que comer, mas não fica tentado pelos olhares das suas vizinhas.



FILTRO DE SAL — Trata-se de uma esfera de plástico Vinylite, com vinte e quatro polegadas de diâmetro e que tira o sal da água do oceano, tornando-a bebível. Absorve o sal e evapora a água sem o resíduo salgado. Depois os vapores se condensam em água fresca numa câmara-reservatório. Pode produzir cêrca de quatro litros diàriamente.

O CORAÇÃO DE LUÍSA

Romance de HENRY GRÉVILLE

Tradução de NICOLE PASCHIER

— Não sei... — disse Aliette, sem coragem de tomar uma decisão.

Levantou-se e arrumou os cabelos, que se desprendiam fàcilmente como os de sua mãe.

— Aliette — voltou a falar a Sra. Mornand — Lúcia é muito mocinha... mas, caso fôsse amada por um excelente rapaz, você acha que seria sensato desaconselhar o casamento?

Aliette deixou cair as mãos, que prendiam os grampos.

— Lúcia? A minha Lúcia? Oh!... Então é por isso que ela vive, ùltimamente, cantando como um passarinho? Oh, minha boa amiga! E' claro que, **se a senhora conhece e se êle merece o coração da minha adorável e boa irmãzinha...** que sejam felizes! E o mais depressa possível! Enquanto meu pai está disposto a deixar realizar o casamento de uma de suas filhas, aceitará mais provàvelmente o de outra...

— E você?

— Eu, não se conta — disse Aliette simplesmente — Que faz... o rapaz que gosta de Lúcia?

— E' um moço violinista, rapaz muito distinto; meu marido tem grande confiança em seu futuro; aliás, é pessoa de recursos, oriunda de abastada família...

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Na velha cidadezinha de Bayeux, tranqüila e provinciana, apesar dos seus ares de nobreza, que não quer abandonar, vive a Sra. Belfroy, viúva de regular fortuna, em companhia da filha, a adorável Luísa, a quem adora. Em criança, durante uma pequena excursão marítima, Luísa sofrera um grande choque. Repentinamente prêsa de incêndio, a embarcação em que viajavam estêve prestes a naufragar com todos os seus passageiros, que se salvaram por milagre, quando tudo já parecia perdido. A partir de então, com raras exceções, tôdas as noites Luísa despertava tôda a casa com os seus gritos de incêndio, fogo, etc. Porém continuava dormindo e só acalmava quando a Sra. Belfroy a cercava em seus braços, murmurando em seus ouvidos palavras carinhosas, como se faz com as crianças. O Dr. Brochaux, velho médico e amigo da família, que a vira nascer, sempre afirmara que êsse choque nervoso desapareceria quando tivesse a vida nova proporcionada pelo casamento. E agora mesmo a Sra. Belfroy teimava em arrancar da filha a decisão : aceitava ou não o jovem Jacques Rieul, empregado num banco local, para marido? E Luísa, que já tivera dez pretendentes e vira todos recusados por sua mãe, via agora esta apressada em casá-la com Rieul, menos brilhante que os anteriores, como se ela fôsse uma solteirona e não tivesse apenas dezenove anos. Luísa desposou Rieul, sendo abençoados por Monsenhor, para quem Luísa bordara uma véstia maravilhosa. No mesmo dia, no correr da festa oferecida pela viúva, Rieul revelou ser egoísta, autoritário e ciumento, conquistando, assim, a geral antipatia dos convidados, e causando à sua noiva, à sua sogra e ao velho médico as primeiras apreensões. Rieul é sêco no falar, autoritário, e vive torturando sua jovem espôsa com o seu ciúme doentio. Após a lua-de-mel vão residir com a Sra. Belfroy, mas não tarda a haver um sério choque de autoridade entre genro e sogra, com maior sofrimento para Luísa, principalmente depois que os "sonhos" voltam a perturbar o seu repouso. Êsse fato é mesmo motivo para ser maltratada pelo marido, que não hesita em declarar que aquilo pode ter um fundo de loucura. O Dr. Brochaux intervém e pede a Rieul que se mostre mais humano e carinhoso, e êle próprio faz questão de atender à pobre Luísa, que esperava o primeiro filho. Dias passados, Rieul lembra à sogra o pagamento do dote e esta o envia ao tabelião onde Jacques sofre uma dolorosa surprêsa. O pobre homem acabara de praticar o suicídio. Estava falido ! Perdiam-se, assim, os cem mil francos de dote. Porém a Sra. Belfroy resolve vender a casa e pagar o dote ao genro, indo ela morar num apartamento acanhado, enquanto Rieul decide ir tentar a vida em Paris, separando assim mãe e filha. Oito dias depois, um telegrama do médico chama Luísa e Rieul apressadamente, a Bayeux, onde a Sra. Belfroy passava muito mal. Rieul não atende ao chamado com a urgência solicitada e quando Luísa chega em sua companhia à sua cidade natal, sua mãe já estava morta. Isso pouco mais rendeu ao ambicioso Rieul e êste se queixa tanto que Luísa decide trabalhar, bordando para conseguir mais algum dinheiro para a casa, embora o médico a proíba, por enquanto, devido a estar a jovem espôsa prestes a ser mãe. No intuito de melhor proteger Luísa, o Dr. Brochaux decidira deixar-lhe todos os seus bens, porém, embora conhecesse o seu mal, não agiu tão depressa como a morte que o levou antes de haver assinado o testamento. Era a segunda derrota de Rieul, que via outra fortuna fugir-lhe das mãos. Agora, com três filhas e um filho, o casal vivia modestamente, Luísa costurando, auxiliada por Aliette, a filha mais velha. O ciúme de Rieul continuava, porém, inalterável, envenenando sempre a existência de Luísa. Aliette, já mocinha, sofria com a mãe e se torturava ao ouvir o pai, por qualquer coisa, afirmar que sua mãe era doida. Com isso apenas conseguia piorar o estado da infeliz, que continuava a sofrer os sonhos terríveis, que a deixavam prostrada. Um rapaz, Richard, morador no mesmo prédio, se interessava por Aliette e, num fim de tarde, quando Luísa e suas filhas arrumavam a mesa para o jantar, êle se apresenta para uma visita, anunciando que vai viajar pelo estrangeiro e vinha fazer as suas despedidas. Retira-se quando Rieul chega e êste anuncia à família que todos farão uma viagem de fim de semana, para assistir às manobras navais em Cherburgo, o que é recebido com alegria pelos filhos mas sem grande satisfação por Luísa, que preferia viajar até Bayeux. No dia seguinte Richard surge novamente e confessa a Luísa que ama Aliette e que vai viajar para ganhar mais dinheiro. No regresso pretende desposá-la. Luísa pede-lhe que guarde segrêdo, por enquanto, pois seu marido jamais aceitaria um genro que ela própria escolhesse. Aliette, por sua vez, informada do pedido, recusa aceitá-lo, entre lágrimas, declarando que jamais abandonaria sua mãe. Luísa consola Richard afirmando que também sua filha o amava. Que esperasse até ao seu regresso, quando Aliette seria maior de idade e tudo se resolveria com ou sem a vontade do marido. Ao chegar, Rieul sabe da nova visita do rapaz e logo é assaltado pelo ciúme, acusando a espôsa de estar de namôro com o vizinho. Insultada, Luísa protesta com veemência, sem, porém, declarar a verdade, para não prejudicar Aliette.

— Oh! A sonsinha! ... — exclamou Aliette, rindo e chorando ao mesmo tempo — Eu bem havia notado que ela passara a adorar a música, nestas últimas semanas... Tinha que acabar assim mesmo.

— Bem... Se você também aprova, trataremos disso mais tarde. O que importa saber, agora, minha querida, é a respeito dêsses papéis tão necessários. Como poderemos obtê-los?

— Há de ser muito simples... caso meu pai consinta! Mamãe tendo encontrado a morte nessa catástrofe de estrada de ferro, embora não sendo encontrada ou reconhecida, ninguém terá coragem de recusar uma declaração de... não sei que nome dão a isso... Enfim: o que falta para que o casamento se realize é substituir o consentimento de minha pobre mãezinha... O pior é que papai não quer reconhecer que ela esteja morta! **Não quer...** — entende? Jamais a senhora poderá saber o quanto tenho sofrido desde aquêle dia! Se não fôsse Lúcia, sem o sentimento dos meus deveres de filha e de irmã, não teria podido suportar!

A delicada beleza de Aliette havia tomado um aspecto trágico ao recordar tantas horas de agonia e desespêro. Porém logo se acalmou. A Sra. Mornand, que a observava com o carinho de sempre, teve os olhos úmidos de piedade. Admirava Aliette por sua honestidade, sua sensatez e sua resignação. Agora, porém, emocionada, como também ela estava, não sabia o que aconselhar.

— Vou tentar mais uma vez, esta noite — disse Aliette, antes de retirar-se — Elisa tem que casar e é preciso também pensar no casamento da minha adorada Lúcia... Por isso mesmo tenho que me arriscar a ouvir brutalidades e grosserias... Enfrentarei a cólera de papai.

— E seu irmão? Êle devia ajudar você nesse trabalho de convencer o Sr. Rieul...

Aliette, porém, moveu a cabeça negativamente.

— Foi êle, Alberto, quem veio correndo anunciar a meu pai que tinha visto o Sr. Richard... Não poderia ter vindo falar comigo, antes, conhecendo perfeitamente êsse terrível e doentio ciúme de papai? Não falemos de meu irmão, por favor. E' mais um inimigo que temos dentro de

---

Depois de uma cena violenta, Luísa sofre nova crise e é consolada por Aliette, com quem dorme essa noite, para ter cuidados especiais. Ao amanhecer, Rieul ordena à família que faça os preparativos para a viagem a Cherburgo. Chegados, porém, à última hora, instalam-se em lugares distantes uns dos outros, ficando Luísa e Aliette no compartimento especial das senhoras, enquanto Lúcia e Elisa, junto de Richard, no mesmo vagão, indo Alberto e Jacques para um dos últimos carros. Pouco antes do amanhecer, em plena noite, um dos carros é prêsa de incêndio. Justamente o das sensoras. Richard, um dos primeiros a notar o sinistro, salta de carro em carro, a fim de ir até a locomotiva prevenir o maquinista, que detém o comboio. Ainda Richard, no meio do enorme braseiro, salva Luísa, Aliette e Lúcia, lançando-as do vagão, pouco antes do comboio parar completamente. Depois, no meio da confusão geral, dos gritos de desespêro, os sobreviventes buscam os seus parentes e amigos. Richard, porém, tem que prosseguir imediatamente, para não perder o navio que o levará ao Prata. Antes, porém, encontrando Aliette só, volta a falar do seu amor, e nessa suprema entrevista Aliette promete esperar pelo seu retôrno. Pergunta-lhe, a seguir, por sua mãe e Richard afirma que a vira sem qualquer ferimento, dirigindo-se, quase a correr, na direção oposta. Rieul, Alberto e as duas filhas também procuram Luísa. O mecânico contou o que sabia e elogiou a conduta de Richard que, com seu gesto ousado, evitára que a catástrofe fôsse maior. Porém onde estava o herói? Ninguém mais o viu. Por isso foi êle somad entre os desaparecidos na catástrofe. Já o sol ia alto quando os trabalhadores começaram a limpar as linhas. Luísa não fôra encontrada. Já alguns passageiros, que haviam sido prêsas do pânico e fugido para o campo largo, começavam a voltar. De Luísa, entretanto, nenhuma notícia. Esta, na verdade, prêsa de estranha vertigem, imaginara que a tôrre da igreja que avistava à distância era a de sua querida Bayeux e decidiu correr para ela, fugir de Rieul, da escravidão... Fugir para poder morrer e descansar para sempre... Um sacerdote a recebe, sob o pórtico e justamente ali, a seus pés, Luísa tomba morta. Quem era a desconhecida? No lugar surgem velhas comadres que afirmam conhecê-la. É uma estranha criatura que vivera na cidade muitos anos antes e como as iniciais de Luísa, bordadas em sua roupa, coincidem com as da outra mulher, a pobre Luísa é enterrada como sendo a ex-habitante do lugar. Porém, como não há absoluta certeza, a cruz do seu túmulo tem apenas as iniciais : "L.B.". Por sua vez, a família Rieul continua no apartamento. Jacques teima em negar a morte de Luísa, afirmando que ela simplesmente fugira. E assim, depois de Luísa, começa o calvário de Aliette, que sofre com a injustiça que continua a perseguir sua mãe, mesmo depois de morta. A' Sra. Mornand recebe cartas de Richard e vai mostrá-las à pobre orfã, que se alegra mas nada promete, pois sabe que suas irmãs, agora, precisam dela. Richard, que chegara à França para atender a uma obrigação do serviço militar, percorre, em bicicleta, a região onde ocorrera o desastre e termina chegando à igrejinha onde, com o que ouve do cura e o que lê na pedra tumular, tudo descobre sôbre o fim de Luísa Rieul; tendo ainda alguns dias de folga, prolonga sua estada no lugar, onde faz amizades e conhece novos e dolorosos detalhes da morte da mãe de Aliette. Ali também conhece Seraphine, justamente a jovem que se encarregara de zelar pelo túmulo da morta desconhecida. Entre ambos surge boa camaradagem, que Richard procura manter apenas nisso, embora da parte da camponesa pudesse ir mais além e chegar ao amor. Richard, entretanto, afasta-se depois de aconselhar a adolescente e promover entre ela e o pai, homem rude mas de bom coração, um melhor entendimento, garantidor de dias melhores para Seraphine. Ficando só, Richard mergulha as mãos no fundo da pequena bacia da fonte, para refrescar-se e... encontra a aliança de Luísa Belfroy. O que faltava para reconstituir o drama. Na residência de Rieul a vida continuava bem triste para Aliette, entre os deveres de irmã mais velha e a falta de delicadeza do pai. Com surpresa geral, Elisa vem anunciar que há um senhor que a quer por espôsa. Negociante na província, rico e honesto. É preciso falar com Rieul. Êste consente em receber a visita do candidato e fica tudo resolvido satisfatòriamente. No dia seguinte ao pedido, Elisa exige do pai os papéis atestando a morte da mãe, sem o que não poderia casar. Rieul sofre muito mais pela maneira como é feita essa exigência. Aliette procura intervir e êle, pela primeira vez, agradece sua intervenção e tem palavras de carinho para ela. No dia imediato, à convite da Sra. Normand, Aliette e Lúcia vão a um concerto, pois há alguém na orquestra sinfônica que roubou o jovem e meigo coração de Lúcia. Num intervalo surge Richard. É um rápido encontro entre êle e Aliette, tudo arranjado pela boa vizinha. Um boa noite e nada mais. Na manhã seguinte, porém, Alberto volta do trabalho e logo anuncia a Rieul que "Richard estava de volta ! Vira-o na rua !". A notícia lança Rieul num acesso de furor que chega às raias da loucura e porque tenta defender a memória de sua mãe, Aliette é ameaçada de agressão. No dia imediato a Sra. Normand anuncia que Richard estará definitivamente em Paris dentro de cinco dias, pois tivéra que se ausentar...

casa, pode crer! Tentarei mais uma vez, sòzinha. E hoje mesmo, se houver uma oportunidade.

E, realmente, aproveitando um instante em que Jacques Rieul, triste porém calmo, fumava seu cigarro, após o jantar, ela falou com a sua meiga voz aveludada:

— Meu pai... Êsse papel, tão necessário para o casamento de Elisa... O senhor não poderia obtê-lo por intermédio da Companhia da Estrada de Ferro?

Rieul voltou para a filha o seu rosto grave e castigado pelo sofrimento.

—Eu mesmo irei... — disse êle, reticente.

— Irá...?

— Sim. Irei ao local onde... onde aquilo aconteceu! E passo a passo, vala a vala, moita a moita... percorrerei todo o caminho que tua mãe percorreu... para nos abandonar... Hei de encontrá-la, juro! Hei de encontrá-la, só... ou acompanhada. Mas encontrarei! Encontrarei, sim! Ela mesma... ou seus traços.

XXIII

Dois dias depois, realmente, Jacques Rieul, que quase nunca solicitava licença, havia conseguido uma; tratou, então, imediatamente, de comprar uma pequena valise e, sem dar qualquer outra explicação a quem quer que fôsse, saiu e foi apanhar o trem da noite, de maneira a chegar a Bayeux quase ao amanhecer. Desejava ter todo um dia à sua frente, a fim de realizar inquéritos e fazer visitas tão necessárias como inúteis, em seu caso particular.

Com uma paciência rara, que chegou mesma a surpreender os próprios funcionários — prestou-se a tôdas as formalidades, respondeu a tôdas as perguntas — mesmo as mais embaraçosas:

— Por que motivo o senhor só agora se lembrou de vir indagar?

— Eu esperava que minha espôsa não estivesse morta — disse êle — não podia resignar-me à idéia de que estivesse realmente morta; hoje ainda, não quero acreditar — e não creio!

E o dia assim decorreu, muito lento e muito penoso. Por mais de uma vez êle se voltou para um lado e para outro, como se esperasse encontrar ao seu lado um amparo, um socorro, o olhar doce e meigo de Aliette...

Mas Rieul estava só. Muito só. Irremediàvelmente só!

Chegada a noite, estonteado, com o coração dolorido, foi dormir num hotel qualquer e, na manhã seguinte, bem cedo, voltou a apanhar o trem para a estação mais próxima do local onde ocorrera a irreparável desgraça.

★

Era uma manhã de outono, suave e morna como só Paris pode apresentar nessa estação; o ar vinha beijar as faces como uma carícia, os pássaros cantavam incessantemente nas árvores ou nos prados lisos; ainda brilhavam as ameixas negras, formosas como frutos de ônix.

Porém Rieul nada ouvia; nem sequer olhava para o alto; procurava na terra o lugar onde tempos antes êle e sua família tinham vivido longas horas de horror e cujos detalhes estavam presentes em sua memória.

Caminhando sôbre o leito da linha férrea pôde encontrar, sem grande esfôrço, o local exato: uma piedosa mão havia erguido sôbre o ponto do desastre, em que tantas vidas se haviam perdido, uma simples cruz de pedra, a poucos passos dos trilhos, ali mesmo onde a jovem mãe, causadora do sinistro, encontrara a morte com o seu filhinho.

Um arrepio sacudiu violentamente os ombros de Rieul.

..."— **E se, realmente, Aliette estivesse com a razão? Se Luísa, o amor imenso — brutal, talvez, mas imenso e doentio — o amor imenso de seus anos de mocidade, a companheira do seu outono, tivesse morrido ali mesmo, queimada e esmagada?**

Êle a amara, sem dúvida. Bem ou mal, mas amara loucamente; e já lá iam quinze meses que a adorada criatura, que aquêle rostinho emagrecido, a elegante e frágil silhueta haviam desaparecido da sua vida! Todo êsse tempo havia passado desde aquêle primeiro dia de agonia em que encontrara a casa vazia e fria, a casa em que passara a sofrer cada vinte e quatro horas, principalmente quando estava mais calmo.

Quanto ódio, quanta cólera desesperada, quantos pensamentos negros o haviam perseguido, noite e dia, desde então...

Repentinamente Jacques Rieul sentiu que estava cercado por silêncio profundo.

Estava só. Em todo o campo em redor, nem uma só alma. Sob o calor do meio dia, até mesmo os pássaros dormiam; deitados sôbre o relva-



— Desculpe, senhora... Vejo que esqueci o dinheiro nas calças de meu marido.

do, os animais de grande porte ruminavam sem ruído.

Rieul estaçou, como paralisado por uma fôrça irresistível.

Olhou lentamente em tôdas as direções e em seus ouvidos sentiu bater o próprio coração. Que fôra feito daquelas vozes do inferno, que tanto uivavam dentro dêle em suas horas de cólera?

Nem dentro dêle, nem fora! Nada se movia ou tremia; a natureza parecia haver parado em sua faina e agora estava calma, absolutamente calma — como o seu antigo furor.

Rieul foi sacudido por novo arrepio e sentiu mêdo; segundos depois, descobrindo-se, com os pés como pregados ao solo, curvou a cabeça diante da pequenina cruz.

O calor do sol sôbre os seus cabelos, arrancou-o do seu torpor. Tornou a cobrir a cabeça com o chapéu e examinou os arredores, fazendo concha com a mão, sôbre os olhos.

Uma estrada. Uma só. Do outro lado da via férrea apenas prados ainda cobertos de água, invadidos pelo mato alto. Ninguém poderia fugir por êste lado. Do lado da cruz, ao contrário, a estrada dobrava, subia sempre para um montículo e corria, a seguir, para o norte.

Rieul não hesitou por muito tempo. Na sua opinião se êles haviam realmente fugido, os fugitivos só podiam haver seguido êste caminho **para o norte.**

Um relvado, mais novinho, fechava o solo, deixando apenas uma passagem estreita, ao centro; sim... Era aquêle realmente, o caminho!

Quanto mistério nesse silêncio e naquele lugar, sob um sol tão grande, tão alto e tão forte... Jamais o marido de Luísa imaginou que um homem — êle próprio — pudesse sentir mêdo angustiante, em pleno dia, num país civilizado...

Era o silêncio, sem dúvida; o silêncio da campina, que os habitantes de Paris não conhecem...

Um pássaro perdido passou sôbre a sua cabeça com um grito assustado e Rieul compreendeu que o medonho silêncio não estava na natureza, mas nêle próprio, **em sua alma!**

Haviam emudecido as paixões condenáveis e más, diante daquele lugar de martírio e de morte! E aquilo era mais do que êle podia suportar.

Rieul fugiu, correndo, sem olhar para trás ou para os lados, tanto aquêle local de tragédia lhe parecia intolerável.

Correu, assim, uma centena de metros, sôbre a mesma estrada que Luísa percorrera rasgando as meias e ferindo os pés; depois, envergonhado, deteve-se e forçou a si próprio a voltar-se e a olhar...

Ninguém!

Retirou o lenço do bôlso para secar o suor que inundava a sua fronte e procurou raciocinar: **"— Que fôra ali fazer? Por quê?"**

Na verdade, nada mais sabia, agora; e sua presença sôbre essa estrada parecia-lhe o resultado de um acesso de loucura.

Que esperanças podia ter, de fato, de encontrar Luísa após tantos anos? E se a encontrasse, que lhe diria?

Procurou em vão tornar a despertar as vozes coléricas: estas, entretanto, não corresponderam ao seu apêlo desesperado.

Sob a grande paz do céu, depois de haver tornado ao local do drama, onde havia, misturada com a brita e a grama que formava o leito entre os trilhos, um pouco de cinza dos mortos, invisível talvez, mas presente e real, êle se sentia incapaz de ressuscitar o seu ódio e de clamar por vingança.

Curvou-se para limpar o pó que manchara os seus joelhos e a seguir, titubeante, sem bem saber o que desejava, caminhou para a frente.

E foi assim que Jacques Rieul percorreu, num mórno dia de outono, o mesmo caminho seguido pela mãe dos seus filhos em sua demente agonia.

Passou diante das casas abandonadas e em ruínas, onde Luísa se havia escondido, quando acreditara estar sendo perseguida.

Também ali reinava o silêncio; os quartos baixos, sem portas nem janelas, estavam vazios, abertos e negros; os celeiros também vazios tinham aspecto desolado; alguns degraus de escada, deslocados e podres, pendiam como após um incêndio ou um furacão...

Tudo era tristeza e ruína, como no seu próprio coração. Rieul foi sacudido por um terceiro e mais forte arrepio e recomeçou a caminhar, agora mais vivamente.

Quão longa, sinuosa e deserta era aquela estrada! Sempre torcendo para um lado ou para outro, como se não soubesse onde ir parar ou parecendo não dever jamais chegar a algum lugar.

Assim ocorre nas regiões de criação de gado: apenas vastas extensões desertas e, principalmente naquele ano, quando a febre aftosa havia devastado o gado. Os prados, mais que nunca, pareciam abandonados.

De tempos a tempos, outra estrada cruzava aquela que seguia. Rieul, porém, teimosamente, seguia para o norte, levado por uma inconsciente vontade. Atingiria o mar, mais cedo ou mais tarde e diante do mar aquêle encantamento cessaria; havia de ver — **precisava ver** — alguém, nem que fôsse um guarda da alfândega!

Não tardou, realmente, a encontrar-se num ponto bastante elevado, dominando o horizonte. Então, viu o canal da Mancha, brilhando a seu pé. Estava, porém, ainda só. As vagas vinham quebrar-se em baixo, contra os rochedos, com um som cristalino, frágil e incessante. Mas tão distante que parecia vir de um sonho... ou de um outro mundo.

Rieul olhou a imensidade e sentiu-se repentinamente cansado, terrìvelmente vencido pela fadiga — e miserável, pequenino, um nada, insignificante. Também tinha fome, pois nada havia comido desde que deixara a estação, pela manhã. A sêde, então, era agora uma tortura...

Já o sol descia sôbre o mar e dentro de poucas horas seria noite. Onde poderia encontrar um lugar para passar a noite? Havia deixado a sua valise no depósito da estação, não imaginando que caminharia tanto sem encontrar um rosto humano.

Nesse instante aquêle homem frio e duro se sentia prestes a chorar, como uma criança perdida, temendo o arrepio glacial da noite.

Voltou-se para examinar a campina e avistou, muito próximo, o torreão da igrejinha de Louvières.

Súbita alegria invadiu seu coração e foi com passos leves e rápidos que se encaminhou para êsse eterno refúgio dos homens. Iria, enfim, encontrar-se com sêres semelhantes a êle!

Quando já atingia as primeiras casas modestas, avistou a fonte; e como já fôra feito por Luísa, Rieul bebeu e a seguir refrescou o rosto na água na qual enterrou as mãos com delícia.

Uma mocinha carregando um vaso de cobre vinha caminhando em sentido contrário; uma vaga recordação bíblica subiu ao seu espírito. Deteve com um gesto a modesta Seraphine, perguntando:

— Por favor, minha filha, como se chama esta aldeia?

— Louvières — respondeu a mocinha.

Ele a fitou, um instante, deslumbrado. Nela encontrava alguma coisa de Luísa. Não que a camponesinha se parecesse com a morta, mas a graça do caminhar, a meiguice da voz, um encanto indefinível, feito de paciência e de bondade, lembrava a Rieul a espôsa da sua mocidade.

— Quem mora aqui? — perguntou êle, sem saber formular uma pergunta que, para si mesmo, era bem pouco clara.

— Os de nossa casa — respondeu ela, surpreendida e talvez ligeiramente atemorizada.

Rieul a examinava com uma atenção singular. Por que essa mocinha de vinte anos, no máximo, recordava tanto sua espôsa?

— Há... estranhos nesta aldeia? — perguntou êle repentinamente, voltando a si, saindo dessa espécie de sonho em que vivia nas últimas horas.

— Estranhos?... — repetiu Seraphine — No verão costuma vir, sim; vem gente de Bayeux, para tomar banhos de mar ou em viagem de núpcias... Mas não temos ninguém, agora... Nenhum estranho...

Rieul ficou pensativo. O fio se rompia! Êle caminhara com a convicção indistinta mas profunda de que havia de encontrar os fugitivos ou pelo menos suas pegadas, ao fim daquela estrada. E ali estava o resultado: nada encontrava!

— Ninguém... de fora? Impossível! Pense bem...

— Não... Quanto a gente estranha — disse um guarda da alfândega, que se aproximara sem ser visto por Rieul — só há um rapaz... e mesmo não está conosco, pois que aqui passou apenas o seu tempo de licença.

— Como se chamava? — perguntou o marido de Luísa, arquejante.

— Que importância pode ter isso para o senhor? — respondeu o outro, que evidentemente não simpatizava com êsse recém-chegado — O senhor mesmo?... Se lhe pedisse os papéis, para ver, hein?

— Posso mostrá-los a todo o mundo! — disse orgulhosamente Rieul — O seu protegido não poderá, talvez, fazer o mesmo!

— Ah! ah! — riu o outro, realmente achando graça — Essa é excelente! Pedir os documentos do Sr. Richard Destrée!

—Richard! — exclamou Rieul.

— Seria o mesmo que pedir os documentos ao Sr. Prefeito! — concluiu o outro, ajustando melhor a alça do fuzil sôbre o ombro.

— O senhor... disse **Richard**? — repetiu o viajante.

— Isso mesmo. Richard! Richard Destrée! Não deve haver outro no mundo... Como êle, principalmente, pois que é homem que entende de tudo !

Seraphine, amedrontada, olhava ora um ora outro dos dois interlocutores, com o pressentimento de que acabariam brigando. Apressada, curvou-se para a fonte, encheu o seu vaso e aceitou a ajuda do guarda da alfândega para o pousar sôbre um ombro, tão perturbada estava.

Rieul tivera tempo de dominar-se; tratou de firmar bem a voz para fazer a pergunta decisiva?

— E... a mulher? — perguntou êle.

Um pequeno grito e a água fresca da fonte se espalhou em redor de Seraphine, sem molhar outra coisa senão o seu avental, felizmente. Apenas o vaso escorregara. A adolescente, tremendo de susto, olhava os olhos brilhantes e coléricos daquele estranho antipático que chegara com as primeiras sombras da noite para perturbar a paz da sua alma cândida.

— O Sr. Richard não é homem casado! — replicou o guarda da alfândega com um sorriso que exibia dentes maravilhosos, ao mesmo tempo que tornava a colocar o vaso de Seraphine para encher. — Seria o senhor, por acaso, da polícia?

Rieul não respondeu à pergunta do jovem guarda, preferindo fingir que nada ouvira.



— Oh, isso não é para usar. E' só para o aniversário de Papai...

—A quem é possível fazer algumas perguntas nesta boa aldeia? — perguntou num tom que se esforçou para tornar amável.

Na casa da guarda! — replicou o guarda aduaneiro com maus modos... Deixe isso, Sta. Seraphine, eu mesmo levarei... Por uma vez ninguém achará mau que eu carregue a água até a sua casa. Será, ao menos, para a proteger contra qualquer mau encontro.

Os dois jovens habitantes de Louvières partiram, lado a lado, e Rieul os seguiu lentamente.

Uma cólera veemente penetrava em sua alma febril, unindo-se a uma doentia satisfação. Estava contente por haver encontrado a pista procurada; felicitava-se interiormente por ter sido tão sagaz; e, ao mesmo tempo, as vozes adormecidas recomeçavam a minar o seu organismo, atordoando os seus pensamentos.

Que êsse Richard era o "seu" Richard, não podia haver mais dúvida. Mas... só? Que fôra feito de Luísa? Luísa teria enlouquecido... ou morrido?

Rieul, finalmente, pôde avistar um albergue. Satisfeito por haver feito um tão grande avanço no caminho da descoberta, entrou no estabelecimento e jantou, contando com a tagarelice proverbial dos alberguistas para obter novos esclarecimentos.

Ainda uma vez suas previsões falharam. O hoteleiro, quase morto de sono, "cozinhava" o seu vinho sôbre um banco de madeira, junto de um fogão moderno, que substituíra a clássica chaminé de antigamente.

A hoteleira estava fora, cuidando dos animais, segundo informou uma garôta de cêrca de quatorze anos, que atendeu ao viajante esfomeado dando-lhe uma refeição tão pouco apetitosa que, apesar da fome, não a pôde tragar totalmente.

Até parecia que os fados conspiravam contra Rieul, pois nada foi possível tirar da tolinha, que olhava o parisiense arregalando os olhos e abrindo a bôca da qual nada saía.

— Onde posso encontrar o Prefeito? — perguntou Rieul sem esconder a sua impaciência.

— No castelo, além... Mas está viajando...

— O mestre-escola, neste caso...

— Está licenciado... Foi para a casa de seus pais, em Caen.

—O cura, então! — trovejou Rieul, exasperado.

— No presbitério, senhor! — disse repentinamente a voz forte da hoteleira, que voltava com a sua ajudante, carregando bujões com leite escumante — Mas para isso não é preciso gritar tanto... Não somos surdos, por favor!

Rieul lançou sôbre a mesa uma moeda de cinco francos, recebeu o trôco e saiu, sem uma palavra, dirigindo-se, a passos largos, para o velho torreão.

Quase não havia comido, e bebera ùnicamente um copo de cidra, no entanto, viu tudo turvo e caminhava de forma enviezada, tanto a cólera fervia em suas veias.

XXIV

Úrsula preparava a mesa, na sala de jantar; a sombra de Rieul, passando diante da janela, atraiu sua atenção, fazendo-a levantar a cabeça.

Sua impressão foi das piores; o ar furibundo, os olhos aprados dêsse visitante inesperado, não estavam positivamente de acôrdo com a aparência e atitudes dos paroquianos comuns. Num relance ela estava junto da porta, pronta a defender os seus objetos de prata, dos quais tanto se orgulhava.

— O cura está? — perguntou Rieul, levantando o chapéu e tornando a colocá-lo na cabeça.

— Está... mas não sei se pode receber — respondeu a prudente criatura — Quando o Sr. Cura trabalha não gosta de receber visitas.

— No entanto... E' preciso que eu o veja — insistiu o viajante com ar fatigado e descobrindo-se agora totalmente, para secar o suor da fronte.

Êsse gesto amansou um pouco Úrsula, que se decidiu a aparentar mais delicadeza.

— Se o senhor tem, realmente, necessidade de falar com êle — começou ela — talvez eu possa ir perguntar... mesmo sabendo que êle vai ralhar comigo...

Rieul procurou no bôlso do colete alguma moeda para oferecer à criada; porém a velha serviçal recuou com ar ofendido:

— Não, senhor... Aqui não queremos dinheiro! O senhor veio de muito longe?

— De Paris — respondeu êle. Sentia que a sua cólera diminuía vendo-se assim na calma daquele interior; e sentia-se também um tanto envergonhado por ter chegado ali quase como um ladrão.

Úrsula o examinou atentamente, da cabeça aos pés, com um espécie de apreensão, tôda moral, desta vez. Não receava mais que lhe roubassem o serviço de jantar; mas temia pela paz de espírito de seu patrão.

— Alguém o enviou aqui, talvez? — perguntou ela com a curiosidade teimosa das mulheres de sua classe.

Rieul saltou sôbre a ocasião que se oferecia:

— Justamente — disse êle.

— Foi o Sr. Richard, hein?

Instintivamente Rieul recuou um passo; iria obter tão depressa e quase sem esfôrço o que procurava desde tanto tempo?

—E se tivesse sido, mesmo, o Sr. Richard? — respondeu êle, imitando a cautelosa manobra de Úrsula.

— Oh! Nesse caso eu iria falar com o Sr. Cura, pois, justamente, êle se queixava da falta de notícias. Espere um instantinho, enquanto vou falar com êle.

Limpou com a ponta do avental um grande banco de madeira, que ficava junto da porta alta, e desapareceu no interior da casa.

Instantes depois, o cura surgia.

— O senhor deseja falar comigo? — perguntou -- Diseram-me que o senhor trás notícias de meu jovem amigo?...

Rieul fitou alguns segundos o amigo de Richard, depois replicou sêcamente:

— Venho pedir notícias!

O sacerdote hesitou um instante, depois disse:

— Queira entrar.

Entraram, realmente, para o gabinete de trabalho do cura, ainda iluminado pelos últimos

raios do sol. Rieul tinha o aspecto maltratado, envelhecido, e parecia realmente fatigado; sua cólera mal contida formava rugas profundas nos cantos dos lábios, e baixava os olhos, para não deixar adivinhar o seu estado de alma. O cura logo suspeitou da verdade.

— Quem é o senhor? — perguntou.

— O marido daquela que Richard encorajou a fugir de casa! E aqui estou, justamente, para pedir contas ao culpado!

O sacerdote moveu a cabeça, lentamente, num movimento que revelava tôda a sua tristeza.

— O senhor se chama...? — perguntou.

— Jacques Rieul.

—E sua espôsa?

— Luísa Belfroy, segundo o seu nome de solteira. Desejo saber o que fêz êsse miserável rapaz da mãe dos meus filhos!

O cura olhou longamente, com imensa piedade para êsse viúvo, êsse pai que, certamente, nem era bom nem era justo, mas que ia sofrer rude golpe ao conhecer a verdade.

—O senhor gostava tanto assim da sua espôsa? — perguntou êle com voz tranqüila.

— Não é disso que se trata! — exclamou Rieul, impaciente. Simplesmente quero a minha mulher! Ela me pertence! Preciso dela!

O sacerdote pensou, com alívio — e reconhecimento para o céu — que a pobre Luísa estava fora do alcance daquele enfêrmo. Culpada ou não, ela teria expiado cruelmente, segundo era evidente. E Richard não mentira quando dissera quão infeliz tinha sido aquela suave criatura que ali fôra morrer, aos seus pés.

— Ela retornou ao seu Criador! — disse êle — O senhor não tem mais poder sôbre ela.

Rieul estremeceu violentamente. O golpe fôra terrível, embora merecido.

— Ela... morreu? — balbuciou êle, o olhar sem brilho, a voz moribunda.

—No mesmo dia da catástrofe!

— Então... Aliette tinha razão? Oh, meu Deus! E... queimada?

— Não. Deus quis poupar-lhe êsse martírio. Morreu da ruptura de um aneurisma, provàvelmente. Veio morrer ali, junto da escada, à minha frente!

O viúvo levou as duas mãos à fronte, que apertou violentamente.

— Não compreendo... — balbuciou — Mas, então, Richard...?

Lentamente, com carinho e paciência infatigáveis, o bom cura contou tôda a triste história; tentou fazer penetrar no espírito de Rieul os detalhes estranhos, misteriosos, da corrida desenfreada de Luísa, seu desespêro, seu terror, sua demência, tudo enfim que outrora lhe parecera quase inverossímil, mas que agora compreendia, em presença dêsse homem tão diferente da pobre criatura entontecida.

Rieul ouvia, a cabeça pendida para o peito e de tempos a tempos, repetia:

— E Richard?

Todo o ódio de sua vida, o alvo de suas pesquisas, o assunto de seus acessos de cólera... fugia-lhe, assim, repentinamente, entre os dedos. Era como se a terra lhe faltasse bruscamente sob os pés.

—O senhor compreendeu tudo? — perguntou finalmente o cura, emocionado com a sua singular atitude.

— Compreendi... Compreendi que minha mulher está morta! — respondeu o viúvo.

Ficou algum tempo silencioso, as mãos apoiadas sôbre os joelhos, olhando em redor de si com ar de surpresa. A noite descia e a pequena sala se enchia de sombra e de frio.

— Onde está ela? — perguntou, bruscamente, erguendo-se.

O cura o imitou e o conduziu até sob os pinheiros, onde se levantava a cruz, com as letras: "L. B.".

— Quem mandou colocar esta cruz? — perguntou Rieul com um repentino retôrno de cólera.

— Nós... — respondeu o cura, fitando-o com ar grave.

— Não tinham êsse direito! — declarou Riel — Sòmente eu...

Calou-se e, após um instante, acrescentou:

— Está seguro de que ela está aí mesmo?

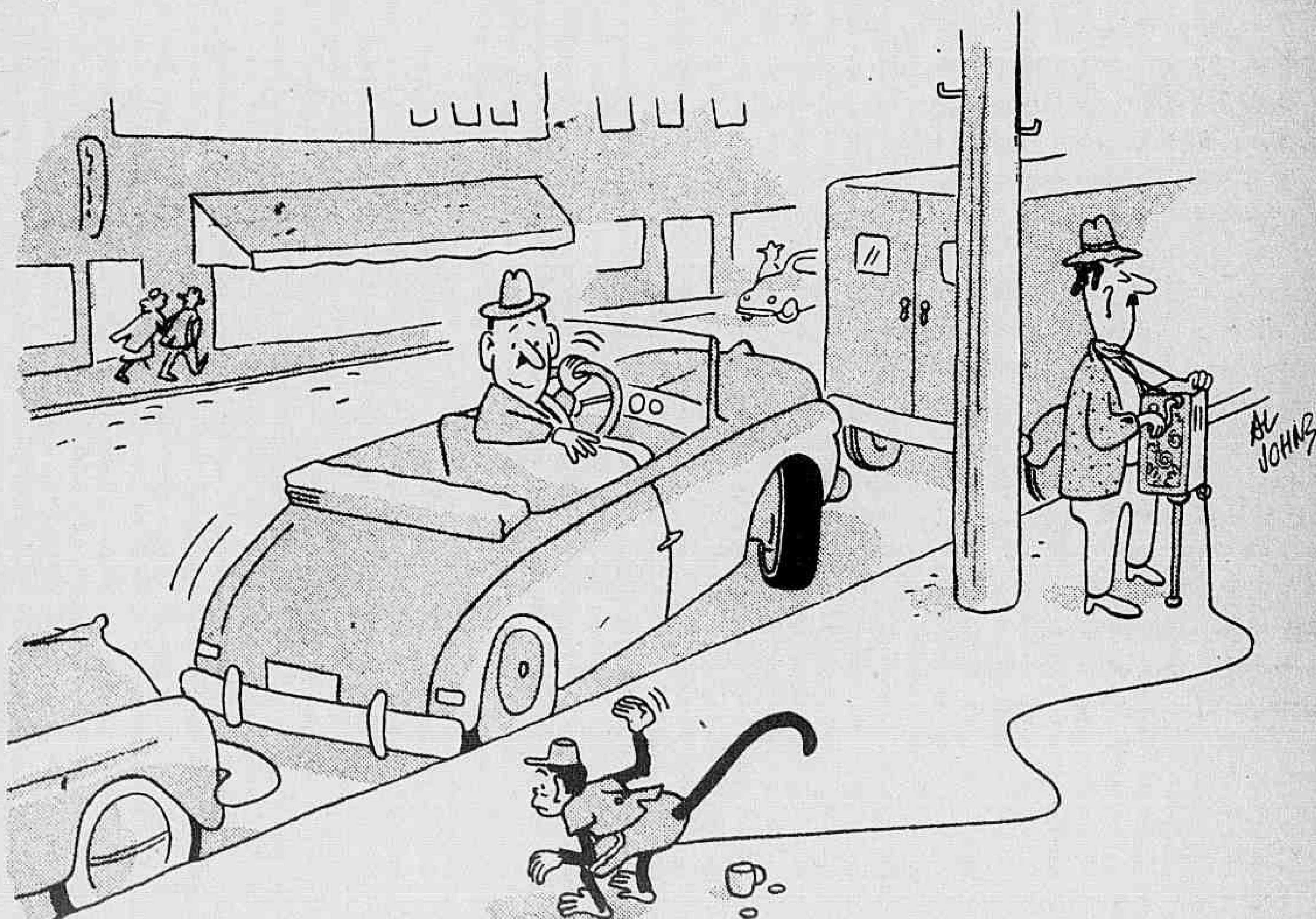
— Absolutamente seguro.

— E de que é mesmo **ela**?

— Sim. E' ela mesma!

Rieul, cabeça descoberta, à sombra das árvores centenárias, parecia velho e quebrado como os galhos mortos, que jaziam sôbre o relvado.

— Então — repetia êle — como para gravar no próprio espírito — Luísa está morta, e Richard nada teve com isso! Diga-me, por favor: ela não tinha mesmo... aliança?



— Não! — respondeu o abade Verbois — Mas era fácil ver que a usara por muitos anos.

— Compreendo. Ela a atirou fora, talvez, para nada conservar do seu casamento... Aliette tinha razão!

— E' sua filha?

— Sim, a mais velha!

Após um curto silêncio, o viúvo olhou em redor e disse:

—Agora tenho que ir. Obrigado, senhor...

O cura foi prêsa de compaixão. Fôssem quais fôssem os erros daquele homem, agora sofria — e sofreria ainda muito mais **quando estivesse só...**

— O senhor vai dormir na aldeia — disse êle com bondade — Amanhã o espero aqui, novamente, para conversarmos com mais calma...

— Não — disse Rieul — Volto para casa! Aliette tinha razão... Quero contar tudo a ela!

O sacerdote suspeitou da lesão que se fizera sob aquêle crâneo e pousou a mão sôbre um braço do desgraçado.

— Venha comigo — disse êle — Não o deixarei partir assim, nesse estado de ânimo. Quero dizer-lhe... Sim! Depois arranjaremos uma condunção para o senhor...

— Não, obrigado. Volto agora mesmo para casa! Quero ver minha filha Aliette, quanto antes!

— Mas não será a pé, em plena noite... e cansado como o senhor está! — insistiu o excelente cura.

Rieul, porém, fêz um gesto, detendo-o e afastou-se.

— Irei agora mesmo! — disse êle — Obrigado, senhor. Boa noite. O senhor foi muito bom para mim.

E lá se foi, desaparecendo na sombra crescente; o padre o observou com olhos úmidos, enquanto pôde distinguir o seu vulto ondulante, no meio da estrada.

— Êsse homem ficará louco — pensou êle. — Se é que já não está!

XXV

Rieul caminhou a noite tôda. Não avançava depressa, pois os pés lhe doíam, mas quase não os sentia. Sentia, sim, uma estranha opressão. Às vêzes, parava para repousar.

Uma idéia, uma só, lhe servia de fanal, sob as estrêlas que descreviam sôbre a cabeça do viajante o seu curso habitual.

Sua espôsa havia morrido mesmo, conforme Aliette sempre sustentara; morrera inocente. E êle a havia injuriado! Havia insultado a morta! Quisera bater em sua filha, sua corajosa filha, porque ela defendia a memória da morta!

Como podia Aliette ter conhecido tão bem a sua Luísa — e êle próprio tão mal?

Porém essas idéias não estavam muito claras. O desejo de retornar imediatamente, de ver Aliette, de beijá-la, dominava tudo. Pensava que, vendo Aliette, poderia então chorar — e que isso lhe faria bem.

Caminhou até à pequenina cruz, junto à via férrea; depois seguiu ao longo dos trilhos. A aurora já ruborizava o céu quando êle chegou à pequenina estação que despertava para a luta diária.

Ouviu-se um estalido, um gradil foi aberto.

— Viajantes para Paris! — gritou alegremente um empregado. — Olá! Aqui está um! E deve ter acordado muito cedo... Então, cavalheiro? Vai querer uma passagem?

Rieul recebeu màquinalmente a passagem, pagou e subiu para o trem. Sentia as pernas moles, como se fôssem de algodão.

No momento em que o apito do despachante dava o sinal de partida, o empregado exclamou:

— Um momento! Agora me recordo... Há uma valise depositada... E é daquele senhor! E' preciso entregar... Não sei se êle bebeu ou o que é, mas não parece muito firme sôbre as pernas. Olá, senhor! São cinqüenta centavos, pelo depósito! Aqui tem o talão-recibo!

Rieul obedeceu màquinalmente e guardou o talão no bôlso. Pouco depois adormeceu.

Chegando a Paris, no tumulto generalizado, sentiu-se demasiadamente fatigado para agir. Fêz sinal ao cocheiro de um veículo que passava e subiu para o mesmo depois de indicar seu enderêço.

O carro subiu penosamente a rua Lepic e parou diante da casa. Rieul desceu, deu uma moeda de dois francos, recebeu a valise e subiu os seus dois andares.

Como eram intermináveis êsses degraus! E como eram altos e difíceis!

Pôde chegar, apesar de tudo, e tentou abrir a porta; impossível, porém, introduzir a chave na fechadura; quis calcar o botão da campainha, mas não conseguiu suspender suficientemente o braço. Então, bateu, rudemente, segundo imaginava, mas sem conseguir que o ouvissem.

Finalmente Aliette surgiu, abrindo a porta.

— Oh, pai! — exclamou ela, assustada.

Os cabelos de Rieul tinham passado de castanho para branco. Quis falar, mas nenhum som saiu de sua garganta; tentou estender os braços para a filha e arrastou-a em sua queda contra o soalho.

XXVI

Aos gritos de socorro de Aliette, surgiu imediatamente auxílio; primeiro foi a Sra. Lambert, cuja porta nunca estava totalmente fechada, a não ser nos dias de frio intenso ou forte vento; depois as encarregadas da portaria, que muito estimavam a boa Aliette, tão digna em sua tristeza, tão nobre na realização de seus difíceis e inúmeros deveres.

Rieul foi levado para o leito e o médico não demorou muito a chegar. Seu primeiro cuidado foi o de afugentar todos os curiosos do apartamento. Em seguida examinou o enfêrmo e não escondeu de Aliette que o caso era muito grave: um ataque de paralisia é sempre coisa séria, mesmo quando a vítima pode sair com vida dêsse transe.

Os esforços de Rieul para falar o deixavam visìvelmente aniquilado e nenhum remédio poderia agir como era devido enquanto êsse espírito perturbado não tivesse encontrado o repouso.

— Êle quer alguma coisa — disse o médico. — Não será capaz de adivinhar o que êle deseja?

Rieul tudo compreendia, embora não pudesse

(Conclusão na página 112)



Por MARIAN LEE



Mrs. Lee, uma senhora residente em Stanford, no Connecticut, dirige automóvel há 21 anos e nunca foi multada.

EIS O GRITO INDIGNADO DE UMA MOTORISTA (E PROVA COM FATOS!) ÊSTE É UM ARTIGO QUE PROVOCARÁ DEBATES EM MUITOS LARES!

COMO muitas cidades pequeninas, New York também tem as suas ruas estreitas com mão e contra-mão e ainda, carros estacionados dos dois lados, o que torna o tráfego bastante inconfortável.

Recentemente, após o competente sinal, tive que passar em contra-mão, por estar postado à minha frente, inutilizado, um enorme caminhão, fechando-me a passagem na "mão" própria. Estava já quase completando a passagem, quando ouvi, atrás de mim, o ruído de uma freada e uma violenta batida. Quâse ao mesmo tempo vi um homem saltar do outro veículo, os olhos lançando chamas, o dedo acusador, voltado para mim e gritando, furioso: — "Logo vi! Mais uma mulher no volante!

Era o cúmulo! ... Sempre fui e me esforcei por ser uma mulher educada, mas quando um maluco indivíduo — grosseiro além do mais — dirige com imprudência, provoca um choque de veículos e ainda diz desaforos... Não sei como perdi a cabeça e disse-lhe tudo o que me veio à mente, tudo o que, desde há muito, eu "armazenava" para desabafar, algum dia, relativamente a essa luta



entre volantes de calças e volantes de saias.

Durante mais de 21 anos tenho dirigido automóveis. Foram, portanto, muitas dezenas de milhares de milhas, no terrível tráfego res de milhas, no terrível tráfego de uma grande cidade, ao longo máximo de 60 ou 65 milhas é tolerado, em subidas e descidas, através de passagens as mais variadas e difíceis. Jamais me envolvi em qualquer sério acidente e jamais tendo sido multada sequer uma vez!

Mas, quando algum astigmático "Pintacuda" erra, não mais por centímetros, mas por palmos e amarrota o meu automóvel...

Quando um rapazinho de menos de dezessete anos, corta a minha frente, sem qualquer aviso, e segue apressadamente com o desejo urgente de destruir o automóvel de "papai"...

Ou quando é o próprio "papai" por exemplo, que passa pelos cruzamentos com intenções homicidas... Quando acontece tôdas essas coisas e ainda por cima ouço o grito acusador e zombeteiro de **"Que horror! Mais uma mulher ao volante!"**, então, realmente, chego a ficar doente de raiva!



A oitenta quilômetros horários, sòmente para fazer

O QUE REVELAM AS ESTATÍSTICAS — Temperamentalmente, tanto nas estatísticas organizadas pelas companhias de seguro quanto pelos relatórios policiais (tudo feito por homens...) eu sou melhor na direção do que a média dos homens. Sim! As mulheres dirigem melhor!

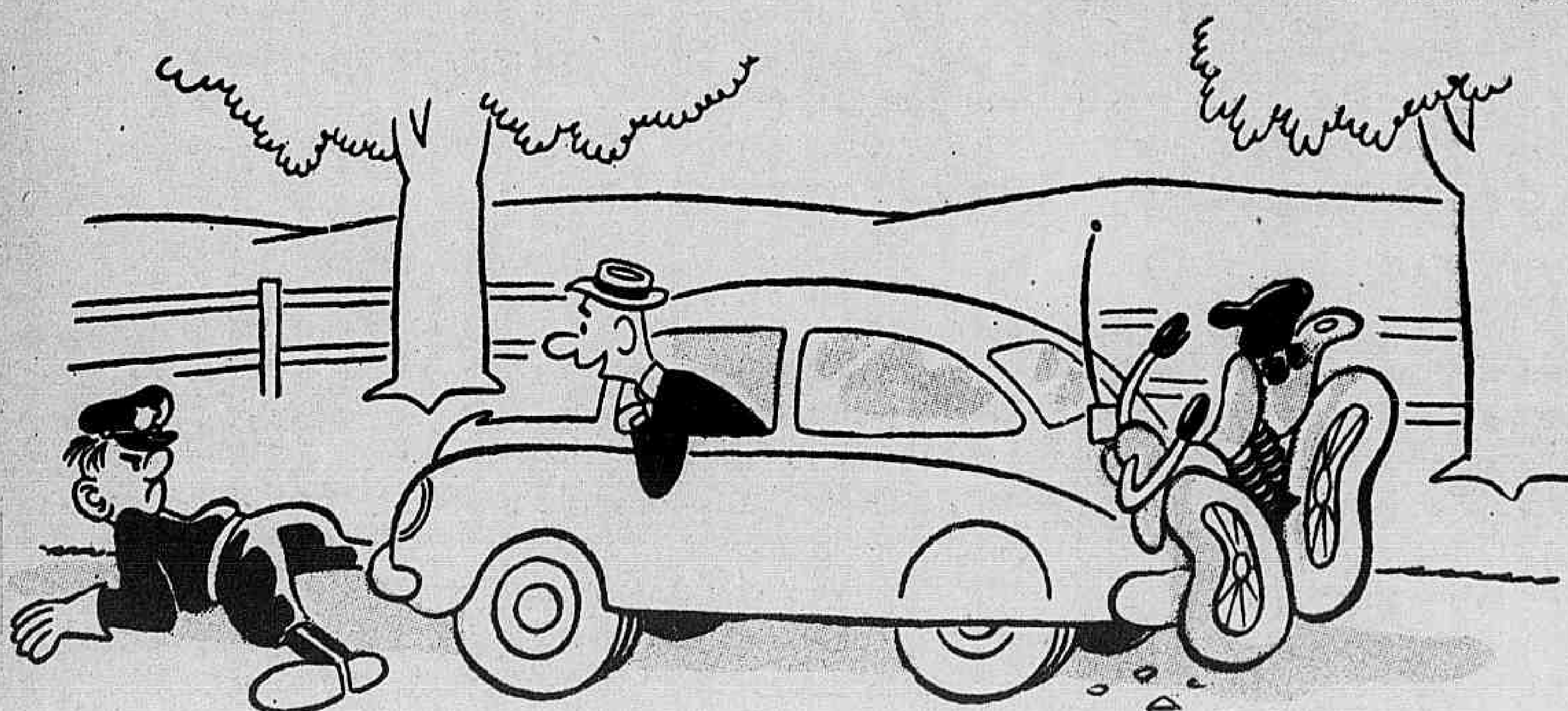
Em primeiro lugar, o fato mais evidente, estatìsticamente, é que os homens, como motoristas, matam mais e esbarram mais do que as mulheres.

E' verdade que há maior número de homens por trás dos volantes, mas não tanto como geralmente imaginamos. Cerca de 75% de todos os **chauffeurs** licenciados (homens) são responsáveis por 90% de todos os acidentes.

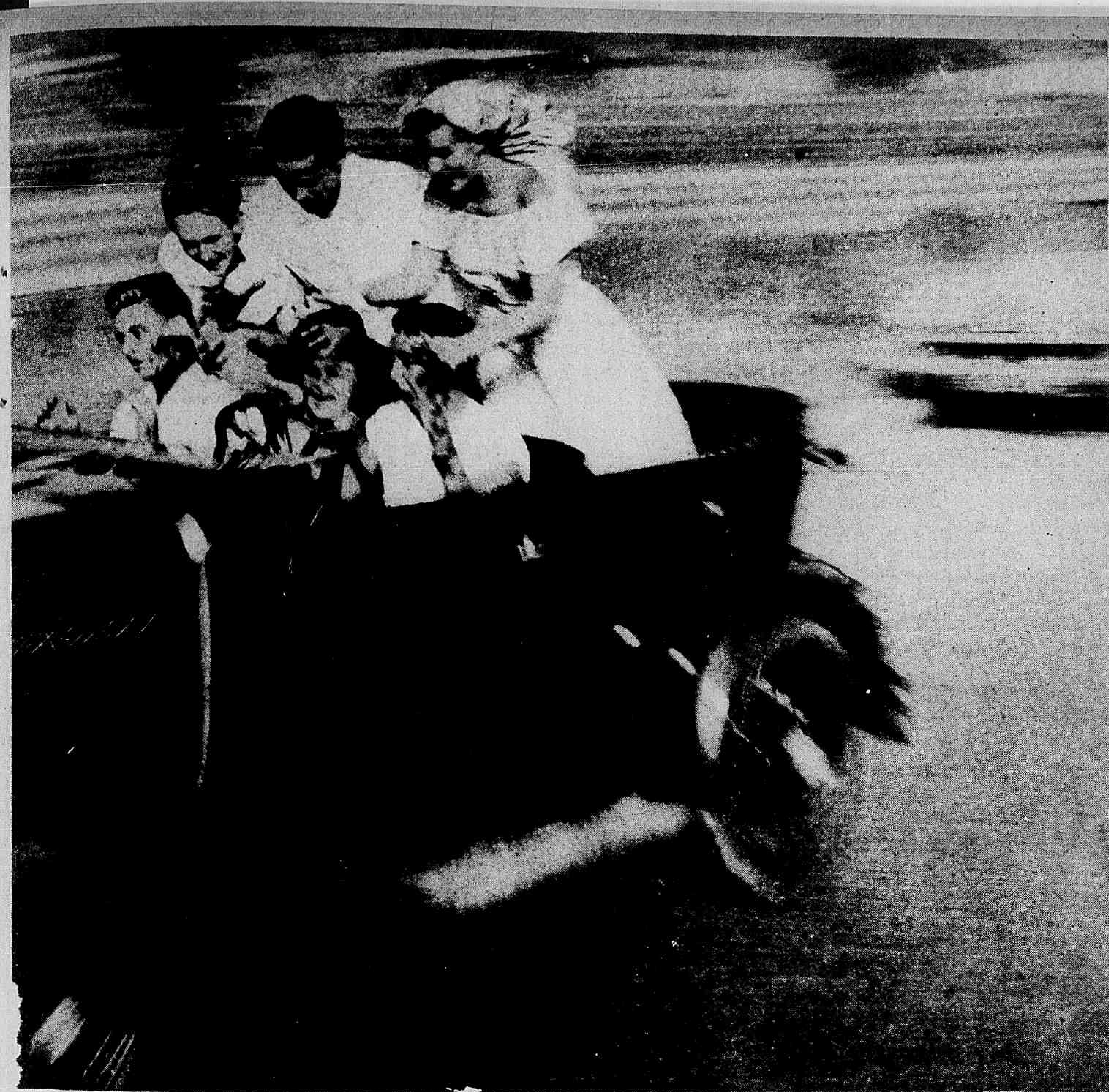
Os homens fazem verdadeiro estandarte de sua superioridade, afirmando que têm melhor golpe de vista, reflexos mais prontos e mais firmes. No entanto, a **American Automobile Association** declarou, num relatório, após acurada análise dos testes de direção para vários milhares de homens e mulheres, em 35 cidades, que "os homens são **ligeiramente** superiores".

Mas, agora, deixem-me transcrever êstes interessantes parágrafos:

"As mulheres levam grande vantagem sôbre os homens quanto à habilidade de distinguir as côres — es-



Viu? Se eu não fôsse bom no freio...



exibição, um homem tira uma das mãos do volante, arriscando, assim, a vida de todos!

pecialmente vermelho e verde!" Nesse ponto, desejo pedir desculpas. Eu imaginara que êsses homens que assim avançam os sinais obedeciam apenas à insensatez própria do sexo. Mas não: êles são simplesmente incapazes de distinguir as côres! ... **Coitados!**

Oútro interessante parágrafo que pude extrair do relatório da **AAA**, foi o que se referia à extraordinária capacidade — quase genial — que têm os homens paar calcular distâncias com grande exatidão e reagir tranqüilamente aos sinais.

GRANDE DIFERENÇA! — O fato, segundo a **AAA**, é o seguinte: enquanto os homens podem dizer, quase sem êrro, o espaço que têm, desde uma distância de 67 metros, as mulheres são capazes do mesmo desde uma distância de 66 metros! Quanto ao tempo de reação para atender a um sinal de estrada, uma mulher, viajando a 60 milhas horárias (cêrca de 100 quilômetros por hora) percorrerá mais 90 centímetros que um homem, antes de pisar o freio!

Mas, usam os homens essa sua ligeira superioridade física?

No **Colégio Estadual de Iowa**, o Dr. A. R. Lauer, professor de Psicologia e diretor do Departamento de Exame de Motoristas, examinou 7.692 dêles e pôde chegar à seguinte conclusão: entre os 20 e os 24 anos, quando os homens deviam ser, justamente, os melhores volantes, mostram-se, ao contrário, os mais perigosos entre todos.

As mulheres, entre 17 e 28 anos, acusam 25% de ligeiros acidentes por 160 mil quilômetros do que acusam os do sexo oposto. Como fato principal, o professor Lauer concluiu que, entre os 16 e os 33 e, novamente dos 41 aos 53, as mulheres são **indubitàvelmente** superiores aos homens na direção dos automóveis!

E, conforme eu própria já havia concluído, de minhas observações, em ruas e estradas, o professor Lauer declara ainda:

1) As mulheres revelam melhor atitude e compreensão diante das leis do tráfego.

2) O fato de ter mais vigor físico não representa mais segurança para um volante e para os que com êle cruzem (pessoas ou viaturas).

3) As principais causas de acidentes são, segundo sucessivos relatórios: jogar com a sorte



Se elas olham, o grande volante esquece tudo. Esquece até que não é o seu automóvel o único veículo na cidade...

e impetuosidade. (Como descrever melhor os homens?)

Vamos agora examinar o que dizem, preferentemente, os homens, contra as mulheres. São simples e cortantes:

— **As mulheres não podem dirigir tão bem como os homens!** — dizem êles.

Mas não sabem explicar por que vivem eternamente envolvidos em acidentes do tráfego!

A TÍPICA "CHAUFFEUSE" — O estudo comparativo da capacidade dos dois sexos, ao volatório oficial, que êste era o típico retrato da a uma conclusão. Vamos, por exemplo, examinar o que consta no "Auto Club", da Califórnia.

Não há muito tempo, o Departamento de Segurança Pública, através do seu **Bureau**, instalado no Auto Clube daquele Estado, declarou, em relatório oficial, que êste era o típico retrato da mulher-**chauffeuse**, na Califórnia: embora representasse cêrca de 30% de todos os motoristas registrados no Estado, estavam envolvidas apenas em um de cada sete acidentes do tráfego e em um de cada 11 acidentes graves. Dirigem cêrca de metade da quilometragem anualmente rodada pelos homens. Recebem apenas uma de cada 30 multas.

Também o **American Publican Works Association** (que, pelo título, não deve ser preponderantemente feminino) estudou 1.300 casos de choques de veículos, automóvel contra automóvel, nas ruas e estradas de Ohio, tendo nos respectivos volantes um homem e uma mulher.

Quem foi, mais vêzes, errado? O homem... naturalmente!

Quando era a mulher a culpada, o pecado tinha sido entrar em curva imprópria ou não ver o sinal. Mas, quando o caso era mais sério, como subir ladeira em contra-mão, entrar em curvas também em contra-mão, a culpa era **sempre** do motorista de calças!

Êles quase "explodem" quando uma mulher esquece de fazer a indicação com a mão ou o braço. Porém os carros se espatifam e as vidas se perdem, ùnicamente, quando há o delírio da velocidade.

Esqueçamos as estatísticas por um momento. Segundo pude verificar, pessoalmente, as horas mais perigosas para o tráfego de automóveis, em minha vizinhança, são de 7,30 às 9,00. E' a hora em que os bons maridos e pais carinhosos se atiram no borborinho do tráfego com a cabeça cheia de planos e com muitos minutos de atraso para atender a todos êles.

Em segundo lugar, na direção contrária: de 15,30 às 19,00. Aparentemente, nenhum dêles tem pressa, mas correm, e **pisam a tábua**, pela volúpia de apostar corrida com os demais, "para afirmar que **o seu automóvel**, arranca melhor ou corse mais — ou simplesmente que êle é mais volante ou mais corajoso — ou maluco — que o outro, que ousou tentar passar-lhe à frente!

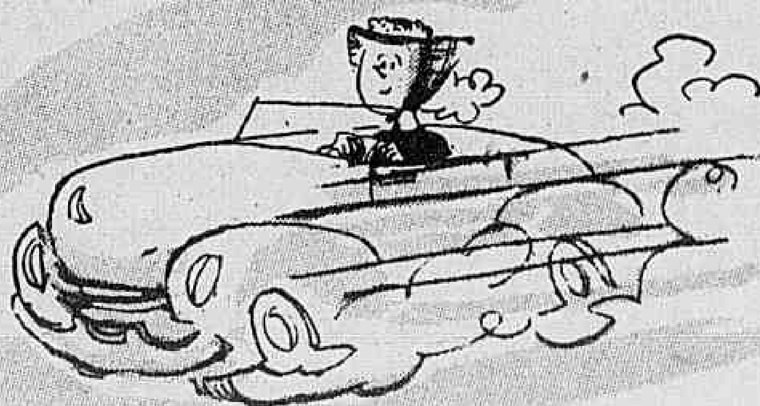
E geralmente êsses "pegas" — como êles mesmos chamam a essas corridas imprevistas — terminam no hospital ou no cemitério.

Essas horas da manhã e da tarde (as horas dos "pegas") são as únicas em que a nossa polícia local coloca os guardas, com motocicletas, em pontos estratégicos. Durante o resto do dia, êles repousam e deixam que nós mulheres, guiemos nossos automóveis com calma e respeito às leis do tráfego.

Outro período perigoso é o que vai de 20,00 às 22,30 horas. É o período em que o **Filhinho do Papai** se apossou do automóvel da família para ir fazer exibições públicas de sua loucura, de sua irresponsabilidade, orgulhoso de ouvir o pai dizer, muito a sério: **"Oh! Meu filho já dirige tão bem como eu!"**

E o pior em tudo isso — e o que mais me irrita os nervos — é que nem **Papai nem o Filhinho**

OS HOMENS SÃO OS MATADORES — O mais importante, na minha opinião, é êste detalhe: os homens são os eternos violadores do tráfego pelo grande excesso de velocidade. E isso de jogar com a sorte, nas estradas, é o que mais condeno nos homens!





Os homens, apesar de tudo, vivem satirizando a mulher



... no entanto, logo saltam, fingindo-se aterrorizados, num grito de alerta, sempre que vêem uma mulher ao volante de um automóvel!

podem abandonar o seu ridículo complexo de superioridade. E porque isso me irrita, passo a outra estatística:

Em cooperação com a **Universidade de Nova York**, a "Inspetoria de Veículos" do Estado de Connecticut examinou 100 **bons** volantes e 100 **maus** volantes. Os últimos, segundo ficou provado, tinham exagerada opinião sôbre a própria capacidade, sendo mesmo orgulhosos e vaidosos de sua "habilidade" como volantes.

Essas "habilidades" eu as dispenso!

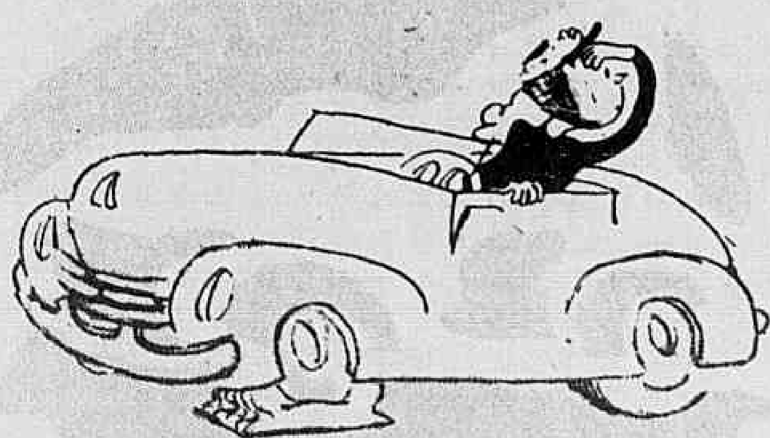
Além do mais, convencidos de que a mulher é incapaz de distinguir o carburador de um pistão... estão igualmente convencidos de que elas não podem saber com absoluta certeza onde está o freio de pé e onde se encontra o acelerador.

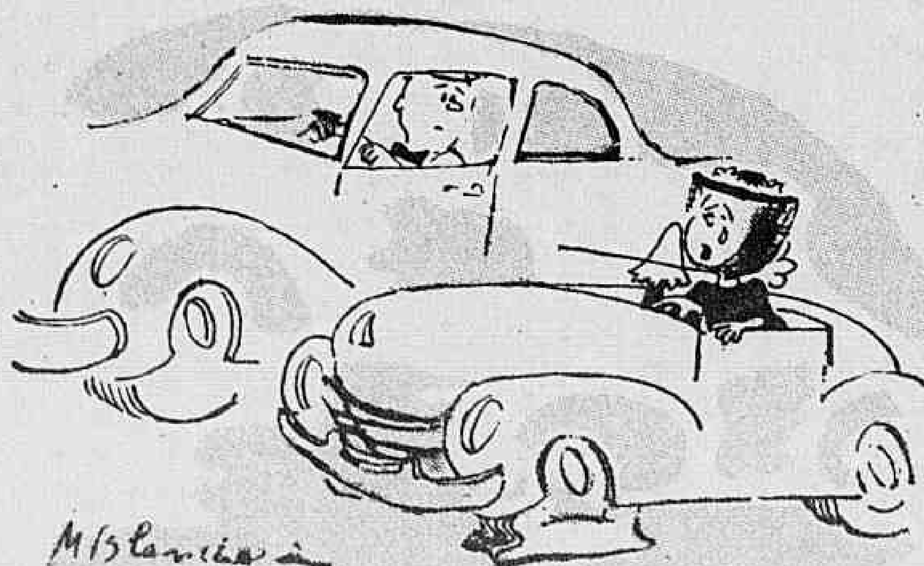
Como resultado dêsses erros passados... quando estou dirigindo, de vez em quando sou surpreendida com um grito de furor ou de zombaria: **"Cuidado com ela!"** ou **"Vamos escolher outra rua, pois ali está uma mulher dirigindo!"**

E há outros detalhes piores. Se vamos dirigindo, com um homem ao lado, êle está sempre falando: **"Cuidado! Olha o carro à direita"** ou **"O sinal vai fechar... Tire o pé do acelerador...** Mas, se é êle quem vai ao volante e dizemos qualquer coisa, logo êle se revolta e protesta: **"Por favor, meu bem! Nada de "palpites"! Quem sabe dirigir isto aqui sou eu!"**

E' incompreensível êsse orgulho masculino, quando a mulher, afinal, é muito superior na direção de um automóvel! Se duvidam, conheçam o relatório do **National Safety Council"** (composto só de homens). Segundo êsse Conselho, apenas 1 mulher por 1.000 homens, é encontrada embriagada num volante (e assim mesmo tendo ao lado o homem que a forçou a beber!)

Foi isso, afinal, o que eu disse, resumidamente — **e em outras palavras** — para o homem que me abalroou naquela ruazinha, segundo o acidente que descrevi no início dêsse trabalho. Mas sei que, por causa disso, êle foi contar horrores a meu respeito, com os seus amigos e colegas, à mesa do bar; e sei, também, que cada um dêles saiu dali e, saltando para seu respectivo carro, lá se foi dizer pilhérias para outras tantas mulheres empunhando um volante! Mas não faz mal. Não preciso discutir mais. As estatísticas falam tanto a nosso favor, que bem podemos suportar injustiças dêsses despeitados!





"chauffeuse". *Ah! Se elas também desenhassem para os jornais!...*

36.º Ano — N. 6 — Novembro de 1952

COMO DESCOBRI

Pelo Dr. FRANZ J. POLGAR
(Famoso hipnotizador e ledor do Pensamento)

★

"Num monte de soldados mortos na Itália, já à beira da cova — mas ainda vivo — recuperei os sentidos e então descobri que tinha novo e estranho poder mental..."

★



Em 1917, Franz Polgar permaneceu três dias, inerte, entre centenas de cadáveres, para ser enterrado em uma fossa comum.

"*— Sandor! Venha depressa! Sandor!*"

O grito era rouco e trêmulo. O mêdo sacudia violentamente todo o corpo dêsses dois soldados húngaros, de pé, entre a grande massa de cadáveres, que tinham sido encarregados de enterrar na grande vala comum, aberta no "front" italiano, no ano de 1917.

Imaginavam que já haviam visto *tudo*, nessa imensa e medonha luta entre nações. Odiavam a guerra, tanto Sandor quanto Ferenz. Eram, ambos, cabos, no que tinha sido o glorioso exército da Imperial Áustria e Real Hungria!

Aquêle era o menos arriscado trabalho que um soldado podia obter: abrir longas valas e enterrar outros muitos soldados. Mais seguro, sem dúvida, do que estar no "front", nas trincheiras ou nas casamatas, entre nuvens mortais de gases e o inferno dos lança-chamas.

Gostavam, realmente, de estar assim entre os mortos. Sentiam-se mais felizes e seguros — e realmente estavam — entre êles do que entre os vivos, que lutavam desesperadamente pela glória de um império moribundo.

.."*— Sandor! Olha para êste homem... Um tenente, Sandor! Odeio todos os tenentes. Odeio a guerra. Odeio êsse mar de sangue e êsses corpos mutilados. Talvez eu esteja louco, Sandor, mas quase posso jurar que êsse tenente está vivo. Moveu-se há pouquinho...*

Fazia lua cheia, naquela noite, criando uma macabra atmosfera de claridade pálida, que penetrava pela comprida vala, iluminando os corpos em suas atitudes de tragédia não isenta de comicidade.

O homem estava vivo, realmente. Revistaram os seus bolsos e roubaram o seu relógio — o que deviam ter feito desde muito antes. Havia também papéis de identidade.

"— *Que acha?* — perguntou Ferenz, hesitante — *Devemos levar o real tenente para o hospital?*

"— *Qual! Joga-o logo de uma vez na vala! Diabos o levem! Um soldado a mais ou a menos não dará que pensar nem vai alterar o resultado da guerra.*

O corpo enlameado e frio jazia agora sôbre a terra fôfa. Ferenz olhou para os papéis de identificação:

"*Polgar, Franz J.*"

— *Para os diabos com êle!* — tornou a gritar Sandor — *Pois ainda vamos ter trabalho extra? Joga-o logo na cova, já disse!*

Porém, justamente nesse instante, o corpo voltava a mover-se. Mais até: o "morto" abria os olhos, movia os lábios, pedindo: — "Água!"

Esquecidos do que haviam dito antes os dois soldados prontamente levaram a cantina aos lábios do oficial.

E assim, *por acidente, por acaso* ou *por fôrça do destino*, o homem que viria a ser um dos maiores hipnotizadores de todos os tempos, pôde livrar-se de ser enterrado vivo!

Isso foi o que certa noite contaram, a meu respeito, num dos programas de rádio patrocinado por um famoso fabricante de cigarros, nos Estados Unidos. E podem os leitores estar seguros de que essa *dramatização radiofônica* foi copiada de *fato verídico!*

Recordo muito ligeiramente o que ocorreu naquela noite, junto da vala macabra, ao lado das dezenas de cadáveres. Sei apenas que eu não estava morto! Apenas, não tinha fôrças suficientes para sobrepujar a minha grande paralisia mental e física.

Porém lutava sempre, lutava desesperadamente! Tinha que retornar à vida! Dentro daquela vala imensa e fria, sob uma gelada noite da Itália, um estranho poder vinha nascendo pouco a pouco dentro de mim; poder que eu jamais tornaria a perder.

Na verdade, quando, durante a Primeira Guerra Mundial, fui retirado de entre o montão de cadáveres prontos para ser lançados na vala comum — e onde havia ficado durante três dias, inerte — comecei por me sentir fortemente abalado. Minha memória ficou enfraquecida e como nublada durante quase meio ano.

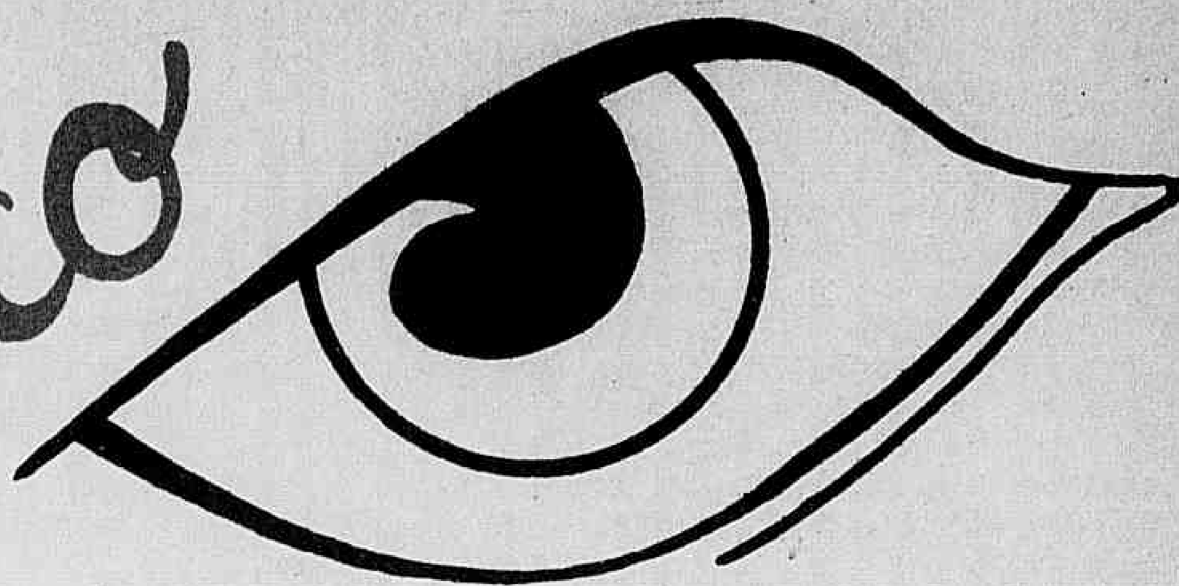
Então eu jamais ouvira falar em hipnose, em Freud, em subconsciente, psicanálise, etc., etc.

Eu tinha apenas dezessete anos e, quando tornei a abrir os olhos, estava num hospital em Udine, na Itália. Meu irmão Laszlo, médico e capitão no exército húngaro, estava à minha cabeceira.

Ordenou-me que me recolhesse a um hospital de Graz, na Áustria, onde cheguei sofrendo de amnésia e afasia. Foi ali que recuperei os meus sentidos.

Estranhos fatos ocorreram, então, comigo. As minhas primeiras palavras, em Alemão, fizeram estre-

O MEU PODER Hipnótico



mecer a minha enfermeira. Eu havia antecipado as suas ações e agora podia ler, fàcilmente, todos os seus pensamentos. Não tardou muito a me converter no centro de atração do imenso hospital.

Eu era um "ledor-de-pensamento" — *sem o saber!*

A princípio, eu não chegava a compreender que estava realizando coisas dignas de despertar a atenção. Mas ficava satisfeito com as visitas que recebia constantemente e a curiosidade que me cercava.

Jornais e revistas de medicina, na Áustria e na Hungria, publicaram longos artigos sôbre o meu estranho poder mental. Eu próprio nunca fui capaz de analisar perfeitamente como pudera adquirir êsse poder mental, que me concedia fôrça telepática e hipnótica, exceto para dizer que isso poderia servir como uma ilustração para a *lei das compensações!*

Estando positivamente incapacitado para falar ou ouvir e com a memória aniquilada durante seis meses, eu acreditava que êsses novos super-sentidos me eram concedidos para me compensar do meu infortúnio, da mesma forma que um indivíduo cego tem as suas faculdades intuitivas bastante aumentadas, como compensação pela perda da visão.

Êsse *sexto sentido* — digamos assim — continua comigo ainda hoje. Por quê? Como? Não sei.

O hipnotizador não pode ser analisado nem catalogado. Sua habilidade ou capacidade de controlar a vontade humana parece coisa inaceitável e irreal.

O hipnotizador ordena e a pessoa visada obedece. O hipnotizador faz o seu paciente dormir. Ordena que êle ria e é obedecido. Ordena que chore e o paciente chora mesmo, com lágrimas brotando dos seus olhos. Ordena, a seguir, que es-

queça suas dores e o paciente passa a ser um corpo insensível a picadas, cortes e beliscões.

Quando, finalmente, tive alta do hospital psiconeurótico de Graz, ainda pertencia ao exército e como tenente fui mandado de volta a Budapeste.

Meu poder hipnótico se tornou mais e mais evidente durante o ano de 1918, e confesso que isso foi tão grande surprêsa para mim como para os meus inocentes hipnotizados.

Um dia eu estava de gênio *esquentado* e comecei desde cedo a exigir do sargento especial atenção com a disciplina. Fazia questão de exibir da melhor forma possível os meus comandados porque meu irmão, como já disse, capitão do exército, estaria pre-



O Dr. Franz Polgar, com Arthur Godfrey, famoso anunciador de programas de televisão, em N. York.

sente ao exercício e eu não queria fazer feio embora continuasse odiando a guerra e tôda a monarquia austro-húngara, que jamais soubera construir a felicidade do povo húngaro.

No exército húngaro um soldado tinha que olhar fixamente para um oficial, quando êste lhe dirigia a palavra. Era do regulamento! Disse ao sargento que "êle estava dormindo de pé" e, depois, sempre zangado, ordenei que tôda a companhia debandasse.

Todos obedeceram, saindo de forma e caminhando em tôdas as direções. Menos o sargento, que parecia petrificado, firme, *no mesmo lugar!* Fiquei surpreendido. Que havia acontecido? E já me preparava para repreender severamente o "desobediente", quando meu irmão se aproximando, deteve-me. Como médico, logo compreendeu o que ocorria.

— Você hipnotizou êsse homem, Franz! Diga-lhe que acorde imediatamente!

Obedeci . . . e o homem despertou.

Foi assim que fiquei sabendo que um hipnotizador pode fazer alguém dormir independente da sua vontade. Os jornais comentaram o incidente e fui entrevistado por muitos jornalistas. Pouco depois ingressava na Universidade.

Acredito haver lido tôdas as boas obras sôbre hipnotismo, desde oráculos até o faquirismo, fazendo experiências de hipnotismo em pequenos grupos, amigos meus e colegas servindo como pacientes. Os melhores salões de Budapeste, nessa época, não dispensavam a minha presença.

Eu, o calmo e tranqüilo menino de Lago Balaton, tinha agora bastante dinheiro para concluir folgada e confortàvelmente, os meus estudos. Sentia-me, assim, a caminho do triunfo e da fortuna, quando recebi uma carta de Viena:

"Prezado Dr. Polgar:

"O Dr. Ferenzi falou-me a respeito das experiências que o senhor vem realizando; também pelos jornais tenho obtido informações a respeito dos seus talentos hipnóticos. Estou novamente dirigindo um curso: "Introdução à Psicanálise". Não gostaria o amigo de vir a Viena e ingressar no meu curso? Rogo procurar-me tão logo se encontre em Viena, pois estou interessado em trocar idéias com o senhor.

Dr. Sigmund Freud."



Depois do meu medonho episódio da Primeira Guerra Mundial, descobri possuir estranho poder sôbre o pensamento das demais criaturas . . . Como? Não sei dizer seguramente.



Tinha eu vinte e quatro anos, quando recebi essa carta e, como era natural, fiquei orgulhoso e a idéia do triunfo subiu-me à cabeça. Nesse dia de maio de 1924 considerei-me como um rapaz-prodígio, o homem miraculoso e o mais hipnotizador de todos os tempos. Hoje, porém, sinto-me envergonhado ao pensar nisso.

Freud recebeu-me em suas aulas e com êle estudei. Foi êle quem me ensinou a evolução do pensamento moderno, suas complicações e divisões num cérebro ativo ou adormecido.

Há alguns anos, tentei explicar ao meu público que o espírito subconsciente — ou adormecido — conserva centenas de milhares de metros de *filmes*, bastante nítidos, de nossas impressões e também centenas de milhares de discos fonográficos.

Êsse instrumento de três dimensões a que chamamos de subconsciente tudo recorda — para tôda a vida. Cabe ao psicanalista explorar êsse cofre de segredos e trazer para a luz todo o material existente nesse subconsciente.

Eis quando o hipnotismo pode ser de grande ajuda. Pode revelar certos trechos da longa e tortuosa estrada que representa o trabalho de sondar a alma. Foi isso o que Freud me ensinou.

Com a idade de vinte e quatro anos, entretanto, não gostei muito dessa aproximação científica. Estava convencido de que não necessitava disso. Estava seguro de que podia hipnotizar. Isto me chegava. Queria simplesmente continuar a realizar grandes façanhas hipnóticas e receber prolongados aplausos. Por isso não hesitei, irresponsável que era, em deixar Viena e Freud seis meses depois.

E o fato, justamente, de muitos hipnotizadores iniciarem a sua carreira muito moços ainda, entrando a hipnotizar o público sem o conhecimento científico do meu poder, foi o que levou a Dr. Alfredo Adler, outro gigante das pesquisas mentais, a declarar: "Muita gente que tem o poder de comandar a vontade alheia liga tal faculdade a algum misterioso poder que lhe é peculiar. "Isto provoca um sem número de erros, especialmente quando se manifestam perniciosas atividades de certos *telepatas* e *hipnotizadores*. Tais indivíduos chegam a praticar vários crimes contra os seus semelhantes, não recuando diante de qualquer

(*Continua na página número* 113)

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

Portanto, depois de tê-los conosco durante quase uma quinzena, enviamo-los para Colônia Teresa, na volta das canoas que nos foram levar mantimentos, mandando pedir ao diretor da colônia que os entregasse aos coroados mansos, em cuja aldeia podiam morar. Na partida, o chefe barbado me presenteou com o ornamento labial que se vê na página seguinte.

Pobres bugres! Seu fim foi triste. Morreram um a um, alguns dias antes de chegar à Colônia. Irrompeu uma epidemia disintérica entre êles, causada provàvelmente pela mudança de alimentação, especialmente pelo sal, ao qual, em seu estado selvagem, estavam desabituados. A doença começou nas crianças, que foram as primeiras vitimas, atingindo depois aos adultos, que faleceram um após outro. Quando fui à Colônia, um mês mais tarde, encontrei vivos apenas dois, dos vinte e cinco que haviam partido do nosso acampamento.

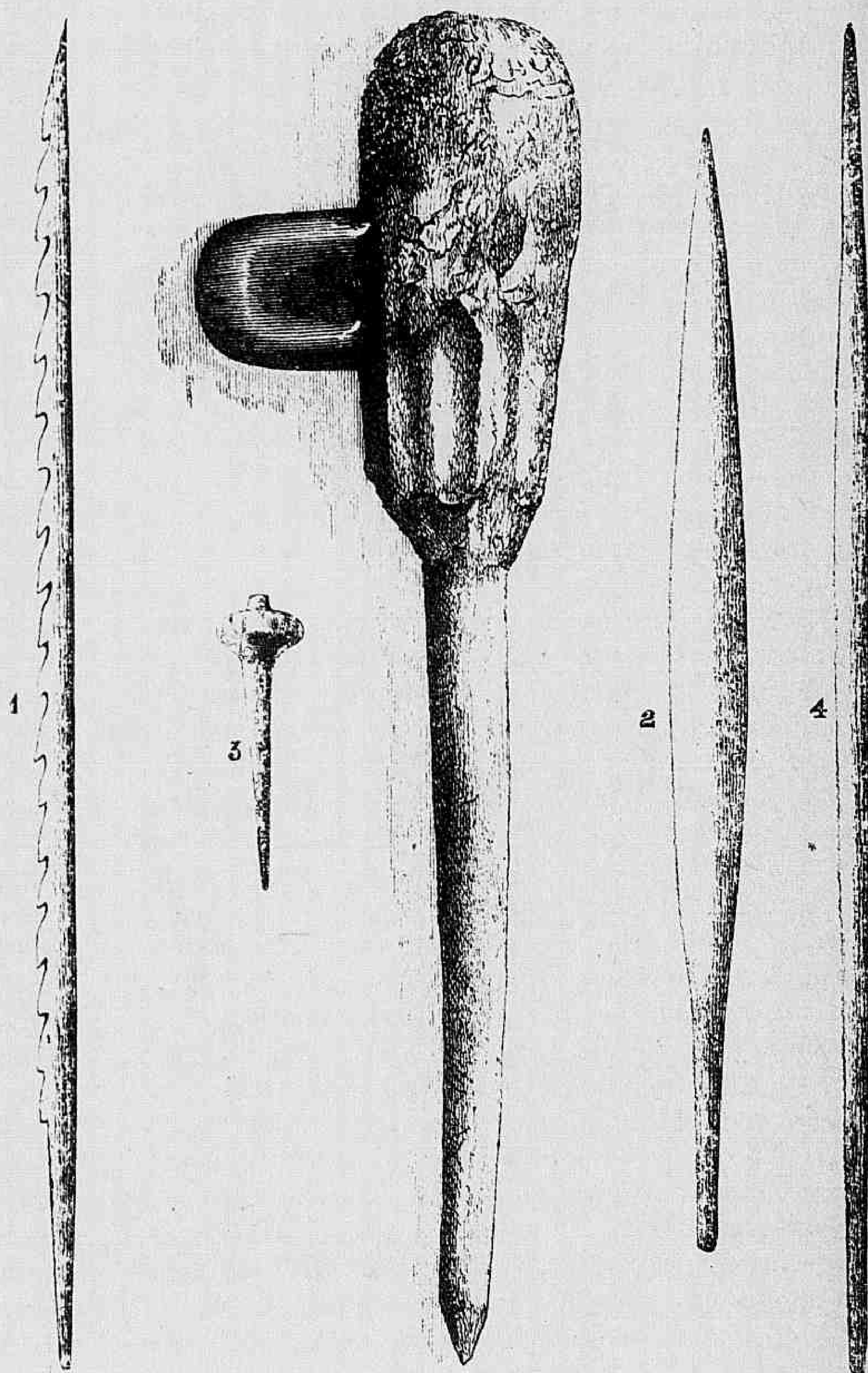
Restavam ainda as duas crianças que havíamos apanhado para criar e treinar para intérpretes, as quais eram bem mais agradáveis do que os seus parentes selvagens.

Eu estava, nesta ocasião, muito atarefado na preparação de planos e relatórios, ficando a maior parte do dia trabalhando nos ranchos dos engenheiros que, com a ausência de Curling, eu ocupava sòzinho. Sendo êle de amplas dimensões, havia sempre um braseiro aceso no chão. Eu convidava então as duas crianças para ficarem à vontade, fazendo-me companhia. Sua ocupação predileta era cozinhar e comer pequenos peixes ou pássaros, como papagaios e tucanos, que eram trazidos de vez em quando, para o rancho, pelos brasileiros. Êles os assavam de preferência na brasa. Pareciam conhecer tôdas as juntas do corpo das aves e dos outros animais, cortando-os com precisão e rapidez, com o auxílio único de uma faca de bambu.

Era fácil perceber que êles haviam passado privações, quando no estado primitivo em que viveram. Não desperdiçavam o menor pedaço do peixe ou da ave que pudesse ser comido; comiam tudo. O osso ficava limpo e até as tripas êles devoravam.

Enquanto as aves e a carne eram geralmente assadas na brasa, o peixe êles preparavam da maneira seguinte: — Enfiavam dois pequenos garfos de madeira no chão, perto das brasas bem quentes, colocados a determinada distância um do outro, de modo que a cabeça do peixe repousasse sôbre um e a cauda sôbre o outro. Por debaixo do peixe assim suspenso, colocavam uma bandeja, feita do cerne da palmeira, para colhêr o líquido que caísse durante a operação. Com uma pena, que mergulhavam neste líquido, êles, muito atentos ao trabalho, mantinham o peixe constantemente molhado, enquanto durasse a assadura. Quando um lado do peixe ficava assado êles viravam-no, trocando a cabeça para onde estava antes a cauda, não pondo nunca o peixe de lado ou de costas, provàvelmente por não ter sido limpo nem lavado antes de ser assado.

Eram os dois exímios imitadores arremedavam o grito de qualquer ave ou animal da floresta, atrás do acampamento. Imitavam-no e depois diziam o seu nome a qualquer pessoa que estivesse perto. Gostavam de arremedar, especialmente as notas melancólicas das pombas. Evidentemente êles aprendiam essas imitações desde pequeninos. Ouvindo as crianças imitarem os sons e repe-



MACHADO DE PEDRA E PONTAS DE FLECHAS DE MADEIRA RIJA, DE USO DOS BOTOCUDOS

N. 1 — Para atirar de emboscada contra os jacarés. Ns. 2 e 4 — Para caçar tapir, porco do mato, veado, e grandes macacos. N. 3 — Para matar aves e pequenos macacos

tirem os nomes dos animais que os produziam, aprendi um certo número de palavras em botocudo. O menino era, não apenas um ativo discípulo, como também um bom e constante preceptor, pois não ficava sossegado enquanto a pessoa que o ouvisse não apanhasse a pronúncia exata da palavra que estava ensinando. Ambos eram vivos e inteligentes. Neste particular, portanto, eram muito diferentes do botocudo adulto que, segundo a nossa experiência, era obtuso e estúpido, quase atingindo às raias da idiotice.

Tivemos muito trabalho procurando melhorar a aparência externa dos nossos jovens hóspedes. Nosso criado, o sueco Oberg, que havia sido alfaiate, fêz vestidos para a menina e ternos para o menino. Os dois eram lavados e penteados regularmente, tôdas as manhãs. A princípio foi difícil ensinar-lhes a utilidade do cobertor. Certa vez fiquei assustado ao acordar à noite e encontrá-los deitados no chão, com pequenos braseiros ao derredor. Na opinião dêles, esta era a única maneira de se aquecerem à noite.

No dia 28 de agôsto, depois da partida do grupo principal dos botocudos para Colônia Teresa, a menina adoeceu. No dia seguinte o menino ficou, igualmente, indisposto. Notei que a menina não se sentia bem, quando vi que ela havia amarrado a testa, dando várias voltas na cabeça com um pedaço de cordel, e apertando tanto que êste quase lhe entrava na carne. Isso é comum entre os Botocudos, quando sentem dor de cabeça. Ela não comeu nada naquele dia, passando todo o tempo a rapar a língua com um pedaço de bambu. Quando o menino ficou doente procedeu de maneira semelhante, isto é, amarrando a cabeça e esfregando a língua. Verificou-se logo que êles eram vítimas da epidemia que, sem o sabermos, começava a grassar entre os seus parentes que haviam seguido rio acima.

Depois do quarto dia, o menino começou a melhorar, mas a menina continuava a piorar. No sétimo dia, verificamos que ela morreria e seu irmão foi, portanto, removido do rancho que os dois vinham ocupando até então. Seus gritos contundentes diziam "ushy (água" e "Oita", que parecia ser o nome de seu irmãozinho.

Na noite do sétimo dia ela morreu e na manhã seguinte foi enterrada nas cercanias do acampamento, perto da margem do rio. O menino a êste tempo estava quase bom, fazendo pena vê-lo vir constantemente ao rancho, nos dias que se seguiram, procurar a irmã. Não a encontrando, saía andando desolado pelo acampamento, repetindo a palavra Oitãnha para todos que encontrava. Não lhe dissemos que a sua pequenina companheira morrera, receiando o efeito que isso lhe poderia causar. Só muito tempo depois êle deixou de perguntar por ela. Embora os sentimentos fiquem amortecidos no botocudo adulto, tal fenômeno é talvez produzido pela vida dura que levam. A prova disso está na afeição que estas duas crianças tinham entre si, o que me fêz concluir que, na infância, não há muita diferença entre a sua natureza e a nossa.

A morte da pequena índia foi seguida de outro caso lamentável, que aconteceu da maneira seguinte: — No dia 7 de Setembro, domingo, a maioria dos homens (havia agora apenas nove no Areranha) havia ido distrair-se, uns caçando e outros pescando; eu, Oberg e o cozinheiro brasileiro ficamos sòzinhos no acampamento. Até o botocudo os acompanhou. Do meu rancho podia ver Johanne, o nosso carpinteiro sueco, pescando tranquilamente de uma canoa amarrada à margem oposta, a umas 200 jardas. Pelos gritos e brados que vinham de certa distância rio abaixo, era claro que alguns brasileiros barulhentos estavam, de acôrdo com o costume, dando expansão a sua animação e entusiasmo. Invejei essa despreocupação de espírito, pois a minha sorte era suportar os tormentos impostos pelos borrachudos — que abundavam no acampamento nesta ocasião — e ficar no rancho escrevendo cartas e instruções.

Notei, após um grito, talvez mais forte do que o habitual, que a algazarra cessara; mas não me preocupei com isso e continuei a escrever, maldizendo os sanguinários borrachudos.

De repente vi aparecer Johanne, e só então notei que saíra do lugar onde estava pescando, do outro lado do rio, que entrou nervoso no rancho, dizendo em seu inglês mal pronunciado: "Um dos brasileiros afogou-se!"

Compreendendo-o de pronto, só demorei o tempo necessário para mandar aprontar o saco de água quente e agasalhos. Corremos em seguida para a canoa e remamos com tôda fôrça possível para o lugar de onde anteriormente haviam vindo os gritos.

Dois homens, de rostos pálidos e roupas escorrendo água, estavam de pé sôbre uma rocha, tirando com a mão a água de uma canoa que parecia ter virado. Ocupavam-na antes três homens, mas um dêles estava em baixo d'água.

Nenhum dos três sabia nadar. Os dois, que se achavam sôbre as pedras, disseram que seu companheiro estava no fundo do rio fazia uns quinze minutos. Mostraram o lugar em que julgavam ter êle submergido e eu tirei depressa as botas e a roupa, mergulhando para ver se conseguia encontrá-lo.

A profundidade aí era de sete pés, mas só depois de mergulhar umas quatro vêzes e de procurar, no fundo, por uma área considerável, consegui encontrar o corpo. Pusemos na canoa, remamos para a margem e, ao chegarmos ao acampamento, tentei todos os meios conhecidos para êste caso, mas desisti depois de uma hora de tentativas, porque não havia mais esperança de salvá-lo.

A vítima era Pedro Batista, um dos homens que me acompanharam na primeira caçada aos índios. Os três, segundo o relato de Johanne, brincavam na canoa, que era aliás muito pequena, quando a viu virar, jogando-os a todos na água. Foi aí que o último grito foi dado. Só Pedro Batista não teve tempo de agarrar-se a canoa virada e, depois de debater-se por uns segundos na superfície da água, afundou como uma pedra, não aparecendo mais. Os outros dois se agarraram à canoa, ficando ali até serem salvos por Johanne. Todos os três homens eram da Cidade de Guarapuava, na campina, o que explicava o fato de não saberem nadar, pois lá não havia rios.

Pedro era um rapaz robusto e de corpo bem

feito, de cêrca de vinte anos de idade. Seu pai fazia canoas para nós, perto de Colônia Teresa, e seu irmão era um dos homens que, neste dia, foram caçar.

Só à noite os caçadores voltaram, gritando e cantando, entusiasmados porque traziam uma anta. A mudança repentina dos gritos alegres para o silêncio foi mais eloquente do que quaisquer palavras que dissessem, quando os dois irmãos novamente se encontraram, pois o corpo ainda jazia no rancho que ficava bem perto do desembarcadouro, para onde havia sido levado.

Pedro foi enterrado no dia seguinte, não muito distante da sepultura da pequena índia, que falecera não havia ainda três dias. Mais tarde puzemos aí uma cruz de madeira para marcar o lugar, e fizemos uma coroa para proteção do local que, daí em diante, seria o cemitério do acampamento.

Êste lamentável acidente nos fêz perder três bons homens da expedição, pois não podiamos negar o pedido que o pai e o irmão fizeram para irem embora. Muitos outros homens, parentes de Pedro, ficaram, com o primeiro choque recebido por tão triste ocorrência, ansiosos para nos abandonar, mas consegui induzi-los a ficar.

Êste acontecimento me fêz ficar aborrecido do acampamento Areranha e me senti radiante quando uma semana ou duas mais tarde ficou resolvido que eu faria uma expedição a uma parte distante da província, o Paraná, onde teria novos cenários e uma mudança completa de vida, podendo assim esquecer os desgostos dos últimos dias.

É pois, com tristeza no coração, que peço, agora, ao leitor, para dar um longo adeus ao Rio Ivaí, até aonde, pelo menos, as páginas presentes dizem respeito. A lei inexorável e natural, que rege os limites exatos da relação existente entre o volume e o espaço, grita, "Pare"; e nenhum espirito amistoso de lenda Árabe aparece para demonstrar, a meu favor, como uma coisa pode dar em nada.

Para mim isto foi muito penoso porque, enquanto eu escrevia as páginas anteriores, sempre me consolei com suas numerosas falhas, das quais estou perfeitamente ciente, por entregar-me à crença de que estava batendo a massa de um pudim, enquanto as ameixas, que o tornariam bonito para o consumo literário, estava reservadas para serem apresentadas no fim, como sendo a melhor parte.

Para o leitor a narrativa, assim interrompida no seu desenvolvimento, pode parecer um caso de desobrigação. Se tal fôr o julgamento, poderei, pelo menos, tirar dêle o consolo não negado aos herejes da Idade Média que, quando seus perseguidores lhes cortavam os dedos e as orelhas, agradeciam a Deus em tais ocasiões, por ficarem com menos orgãos que os fizessem sofrer com a tortura final, que era serem queimados na fogueira.

No caso muito pouco provável do leitor partilhar dos meus pesares, com a conclusão repentina desta narrativa, posso, pelo menos consolar-me com a esperança de algum dia retomar o fio da meada e continuá-la até o fim, falando das cenas mais emocionantes de nossa vida no vale selvagem do Ivaí.

É por ter êste livro um fim mais amplo do que o de ser um simples registro de uma aventura pessoal na vida selvagem, que agora temos de deixar espaço para a descrição de outras cenas, de outros modos de vida, diferentes dos atos de bravura que até aqui encheram estas páginas. Há trabalhos e também emoções vividos em outros lugares a serem registrados. São os que passarei a relatar.

(FIM DA SEGUNDA PARTE)

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

PARTE III

CAPÍTULO I

Destino à Ribeira ✱ *O acampamento do Grupo Nº 1* ✱ *O Desfiladeiro do Ivaìzinho* ✱ *Os encantos do Prado* ✱ *Palmeiras versus Ponta Grossa* ✱ *A Erva Mate, seu preparo e seu comércio* ✱ *O Barrigui* ✱ *Fatos e ficção* ✱ *Um engano.*

Se o leitor observar o mapa que acompanha êste livro, verá um rio que corre para leste e oeste, ficando seu ponto mais próximo de Curitiba a cêrca de cinco milhas ao norte. É o Rio Ribeira, como é chamado vulgarmente : ou, dandose o seu nome todo, Ribeira de Iguape.

Ver-se-á que êste rio corre por uma região que é, talvez, a mais montanhosa de tôda a província do Paraná. Ao contrário do do Ivaí, de onde saímos há pouco, o Vale do Ribeira e os de pelo menos dois de seus tributários principais, isto é, o Ribeirinha e o Assungui, são todos mais ou menos densamente povoados e ligados por caminho de burros e também por via fluvial.

Como era de esperar, pela natureza escabrosa da região por onde passa, o Ribeira, no seu curso superior, é um rio impetuoso, cheio de corredeiras e outros obstáculos semelhantes para a navegação. Abaixo do último ponto marcado no mapa —o Pôrto de Apiaí — o rio começa a mudar o seu aspecto, transformando a sua impetuosidade em uma correnteza mais branda. Sete léguas depois dêste ponto, numa povoação chamada Ipiranga, desaparecem tôdas as obstruções que dificultam a navegação. Daí em diante os vapores de pequeno calado podem navegar, até o Atlântico, sem correr o risco de bater nas pedras de uma corredeira, ou de encalhar em bancos de areia, nos baixios do seu curso.

É feito um comércio considerável de produtos agrícolas, a leste do Oceano Atlântico e a oeste das cidades da planície, vindos de tôda a região que circunda as cabeceiras do Ribeira. Assim é que todo caboclo, nascido e criado nesta região, é canoeiro desde pequenino, pois os caminhos de burro são, como de costume, horríveis, nas zonas montanhosas de florestas, sendo preferível à perigosa viagem fluvial pelos rios Ribeirinho, Assungui e Ribeira, para fazer o transporte de cargas.

Até então eu vinha procurando homens práticos e destemidos, que não se assustassem com a longa série de perigosas cataratas que, numa extensão de catorze milhas, obstruíam o curso médio do Rio Ivaí. Em trânsito, parei dois dias com os membros do Grupo número 1, que estavam agora acampados nas "Campinas", às margens do Ivaìzinho, a uns dias de viagem a cavalo de Colônia Teresa. Deram-nos as carnes mais variadas, cujo paladar há muito havíamos esquecido. Pão, leite, ovos, carne assada — tudo isso tinha o verdadeiro sabor do nosso repasto da velha Inglaterra. Ainda moravam nas tendas. Os prados sêcos e frescos, que as suas linhas de exploração haviam alcançado, eram a antítese das florestas úmidas e gotejantes que, nos primeiros três meses, motivaram o apodrecimento de nossas tendas e produziram môfo até nas nossas roupas.

Coitados ! Mal sabiam êles, nesta ocasião em que pouco lhes faltava para alcançar o seu objetivo, dos contratempos que os esperavam, antes de chegarem à seu destino.

Estavam agora no cume do grande divisor de águas, entre os rios Tibagi e Ivaí. Em linha reta, ficavam à uma distância de quinze milhas, ficando a aldeia a cêrca de 1.600 pés abaixo. Embora fôsse curta esta distância, seriam necessários cinco meses para vencê-la; o mau tempo, as doenças e as intempéries contribuíram com sua cota para retardar a chegada ao fim do trabalho.

O itinerário escolhido foi pelo vale, ou melhor, pela Garganta do Ivaìzinho que, em seu curso de "Campinas" para Colônia Teresa, passa entre alguns dos mais grandiosos e silvestres cenários de floresta de que a província se pode orgulhar, rolando sôbre cataratas e saltos de 50, 100 e 150 pés de altura, entre montanhas que se erguem a 1.000 pés, quase perpendicularmente, dos dois lados.

Tão profundas e íngremes são as gargantas, em muitas partes por onde corre êste pequeno rio tirano, que o sol ali não penetra uma só vez durante todo o ano; depois de um período moderado de sêca, êle fica reduzido a um fio d'água, deixando represadas nos buracos rochosos, entre os saltos, certa quantidade de água que fica estagnada. Foi bebendo desta água que se originou, entre os membros do grupo, uma espécie de febre da selva, que atacou indiferentemente os engenheiros e os trabalhadores brasileiros e europeus. Embora não tivesse, felizmente, resultados fatais, a epidemia não deixou, entretanto, de interferir sèriamente no progresso natural dos trabalhos, tendo apenas uns seis homens escapado sem um ou mais ataques violentos, em dias incertos. Quando o Grupo saiu da longa permanência neste vale abafadiço, a côr dos homens era de um pálido doentio, embora tivessem compleições fortes e sadias, quando para lá foram, em virtude da vida que antes levaram nos saudáveis campos abertos.

Durante uma ou duas milhas, no fim do seu curso, entretanto, pode-se dizer que o Ivaìzinho é um regato de superfície plácida, comparado à agitação das águas irascíveis das suas cabeceiras. A sua fúria perdera a intensidade entre as montanhas, que procuravam impedir, embora infrutìferamente, o seu avanço para a frente.

A ilustração que segue junto a esta descrição é de um esbôço tirado de um ponto de seu curso, o

qual não fica muito acima de Colônia Teresa, onde as montanhas foram substituidas por terra plana e rica de floresta, e os saltos a prumo por suaves cascatas pitorescas. A cascata que aqui está representada era o retiro predileto dos índios de Colônia Teresa, onde pescavam com o arco. As flechas usadas para êste propósito são de extraordinário comprimento — sete pés, geralmente — tôda feita de bambu muito leve, com a exceção da ponta, que é formada de um pedaço de pau d'arco de cêrca de dez polegadas de comprimento, ponteagudo e serreado, de modo que, quando um peixe é atingido e furado de lado a lado, a tendência da flecha é ficar em cima d'água. Assim, o peixe é acompanhado, seguido na água com mais precisão e apanhado mais fàcilmente. Alguns brasileiros são mais hábeis do que os próprios índios, na caça de peixes com o arco e a flecha. No acampamento, situado nas proximidades do Salto d'Areranha, tinhamos sempre dourados em abundância, pescados por um dos camaradas mais jovens que, numa manhã, apanhava trinta libras dêles, na corredeira.

No dia 3 de outubro, dois dias depois de ter deixado o agradável e hospitaleiro acampamento do Primeiro Grupo, passei pela última faixa de floresta que marcava a fronteira do Grande Pampa.

Oh! Deus! Como me saltava dentro do peito o coração, ao ver as grandes planícies ondulantes estendendo-se até o horizonte infindo, chegando às vizinhanças do próprio céu. Na excitação e no entusiasmo do momento, saí da trilha e galopei na direção do alto de uma elevação, lá ficando por um espaço de cinco minutos, com o peito dilatado e os braços estendidos, aspirando a brisa agradável que, procedente do Atlântico, varria as planícies. Senti-me como um prisioneiro que acabasse de sair do calabouço. Fazia catorze meses que não sabia o que era sentir um sôpro no meu rosto — nem ver mais longe do que podia alcançar a minha voz. Gritei com prazer, e os meus auxiliares, Pedro e Messena, pensaram que eu houvesse enlouquecido.

Pouco depois, tendo já dado expansão a tão grande alegria espiritual, entreguei-me a um gôzo mais sereno do novo ambiente. Fiquei surprêso quando pensei no tempo que pude suportar vivendo na floresta tropical que, comparada ao prado, agora considerava como um verdadeiro inferno terrestre.

A não ser a praga de insetos e outros inconvenientes da vida nessas florestas, há alguma coisa em seu silêncio perpétuo, nas suas sombras obscuras e nos seus horizontes limitados, que influi sôbre a mente e o corpo, reduzindo ambos a um círculo mais estreito. Foi assim que, ao sair de lá, após tão longa permanência, todo o meu ser, moral e físico, passou bruscamente para uma vida mais completa, como acontece com uma maçã encarquilhada que, ao receber o sôpro produzido pela bomba de ar que atua sôbre a atmosfera ambiente, distende-se e retoma a sua forma fresca e primitiva.

Esta sutil, mas potende influência, atuando através de diversas gerações, é, provàvelmente, uma das causas que tornam, geralmente, o índio da floresta tão inferior ao seu irmão dos prados, no que diz respeito ao espírito e à iniciativa.

Na primeira noite que se seguiu à nossa saída da floresta, passei por uma pequena aldeia da planice, chamada Capela do Pinheirinho, situada cêrca de três léguas de Ponta Grossa. Nesta época do ano (outubro) os nevoeiros que em plena estação sêca ou de inverno, tôdas as manhãs envolvem totalmente a planície, da parte mais baixa do vale ao mais alto cume, como um lençol branco que tudo oculta, até as 9 ou 10 horas da manha, perderam uma parte da sua fôrça, abandonando, portanto, o alto das cordilheiras, embora ainda se formassem densamente nos desvãos das montanhas e nos vales. Esta é a estação em que o viajante pode apreciar cenas dispersas da mais pura beleza.

Ao raiar do sol, na manhã seguinte, levantei-me e saí para gozar a deliciosa frescura do ar das terras altas, que há muito não sentia. Mas, pela temperatura, que mesmo a esta hora matinal devia ser de 58º a 60º Fahr., eu pude imaginar que era uma gloriosa manhã de Natal, e que o amplo ambiente que me cercava estava coberto de neve, reluzindo sob os raios brilhantes de um sol de inverno. A Capela ficava numa das elevações mais altas da região e dominava tôda a campina, tendo-se de lá uma vista contínua, tanto para o norte, ao longe do Vale do Tibagi, como para o sul, ao longo do Iguaçu, estendendo-se por mais de oitenta milhas nessa direção.

A neblina alva da manhã começava a levantar, dos desvãos onde até então estivera repousada. Entretanto, ainda não se havia levantado a ponto de obstruir a vista das grandes extensões de planícies ondulantes que, para o sul, desapareciam no Iguaçu e depois elevavam-se, pouco a pouco, no lado oposto do rio, até que, numa distância de umas oitenta milhas do lugar onde eu estava, o solo retomava o seu nível primitivo. Quando o sol subiu um pouco mais, saindo de detrás de uma elevação, a cerração parecia, então, nuvens brancas; levantava-se e, detendo-se por algum tempo, cobria tôda a região; daí elevava-se ainda mais alto, desfazendo-se lentamente no éter azul. Começava, agora, o novo dia.

Estas maravilhosas cenas de transformação ocorrem quase diàriamente nos meses de setembro e outubro. Uma hora ou duas após o sol se haver erguido, a atmosfera perde parte da sua limpidez. Sente-se então a brisa das campinas orientais, que aumenta gradativamente a sua fôrça até mais ou menos as quatro horas da tarde; depois desta hora, ela abranda e se vai com o sol. De manhã as mesmas lindas vistas reaparecem, sendo esta, cotidianamente, a fisionomia dos prados.

Passando por Ponta Grossa na tarde do dia 4, encontrei ali um grande melhoramento: a abertura de um hotel, um sublime presente feito ao viajante. Em outra ocasião, hospedei-me um dia ou dois neste novo hotel e acheio-o muito bom. Se tinha alguma falta, esta era a excessiva cortesia do seu proprietário para com todos os seus hóspedes. Êle procurava atender a todos da melhor maneira possível. Deve-se

entretanto notar que êle não era brasileiro e sim italiano.

Saímos de Ponta Grossa e, depois de viajar sete léguas, atravessamos o Tibagi por uma ponte de madeira, muito bem construida sôbre estacas, e chegamos à cidade de Palmeiras, futura rival de Ponta Grossa, cuja população, nesta ocasião, não excedia de 3.000 habitantes. Esta cidade é o centro de um círculo produtor, possuindo gado e madeira em abundância. A fôrça d'água que, em Ponta Grossa, não existe, é aqui usada para movimentar serrarias e fábricas de mate. Por fim, a estrada de rodagem, que já está quase pronta, ligará, em pouco tempo, Curitiba com a costa marítima, o que ainda não se falou com referência a Ponta Grossa.

Saindo de Palmeiras no segundo dia, descemos a Serrinha num ponto vinte e cinco milhas ao sul do itinerário que havíamos seguido quinze meses antes. Havia sido construída aqui uma estrada de rodagem, um trecho da nova estrada a que aludi. Como nossos animais não estivessem ferrados, não pudessem, por êsse motivo, resistir à caminhada sôbre o granito e o quartzo da estrada, abandonamo-la e fomos para o antigo caminho de burros.

Margeando a cidade de Campo Largo, chegamos a um sítio que ficava à uma distância de uma légua de um moinho de mate, o segundo por que passávamos neste dia. Mandei Messeno entrar e perguntar ao proprietário se eu podia visitá-lo. Com a resposta afirmativa, entrei.

O processo do preparo da erva mate tem sido descrito tantas vêzes, que eu aqui vou fazer apenas uma descrição em linhas gerais.

Há, de fato, no preparo da erva, dois processos inteiramente distintos. O primeiro é a colheita dos rebentos e das fôlhas novas, que são colocadas, para a operação da testagem, num dispositivo que fica sôbre um fogo ativo; o segundo consiste na trituração das fôlhas sêcas, que é feita nos moinhos de mate. Foi esta operação que agora entrei a ver.

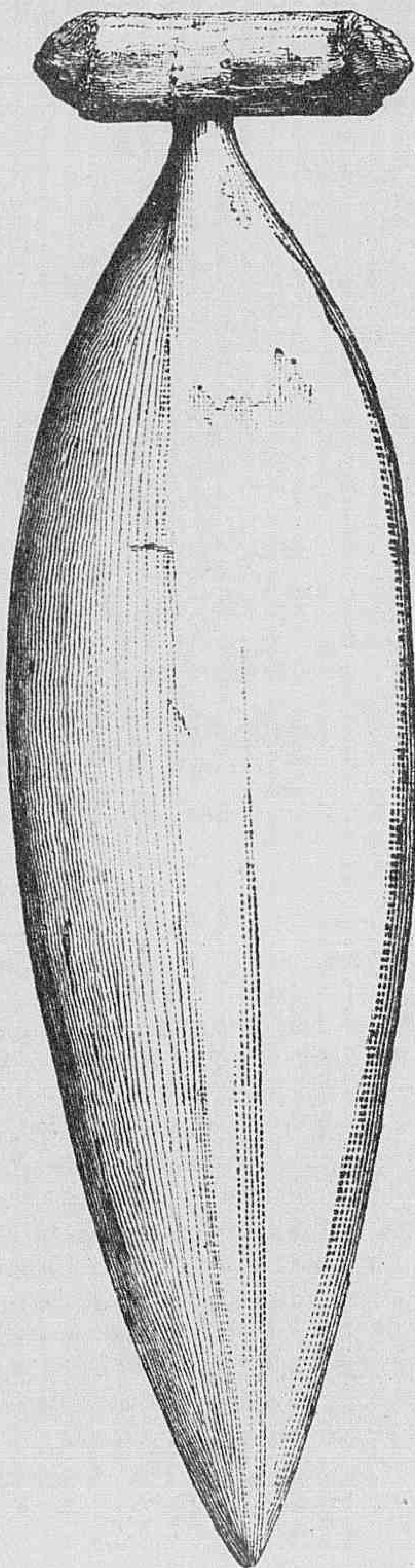
Êste engenho especial tinha doze pilões de madeira, que funcionavam da maneira habitual, isto é, por meio de dentes ou pernas, colocados em espiral, ao redor da circunferência de um cilindro giratório. A fôrça motriz era produzida pela água de um pequeno riacho que, enchendo intermitentemente um pequeno reservatório, caía sôbre uma estreitíssima roda hidráulica de alcatruzes, de dezesseis pés de diâmetro e apenas seis polegadas de largura. A despeito desta fôrça e dêste aparelho deficiente, preparava-se por dia 150 arrobas, ou seja, mais de duas toneladas de mate. Quando nos lembramos de que a erva-mate não requer cúltivo e que é encontrada com abundância, em estado nativo, nos áditos das florestas, não será surprêsa se eu disser que, há poucos anos atrás, a fabricação e venda de mate pelos donos de engenho, que o compram já sêco aos colhedores, davam um lucro líquido de mais de cento por cento.

Os consumidores principais eram, neste tempo, a Argentina, o Chile e o Peru. De repente, êstes países se recusaram a continuar comprando o mate brasileiro. Devido ao seu alto preço, os fabricantes e os negociantes o misturavam com outras espécies de fôlhas sem valor nutritivo, a fim de auferirem maiores lucros. Em consequência disso, o comércio que, até então, vinha enriquecendo a província do Paraná, parou sùbitamente e os preços caíram tanto que, por fim, quase não compensava produzir o artigo. Nunca foi tão oportuna a divisa: "A honestidade é a melhor política", demonstrada claramente neste caso.

Ouvi falar, um ano mais tarde, que o dito comércio mostrava sintomas de melhoria. Será uma pena se uma fonte tão grande de lucros legítimos desaparecer assim tão sumàriamente da província.

O Paraguai, antes da grande guerra em que ficou completamente arruinado, fôra o principal país produtor de mate, na América do Sul. Com a sua queda, o centro do comércio deslocou-se para as províncias meridionais do Brasil, de onde mais uma vez fôra desviado parcialmente, pela política fraudulenta seguida pelos fabricantes e comerciantes, com o intuito de aumentarem os seus lucros.

Na noite de 2 de outubro, acampei na margem do pequeno Rio Barrigui, tributário do Iguaçu, o qual passa a uma légua de Curitiba. Alguém escreveu, num programa recentemente publicado, estabelecendo as vantagens de um certo esquema de colonização, referência esta que já foi uma vez (1) feita, e trata da existência de uma via principal navegável por meio dêste mesmo rio, o Barrigui, até um ponto que fica a cêrca de cinqüenta milhas abaixo de sua junção com o Iguaçu. Em face dessa afirmativa, que é feita de modo a orientar mal os futuros imigrantes quanto ao valor da povoação escolhida, posso afirmar que os levantamentos feitos pela nova expedição provam que há uma



ORNAMENTO LABIAL DE UM CHEFE BOTOCUDO. PÊSO: 1/4 DE LIBRA.

---

(1) *Vide apêndice, Notas F1 e F2.*

queda d'água total de quase 200 pés, nesta chamada via fluvial principal, entre Curitiba e a povoação. O interessante é que esta "via principal" não é, absolutamente, via principal, pois os rios, entre os dois pontos mencionados, são obstruidos por um grande número de "rápidos" ou saltos e de cataratas.

Curitiba havia saido completamente da minha lembrança neste intervalo de catorze meses. À direita e à esquerda da nova estrada que levava à Palmeira, havia longas carreiras de casas, no mesmo lugar onde eu antes vira o prado aberto. À direita, em construção, vi um gigantesco edifício, parecendo-se mais com um hotel estilo inglês do que com qualquer dos que eu vira no Rio. Em todos os lados havia sinais de inconfundível progresso.

O elemento alemão parecia ter aumentado muito no lugar e os meus dois companheiros, de pele morena e cabelos prêtos, pareciam deslocados na "cidade" capital. O povo parava nas ruas para nos olhar, querendo advinhar, talvez, de que parte longínqua do globo havíamos vindo, pois as roupas do sertão e a aparência que tinhamos de viajantes indicavam que éramos forasteiros.

Daí a pouco fomos abordados por dois crioulos uniformizados, armados de sabre, que nos fizeram parar : foi então que, pela primeira vez, lembramo-nos de que estávamos armados até os dentes. Levávamos garruchas, revólveres e compridas facas, tudo isso no cinturão que tinhamos em volta do corpo. Compreendíamos agora não ser de admirar que o povo nos olhasse tanto, pois o porte de armas é proibido em Curitiba. Explicamos logo a situação, mas os dois soldados não nos deixaram enquanto não chegamos à porta do Hotel Leitner's, onde pretendíamos nos hospedar, já receando que fôssemos acusados de algum assassinato.

Herr Leitner nos recebeu de braços abertos. Senti-me satisfeito por não ter sido esquecido, a despeito das inúmeras transformações por que passara a cidade.

CAPÍTULO II

As duas colônias de Assungui ✻ Os prazeres durante uma viagem de burro ✻ As desvantagens das encostas íngremes para plantação ✻ O Sr. Cordeiro ✻ T Freguesia de Assungui ✻ O Sr. Nóbrega ✻ Escravização branca ✻ Descrição do sistema ✻ A Freguesia de Ribeirinha ✻ Sr. Garcez ✻ Região fértil ✻ Seu comércio ✻ Porque os pequenos lavradores não vencem

A colônia de Assungui vem, nesses últimos anos, ganhando, aqui no país, uma reputação talvez não muito favorável, dada pela emigração. Colonos mal sucedidos têm voltado de lá para a Inglaterra, como portadores de histórias terríveis de decepções e até de sofrimentos por que lá passaram. Observa-se que, no ano de 1864, a sua população era calculada oficialmente em 208 habitantes, e que, no ano de 1873, apenas somava 440. Apesar disso, no intervalo entre estas duas datas, entrara grande número de imigrantes. Assim sendo, não se pode deixar de pensar que sempre houve um (possìvelmente muitos) parafuso frouxo na cabeça de alguém.

Assungui ficava no caminho de Ribeira, situada quase nas margens do rio dêste nome. Devido, entretanto, à existência de dois lugares com o mesmo nome a colônia e uma freguesia, a umas trinta milhas uma da outra — fato que eu não sabia na ocasião, encontrei-me na estrada que levava à última, quando eu pretendia ir à primeira, depois de sair de Curitiba. Como mais tarde verifiquei, êste engano trouxe-me algumas vantagens para o objetivo de minha viagem, porque tive, então oportunidade de visitar uma região onde consegui alguns dos melhores remadores da província; e, não fôra por certos acontecimentos inesperados, eu não teria necessidade de ir mais adiante para conseguir o necessário para o grupo.

No dia 12 de outubro, parti, de burro, para a freguesia de Assungui, viajando por péssimas trilhas, que ficavam ainda piores com as constantes quedas das garoas. Ficava situada cêrca de cinquenta milhas à noroeste de Curitiba, nas margens do rio do mesmo nome, o qual é tributário do Ribeira, enquanto que a colônia de Assungui, centro de povoação inglêsa, fica a sessenta milhas de Curitiba, numa direção ligeiramente a nordeste. A estrada, na primeira metade da distância, leva às duas povoações.

Tínhamos que dar tôda atenção aos nossos burros, que estavam escorregando muito na superfície escorregadia dos caminhos íngremes, ameaçando cair conosco a qualquer momento. Entretanto, a região em que viajávamos era bem interessante, não só no que dizia respeito à paisagem como no caráter geológico. Merecia, pois, cuidadosa observação de nossa parte.

Meu caderno de apontamentos registra o fato de, neste dia, o meu burro haver caido cinco vêzes, ao passo que, nos caminhos ruins da floresta, a média era de uma ou duas quedas diárias. Não se deve julgar que quando o burro cai o cavalheiro cai também. Ao contrário, o que êle tem a fazer é abrir as pernas, para evitar que as mesmas fiquem por baixo do corpo do animal — pois êste geralmente, escorrega e tomba de lado — e esperar, sentado na sela que o animal se levante novamente. Algumas vêzes, entretanto, os trancos repetidos que o cavaleiro recebe são tão grandes, quando o burro tenta levantar-se, que êle, não se firmando bem, pode não evitar uma fragorosa queda.

No dia 13 a viagem foi melhor, porque as estradas estavam mais sêcas, pois as chuvas haviam estiado. A dez milhas mais ou menos para o norte de Curitiba, chega-se à fronteira do platô elevado em que a cidade está situada. Esta fronteira ou linha divisória é marcada por uma grande diferença no *stratum* e um afundamento para o norte; enquanto ao mesmo tempo, baixos morros, de encostas irregulares, densamente cobertos de mato, tomam o lugar das elevações das campinas e das planícies cobertas pelo capim ondulante.

Por todos os lados que eu podia observar êstes morros, notava que êles eram de vez em quando roçados ou mesmo cultivados até ao alto. As trilhas que levavam às roças eram tão numerosas que nós, em duas ou três ocasiões, nos perdemos entre elas e tivemos de voltar de grandes distâncias.

(Continua no próximo número)

JUSTIÇA ESTÁTICA

(EPISÓDIO REAL)

Em 1931, Charles Boisgrant foi condenado a vinte anos de prisão, depois de várias provas (circunstanciais) o indicarem como o assassino de Alfred K. Smith, um seu associado numa oficina de mecânica. De nada valeram os seus enérgicos protestos de inocência. As autoridades não encontraram outra pessoa mais indicada do que êle para perpetrar o crime e, como as autoridades, os parentes do morto também o consideraram culpado.

E como prova disso, ao mandar erigir um monumento funerário para o assassinado, não se esqueceram de acrescentar, após o nome de Smith:"... **assassinado por Charles Boisgrant, que a justiça puniu condenando a vinte anos de prisão.**"



A c o n t e c e u, entretanto, que, ao fim de seis anos, sempre lutando por conseguir a sua liberdade, Charles Boisgrant conseguiu que o julgassem novamente; foi feliz porque o novo júri não encontrou nos autos provas suficientes para confirmar a primeira sentença. Considerando que o apelante não era **comprovadamente** o assassino de Smith, concedeu-lhe a absolvição por unanimidade.

Radiante de alegria, Charles Boisgrant tratou de regressar a sua residência, a fim de refazer a vida. Porém, ali, triste surprêsa o aguardava: um mal-estar, pesado e generalizado, cercando todos os seus passos e atos... **em razão do que estava escrito na pedra tumular de Alfred K. Smith.**

Revoltado com o fato, Charles Boisgrant decidiu fazer um requerimento ao Diretor do cemitério, protestando e solicitando a imediata remoção dos dizeres originados pelo rancor mais injusto e mesmo porque já agora estava provada a sua inocência. A resposta, entretanto, não lhe deu satisfação. Alegou a administração do cemitério não estar em seu poder tocar nos túmulos. Era proibido pelo regulamento do cemitério.

Boisgrant resolveu apelar para o delegado distrital, o qual, depois de ouvir a sua queixa e considerar que tinha tóda razão, declarou-se igualmente sem autoridade para intervir no caso.

Sem desanimar, Boisgrant não hesitou em apelar para o Prefeito de Colúmbia e, nada conseguindo (pelas mesmas razões), recorreu ao Presidente do Tribunal de Recursos do Estado (Alabama). Nada conseguiu, ainda. Todos alegavam a impossibilidade de tocar num túmulo, considerado intocável por quem quer que fôsse estranho à família do morto.

Teimoso, Boisgrant foi até ao Governador do Estado, o qual confessou também não ter poderes para modificar os dizeres da pedra tumular, apesar de lamentar o fato, considerando-o revoltante.

Boisgrant não se deu por vencido. Procurou contato com elementos do legislativo estadual e êstes, compreendendo a injustiça da sua situação e condenando a atitude dos parentes do assassinado, em pouco tempo votavam uma lei **"proibindo dizeres ofensivos a qualquer indivíduo, em tabuleta, cartaz, faixa ou mesmo pedra tumular".**

Esta lei foi votada em maio de 1951!

Era finalmente a vitória... embora sòmente depois de vinte anos!

Baseado na nova lei, Boisgrant requereu ao cemitério e obteve satisfação. Vinte anos em que as palavras de vingança o perseguiram e o torturaram, dia e noite, causando-lhe tão grande prejuízo moral como se tivesse permanecido êsse mesmo espaço de tempo na prisão.



NOVIDADES E INVENÇÕES

Foi patenteada, nos Estados Unidos, a invenção de um lápis que traz dentro de si um rôlo de papel. À medida que se vai escrevendo, o papel vai saindo do lápis.

A África, que ainda produz pouco petróleo, poderá se transformar numa importante fonte produtora, na opinião dos técnicos. Já estão sendo feitas explorações na colônia inglêsa de Kenya, África Oriental.

OS GRANDES ERROS JUDICIÁRIOS (VI)

O êrro judiciário, no presente caso, é patente; mas nesta vez, ao menos, não houve vítima! O caso ocorreu no início dêste século, exatamente no dia 31 de dezembro de 1901, nos altos platôs da Margeride, em pleno Gévaudan, próximo do Puy-en-Velay. A noite tinha sido medonha. Rude tempestade havia incessantemente castigado, desde a véspera, a região, e todos lamentavam os que eram obrigados a correr as estradas com um tempo tão impróprio.

Entretanto, cêrca das três horas da manhã, pancadas precipitadas, batidas contra a porta do pôsto de guardas de Sangues, grande aldeia com mais de 3.000 habitantes, despertam o brigadeiro Péron, que salta do seu leito praguejando contra o intruso e acende a pequena lanterna de mão:

— Maldito bêbedo! — resmunga êle, furioso contra o desconhecido que faz tanto barulho — Vamos parar com isso?

— Depressa... Depressa... Um crime monstruoso... — grita alguém, na sombra.

— Lá vou. Um momento! — respondeu Péron, já agora totalmente acordado pela notícia.

Veste-se num abrir e fechar de olhos; em baixo faz perguntas, tendo imediatamente reconhecido o outro homem, trêmulo dentro da roupa encharcada. Com a ponta da bota, o policial reanima as brasas que ainda se mostravam rubras no fogão.

— Vem aquecer um pouco êsse corpo, Baihet! Assim vai ficar doente!

O camponês ergue os ombros com indiferença e fala em frases curtas, rápidas, descosidas:

— André Desplats... Você conhece? É a mulher, a Martine... Os dois... Estrangulados... Mortos... Ela, na sala do albergue... com a garganta cortada. Êle, em cima, no próprio quarto de dormir... morto com um grande martelo de quebrar pedras... Mortos, é claro! Ora se estão! Pelo menos foi o que pensei, pois logo corri para vir avisar... Quando? A que horas? Uma hora... sim, uma hora da manhã, mais ou menos!

Péron age depressa; é homem de decisão e já viu crimes de todos os gêneros, em vinte anos de serviço. Êsse será, talvez, o seu último **grande caso**, pois deverá aposentar-se na próxima primavera; os cavalos estão selados. Baihet bebe um gole de cidra quente e logo salta para a garupa do animal do brigadeiro. Em caminho repete a sua história, acrescentando, aqui e ali, um detalhe, quando o mesmo lhe vem à memória. De passagem, o Dr. Vergne, um septuagenário ainda robusto, habituado às longas excursões noturnas, e em qualquer tempo, é também despertado e segue a caravana, levando Baihet no seu "cabriolet". Sôbre a lama e a neve, sob a chuva que não pára, os cinco homens se apressam para Boisgrand.

Boisgrand: um povoado a três ou quatro quilômetros de Sauges, formado por duas casas de verdade, a dos Desplats e a dos Baihet, além de pequenas habitações indígenas dêsse nome; Baihet reside no lugarejo com a espôsa. Os Desplats são três: o casal tem com êles o filho mais velho, João, sólido e rude rapaz, cem por cento

O MISTÉRIO DOS



O CASAL DESPLATS TINHA SIDO ASSASSINADO. QUATORZE ANOS MAIS TARDE, UMA CARTA

lavrador, nada tolo, embora rebelde aos estudos e que apenas quer empunhar o cabo da enxada ou do machado, cuidando do campo ou derrubando árvores em redor da propriedade paterna, um rapaz de trinta e dois anos, forte como um cavalo, duro e resistente, um pouco exagerado no interêsse pelo lucro e que, apesar das ofertas tentadoras de uma tia, sua madrinha, **épicière** em Clermont-Ferrand, sempre recusou ir para a cidade. Nasceu em Boisgrand, ali viverá e morrerá! E o filho mais moço, Francisco, menos robusto de físico, porém mais forte de cabeça e mais curioso, é quem aproveita das boas disposições da tia; aceita a sua hospitalidade logo que termina o serviço militar e consegue vencer no comércio. Aos vinte e nove anos está à frente de um dos maiores armazéns de secos e molhados de Clermont, bem ajudado por sua espôsa antiga professôra, mulher de juízo e larga visão, além de ativa, trabalhadora, e que lhe deu dois filhos. Vivem felizes e a tal ponto que quase esqueceram os parentes de Boisgrand.

Entre os Desplats, de Boisgrand, a coisa é diferente e corre mal. O velho Desplats é homem correto, mas violento e não muito inteligente. Instigado pela mulher, Martine, uma morena de quarenta e oito anos e ainda muito moça, de cuja honestidade muito falavam na aldeia, decidira abrir no andar térreo da casa uma sala de albergue, freqüentado pelos piores elementos do lugar, em parte, também, atraídos pelos olhares faceiros da ainda bela Martine.

João muito se zangou com a transformação de um aparte da casa em tasca. Nada mais compreendia além da terra e dos trabalhos da terra. Jamais o viram ajudar o velho pai quando êste rolava os tonéis da adega para a tasca ou servir os bêbedos. Como única auxiliar tinha uma rapariga de dezessete ou dezoito anos, Toinette, que servia de criada para todo o serviço; era bonita, de maneiras educadas, não temendo os rudes homens que freqüentavam o "salão", mas evidentemente interessada por João Desplats. O colosso, entretanto, fingia nada notar. Temia as mulheres e suas complicações — conforme costumava afirmar. Diziam também que êle tinha **um amor** fora da aldeia.

DOIS CADAVERES



OS CORPOS ESTAVAM CAÍDOS NO SOALHO. ANÔNIMA ESCLARECE O MISTERIOSO CRIME.

A CARTA MOLHADA — Os dois Desplats, quando o brigadeiro Péron e o médico Vergne se curvaram sôbre êles, estavam realmente mortos — desde várias horas. Baihet tinha razão. Quando os descobrira, caídos sôbre o soalho, êles já haviam morrido.

— Mas que fazia você no albergue a uma hora tão avançada? — perguntou, afinal, o brigadeiro Péron.

Baihet não dissimulou seu embaraço:

— Oh! Eu bem sabia que a qualquer momento me fariam essa pergunta. E desde que deixei Boisgrand para procurar socorro em Saugues, procuro um meio de esconder a verdade...

— Hein?

— Sim... Sim... Pois se minha mulher vier a saber... será um desastre... Mas vou contar tudo...: esperando que você, sendo amigo, guardará segrêdo.

Baihet e Martine enganavam o pobre Desplast. O vizinho se encontrava com a espôsa do taberneiro uma ou duas vêzes por semana, no próprio quarto de Martine, até onde chegava por meio de uma escada. Naquela noite agira como sempre, sendo então surpreendido pelo silêncio que rei-

nava no quarto. Em geral, a mulher ficava à sua espera e acendia uma lamparina de azeite para o guiar. Tateando chegou até ao quarto de Martine, que encontrou deserto... Surpreendido tratou de acender, êle próprio, a lamparina. A porta do quarto estava entreaberta... Empurrou-a cautelosamente... e viu, no quarto vizinho, um corpo estirado sôbre o leito em posição estranha. Aproximou-se com precauções e reconheceu o velho Desplats, morto, com o crânio esmigalhado pela violência dos golpes com o martelo e, além disso, com a garganta aberta por tão profunda navalhada que o desgraçado estava quase decapitado.

"— Desci até ao térreo, procurando saber o que fôra feito de Martine. Na cozinha, os restos do jantar ainda estavam sôbre a mesa. O gato da casa miou ao me ver. Mas nem Martine nem João deram sinal de vida... Cheguei à sala do albergue, não sem que a minha lamparina apagasse duas vêzes. Junto da porta, escancarada, tropecei contra o cadáver de Martine! Também com a garganta aberta!

Baihet foi assaltado por mêdo pânico. Esqueceu também que êle próprio estava em situação difícil. Pensou ùnicamente em correr, em gritar, em dar o alarma!

Teria João Desplats morrido também, massacrado? Não aparecia em nenhum lugar! Não se encontrava, em todo caso, o seu cadáver. Desaparecera, simplesmente!

"— Isto que é?" — perguntou repentinamente um dos guardas, curvando-se entre as cadeiras do albergue.

Ali, no soalho, havia um papel... uma carta com envelope... molhada pela chuva... — Uma carta dirigida a Francisco Desplats, 27, praça de Jaude, Clermont Ferrand. (Devemos anotar que Francisco não morava no 27, mas no 29 da mesma praça.) Péron abre cuidadosamente o envelope... Trabalho difícil, dado o mau estado da carta... e o papel úmido, que se desfaz... Mas é possível ler alguma coisa:

"Adeus, Francisco... miserável... mais..."
E' o princípio da epístola, muito curta, aliás. O fim é um pouco mais fácil para decifrar:
"— Levo o dinheiro; você terá a casa e a terra; beijos para Ana, o pequeno João e Margarida"
Ana, o pequeno João e Margarida, são os dois filhos de Francisco, além de sua espôsa. A carta está assinada: **João;** distingue-se mal o "J", mas não pode haver dúvida.

Tudo se esclarece. De mais até! Apenas continua obscuro o móvel do crime, dêsse duplo parricídio. Mas logo encontram um: a ganância. João revelara seu desejo de obter do pai a total direção da propriedade campestre. O albergue já lhe chegava. O filho ficaria com as terras. Discussões acesas tinham sido travadas nos últimos meses entre os Desplats. Martine confiara aos vizinhos que temia a fôrça e a violência do seu filho mais velho:

"— Por um estreito pedaço de terra, êle mataria qualquer um!" — havia ela afirmado, certa vez.

Sinistro pressentimento!

Nunca se saberia o que se passara exatamente, pois que a única testemunha possível, Toinette, se ausentara oito dias antes, para visitar os parentes, no Canal, e assistir ao casamento de uma prima. Só voltaria dois dias mais tarde. Quanto aos Baihet nada de suspeito tinham ouvido. Mas, com uma tão furiosa tempestade, quem poderia ouvir fôsse lá o que fôsse, além da ventania e dos trovões?

Tôdas as buscas para prender João Desplats foram vãs. Foi condenado à morte, à revelia. Depois tudo foi esquecido...

QUATORZE ANOS MAIS TARDE — Quem poderia recordar os detalhes da tragédia de 1901? O brigadeiro Péron estava aposentado; o Dr. Vergne morrera em 1904; Francisco Desplats continuava a progredir nos negócios em Clermont; a guerra de 1914 o enriquecera prodigiosamente; morrera-lhe a mulher em 1911, levada por uma banal tifóide; os filhos estavam prestes a casar. Se algumas vêzes pensava no irmão mais velho, que se arrastava em algum lugar do mundo com o terrível remorso do mais nefando de todos os crimes, depressa o bania do pensamento. Nada podia fazer pelo fugitivo e por isso mesmo não queria sequer pensar nêle.

Mas foi forçado a mergulhar de novo em todos os detalhes dêsse sinistro passado, quando, na manhã de 17 de março de 1915, encontrou entre a sua correspondência uma carta anônima fornecendo uma explicação inteiramente nova, inesperada e impressionante do drama de Boisgrand.

A acreditar nesse correspondente anônimo, João não só não era o assassino do seu pai e da sua mãe, como tinha sido, até, a primeira vítima do seu comum assassino! Fôra apunhalado antes de seus pais, por ser o mais forte e perigoso de enfrentar. Livre dêsse adversário musculoso e temível, o assassino massacrara a Martine e o velho Desplats. A mulher primeiro, que ainda cuidava da arrumação do albergue. O marido em seguida, que, sofrendo de reumatismo articular, deitara-se nessa noite muito cedo. Depois, o corpo de João fôra jogado numa pequena lagoa que fechava a propriedade pelo lado sul.

"Esvaziem a pequena lagoa — dizia a carta — **e encontrarão a prova do que afirmo. Mesmo que as carpas tenham comido o corpo de João Desplats, poderão recolher o relógio de prata do assassinado, que o criminoso não quis retirar. E encontrarão também a grande pedra à qual o corpo foi amarrado."**

Lívido, Francisco sentia que essa carta não mentia. Mas quem, nesse caso, massacrara seus pais e seu irmão?

Avisada, a polícia de Clermont logo agiu. O inquérito foi reaberto. A lagoa depressa foi posta a sêco.. e, no dia 4 de abril, em presença de numerosos camponeses dos arredores, o corpo

de João foi recuperado. La estavam a grande pedra e o relógio, no bôlso da calça onde em geral êle o trazia. Na noite do dia 4 para 5 do mesmo mês, Luís e Vitorina Baihet se enforcaram na própria granja. Deixaram uma carta confessando-se autores do hediondo crime.

Tinham sido êles os assassinos dos Desplats. Com a ajuda de um empregado de sua propriedade, de origem espanhola, Franco Esparnado, que deixara a França dezoito meses mais tarde e fôra assassinado em Barcelona, em 1907, numa rixa de taberna. Esparnado fôra o instigador do crime e também êle o idealizador da carta e do desaparecimento de João Desplats, sôbre quem recairiam forçosamente as suspeitas.

Assim os três cúmplices haviam esperado um dia favorável. A ausência de Toinette vinha ajudar os miseráveis em seu tenebroso plano. Porém os receios de Luís Baihet haviam ainda provocado um atraso de oito dias. A terrível tempestade da noite de 20 de dezembro decidira-o finalmente.

— E' uma noite de drama! — dissera Esparnado com muita propriedade. E o mesmo indivíduo jogara a carta ao chão, para que fôsse molhada pela chuva, acrescentando: "Assim será mais difícil descobrirem que a letra não é dêle!"

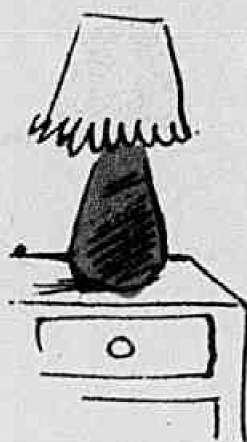
Fôra, porém, Baihet o executor das três vítimas. Móveis do crime: três. Baihet sabia onde Desplats escondia o seu dinheiro (60 mil francos em moedas de ouro), esconderijo que a própria Martine imprudentemente lhe revelara em um dos seus furtivos encontros. Baihet desejava comprar (e comprara, realmente, em 1902) por baixo preço uma parte das terras de seus vizinhos. Finalmente Vitorina Baihet — que não ignorava as infidelidades do marido — odiava a sua rival.

Quem enviara a Francisco Desplats a carta anônima, revelando tôda a verdade? Vitorina... para se vingar do entusiasmo de seu marido por uma jovem criada da casa...

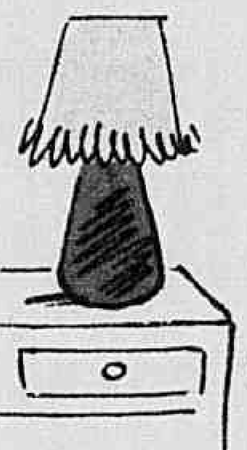
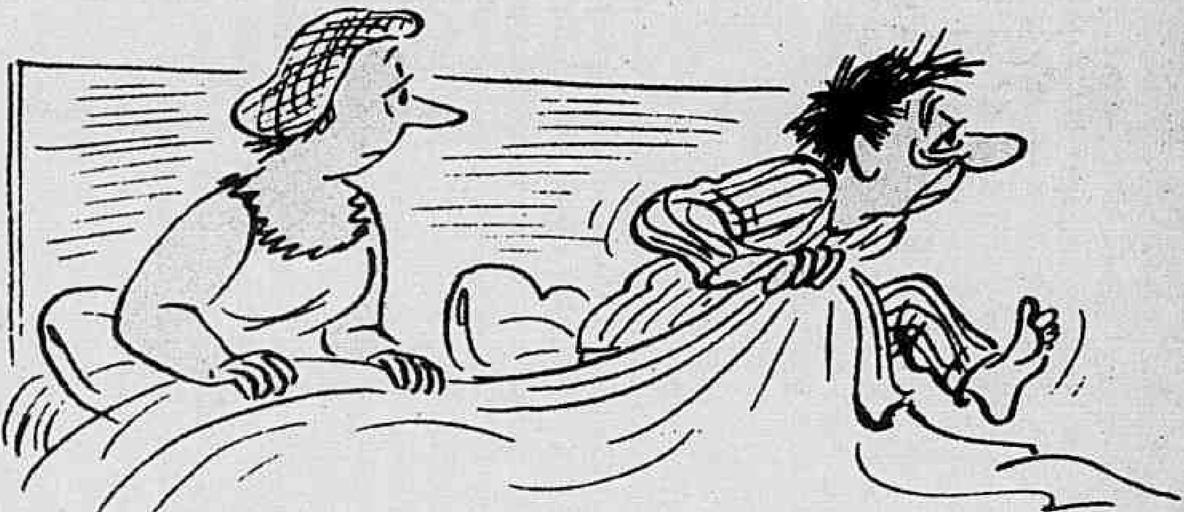
Implacável em seu ciúme, Vitorina denunciara o marido, perdendo-se com êle.

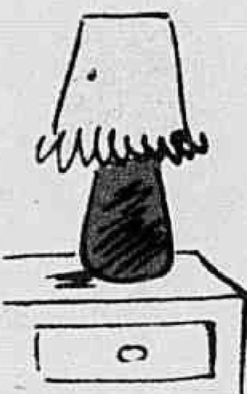
RAID NOTURNO

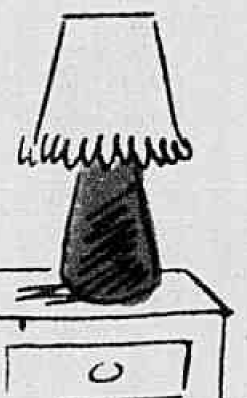
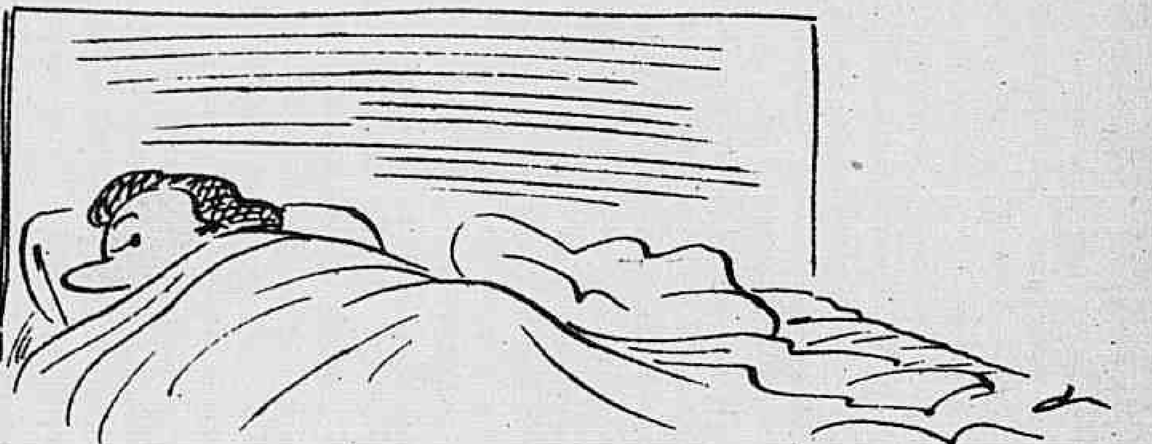
Por SYVERSON

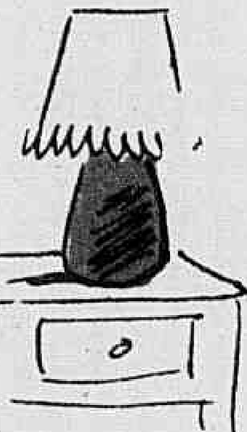
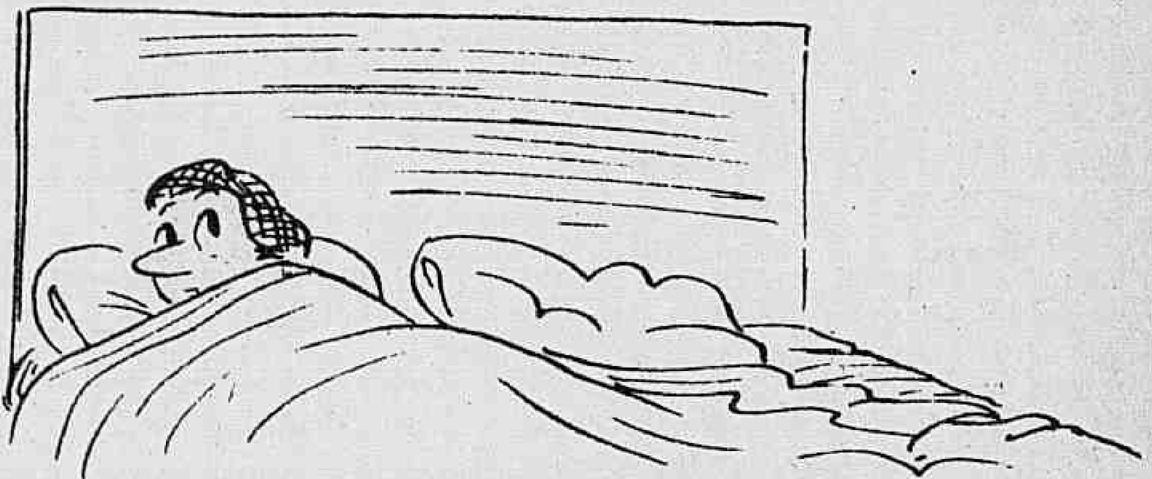


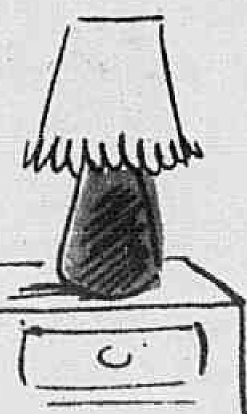

— João! João! O telefone, João!






— Ligação errada!

«O HOMENZINHO NÃO TINHA A APARÊNCIA DE UM MALANDRO DO PRADO. MAS A VERDADE E' QUE TINHA NO BÔLSO UMA GORDA «BOLADA» — E UM FARO INCRÍVEL PARA APONTAR, NAS CORRIDAS, O CAVALO GANHADOR!»



Novela de

JEREMIAH GARDNER



VAMOS...

EU estava parado junto do gradil que separa o público dos quadros de cotações, consultando as condições do 8.º páreo. Estava inteiramente absorto com as próprias idéias e, segundo creio, lendo e fazendo comentários, tudo como se conversasse com alguém, mas na verdade falando comigo mesmo — péssimo hábito que não posso dominar — quando, repentinamente, alguém bateu de leve num dos meus ombros, enquanto uma voz desconhecida, um tanto esganiçada, dizia a meu lado:

— **Mister**... não há necessidade de estar aí lendo as cotações. Aqui estou para lhe indicar o vencedor do páreo! Ganha Napoleão — e por cinco corpos!

Voltei-me, ràpidamente e — ali estava um homem idoso, tendo talvez um metro e sessenta de altura e metido num terno prêto e reluzente. Tinha qualquer coisa de alegre e grotesco ao mesmo tempo, e havia ainda, nêle, qualquer coisa de vagamente familiar, embora jamais o tivesse visto, antes, em tôda a minha vida.

— Com que então... ganha Napoleão, hein? Formidável! — disse eu com a minha voz e o meu gesto mais sarcásticos.

O velhote, porém, não se abalou com isso.

— **Mister**... Não quero meter-me onde não sou chamado. Apenas pensei que o senhor gostaria de obter um vencedor. Tenho-o visto tôda esta tarde... E olhe que não tem tido sorte!

"Não tinha tido sorte...!" Isso era dizer pouco do azar que me perseguira a tarde inteirinha. Todos os **tickets** que comprava acabavam sendo rasgados em pedacinhos miùdinhos, com raiva. Meus últimos vinte dólares estavam amarfanhados no extremo fundo do bôlso da minha calça e eu não sabia se devia arriscá-los ou não. E agora, aquêle homenzinho vinha complicar os meus cálculos, fazendo-me pensar num cavalo que até então não me havia impressionado! Eu já tinha sido abordado, na minha vida de freqüentador de hipódromos, por muitos indivíduos assim, metidos a sabichões e incômodos, mas nunca por um como êsse, tão **simples** e tão convencido.

E devia ser também um ledor de pensamento, porque, rápido como o raio, voltou-se para mim, com ar ligeiramente ofendido, e declarou:

— **Mister**... Não estou tentando dar "palpites" ou procurando roubá-lo. Veja isto aqui!

Enfiou a mão direita num dos bôlsos de sua roupa luzidia e retirou-a pouco depois tendo entre os dedos crispados, rolos e rolos de notas graúdas. Eram notas de cinco, de dez, de vinte e cinqüenta, lindas como elas só!

"— Ouça, **Mister**... — continuou o homenzinho — Cheguei ao prado hoje com uma nota única, de dez dólares. Meu sistema é simples! Escolho logo sete vencedores e aí está... Dos dez já pude fazer mil novecentos e vinte! Naturalmente, para consegui-los, eu tive que acertar dois "azares", mas... Que diz desta... evidência? — acrescentou apresentando o dinheiro — E agora?



Napoleão!

Pensa ainda que o quero enganar?

O velhote agora parecia realmente ofendido, pensando que eu estava suspeitando de sua honestidade. Mas a êsse tempo eu começava a duvidar de mim próprio e, ao mesmo tempo, a vislumbrar alguma coisa.

Afinal de contas — disse eu — Qual é o seu sistema?

— Eu gostaria de dizer ao senhor, mas na verdade não posso explicar — disse o meu novo companheiro. — Sou governado de alguma forma pelas estrêlas e também pela ciência da numerologia, mas principalmente por uma estranha sensação que me invade quando, justamente, leio o nome do animal que, segundo penso imediatamente, será o ganhador. Em numerologia, Napoleão tem ligação vibratória com o dois, que, justamente, é o símbolo da Lua. Ao mesmo tempo, quando percorria os nomes dos cavalos, com o olhar, a estranha sensação me atacou — e muito forte mesmo. Passei adiante e, nada! Nenhuma sensação com o nome dos demais corredores. Por isso afirmo: Napoleão será o vencedor, indicado claramente pelos três processos!

Podem vocês imaginar um velho apostador, freqüentador dos prados, muitas vêzes me aproximando de jóqueis e tratadores... **e ali, ouvindo tôdas essas tolices?** Eu não posso... exceto que imediatamente recordei a noite anterior, em que estivera estudando todos os programas, com respectivas distâncias e os respectivos pesos e os jóqueis... para escolher os sete perdedores daquela tarde! E, francamente, isso mexe um pouco com os nervos...

A verdade é uma só: fiquei com a cabeça fervendo, logo que os animais começaram a desfilar em caminho do ponto de partida. Napoleão lá estava: n. 2! Era um castanho, de 8 anos, porém

de excelente aspecto. Afinal tinha quatro pernas, como os outros. Era montado por Jimmy Johnson, um jóquei consciencioso e bom na **tocada.** Porém, quando desci o olhar para o programa, esfriei. O cavalo não devia ser nada bom. Correra quinze vêzes nessa temporada e o melhor que conseguira alcançar fôra um terceiro — nove corpos atrás do vencedor. Nas suas oito derradeiras apresentações jamais se colocara melhor que em nono lugar! No entanto tinha excelente sangue. E, para completar, o público presente devia pensar da mesma forma que eu, porquanto o pangaré pagava 15 por 1!

— Voltei-me para o velhote e perguntei sarcàsticamente:

— Então, para o senhor, é êsse cavalicoque miserável que vai ganhar o páreo?

Sem uma palavra o homenzinho retirou do bôlso interior do paletó uma carteira — que notei estar recheada de notas de cinqüenta e cem — e dela retirou um maço de **tickets,** que passou para as minhas mãos e eu, como São Tomé, fiz questão de contar, um por um, para acreditar: ali estavam vinte **poules-vencedor,** de 10 dólares cada uma — **e tôdas para o n. 2 — Napoleão!**

Aquilo era suficiente para mim! Não sou teimoso apostador e, por isso, restituí os **tickets** ao velhote, dizendo-lhe: **"Perdoe-me"** e, a seguir, tirei uma **reta** na direção dos **guichets** de **poules** de "10". Entrei na fila, atrás de uma dúzia de pessoas, tôdas ansiosas por apostar e finalmente vi chegar a minha vez.

— Dois no n. 2! — pedi ao vendedor e passei-lhe a minha derradeira nota de vinte dólares.

O vendedor olhou-me como se não acreditasse no que ouvia e repetiu:

— Número dois?

— Sim. Número dois! — repeti.

Destacou os **tickets** e eu me afastei, tendo no bôlso os dois papéis para Napoleão e já começando a me arrepender do que fizera... Porque, no meu caderninho de apontamentos, estavam anotados três cavalos... Os três **únicos** que poderiam vencer a prova! Entre **Excuse-me,** favorito a 6 por 5, **Come Again,** o segundo favorito, agora cotado a 2 por 1, e **Bosco,** o terceiro mais jogado, que pagava 5 por 2 — segundo indicava a pedra de apregoação — estaria o vencedor! Isto indicava, claramente, a preferência da quase totalidade dos apostadores. E eu — **eu!** — com duas **poules** de Napoleão!

Voltei apressado para o meu lugar preferido, junto do gradil e logo o velhote se aproximou, querendo saber:

— Então? Conseguiu jogar no número **Dois?**

— Sim... Fui o único na longa fila a jogar nesse animal.

— Ótimo!

.."**— Largaram!**" — foi o grito que explodiu nas arquibancadas. Olhei e, de fato lá vinham êles! O páreo era em 2.400 e os animais largavam a uns quatrocentos metros à nossa esquerda, ficando nós bem diante da linha de chegada. Quando êles passaram a primeira vez diante de nós, **Excuse-me** ia na frente, muito contido, **Come Again** segundo, a meio corpo, e **Bosco,** terceiro, a um corpo do segundo animal. Minhas três escolhas, conforme eu imaginara, haviam tomado a dianteira!

Os três primeiros eram seguidos por um grupo de oito cavalos, todos embaralhados e — esqueci-me de dizer-lhes — eram doze os animais disputantes do páreo e por isso eu tinha que descobrir mais um, em algum lugar. Oh! Lá vinha êle, cinco corpos atrás de todos — **Napoleão!**

Johnson o solicitava de tôdas as formas, porém o cavalo não correspondia de maneira nenhuma.

— Não se preocupe, **Mister!** Há muito que correr ainda... — disse o velhote falando junto do meu ouvido.

Não lhe respondi, para não dizer inconveniências, pois sentia-me doente só de pensar que me deixara levar por um imbecil a ponto de arriscar o pouco que me restava num **perna-de-pau** como era êsse Napoleão!

Os animais iam agora fazendo a "curva do Hospital", com **Excuse-me** ainda na dianteira, correndo com desenvoltura. **Bosco** passara para segundo, recuando **Come Again** para terceiro. O resto, sempre **embolado...** e Napoleão fechando a raia! No páreo, conforme o meu palpite inicial, **só três cavalos!**

— Não se preocupe, **Mister!** Napoleão é bom arrematador! — falou a meu lado o homenzinho da roupa preta brilhante.

Agora, tendo vencido a reta oposta e feito a grande curva, os animais entravam na reta final e a multidão começava a gritar, entusiasmada. **Excuse-me** continuava na frente, parecendo correr sem esfôrço, enquanto **Bosco** e **Come Again** vinham agora lutando pela segunda colocação, focinho contra focinho, já se aproximando das "populares". Sempre os três cavalos donos da carreira! Napoleão continuava derradeiro, embora agora bem mais próximo.

—Lá vem êle, **Mister!** — disse o homenzinho, mexendo-se a meu lado.

Bem diante das "especiais", os animais da frente pareciam lutar muito entre si, para manter suas posições. **Excuse-me** começava, evidentement,e a perder as pernas. Atrás dêle era um **bôlo** indecifrável de onde se destacava apenas um animal — **Napoleão,** que vinha atacar o ponteiro, num **rush** impressionante... e dominava **Excuse-me,** de passagem, abrindo logo um e dois corpos!

— E' agora que êle vai correr! — falou o velhote, batendo-me num ombro.

E, justamente como afirmou o homenzinho, **Excuse-me** tentou reagir, mas estava mesmo parado. Parecia um pobre burro velho e capenga, enquanto que o outro parecia só agora ter começado a correr, esticando-se e encolhendo-se como se fôsse de borracha e aumentando a distância para o vencedor, abrindo sempre mais e mais luz sôbre os adversários.

— Vamos, Napoleão! Vamos Napoleão! — comecei a gritar, delirante de entusiasmo.

E Napoleão prosseguiu, valentemente, senhor absoluto da prova, para ganhar por cinco corpos!

Voltei-me para beijar o velho amigo, mas não o encontrei mais ao meu lado.

Dois homens, vestidos de branco, com o uniforme de enfermeiros, o levaram e ouvi um dêles dizer para o homenzinho:

"— Vamos, Napoleão".

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

CAPÍTULO XXI

Por Trás Das Grades da Prisão

Bunder fôra designado seu único executor-testamentário por sir William Armand, que deixava tôda a sua fortuna para a filha. O testamento datava de pouco antes de sua morte.

Essa notícia foi comunicada ao Dr. Hailey por Biles, na manhã seguinte à da visita do médico a miss Poppy de Vere. A notícia não foi surprêsa para Hailey. Até que fôsse descoberta a jovem Estela Armand, Blunder podia dispor de cem mil libras esterlinas; e, por motivos que só Hailey conhecia, Estela Armand não seria encontrada!

Apesar disso, seus lábios se mantiveram selados. Não podia, de fato, sem faltar à própria honra, informar a polícia a respeito, nem mesmo particularmente, a Biles. Mesmo porque, não havia, por enquanto, nada capaz de provar que a sua teoria era correta. Blunder dispendera grandes quantias em dinheiro para satisfazer os caprichos de Poppy de Vere, mas era, reconhecidamente, um homem rico. Talvez tivesse realizado, à última hora, com o seu banco, certos arranjos que lhe permitiam subvencionar essa nova aventura teatral. Por outro lado, se a Scotland Yard viesse a saber onde se encontrava miss Armand, significaria para a infeliz moça a prisão imediata.

Se ao menos pudesse saber se Bunder agia honestamente ou não com relação à filha do seu antigo associado. O médico tinha um profundo respeito pela lei, mas não moveria um dedo sequer para trair o esconderijo dessa pobre moça, cuja inocência saltava aos olhos. Mesmo que não houvesse tácitamente prometido respeitar o segrêdo do solicitador, acreditar-se-ia, naturalmente, ligado por um compromisso de honra a poupar uma pobre moça em situação difícil e ameaçada de ver tudo piorar contra ela.

Biles assegurou ao médico que um veredicto contra Jack Derwick era absolutamente certo. O "dossier" de acusação, mesmo na ausência de Estela, era completo. O processo terminaria naquela mesma semana, na delegacia, e o processo judicial, subseqüente, seria iniciado provàvelmente quinze dias depois.

— O prisioneiro — acrescentou êle, — pretende encarregar-se da própria defesa. Isto entretanto de pouco lhe adiantará, por melhor advogado que possa ser.

— Ao contrário — disse o médico — E' pura loucura! Como pode êle, prêso como está, reunir as provas necessárias?

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres, quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de avistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja ainda uma terceira personagem, Mr. Sawyer que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista. Miss Armand confessa que apesar de tudo ainda ama Derwick e que não mais o viu depois do rompimento. No Touro Negro, onde alugara um quarto, encontra uma ponta de cigarro de procedência estrangeira e a criada informa que o mesmo pertencera ao Sr. Sawyer, homem de gôsto refinado e que fazia questão de bebidas da melhor qualidade, tendo aberto, pessoalmente, uma garrafa. Examinando essa garrafa, Biles descobre a marca digital revelando uma larga cicatriz. Indo ao bosque na manhã seguinte, encontra um objeto de forma arredondada lembrando uma pérola grande, mas de frágil consistência. Resolve procurar seu velho amigo, Dr. Hailey e exibe-lhe o achado, e o médico imediatamente afirma tratar-se de uma pupila humana e que o homem a quem lhe pertencia devia ter sido assassinado. Os patologistas da Home Office confirmam a natureza do achado e Halley se oferece para ajudar nas pesquisas. Juntos vão interrogar Derwick e êste declara que após o rompimento do noivado saiu a passear, indo tomar chá com o reverendo Hargreave. Apenas avistara Miss Armand, quando Biles lhe informa que Sawyer viajara para Londres no mesmo trem que êle próprio, Jack estremece e exclama : "O homem da pelerine comprida !" acrescentando que o mesmo usava barba e tinha os olhos amendoados, pequeninos. Novamente no bosque, agora com o médico, êste descobre numa árvore fragmentos de pele humana. Deduzem, então, que o corpo deve estar próximo. Medindo o terreno em redor e pesquisando melhor, descobrem uma fôlha manchada aparentemente de sangue. Depois de minucioso exame do local, o Dr. Hailey conclui que Sir William fôra assassinado e seu corpo escondido no local ideal... no próprio cemitério da aldeia, num túmulo recém-aberto e que por isso mesmo não despertaria a atenção da polícia com a sua terra ainda fôfa por ter recebido conhecida figura do local. Assim realmente fôra feito pelo assassino... Quem era êle, porém? Nem Derwick nem Sawyer teriam tido tempo para executar todo o plano. Miss Armand? Porém esta também desaparece, levada em automóvel por um desconhecido, justamente quando a polícia pretendia interrogá-la e prende-la, juntamente com o ex-noivo, Jack Derwick. Hailey decide vigiar os passos de Blunder, o sócio de Sir William. Descobre que o mesmo tinha relações em Londres com uma atriz teatral e que ùltimamente deixara de comparecer ao escritório alegando estar doente. Vai procurá-lo e pouco pode arrancar do solicitador. Pouco depois Biles vem anunciar a Hailey a prisão de Derwick, que não parece satisfeito com a notícia. Na mesma noite vai postar-se à porta do escritório de Blun-

— Que provas? Que provas precisa reunir? Chamaremos as principais testemunhas e tudo o que poderá fazer é interrogar as que desejar.

— Poderia, sem dúvida, provar o emprêgo do seu tempo na noite do crime.

— Meu caro amigo, a única pessoa que pode, talvez, testemunhar nesse sentido é miss Armand e esta, infelizmente, continua desaparecida! Não posso recordar de um caso assim: uma mulher zombando dos esforços da polícia com tanto êxito.

— É, de fato, extraordinário. Você não tem o menor indício sôbre os movimentos dela?

— Nenhum. Sabemos que ela tomou o rápido em Newcastle, em companhia de um homem, só isso. Nossos agentes foram prevenidos, a fim de aguardá-los à chegada do trem na estação de King's Cros, mas nada viram.

— O trem parou em Grantham, não foi?

— Sim; infelizmente! Não tivemos tempo para avisar.

Estavam os dois sentados na sala de consultas do médico. Êste abriu uma caixa de charutos e ofereceu ao seu amigo, que fêz cuidadosa escolha. A seguir perguntou:

— Poderia obter permissão da polícia para visitar Derwick na prisão, caso fôsse a Newcastle?

Biles arregalou os olhos, surpreendido.

— Por que deseja visitar Derwick? — perguntou vivamente curioso.

— Porque penso que poderei ajudar êsse rapaz. Porque não posso, neste processo, concordar com a polícia.

— Não acredita que seja êle o culpado?

— Francamente, não!

Biles refletiu um instante.

— Não é regular, evidentemente — disse êle — mas não temos motivo para proibir que êle receba visitas e tenha, assim, todos os meios possíveis para organizar a sua defesa. Como o senhor sabe, Scotland Yard se gaba de proporcionar a todos os seus acusados os meios de salvamento. Quando deseja ir?

O médico refletiu.

— Sábado... Poderia ser? — perguntou êle — É depois de amanhã.

— Muito bem. Volto amanhã para estar presente aos derradeiros debates. Falarei pessoalmente com o diretor da prisão.

★

O dr. Hailey não apreciou muito essa visita a Newcastle. Seu entusiasmo pelo trabalho de detective cessava sempre diante das portas da prisão. De fato, não era jamais sem um arrepio que êle ali penetrava. A absoluta futilidade de todo o sistema o enervava.

Biles fôra fiel a sua palavra e o diretor, o Cel. Whitestar, homem admirável e de coração suavíssimo, apesar do seu ar marcial, recebeu o enviado da polícia com tôdas as atenções. Mas, na curta entrevista que tiveram em seu gabinete, não pronunciaram uma só palavra que não se referisse ao processo.

Um guarda, com um grande ruído de chaves, conduziu o visitante através do páteo

---

der quando êste sai, já noite. segue-o em seu automóvel. Blunder, após longa viagem, volta a Londres e ali, num arrabalde tranqüilo penetra num velho casarão. Hailey vai em seu encalço, penetra na casa e ouve gritos de dor ou de agonia. Revólver em punho, penetra nu mquarto e surpreende Blunder com um médico e uma enfermeira. O advogado afirma que ali estava para salvar Miss Estele Armand. que enlouquecera. Afirma que a moça sempre fôra epiléptica e que esta fôra a causa do rompimento do seu noivado com o jovem Derwick, por imposição do pai, que já tinha sido por duas vêzes vítima da filha que. num dos acessos de loucura, tentara matar o próprio pai. Fôra por piedade que escondera a desgraçada, para que não caisse nas mãos da polícia, que sem dúvida ligaria todos os fatos e lançaria Miss Armand na prisão como assassina de Sir William. O velho fôra assassinado por que intimara Miss Armand a romper o noivado, embora contra os conselhos dêle próprio, Blunder. Porque êle era... Sawyer. Disfarçara-se mesmo a conselho de Sir William, que não desejava que seu drama íntimo chegasse ao conhecimento público. Depois de examinar ligeiramente Miss Armand, Hailey se retira e na mesma noite recebe a visita de Biles. que lhe relata detalhes do inquérito contra Derwick. Hailey tudo ouve como se pensasse noutra coisa e só parece interessado quando o policial declara ter encontrado uma carta de Sir William para Lady Windwest. Carta apenas iniciada e deixada por terminar. Armand & Blunder eram os procuradores dessa senhora, que se encontrava bastante enfêrma. Então Hailey fica imaginando se Blunder não se apropriara do dinheiro de Lady Windwest para ser gentil com a atriz Poppy de Vere. Por intermédio de uma sua velha amiga, antiga atriz teatral, consegue aproximar-se de Miss de Vero e verifica que essa jovem atriz está muito aborrecida porque as representações da peça em que era a primeira figura tinham sido suspensas da noite para o dia (por elevados prejuizos, segundo soube pouco depois). Como quem nada quer, cita o nome de Blunder como principal financiador da peça e Poppy de Vere nega indignada, afirmando que apenas conhece muito levemente o solicitador. Pensando talvez que Hailey fôsse homem rico e amigo de aventuras, convida-o a seguir, insistentemente, para a sua residência, para tomar chá. Hailey imediatamente compreende que Blunder amava loucamente a atriz e que estava de fato arruinado. Restava saber se o desastre tinha ligação com o desfalque na firma e o desvio dos dinheiros de Lady Windwest. Talvez tivesse sido êste o motivo por que Sir William fôra a Londres e depois recebera a visita de Blunder no "Touro Negro" e tanto falára em honra e em decisão suprema. É que também êle ficaria deshonrado pela atitude desonesta do sócio, desonra a que não escaparia sua própria filha... E para não salpicar na lama o nome de Jack Derwick... forçára a filha a romper o noivado com o rapaz... E, caso Sir William tivesse reposto o dinheiro, com sacrifício da sua própria fortuna... a sua morte tudo apagaria e salvaria duplamente a Blunder ! Mas era preciso que isso fôsse mesmo verdade. Por isso vai visitar Poppy e tudo se confirma. Blunder está apaixonado pela atriz, já perdera tôda a sua fortuna para sustentar seus caprichos teatrais e tem um ciúme terrível. Mas deve também ter arranjado mais dinheiro, pois anuncia que os espetáculos vão começar. Quando Blunder se retira, ela ouve de Hailey a revelação de que o solicitador talvez fôsse culpado de um grande crime e, então, resolutamente, defende-o e diz que vai relevar a Blunder tôda a manobra de Hailey contra êle.

da prisão, onde alguns homens, vestindo o fardamento infame, trocavam passos intermináveis em redor de miseráveis quadrados de relva. A expressão dêsses homens era a mesma de animais inferiores. Novamente, êsse pensamento se apresentou em seu espírito: "Para que... tudo isso? Que bom resultado pode ter?"

Penetraram finalmente num imenso edifício, que lhe recordou, de alguma forma, a jaula dos leões do jardim zoológico. Êsse edifício parecia feito de jaulas reunidas entre si por pilastras de cimento. Outros guardas, com o uniforme azul, trocavam passos vagarosos por um corredor pelo qual alguns prisioneiros também caminhavam mais apressados. Uma ordem curta resoou, e logo os prisioneiros se mostraram mais apressados ainda. A um momento dado, uma sineta tocou com energia.

— Que significa isso? — perguntou o médico ao seu guia.

— Alguém que toca a sineta para pedir "whisky e soda" — explicou o homem, com uma expressão zombeteira no rosto largo.

Era um homem de meia idade e talvez lamentasse os "bons tempos" da sua mocidade, quando a disciplina era mais severa.

Chegaram enfim aos compartimentos reservados aos prisioneiros aguardando julgamento. O guarda o introduziu numa sala espaçosa, mobiliada com uma grande mesa comprida e algumas cadeiras. Deixou ali o médico e foi procurar Derwick. Ao fim de alguns instantes o prisioneiro surgiu. O guarda saiu, mas deixou a porta entreaberta. O médico não ouviu os seus passos afastando-se do local.

Jack Derwick vestia roupa própria. Não parecia abatido, mas apenas ansioso. Seu rosto emagrecera, desde o inquérito realizado em Bedfort.

— Dr. Hailey, segundo penso — disse êle em tom ligeiramente surpreendido.

— Exatamente. Tomei a liberdade de lhe impor a minha presença, é verdade, mas faço-o por que tenho a impressão de que posso ser útil para o seu caso.

— Foi o senhor quem ajudou a polícia a encontrar o corpo de sir William?

— Realmente. Fora isso, nada mais pude fazer em colaboração com êles. E permita-me dizer, desde logo, que não partilho a opinião da polícia relativamente ao senhor...

Um brilho de suspeita passou pelos olhos de Derwick. Aquêle homem teria sido enviado como uma espécie de espião? Mas, instantes depois, essa expressão se dissipou. Com gesto franco ofereceu a mão ao visitante.

— Obrigado. — disse simplesmente.

— Por outro lado — prosseguiu o médico — não escondo que as provas são bastante comprometedoras... até aqui! O que vim dizer, segundo receio, não melhora essa impressão, mas talvez lhe sirva, mais tarde...

Depois de sentados um diante do outro, Derwick repousa a cabeça entre as mãos enquanto o médico traçava, passo a passo, as suas pesquizas sôbre os fatos e gestos de Blunder. Até a descrição da cena de Hazlemere, não pronunciou uma só palavra. Mas, ouvindo essa revelação, levantou-se num salto e de sua garganta saiu um grito de horror.

— Santo Deus! Queriam êles matar Estela? Oh! Diga-me ao menos que ela está em segurança.

— Assim acredito, meu caro amigo. — disse o médico procurando acalmar o jovem advogado.

Continuou a sua narrativa, relatando tão friamente como lhe foi possível a declaração feita por Blunder. Derwick só se continha ao preço de grandes esforços. Finalmente, exclamou:

— Mas tudo isso é falso; totalmente falso! Estela jamais sofreu crises de epilepsia, em tôda a sua vida!

— Mas, justamente, Blunder afirma que êsse era o **ponto essencial... Que ninguém mais, além do pai e dêle próprio, estava a par dessa verdade!** Como médico, sou forçado a admitir que isso bem pode ter acontecido.

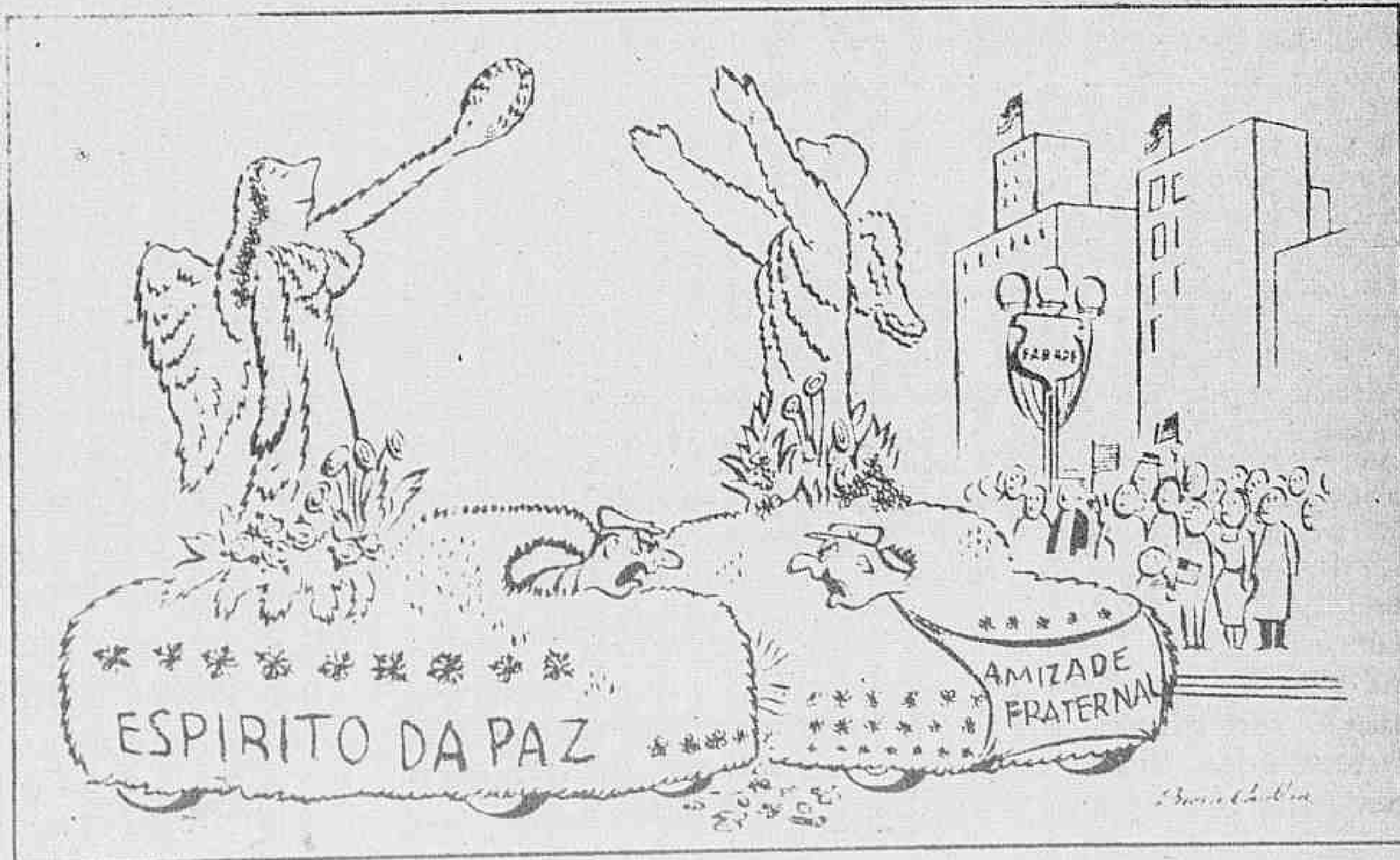
— Como! O senhor quer dizer que algumas pessoas podem ser... loucas, sem que os seus amigos mais íntimos possam suspeitar?

— Perdão. A epilepsia não é loucura. Entre os ataques, as vítimas dêsse mal gozam de tôdas as suas faculdades. Napoleão e César também foram epilépticos!

Jack Derwick pareceu acabrunhado mas não convencido.

— Quanto à Estela, não posso aceitar o que diz, — declarou êle.

— Recorde-se de que miss Armand havia



realmente perdido a razão, quando a examinei. Quanto a isso não pode haver dúvida.

Os olhos do jovem prisioneiro se encheram de mágua.

— Então... O senhor acredita realmente que ela rompeu o noivado em razão dêsses acessos?

— Devemos admitir, pelo menos, que era uma razão forte; quero dizer: era uma razão que poderia parecer suficiente ao pai e à filha.

— Sim... talvez.

— Além do mais — como o senhor vê, defendo um pouco a minha maneira de agir — não poderíamos censurar Blunder por haver livrado miss Armand das mãos da polícia — sempre admitindo que estivesse trabalhando com boa intenção e em benefício da filha do seu associado.

— Não.

O médico se voltou para olhar Derwick de frente.

— Em todo caso — disse êle — é bem verdade que Blunder ou Swayer, conforme êle se chamava, em Calthorpe, não matou sir William! Não tinha tempo para praticar o crime. Por isso mesmo, é pouco provável, segundo o meu raciocínio, que êle desejasse mal à filha do seu associado. Caso tivesse qualquer diferença a saldar, esta seria com o pai, não com a filha.

Derwick baixou a cabeça, sem nada dizer.

— "Eis porque deixei miss Armand onde se achava e dirigi todos os meus esforços no sentido de obter informações minuciosas sôbre a vida privada de Blunder" — prosseguiu Hailey que, a seguir, descreveu para Derwick a visita que havia feito a Poppy De Vere e as informações que conseguira a expensas do solicitador; finalmente, acrescentou:

— Como o senhor vê, é possível que haja — digo que **é possível**... — haja um motivo para êsse assasinato; mas o raciocínio não resiste a um melhor exame dos fatos. Nenhum homem teria podido, de nenhuma forma, enterrar o cadáver de sir William no espaço de tempo em que Blunder estêve ausente do "Touro Negro".

Deteve-se e abriu a sua caixinha de rapé.

— Quer dizer... O senhor não tem qualquer teoria formada sôbre o crime? — perguntou Derwickk.

— Por enquanto, não.

— É claro, tenho pensado muito. Sem dúvida, tudo é extremamente complicado; tomemos, por exemplo, os depoimentos referentes à morfina. Pode acreditar: jamais possuí uma seringa hipodérmica em tôda a minha vida, e nunca apliquei uma injeção, nem sei como se faz.

— Sim. Êsse é um dos detalhes mais misteriosos.

Derwick se levantou e começou a caminhar pela sala. Tinha nos pés os sapatos dos prisioneiros, que, batendo contra o chão de pedra, provocavam ruído forte e desagradável.

— Blunder virá testemunhar para a acusação — disse êle — Poderei interrogá-lo sôbre o estado de suas finanças, mas não vejo em que isto poderia servir, senão para desacreditá-lo pessoalmente. Isto recairia também sôbre Estela... Acima de tudo, devemos evitar a divulgação de seu atual refúgio! Aconteça o que acontecer, ela, ao menos, está em segurança... Em relativa segurança...

— Sim... Também penso assim. Nem sei o que acontecerá caso ela recupere a razão. Mas será possível, talvez, neste caso, enviála para algum lugar isolado... até que tudo esteja terminado. Enquanto isso, precisamos estabelecer a sua inocência. Aqui vim para oferecer os meus serviços... se o senhor, é claro, julgar que podem ser úteis.

Voltou a abrir a sua caixinha de rapé. Derwick continuava a caminhar, agora mais vigorosamente. Parecia um animal enjaulado, e em seus olhos brilhava a raiva concentrada.

— Mas, como? — exclamou repentinamente. — Como quer que eu convença os jurados de que, embora à mesma hora do crime eu estivesse nas proximidades, não sou o culpado?

Acrescentou, depois, noutro tom:

— Veja o senhor... Passei além da mansão, caminhando na direção sul e desejando voltar só mesmo no instante de partir definitivamente. Devo confessar que teria ido mesmo além do local até onde fui — e assim teria um alibi — caso não tivesse ferido a mão, profundamente, numa cêrca de arame farpado...

— Como! O senhor feriu a mão?

— Sim; e então percebi que havia perdido ou esquecido o lenço. Por isso, para estancar o sangue, comprimi a palma da mão contra o paletó. Eis porque, durante o inquérito, foi dito que haviam encontrado sangue em minha roupa...

— É, mesmo, um dos principais pontos da acusação.

Ficaram ainda algum tempo sentados, em silêncio. Depois o médico perguntou:

— E o pastor? O senhor tomou chá na residência dêle, nessa tarde, não é exato?

— Realmente. Mas deixei-o muito antes da hora crítica.

Derwick respirou com força e depois afirmou:

— Foi muita gentilesa da sua parte, querer ajudar-me — disse êle — Pode estar seguro de que serei eternamente reconhecido... aconteça o que acontecer. Agradeço-lhe também as notícias sôbre Estela... Seu desaparecimento era para mim uma tortura constante. Eu temia... o pior! Verifico que nada vai bem, mas — ao menos — ela está sob tratamento médico...

Deteve-se para olhar ansiosamente para o rosto do médico. Depois continuou:

"— Seria ousar muito pedir-lhe que fôsse visitar minha noiva mais uma vez?"

— De modo algum... disse o médico. — Eu tinha mesmo a intenção de visitar miss Armand novamente.

Ao deixar o presídio, Hailey sentia o coração pesado. Não podia entrever qualquer plano de defesa satisfatório... Nenhum — em todo caso - - capaz de convencer um júri. As provas, verdadeiramente, eram circunstanciais, mas eram, apesar de tudo, suficientemente sérias para terminar com um veredicto condenatório, pois se Derwick não era o assassino, quem mais poderia ser?

Era a pergunta que não cessaria de fazer o procurador. E até então não havia resposta para essa pergunta. Um inquérito dos mais minuciosos nada revelára, nem sequer qualquer animosidade dos habitantes da aldeia contra o solicitador. Ao contrário, como Squire e como cidadão, contava com a estima geral.

Mesmo assim Hailey decidiu retornar a Calthorpe e ali passar o fim da semana, reexaminando o terreno. A experiência lhe havia demonstrado que certos indícios, que escapam no primeiro ardor das buscas, costumam ser encontrados num segundo exame, mais calmo. E, na verdade, nesse caso, não devia despresar qualquer possibilidade de êxito.

CAPÍTULO XXII

O Ôlho

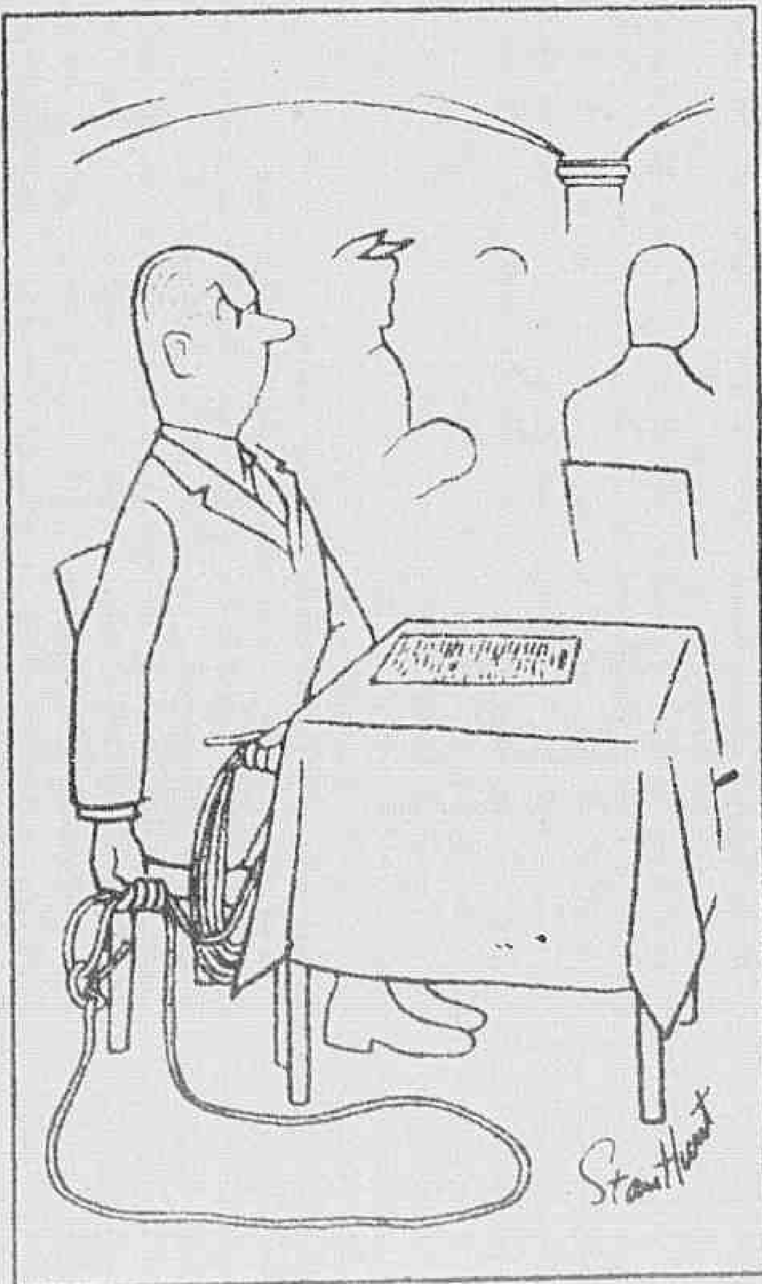
Nenhum lugar dêste mundo reflete mais fielmente a opinião dos habitantes de uma região do que o albergue local. O dr. Hailey já estivera no "Touro Negro" e descobrira que, segundo a opinião de todos os seus freqüentadores, Jack Derwick já era homem enforcado.

Ouviu trechos de conversações na sala do albergue, para a qual fôra levado e na qual fôra recebido como um dos figurões implicados no processo.

— O que pergunto é apenas isto: — dizia uma das vozes — Se não foi o noivo, quem poderia ser?

A pergunta ficou sem resposta e a angústia encheu o coração do médico ao pensar que, segundo tôda probabilidade, nunca se encontraria uma.

A imagem do rosto agradável mas sombrio de Derwick, com a fisionomia distendida pela ansiedade e a antecipação da própria morte, surgiu diante dos seus olhos.



Uma outra voz declarou:

— **Naturalmente, o jovem advogado queria era o dinheiro do velho. Ao perceber que jamais o teria, foi assaltado pela raiva furiosa e zás!... E' simples como o ABC.**

Um ruído confuso de potes de cerveja sôbre o balcão e pouco depois os freqüentadores do "Touro Negro" começaram a falar da execução. Pareciam lamentar que a mesma fôsse levada a efeito em Newcastle e não em Calthorpe. Nenhuma emoção, porém, em suas palavras. Nem uma só voz tremia... O médico recordou uma frase que lera em alguma parte:

"Há no caráter inglês, não sei que de frio que o leva a considerar um criminoso como diferente de um ser humano".

Deitou-se cedo e despertou cedo. Logo tratou de percorrer uma vez mais o caminho da aldeia à mansão, detendo-se muito tempo junto da árvore fatal, ao lado da qual o crime fôra perpetrado. A aurora sôbre o mar era quase rubra, como se quizesse abrazar o céu inteiro. A silhueta dos grandes pinheiros formava uma espécie de barreira à invasão dessa lua matinal. Finalmente o sol se firmou e a neblina sôbre o alto das colinas fugiu em línguas diáfanas, que pareciam ir perder-se em ondulações no interior da terra. Uma claridade extraordinária invadiu a terra. Ao longe, ainda invisível, uma gaivota gritou alegremente.

Sòmente no norte da Inglaterra é possível ter essas manhãs em que o céu e a terra parecem reunidos num silêncio inefável e luminoso aos domingos. A morte e o crime não têm qualquer participação nesse sacramento da aurora.

No entanto, ali, na casca da árvore, podiam ser vistas ainda as marcas, mudas testemunhas do crime! O pequenino furo feito pela ponta ferrada da bengala da vítima, as cicatrizes que atestavam que ela caíra de frente.

Deteve-se para as contemplar mais uma vez, perguntando a si mesmo que segrêdo escondiam. Examinou mais de perto, com a pequenina lente e sua atenção parecia aumentar de instante a instante

A luz ainda não era muito forte e desejava examinar tudo com absoluta segurança. Em breve sua dúvida se dissipou; o furo que a princípio julgara ter sido feito por uma biqueira de bengala era, na verdade, outra coisa. Era a marca deliberada, feita sôbre a madeira por algum instrumento e com um fim definido.

Sem a menor dúvida, representava a forma grosseira de um ôlho humano.

Hailey recuou muito surpreendido. Já havia visto marca exatamente igual num museu de etnografia, inaugurado em Londres pouco antes da guerra. O conservador do museu lhe dissera, então, que aquilo representava um "encanto" contra **mau olhado** e seu uso se espalhara entre os camponeses inglêses. Recordava-se até das próprias palavras do seu interlocutor:

— Se uma vaca, um carneiro ou mesmo alguma pessoa morria inesperadamente e até, creio, se dois namorados brigavam, sempre recorriam a êste sinal. Acreditavam que protegia quem o desenhasse dos maus olhados de um homem ou de um espírito maligno...

Tornou a fazer um exame minucioso. Era claro que a marca não fôra feita com uma faca; devia ter sido impressa de um só golpe, bastante forte aliás, pois que a casca da árvore tinha sido atravessada totalmente. No interior do círculo se encontrava outro, menor, que se irradiava como o íris do ôlho humano e possuindo também uma pupila gravada em relêvo. Isso significava que o autor daquele sinal tinha a sua disposição algum instrumento antigo, do gênero em uso dois séculos antes, a menos que o próprio sir William não tivesse, por capricho, mandado colocar uma fôrma daquele gênero na biqueira da sua bengala. Biles lhe havia dito que a bengala do assassinado tinha sido encontrada, mas já estava no momento em poder do tribunal para servir de prova.

Voltou para o hotel e iniciou nova inspeção do seu achado. Teria a marca relação com o crime? Era, sem dúvida, marca recente, pois isso se notava pelo exame da casca da árvore Os namorados gostam de gravar tôda sorte de sinais sôbre as árvores e, sem dúvida, os de Calthorpe não diferiam dos seus iguais vivendo em outras paragens.

Mas a coincidência entre essa marca e os ferimentos feitos no ôlho do morto era muito forte, na verdade, para que uma tal explicação fôsse considerada suficiente. Novamente, Hailey examinou com a lente as linhas estranhas, perguntando a si próprio se, afinal, não se enganava. Certas bengalas tinham a biqueira dentada ou estriada para pegar melhor contra o solo. Essa marca, tão parecida com um ôlho, não teria sido feita, portanto, por acaso? Sem os especimens vistos no museu, Hailey teria aceitado essa explicação

Durante o almôço, o médico entrou a refletir como poderia convencer a um grupo de ignorantes, para que aceitassem a verdade das suas observações. Tentaria descobrir de onde provinham os especimes etnológicos e onde se encontravam nesse momento. Talvez o conservador do museu pudesse prestar um depoimento a êsse respeito. Mas, é claro, tudo dependia, desde logo, da bengala de sir William.

A seguir, procurou saber se, no final de tudo, poderia provar essa sua descoberta. Quem jamais acreditaria que sir William tinha sido assassinado por algum maníaco desconhecido, subjugado pelos aspectos misteriosos das ciências populares? Onde, além do mais, encontrar êsse homem? O sentimento de desânimo que, na excitação da sua descoberta, o abandonara momentâneamente, voltou mais forte que antes.

O dono do albergue, mal Hailey terminou o jantar, surgiu na sala das refeições e entrou a discutir o crime. Em outra ocasião, Hailey teria procurado livrar-se dêle o mais cedo possível, porém agora desejava informações e suportou com paciência o seu interlocutor. Quando, afinal, o homem pareceu haver terminado, Hailey perguntou em tom indiferente, se ainda existiam feiticeiros em Calthorpe.

O bom homem abriu os olhos escandalisados.

— Jamais ouvi falar em tal coisa! — afirmou em tom decisivo.

— Bem... Perguntei apenas porque me disseram que o povo do norte da Inglaterra ainda está apegado às velhas superstições — explicou o médico — Pensava que, talvez, entre os habitantes da aldeia, pudesse ser encontrado algum velho ou mesmo uma velha capaz de nos explicar o mistério...

— A... Compreendo, agora, onde o senhor que chegar.

E o proprietário do albergue desatou a rir. Enfim compreendera que o seu ilustre comensal estava gracejando e por isso acrescentou cordialmente:

— Não! Somos muito modernos para acreditar ainda nessas tolices! Além do mais, senhor, que necessidade há de um adivinho no caso presente? Tudo está claro como o dia...

E recomeçou a desenvolver as suas opiniões a respeito. Hailey pôde alcançar a porta e, com grande alívio, avistou o comissário Robson, entrando no estabelecimento. Foi imediatamente apresentar-lhe as boas vindas.

Segundo pareceu a Hailey, Biles havia telefonado a fim de obter outros "detalhes" sôbre o "terreno", a fim de atender a um pedido do ministério público. Robson chegara a Bedfort exclusivamente para colhêr "detalhes".

— Neste caso — disse o médico — se me permite, eu também irei. Justamente vim para fazer novo exame do local.

— Nada encontrou de novo, suponho? — perguntou Robson com voz um tanto mordaz.

— Hmm... Quase nada. A propósito, o senhor encontrou a bengala de sir William, hein?

— Sim, sim... O mar lançou-a à praia. Está nesse momento na mansão.

O doutor aspirou uma pitada de rapé em sinal de grande satisfação e entrou a refle-

tir sôbre a negligência da polícia, que não exibia o que, na sua opinião, era um élo importante na cadeia de diferentes provas.

— Posso vê-la? — perguntou Hailey, num tom que pretendia esconder a impaciência que o devorava.

— Pode sim, naturalmente. Vou mesmo visitar a mansão, logo que tenha tomado um copo de cerveja.

Robson não era nenhum imbecil, apesar da lentidão do seu raciocínio. Confessou ao seu companheiro, enquanto caminhavam ao longo da escarpada, que não estava, pessoalmente, muito satisfeito com as provas reunidas contra Derwick. Segundo sua expressão, "elas não tinham gume".

— Estou de acôrdo com você, Robson — confessou o médico cordialmente.

— E aí está... Se não é êle, quem pode ser?

Sempre a mesma pergunta terrível! Caso não fôsse encontrada uma resposta definitivamente, a pergunta continuaria de pé e levaria Derwick para a forca.

O médico perguntou, repentinamente:

— Você tem certeza de que nesta região não existe algum tipo semi-louco e capaz de cometer um assassinato pelo simples praser de matar? Você sabe... Tais casos são muito comuns...

O policial moveu a cabeça com ar de quem entendia.

— Sim... Parece-me uma boa idéia... Mas não conheço gente assim neste lugar... Ninguém! Há tempos um pobre coitado residiu não distante de Bedfort... Há quem diga que o desgraçado, num dos acessos, matou um filho... Isso, porém, já é coisa antiga. O pobre louco morreu, mesmo, o ano passado, e, além de tudo, nunca foi possível reunir provas contra êle.

Chegaram à mansão, quadro de serena beleza na luz ofuscante do sol. O dr.º Hailey apreciou a bela curva da aldeia e a disposição artística dos arbustos que cercavam essa residência de aspecto severo. Mas a sua impaciência o impediu de apreciar como teria desejado, tôda a propriedade. Logo que a porta foi aberta, Hailey se precitipou para o vestíbulo, apoderando-se da bengala que Robson havia retirado do lugar próprio e lhe oferecia.

Imediatamente foi dominado por grande dissabor. A ponta da bengala estava marcada por um duplo círculo.

Apesar de tudo, não abandonou desde logo tôda esperança, preferindo esperar que o seu exame chegasse até o fim. Com a permissão do comissário, levou a bengala até o bosque, aplicando-a contra o orifício feito no tronco, para verificar se realmente concordavam as marcas. Não pôde conter um grito de alegria. A ponta da bengala era muito menor que a marca deixada na superfície do tronco.

CAPÍTULO XXIII

A Casa do Silêncio

Êsse indício que, em Calthorpe, revestia considerável importância, perdia muito do seu valor em Marley Strett. Afinal, as marcas feitas sôbre a crosta de uma árvore são de pouco valor, pois que mesmo as mais nítidas são duvidosas.

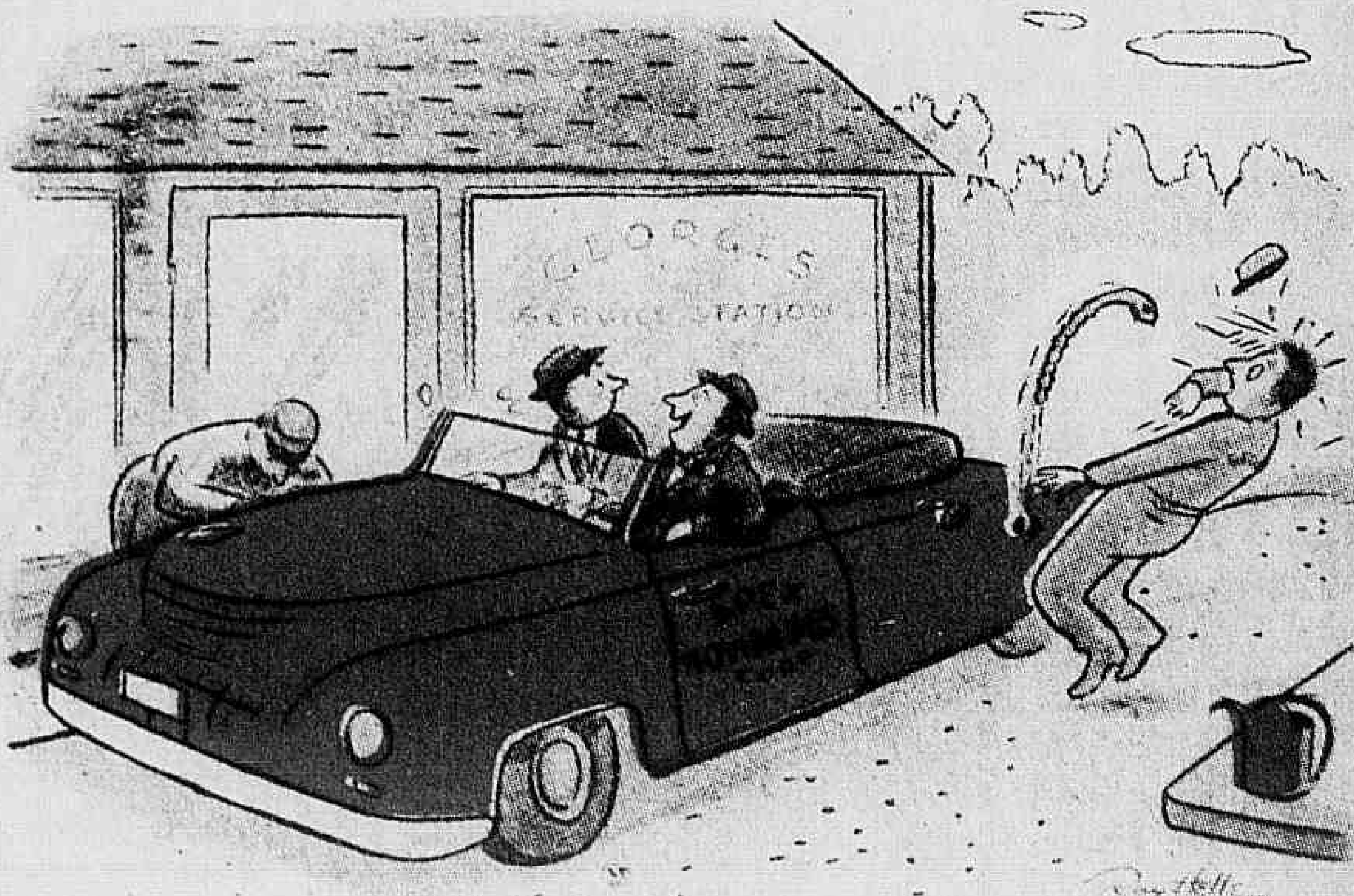
Entretanto, o dr. Hailey ainda tinha esperança. Tomara cuidadosamente a cópia da impressão feita sôbre a árvore e também a da ponta da bengala. Tinha agora todo o tempo que desejasse para comparar e medir com o compasso os círculos que continham. Os do interior eram exatamente da mesma forma e do mesmo tamanho, mas os do exterior diferiam bastante.

A êsse respeito resolveu escrever a Jack Derwick uma carta bem pensada e que logo enviou para a prisão de Newcastle. A data do julgamento tinha sido marcada para os últimos dias da semana. Deveria começar, muito provàvelmente, no sábado seguinte, pela manhã. Restavam pois cinco dias ao médico para continuar seu inquérito.

Dirigiu-se a Wigmore Street e ali teve uma entrevista com um dos funcionários do museu, especialisado na ciência dos "encantamentos" e "bruxedos" de tôda sorte. Mostrou-lhe a impressão tomada em cêra do orifício feito na árvore e perguntou o que pensava a respeito.

A opinião do perito não foi a que o médico esperava ouvir.

— Talvez seja a representação grosseira de um ôlho — disse êle. — Mas, de fato,



— Se você duvida que o artigo seja mesmo bom, veja o homem aí atrás...

bem poderia ser outra coisa qualquer.

— Mas que pensa o senhor das linhas radiais do círculo interno?

— Sim... Compreendo o que o senhor deseja dizer. Isso seria, naturalmente, o íris, supondo-se que a sua teoria seja correta.

Muito desanimado, o médico apresentou a sua segunda marca.

— Acha possível que estas duas marcas tenham sido feitas com o mesmo instrumento? — perguntou.

O funcionário examinou com grande atenção as duas marcas.

— À primeira vista eu diria "não"! — declarou. — Mas, a diferença não é lá muito apreciável. Acontece, algumas vêzes, se o instrumento escorregar ao ser comprimido...

O dr. Hailey voltou a Harley Street. O ministério público arguiria da mesma forma e os jurados aceitariam essa arguição. Foi ao telefone e chamou um dos seus amigos do British Museum. Talvez tivesse êle qualquer coisa em sua coleção etnológica. Esfôrço perdido. A guerra havia dispersado muitas coleções.

— Qual é o homem, na Inglaterra, mais versado em superstições populares? — perguntou Hailey, quase desesperado.

Indicaram-lhe o professor Mildmey, de Oxford.

Na manhã seguinte o médico viajou para Oxford. O professor Mildmey era homem de idade avançada e cujo aspecto recordava o de um astrólogo, segundo eram representados pelas imagens da idade média; mas tinha espírito bastante ativo.

O dr. Hailey contou-lhe o caso em suas grandes linhas e apresentou-lhe as duas impressões. Depois aguardou com ansiedade a sentença do técnico.

O ancião examinou a cêra durante algum tempo e com tanta imobilidade que Hailey chegou a acreditar que o sábio havia adormecido e já estava a ponto de tocar-lhe num ombro. Finalmente o dr. Mildmey levantou a cabeça:

— Segundo penso, há muitas razões para justificar as suas suspeitas, doutor — disse êle.

— Deus seja louvado!

— Apenas — disse o professor sem prestar qualquer atenção ao entusiasmo do seu interlocutor — é preciso observar... Veja, por exemplo, esta impressão, a da árvore... Está feita como de través. O rebordo das linhas está nìtidamente recortado, enquanto que as linhas da outra impressão estão amassadas; apesar do ferro da bengala ser relativamente novo. Isto, para começar. Depois, observe o círculo exterior.

Levantou-se e caminhou para uma estante da qual retirou um grande volume. Lentamente, como homem que sabe o que vai encontrar, virou as páginas amareladas até que chegou ao local que desejava. O médico pôde ver grande número de gravuras sôbre madeira. Considerou-as algum tempo e depois não pôde conter um grito de espanto.

— Essas gravuras — disse êle — são modelos de "encantos" contra o "mau olhado" e que muitas pessoas, nesta região, costumavam usar para a própria "defesa". Como pode ver, são muito parecidas com os que trouxe para meu exame.

— Realmente...

— Infelizmente, também se parecem com a impressão feita com a biqueira de uma bengala.

A voz do médico assumiu um tom de ansiedade.

— Mas — sugeriu êle — O senhor seria capaz de jurar que existe uma diferença fundamental entre as duas marcas?

— Certamente! Quanto a isto não há dúvida!

— Isto é suficiente para mim!

O ancião moveu lentamente a cabeça, antes de dizer:

— Receio muito que isso venha a ser como um graveto para salvar um homem que se afoga! Os jurados inglêses não se deixam convencer fàcilmente pelas minuciosas considerações científicas.

Apesar disso, Hailey possuía agora alguma coisa de tangível. Tendo obtido do professor a promessa de que iria depor em Newcastle, o médico regressou a Londres com gênio mais alegre do que apresentava depois de sua experiência em Haslemere. Retornou a Calthorpe pelo trem noturno e na manhã seguinte batia à porta do vigário.

Já encontrára uma vez o reverendo Halgreabe Willoughby durante a sua primeira visita ao local e sentia-se a vontade para o procurar. Descreveu imediatamente a finalidade da sua missão, explicando que vinha ao único homem que, na sua opinião, podia conhecer os segredos das superstições locais.

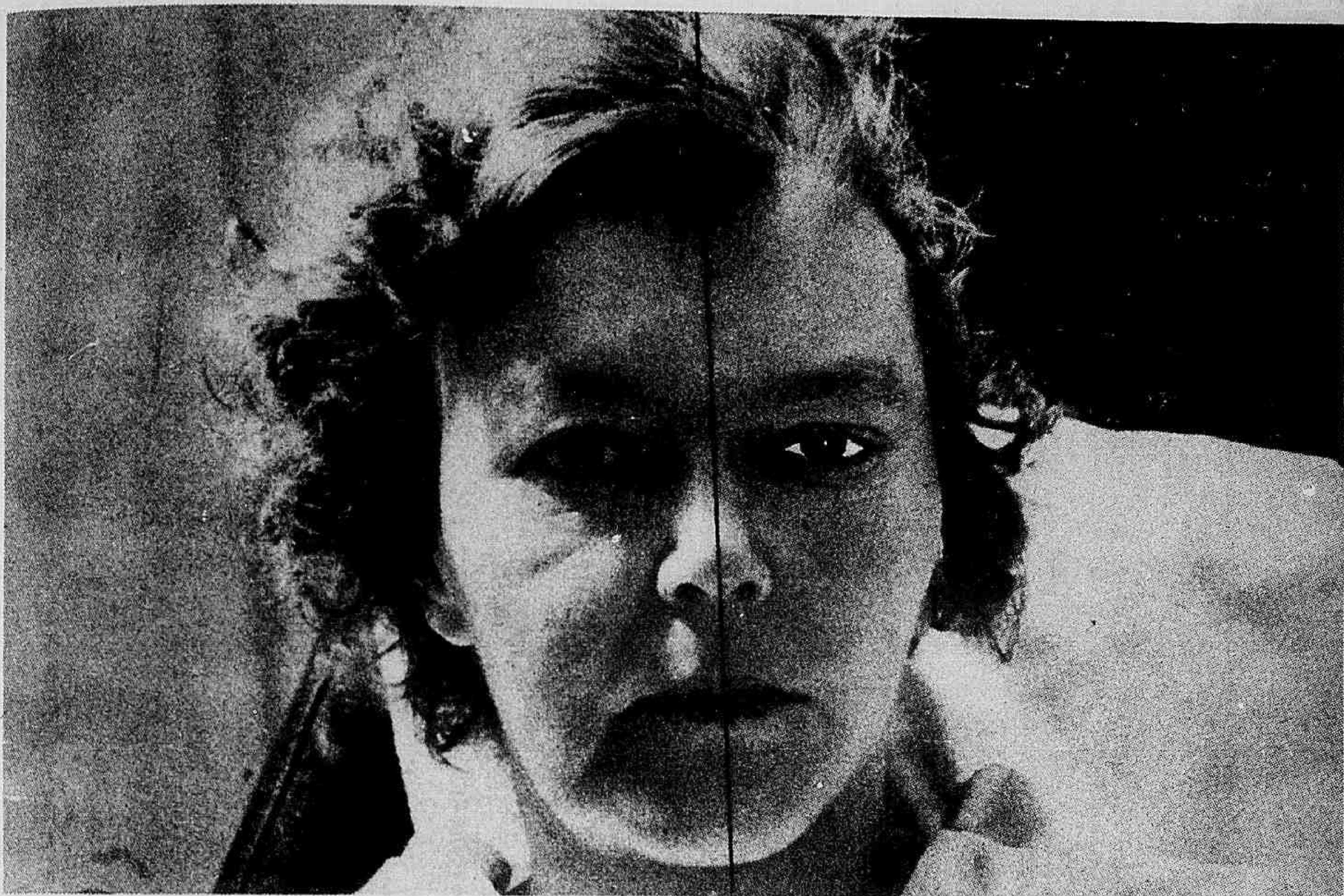
O sacerdote vestia o que parecia ser a roupa do trabalho e que era mais surrada do que as que vestia ordinàriamente. Dava a impressão de se encontrar na mais negra miséria; entretanto o seu rosto bonito e frio refletia o desdem de pensar na própria aparência exterior

— Infelizmente — disse êle — receio não poder ajudá-lo muito. Esta paróquia está imbuída profundamente do gênero mais material do senso comum.

Juntou as duas mãos sujas de terra sôbre os próprios joelhos e lançou um olhar distraído sôbre o rosto do seu interlocutor. O dr. Hailey teve a intuição de que os pensamentos do reverendo já haviam, a esta altura, abandonado um assunto que devia considerar, sem dúvida, de ligeira importância.

— Assim, o senhor acredita que a minha descoberta nada vale?

(Continua no próximo número)



Esta fotografia foi tirada quando a paciente já havia sofrido metade da operação. A face esquerda, já operada, é, evidentemente, mais moça que a direita.

10 000 MULHERES NOS EE. UU. TROCAM UM ROSTO VELHO POR OUTRO, NOVO!

HÁ quinze anos, apenas 500 mulheres, anualmente, nos Estados Unidos, procuravam o cirurgião para submeter-se à operação plástica do rosto, para "remoçar". Era uma operação arriscada. Hoje, com o progresso da cirurgia (treinada intensamente durante a Grande Guerra) tudo é mais fácil, para o cirurgião e para as pacientes. E por isso cêrca de 10.000 mulheres se submetem, anualmente, a essa operação, na América do Norte.

Há grandes cirurgiões dedicados, ùnicamente, ao mister de tornar "brotinhos" as "balzaquianas" já bem "passadas"... E aí está o essencial. E' preciso que o cirurgião seja realmente de alta classe e competência, pois tudo depende da sua firmeza de mão e da técnica aprimorada que possa ter.

As gravuras que apresentamos nesta página e nas seguintes dão uma idéia geral de como se processa essa operação e quais os resultados que podem ser alcançados.

Mas — é bom lembrar — não recomendamos tal operação a nenhuma de nossas leitoras. Publicamos a reportagem pela simples curiosidade que representa.



Faces tombadas, fisionomia exausta, carnes moles, pele enrugada. Eis como ela se apresentou ao cirurgião.



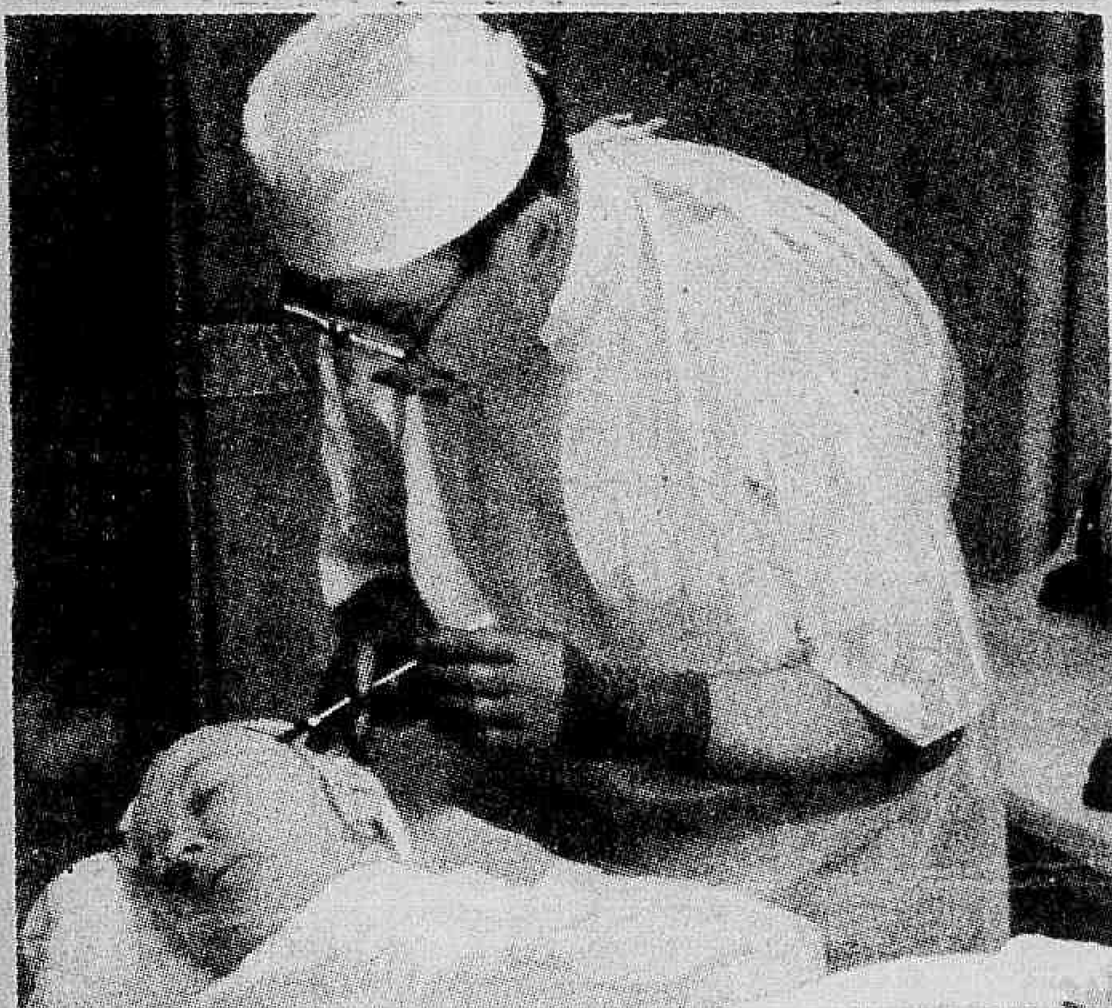
Depois de operada. Os contornos foram restaurados. Uma segunda operação removerá as rugas sob os olhos.



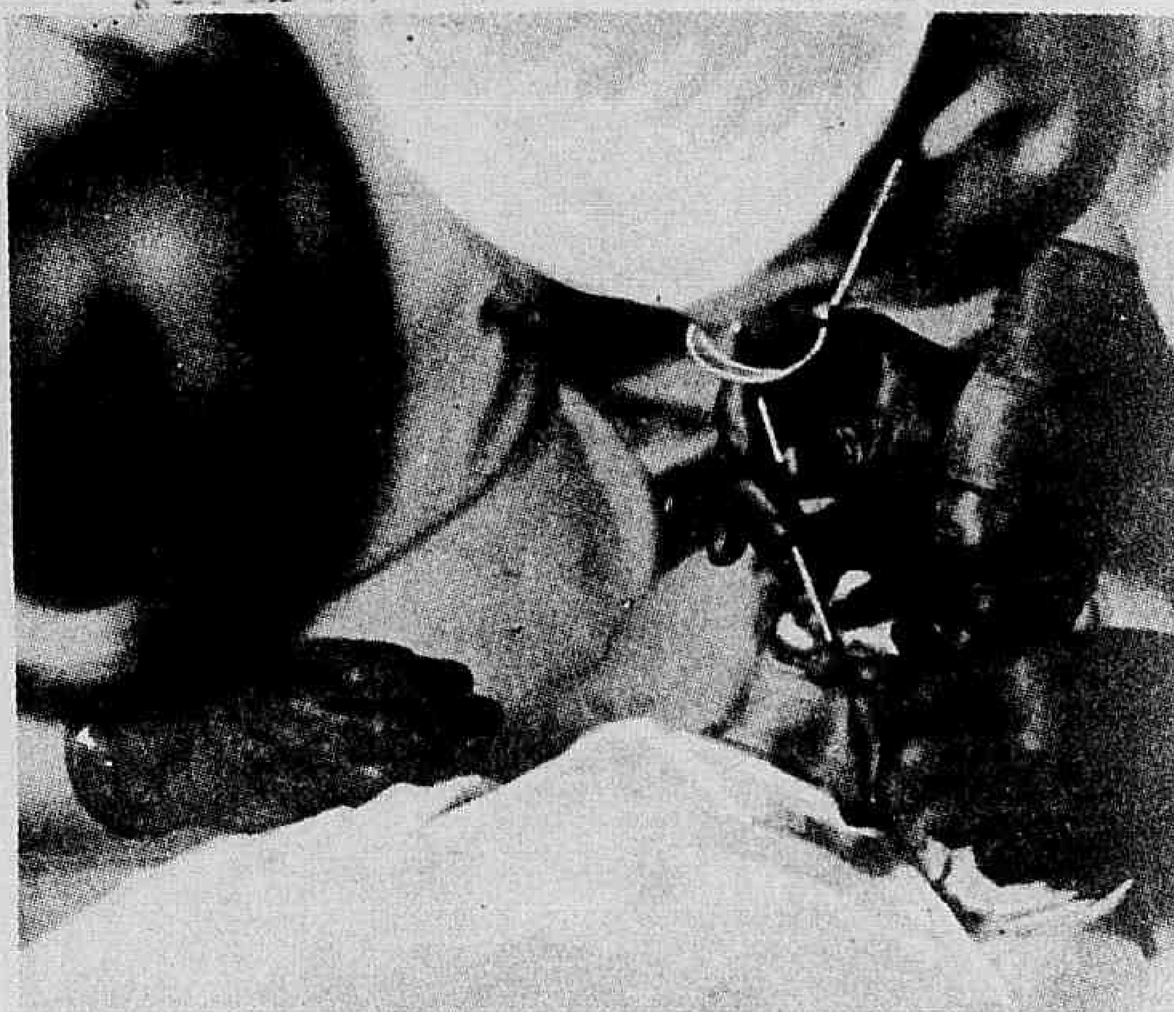
Início da operação. Um enfermeiro raspa os cabelos da área em que o cirurgião trabalhará 5 minutos depois.



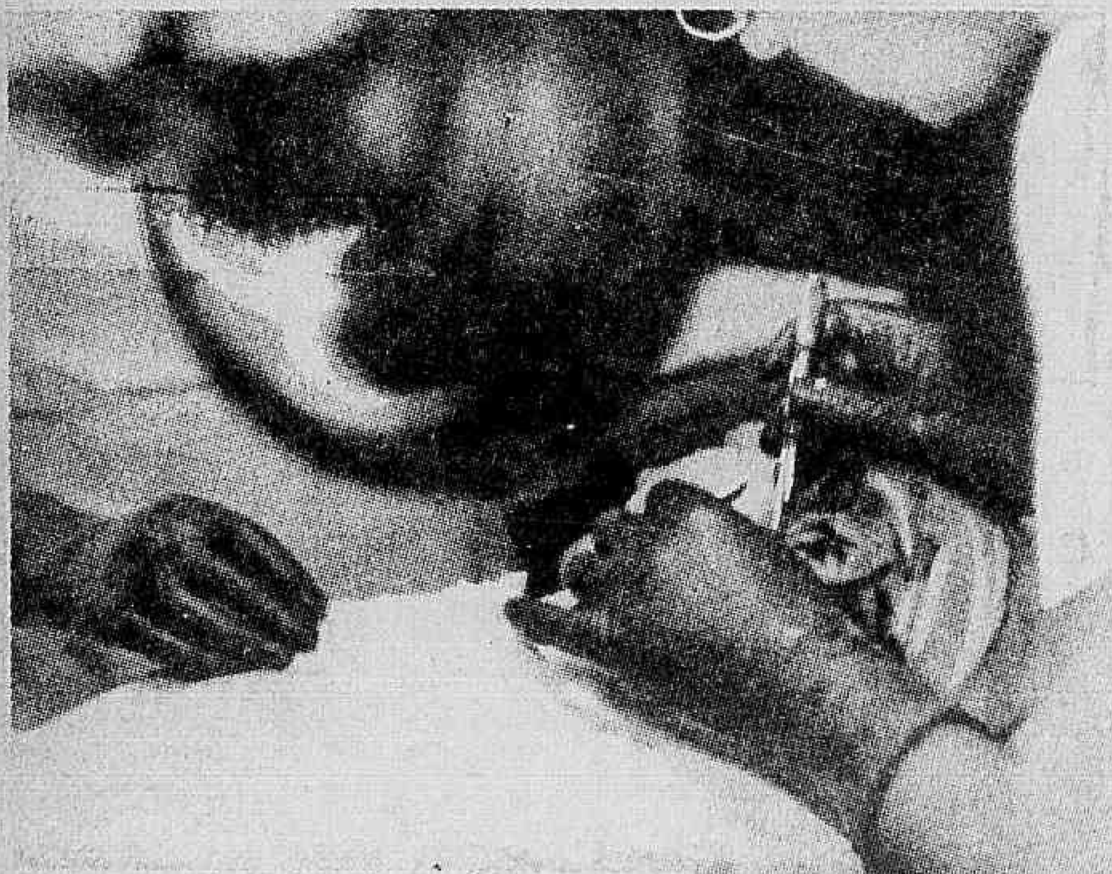
A anestesia local é usada. O líquido entorpecente é injetado e a paciente nem sequer sente a agulhada.



Apesar de a área a ser operada já ter sido raspada, o cirurgião a desinfeta e esteriliza, passando, sôbre ela, iodina.



O bisturi corta de alto a baixo e contornando a orelha. A longa incisão exige mão hábil e firme.



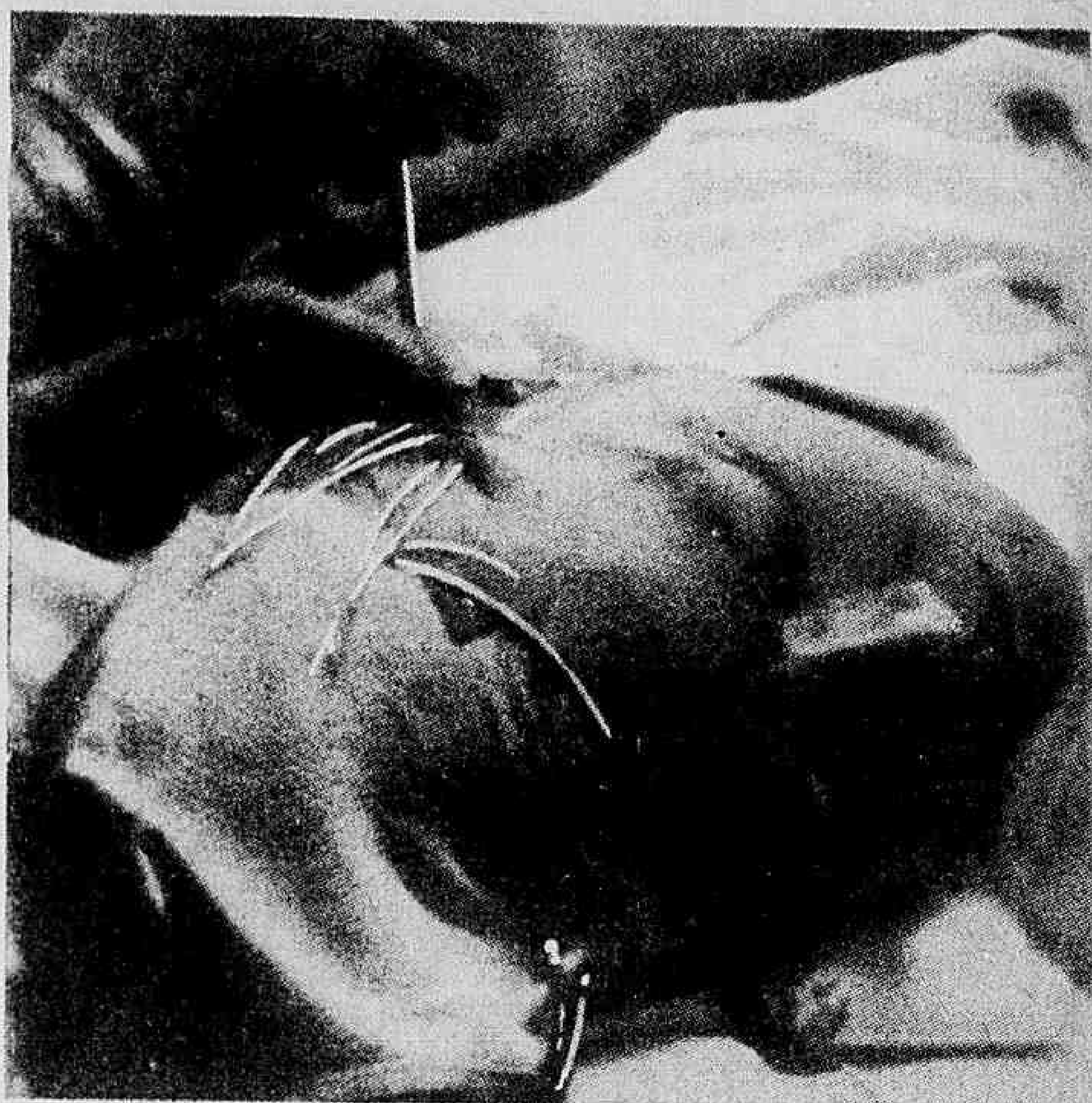
A base da arte plástica cirúrgica é a remoção dos excessos, tecidos gordurosos, etc., que destroem os contornos originais do rosto.



Vemos aqui o momento em que está sendo recolocada no seu lugar uma das faces. O assistente conserva-a na posição enquanto o operador sutura.



A pele é bem esticada, prêsa pela pinça e suturada com categute. Notem a enorme incisão.



Quase terminada a operação, o cirurgião dá os últimos pontos em baixo e atrás da orelha.



A operação completada e a iodina removida, o cirurgião examina o longo pontilhado. Para o leigo, isso parece uma medonha cicatriz. Mas, de fato, restará apenas uma linha quase imperceptível, que o cabelo cobrirá.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Melhor se serve à língua ressuscitando palavras, giros e significações antigas do que acolhendo novidades extravagantes e barbarismos escandalosos. Os melhores escritores são antes restauradores que inovadores."

MARIO BARRETO

GALICISMOS

Sugere leitora delicada a publicação de artigo com lista dos principais galicismos.

Fazemo-lo prazeirosamente, mas com a necessária ressalva: não somos dos a que repugnam os estrangeirismos, a ponto de negar-lhes pelo menos o direito de se nacionalizarem, quando são úteis à linguagem cotidiana. "Todos os idiomas vivos permutam uns com os outros", escreveu Rui Barbosa. "Seria desatino recusar êsses subsídios, tão inestimáveis quão imprescindíveis, que se mutuam as línguas, enquanto não fossilizados. Condenar, pois, em absoluto os estrangeirismos fôra não ter senso comum."

Vejamos alguns galicismos.

ABORDAR — Galicismo na acepção de tratar de um assunto, aproximar-se de alguém.

AFAZERES — Vernáculo para alguns, é galicismo desnecessário e inútil para outros.

ALARMA, ALARME — Palavras arraigadas no idioma. Pretendem os caturras que seja substituída pelo vocábulo **rebate.**

ALARMAR — Vernáculo: **assustar, atemorizar.**

APOIO — no sentido de **amparo, arrimo.**

APARECER — na acepção de **sair à luz, publicar-se.**

ASSASSINATO — Diga-se **assassínio.**

ATRAVÉS OS — **Através dos** é a forma vernácula.

ATITUDE — Temos **postura, talhe, posição.**

AVANÇAR — Galicismo na acepção de **afirmar, ousar.**

BANAL — Diga-se **comum, vulgar, frívolo.**

BASEAR-SE — na acepção de **fundar-se.**

BEM-ESTAR — no sentido de **prosperidade.**

CABOTAGEM — **Costeagem,** de **costear.**

CHICANA — Temos **trapaça, dolo, rabulice.**

CONCEBER — na acepção de **escrever, redigir.**

CONSTATAR — Diga-se **certificar, mostrar, provar.**

DAR A — **Dar a comer, dar a beber,** em dar de comer, dar de beber.

DESPACHO — em vez de **telegrama.**

DESOLADO — em vez de **aflito.**

DESTACAR — na acepção de **distinguir, ver ao longe.**

DETALHE — em vez de **particularidade, minúcia.**

DEVIDO A — em vez de **por causa de.**

EM — nas expressões **estátua em bronze** (vern.: **estátua de bronze**); **vestido em sêda** (vern.: **vestido de sêda**).

ENTENTE — Temos **acôrdo, convenção.**

EVOLUIR — Em português: **evolver, evolucionar.**

FAZER — por **consistir.**

FAZER SENTIR — por **expressar, dar a conhecer.**

FAZER VALER — por **defender, sustentar.**

FORMATO — em vez de **forma, aparência.**

FORNECER —na acepção de **dar, ministrar.**

GAZE — Temos **gaza.**

GESTÃO — em vez de **administração, gerência.**

GOLPE DE VISTA — Temos **vista de olhos, lance de olhos.**

GUARDA O LEITO — **Estar de cama.**

ISOLAR — Vernáculo: **insular, tornar solitário.**

LIGEIRO — No sentido de **leve, breve.**

MENU — Temos **cardápio.**

MESMO — Em lugar de **até.**

NUANCE — **Gradação, cambiante.**

OLVIDAR — Em vez de **omitir, não fazer caso.**

PAÍS — Na acepção de **povo, nação.** Vernáculo: **terra, região.**

RECLAMAR — Na acepção de **pedir, exigir.** Vernáculo como sinônimo de **apresentar queixa**: reclamar contra o barulho.

REMONTAR — Diga-se ter origem.

REVANCHE — Temos desforra, satisfação.

SENSAÇÃO — Em vez de **surprêsa, admiração.**

SÔBRE — Substitua-se por **de,** nas seguintes construções: **falar de vários assuntos, falar de história.**

SUCESSO — na acepção de **bom êxito.** Vernáculo como sinônimo de **acontecimento, fato.**

TER LUGAR — na acepção de **ocorrer, suceder.** Vernáculo no sentido de **caber, ser admissível**

TIRAR PARTIDO — Diga-se tirar proveito.

VALER A PENA — Diga-se **valer pouco, não importa muito.**

VENDÁVEL — **Vendível,** em português de lei.

VIÁVEL — **exequível,** para os caturras.

VOLUTUOSO — **Carnal, sensual, lascivo,** para os vernaculistas.

Eis aí, prezada leitora, alguns galicismos das centenas relacionadas por Cândido de Figueiredo (Os Estrangeirismos), Laudelino Freire (Galicismos), J. Norberto de Sousa e Silva (Galicismos), Rui Barbosa (Réplica), Mário Barreto, Gonçalves Viana e outros filólogos eminentes, aos quais poderá recorrer para maiores e mais aprofundados estudos.

JOSÉ RICARDO NETO

AMENDOIM IMPORTANTE FATOR ECONÔMICO

THOMAS Jefferson, cognominado o "pai da Democracia", nos Estados Unidos, também era um extremado naturalista. Escreveu muito, urgindo a necessidade de se cultivar o amendoim, planta que, naquele tempo, era pouco conhecida.

Graças ao progresso da ciência e da agricultura, o amendoim, originário da América do Sul, agora tem se tornado um fator na defesa da democracia pela qual Jefferson tanto se esforçou.

Da sua aplicação primitiva como alimento e fácil de cultivar, o amendoim passou a ser um produto que hoje está tendo mais de duzentas aplicações industriais.

George Washington Carver, o famoso cientista norte-americano, falecido em 1942, chegou a encontrar sessenta maneiras de empregar-se o amendoim industrialmente.

A sua produção, nos Estados Unidos, duplicou desde o começo da Grande Guerra e quase que tôda a sua safra estêve aplicada para fins mili-



O notável cientista norte-americano, Dr. George Washington Carver, famoso por seus trabalhos sôbre o uso do amendoim como alimento e também para várias outras aplicações industriais.



O acondicionamento da manteiga de amendoim, de grande consumo nos exércitos da O. N. U.

tares e para propósitos industriais de guerra. Hoje, com a paz sempre ameaçada, prossegue êsse tratamento com o amendoim.

Excavações arqueológicas feitas num cemitério pré-histórico perto de Ancona, no Peru, revelaram o fato de ser o amendoim cultivado na América do Sul desde o ano de 950, antes da era cristã. Foram encontrados nas sepulturas de mulheres incas numerosos vasos decorados com motivos baseados na planta do amendoim, assim como numerosas cascas da amêndoa.

Quando Fernão Magalhães fêz a circunavegação do mundo, levou vários espécimes de amendoim para a Ásia, sendo que alguns dos primeiros exploradores também o levaram para a África onde a sua cultura encontrou um proveitoso desenvolvimento. Foi da África que o amendoim chegou aos Estados Unidos. Antigos capitães de navio verificaram que, levando provisões de amendoim, da amêndoa e seu óleo, embarcadas na África, conseguiam dispor de um valioso alimento com a vantagem de ocupar pouco espaço. Por isso, animaram o cultivo da planta nas imediações dos seus portos de partida. Foi assim que Jefferson veio a se familiarizar com o amendoim e começou a plantá-lo em suas terras situadas em Monticello, na Virgínia.

Nos primeiros tempos da cultura do amendoim nos Estados Unidos pouco se poderia calcular a importância que o produto iria ter. Permanecia como uma cultura de segunda categoria e seu principal consumo era em confeitos vendidos du-

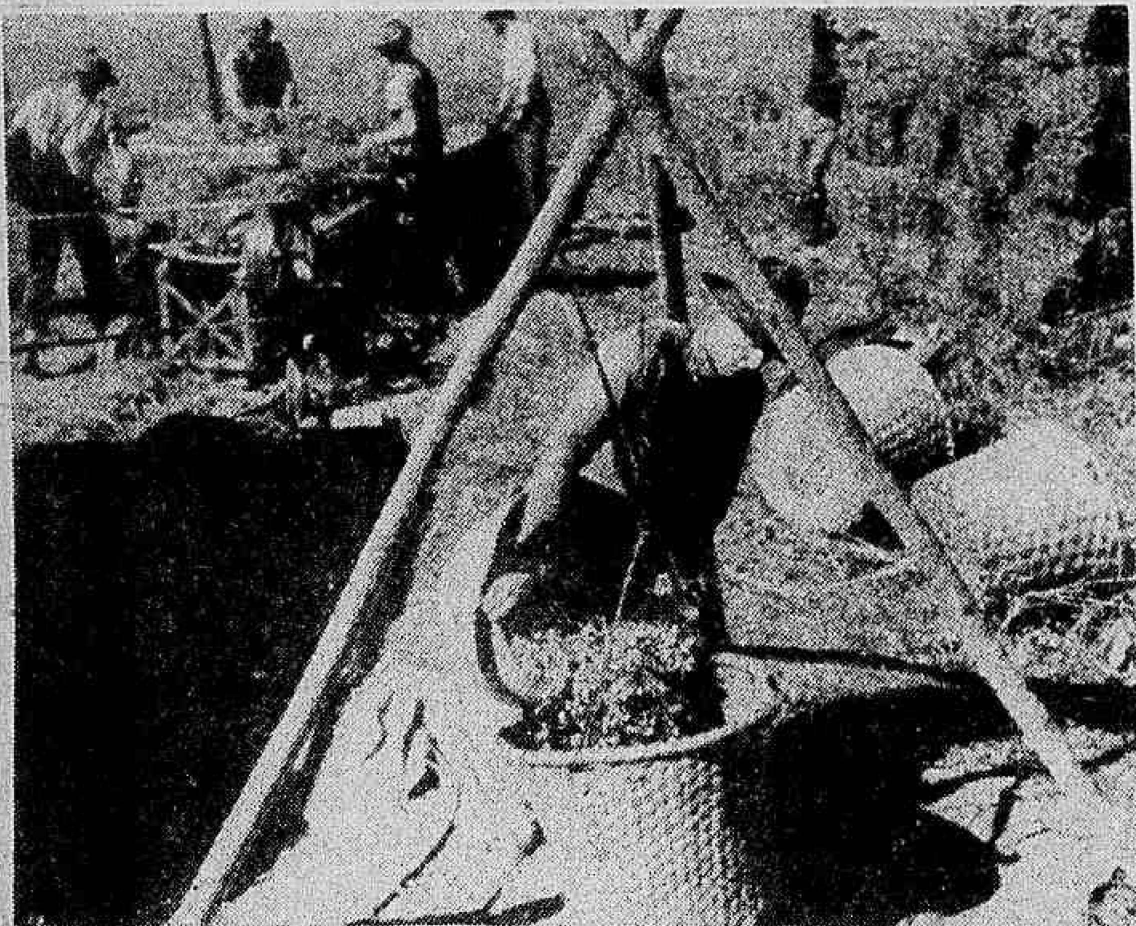


O amendoim presta-se para a cultura em pequenas plantações, dispensando o emprêgo de maquinismos. Nesta plantação, por exemplo, todo o trabalho é feito com um único animal. Está situada na Geórgia, um dos maiores produtores.

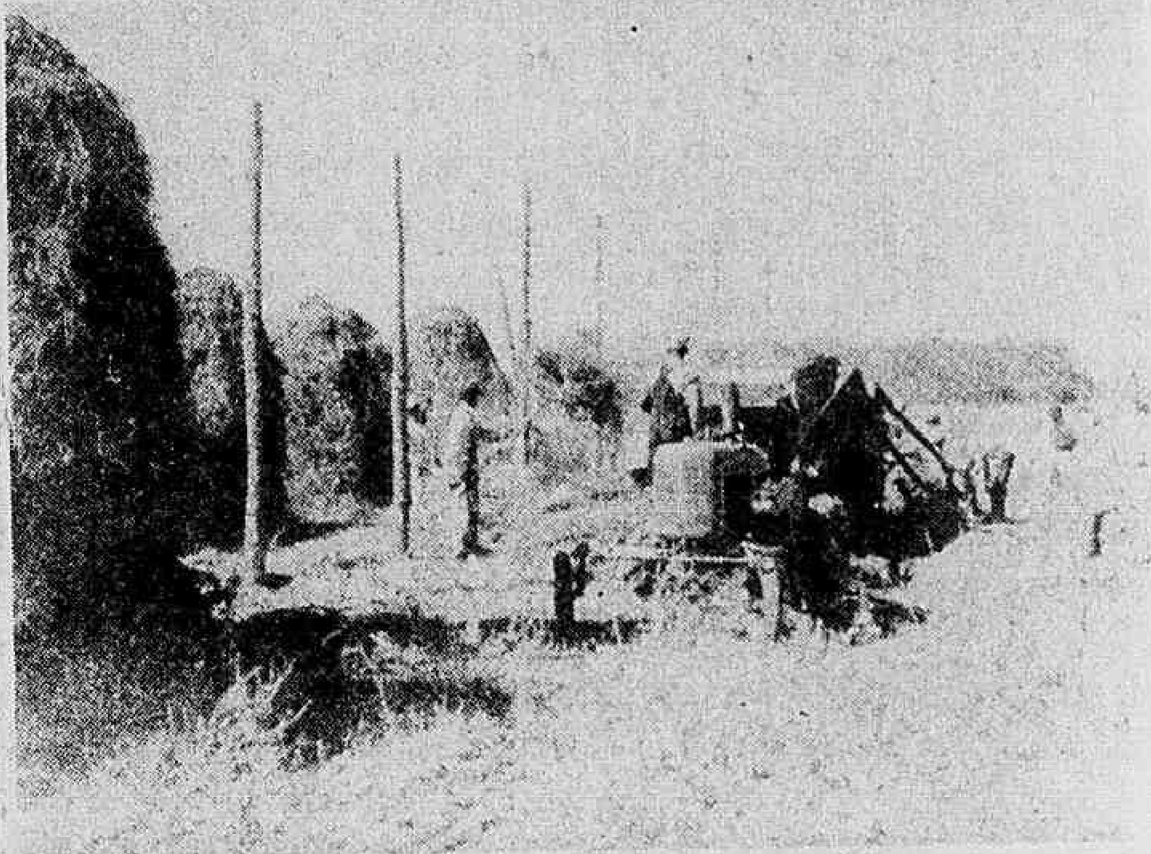
rante festejos populares. Na criação de suínos, constituía um alimento de uso generalizado.

Foi há 47 anos, quando Carver estabeleceu seu laboratório no Instituto Tuskegee, no Estado de Alabama, que as possibilidades do amendoim começaram a tomar vulto. O cientista, a princípio, estava principalmente interessado em introduzir o amendoim como um produto alimentício, nas áreas onde o algodão constituía quase que a única cultura e onde, às vêzes, uma safra má expunha os lavradores a extremas necessidades. Carver apresentou uma lista contendo 103 maneiras de se preparar o amendoim como alimento de grandes vantagens.

E à medida que aprofundava suas pesquisas descobriu, por exemplo, que do amendoim podia extrair-se um óleo refinado, excelente para lubrificar um custoso relógio e também uma graxa para uso em locomotivas. Não produzia fumaça a não ser quando aquecido a uma temperatura acima de 450 graus Fahrenheit. Tinha propriedades de viscosidade tão penetrantes que não se comparavam com as de qualquer outro óleo. A sua utilidade era extraordinária. Êste foi o comêço da sua fase industrial. Passou a ser usado para lubrificar maquinismos delicados e, depois, para a fabricação de sabão, de banhas, de substitutos de manteiga e de cosméticos. Carver descobriu também que os elementos da composição do amendoim poderiam entrar na fabricação de glicerina de superior qualidade e de nitroglicerina. Desde então, o produto tem sido essencial para a fabricação de certos explosivos, sendo que a sua casca encontra várias aplicações.



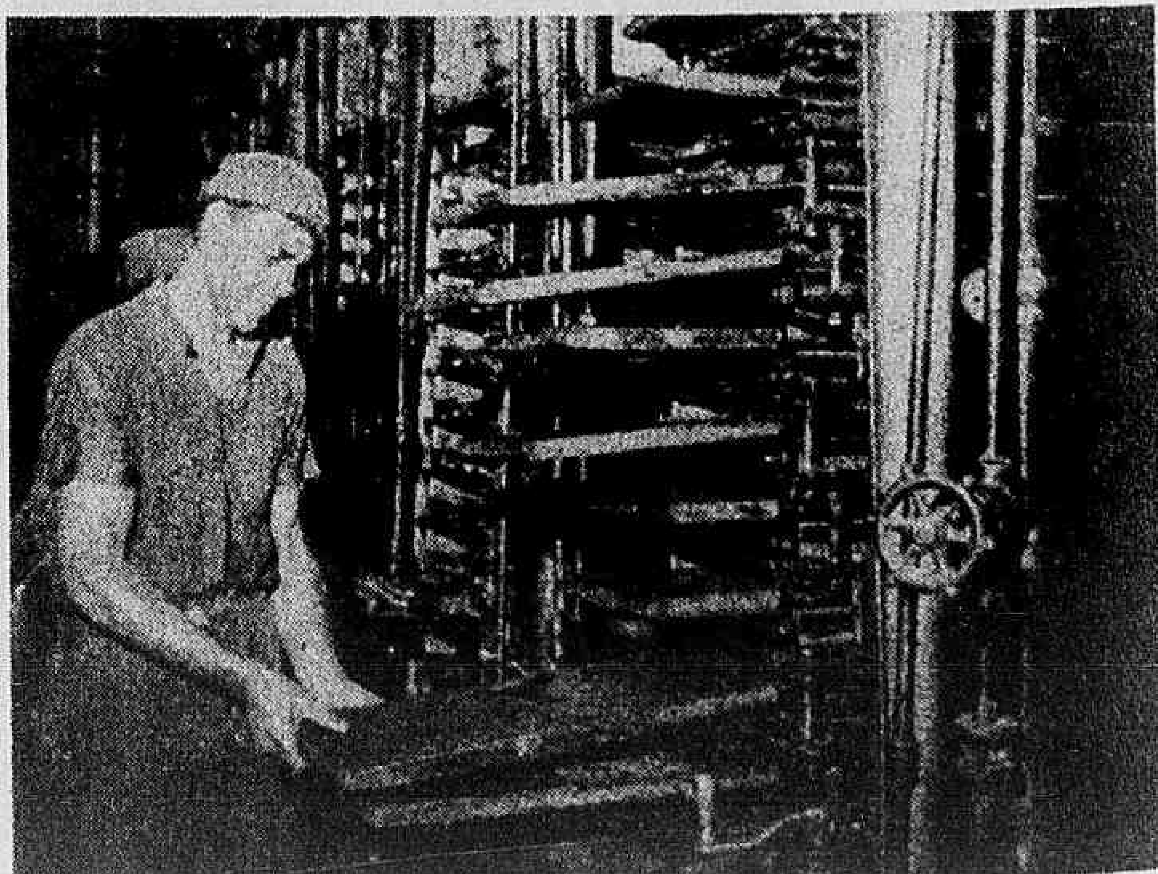
Maneira simples e prática de pesar o amendoim, durante a colheita. Nesta plantação, em Alabama, a produção é de quinhentos e sessenta quilos por hectare de terra cultivada. Essa é a produção média. Noutras regiões do país é ainda maior.



Conquanto a colheita do amendoim seja feita geralmente à mão, máquinas como a que se vê nesta gravura também são usadas. Servem para arrancar a planta inteira e para separar o amendoim da palha, a qual é então enfardada.

★

Quando o óleo é extraído do amendoim, a máquina que faz a extração comprime a substância sólida restante, dando-lhe a forma de tábuas, duras mas quebradiças, usadas na fabricação de materiais plásticos e em vários outros fins.



A surpreendente variedade de uso do modesto amendoim na vida moderna dêste hemisfério é de grande significação para os lavradores em geral. E por ser o amendoim de uma utilidade tão acentuada, como nunca se imaginou há um século passado, os cientistas continuam interessados em procurar novas aplicações para tantos outros produtos agrícolas e florestais.

Fibras feitas da casca do amendoim são usadas para a fabricação de isoladores e se prestam especialmente para atar explosivos. Da sua casca está se fabricando a cortiça sintética e da proteína extraída do amendoim obtém-se fibras tão fortes quanto as da lã, para tecidos. Quanto a materiais plásticos, os resultantes do amendoim são de tal resistência que se prestam para a construção de carrocerias de auto-caminhões e de automóveis. Servem ainda para outros fins, inclusive a fabricação de numerosos objetos de uso doméstico.

Quando rompeu a guerra, os agricultores norte-americanos estavam usando 1.214.777 acres por ano, para a cultura do amendoim. Com o impulso motivado pelo programa de expansão de guerra, aquela área passou a ser de 2.206.935 acres, em 1942, e de 4.200.000 acres em 1943. Daí para cá diminuiu o interêsse pelo amendoim e a última safra foi de 2.681.955.000 alqueires, o que equivale a pouco mais de setecentos quilos por hectare.



O amendoim tem raíz fina, fácil de quebrar, facilitando a colheita.



SENSIBILIDADE DE IRRACIONAIS

No Jardim Zoológico de Milão, Itália, ocorre presentemente, um singular fenômeno, em conseqüência da morte do diretor do estabelecimento cujos despojos foram colocados em câmara ardente erguida no interior do Jardim. Os animais, em sua maior parte, recusam os alimentos ou comem pouco, menos que de hábito. Os tigres, panteras e leões rugem mais e permanecem indolentemente nas suas jaulas, indiferentes às visitas dos guardas e às refeições apresentadas com regularidade. Dois macacos distinguem-se, particularmente, pelo seu desgôsto, deixando de tomar conhecimento, obstinadamente, dos doces e amendoins que lhes são oferecidos pelos visitantes. Um elefante se recusou a exibir-se em público, não tendo dormido durante a noite. Recorda-se que houve fenômeno análogo em Berlim, no ano de 1938, após a morte do diretor do Jardim Zoológico.



A Islândia é o último país do mundo onde alguém poderia pensar em montar máquinas de fazer gêlo. No entanto, a Worthington Corporation está projetando a instalação de uma usina de refrigeração naquela ilha, para a fabricação de fertilizantes.

ESQUECER... É HUMANO

UMA das histórias difíceis de acreditar é a do professor distraído, que chega à sala de aulas... sem as calças! E' contada em tôdas as línguas e faz rir em tôdas as idades. Porém pouca gente aceita como verdadeira.

Mas, realmente, isto pode acontecer! Principalmente depois que conhecemos outras histórias absolutamente comprovadas e igualmente sensacionais.

A "última", realmente "grande" e contada através de telegramas aos quatro cantos do mundo, ocorreu na Universidade de Wisconsin, quando um professor de literatura inglêsa iniciou a leitura do seu programa, vestido apenas com uma cueca de nylon.

Os alunos, polidamente, olharam para o teto, para as paredes — e nada disseram...

Porém quando, recentemente, um alto funcionário da ONU saiu de uma casa de banhos turcos para a calçada movimentada de Times Square, sob copiosa chuva... e descalço, os transeuntes não foram tão polidos.

— **Olá, moço!** — disse um dêles — **Não terá esquecido alguma coisa?**

— **Oh, sim! Obrigado!** — gritou o funcionário na ONU, fazendo meia volta e correndo para o interior do edifício — **Meu guarda-chuva!**

Não devemos ficar preocupados com os nossos lapsos de memória. Todo mundo os tem. Tanto o professor distraído quanto o profissional especialista em ...TER MEMÓRIA!

*

ATÉ OS "ESPECIALISTAS" DA MEMÓRIA ACABAM FALHANDO — O esquecimento é uma das fraquezas mais comuns entre os homens. Em certas épocas do ano, alguns bancos norte-americanos enchem páginas dos jornais com a lista dos nomes de seus depositantes que, aparentemente, esqueceram de uma vez por tôdas as suas contas bancárias.

Em Minneapolis, recentemente, um velho professor aposentado resolveu, afinal, reclamar por suas economias — pouco mais de cinco mil dólares! — através de um anúncio de jornal, indagando que banco tinha uma conta aberta em seu nome.

— **Eu sabia que tinha dinheiro em algum banco** — explicou êle — **Mas não podia recordar em qual dêles!**

Até mesmo os "especialistas" em memória, que podem recitar intermináveis poemas, novelas inteiras ou o catálogo telefônico, sem um êrro, às vêzes **mergulham nas trevas.** Assim foi o caso recente de um rei da memória e que, em Los Angeles, verdadeiramente fascinou a platéia de um grande teatro. Minutos depois teve que recorrer à Inspetoria do Tráfego... porque não se lembrava mais do local em que guardara o seu automóvel!

*

ESQUECER ALFINETES... VÁ LÁ! MAS TIGRES E ELEFANTES... — Muita gente é famosa por sua prodigiosa memória. Porém uma dona de casa de Worcester, Massachussetts, ganharia a "Taça dos Esquecidos", em qualquer lugar que se apresentasse. Os seus óculos, por exemplo, ela os perde no mínimo, uma vez por semana. E de cada vez nos lugares mais improváveis: interior da geladeira, no saco de arroz, pendurados na veneziana da janela... Recentemente fêz um lindo bôlo e levou-o para o júri de um "Concurso de Quituteiras"... Quando cortaram o bôlo... zás! Lá estavam os óculos da candidata!

O público, geralmente, estoura de riso ou se escandaliza com essas falhas. Entretanto, os habitantes de New England, parecem acreditar que o esquecido é um indivíduo que assim age porque acha que deve agir... e ninguém tem nada com isso! Recentemente os habitantes de Vermont nada disseram nem fizeram, quando um circo, findos os seus espetáculos, levantou acampamento e deixou a cidade... esquecendo de levar com o resto do carregamento... um elefante e dois tigres! Quando, oito horas depois, o domador dêsses animais retornou, pálido e sem fôlego, encontrou o povo absolutamente calmo.

— **Nós imaginávamos que o senhor daria por falta dos bichos...** — explicaram.

*

A "lei" também tem os seus cochilos, como ocorreu, não há muito, no Texas. Dois famosos bandoleiros foram surpreendidos e apanhados por um policial, que, imediatamente os colocou no vagão-prisão e entrou logo a sonhar com o prêmio que receberia pela dupla captura. E tanto sonhou com o prêmio que relaxou e perdeu sua habitual eficiência. Na primeira parada os dois prisioneiros abriram a porta do vagão e deram o fora... porque o policial se esquecera de fechá-la com a chave, fazendo-o apenas com o trinco. Esquecera também os próprios revólveres ao alcance das mãos dos prisioneiros, que assim fugiram bem municiados.

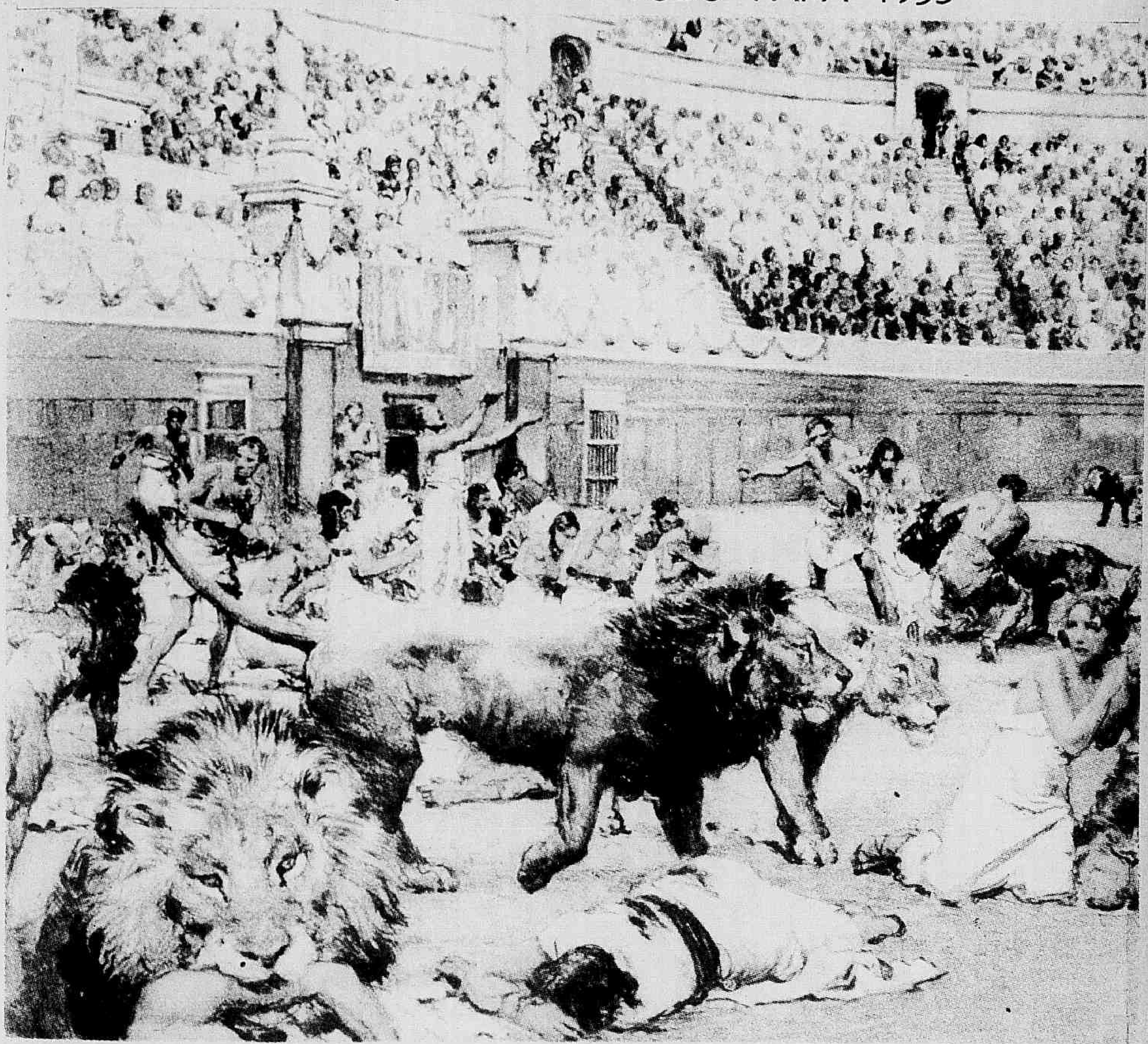
*

O PISTOLEIRO ABANDONADO — Recentemente, em Cleveland, aconteceu outra aventura do tipo esquecimento, agora com um gordo policial metropolitano. Surpreendeu dois pistoleiros, assaltando um armazém e trocou tiros com êles. Os bandidos, esgotada a munição, trataram de fugir.

O guarda saiu atrás dêles e logo pegou um, enquanto o outro prosseguia, correndo. O policial tratou de algemar o capturado na grade forte de um portão e saiu atrás do segundo bandido, que também conseguiu capturar, depois de muito correr, entrando numa rua, dobrando outras, etc. Mas, infelizmente, não pôde recordar onde deixara prêso... o primeiro bandido! Foi necessário apelar para um "chamado geral" dos carros-patrulhas que, sob forte chuva, entraram a procurar

ATENÇÃO LEITORES

AGUARDEM A GRANDE EDIÇÃO DO **ALMANAQUE EU SEI TUDO** PARA 1953



O maravilhoso livro dos mil assuntos trará tôdas as matérias que publica habitualmente, novas seções, lindos contos e o famoso romance QUO VADIS, ricamente ilustrado

Estará à venda na 1a. quinzena de Dezembro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

o pirsioneiro e finalmente o encontraram, molhado até aos ossos, desconsolado e espirrando como um desesperado. E, acreditem ou não, nenhum dos transeuntes que por ali haviam passado, se preocupou com a sua sorte ou simplesmente quis saber por que estava ali, assim, algemado ao portão.

Recentemente os diretores de uma Companhia de Estrada de Ferro passaram maus momenots, quando, para inaugurar a nova linha, direta, de Washington a Chicago, convidaram autoridades ,jornalistas e outras pessoas. À hora dapartida, tudo pronto, entraram no comboio para a inauguração da linha. Mas o trem não pôde sair, ness edia. Tinham esquecido de designar os homens destinados a fazer o trem andar!

★

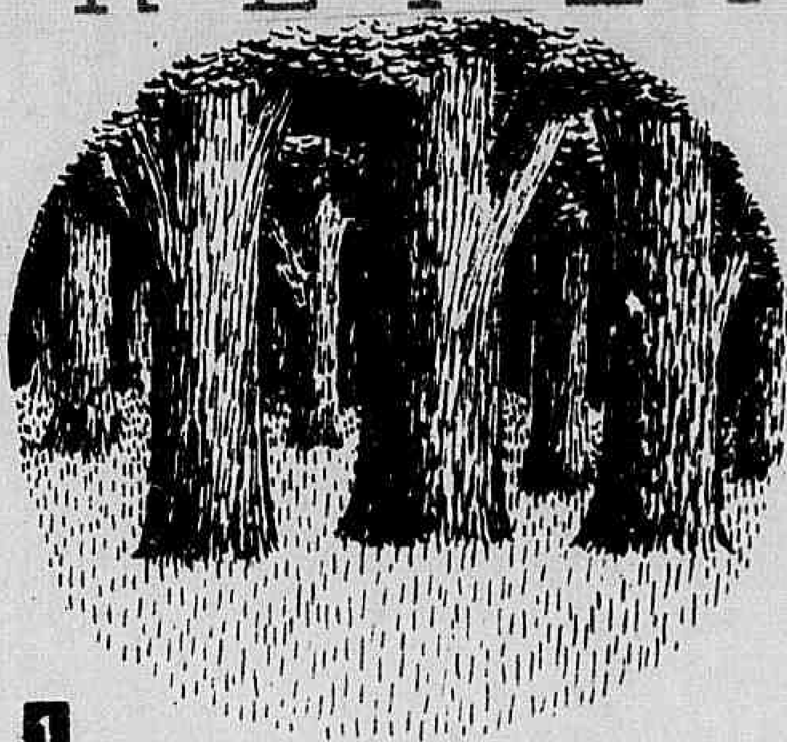
OS BÍGAMOS (às vêzes) TAMBÉM SÃO APENAS ESQUECIDOS... — Segundo decidiu um juiz de Miami, Flórida, o lapso de memória **não é desculpa para que um indivíduo desrespeite a lei sem sofrer punição.** Isso declarou êle quando um garboso marinheiro declarou perante o tribunal que **"embora estivesse casado com quatro espôsas, não devia ser acusado de bigamia. Isto porque** — explicou — **não se recordava mais das três anteriores..."** — E acrescentou — **"Tenho uma péssima memória!"**

★

A POPULAÇÃO MUNDIAL JUDAICA

Da população mundial judaica de 11.532.000 pessoas, 5.828.030, ou seja, mais de 50%, residem na América do Norte e América do Sul, consoante estatísticas publicadas pelo Anuário Judaico Americano Por êle, a distribuição atual dos judeus no mundo: — Europa (inclusive Rússia e Turquia), 3.463000; Ásia, 1.491.000; África, 694.000; Austrália e Nova Zelândia, 56.000; Estados Unidos, 5.000.000; Canadá 201.000; Argentina, 360.000; outros paises do hemisfério ocidental, 267.000.

REPLANTIO


1



2


3


4



5


6


7



8

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM AGÔSTO DE 1952

1 — SEGUNDA-FEIRA : —

Em Belgrado teceram-se comentários em tôrno das próximas conversações que ali serão realizadas entre o Chanceler Eden e o Marechal Tito, adiantando-se que elas se relacionarão com o papel que a Iugoslávia representará no plano de defesa europeu. — Toma posse como Presidente do Equador o Sr. Velasco Ibarra. Foi divulgada a constituição do novo Ministério equatoriano. — Depois de 60 dias, foi finalmente solucionada a crise política que reinava na Holanda, com a constituição do novo Gabinete pelo líder socialista W. Shelm Dress, com a participação de elementos de vários partidos.

2 — TÊRÇA-FEIRA : —

Em Londres tecem-se considerações acêrca da rejeição, pelo Irã, da proposta Truman-Churchill, visando a solução da disputa petrolífera anglo-persa. — O Sr. Mossadegh convoca o Parlamento para reunir-se no próximo dia 10, a fim de comunicar a sua resposta negativa à proposta anglo-americana. — Parlamentares e jornais iranianos ridicularizam o oferecimento dos Estados Unidos e da Inglaterra. — O Primeiro Ministro Yoshida, em carta ao Embaixador norte-americano em Tóquio, apresenta os métodos que deverão ser postos em prática em relação aos membros das fôrças das Nações Unidas estacionadas no Japão, quando praticarem atos criminosos. — O Secretário da Defesa da Inglaterra, Marechal Alexander, fala na exposição aeronáutica sôbre o progresso da aviação britânica e da colaboração de seu país nos planos defensivos aliados. — O Congresso Inter-Parlamentar, reunido em Serna, aprova uma moção no sentido de que haja uma cooperação mais íntima entre os países membros da União Parlamentar Internacional. — O General Ridgway, em visita a Bonn, fala da valiosa cooperação que a Alemanha pode dar aos planos de defesa da Europa, adiantando que os objetivos dos aliados ocidentais é defender a paz a qualquer preço. — Na Bélgica, provoca protestos a decisão do govêrno em conceder denúncia aos que colaboraram com os alemães durante a guerra. — Prestou juramento o novo Gabinete holandês. — O Marechal Blim foi nomeado governador geral da Austrália.

3 — QUARTA-FEIRA : —

Com a presença de delegados de 54 países-membros é inaugurada, na capital mexicana, sob a presidência do Presidente Aleman, a Assembléia Anual de Fundo Monetário Internacional e do Banco Internacional de Reconstrução e Fomento. — Pronuncia um discurso, dizendo dos objetivos da importante conferência, o Ministro Horácio Lafer, que declarou serem aquelas instituições, no campo das finanças internacionais, o que é a O.N.U. na política internacional. — O Secretário de Estado norte-americano apela para o Irã no sentido de ser reconsiderada a proposta Truman-Churchill, destinada a solucionar a disputa anglo-persa. — Declara Acheson que a proposta é justa e razoável. — O Ministro Horácio Lafer declara à imprensa mexicana que dentro em breve serão levantadas as restrições para a retirada do capital estrangeiro do Brasil. — Tem início em Buenos Aires as comemorações da "Semana do Brasil". — Realiza-se

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-6

na Bolívia uma manifestação popular de solidariedade ao Presidente Paz Estensoro, em apoio, principalmente, à política de nacionalização das minas. — Ocorrem diversos incidentes na fronteira das zonas ocidental e oriental de Berlim, em conseqüência das novas restrições impostas pelos comunistas ao tráfego para a capital alemã. — Noticia-se que a Santa Sé emitirá um decreto proibindo às mulheres católicas participarem dos concursos de beleza. — É anunciado que quatro candidatos concorrem às eleições presidenciais que se realizam no Chile, devendo ser eleito o que conquistar a metade da votação e, pelo menos, mais um voto.

4 — QUINTA-FEIRA : —

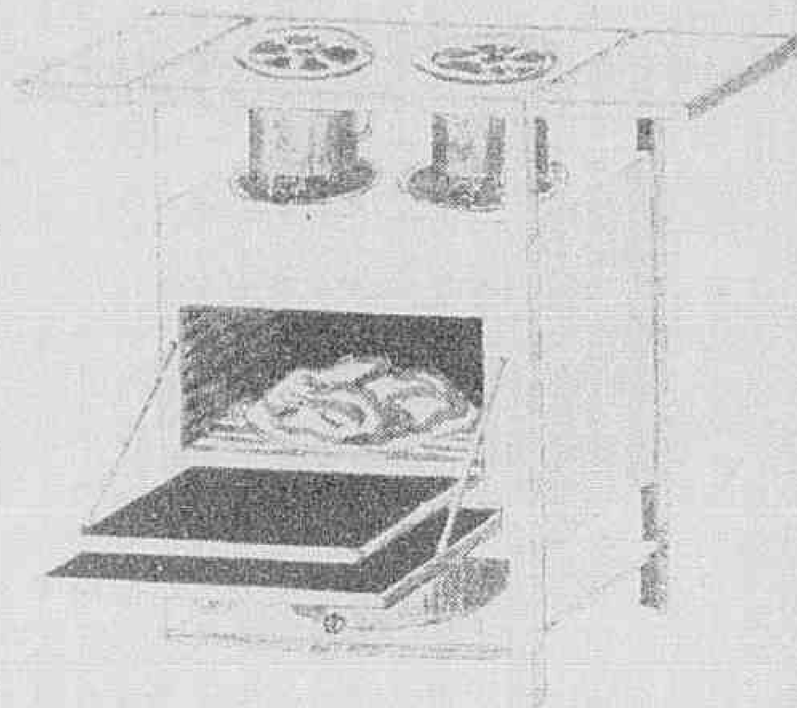
A Coréia do Norte é advertida de que não deve esperar a cessação das hostilidades, ou que diminua a ofensiva aérea aliada, até que os comunistas cedam nas negociações de trégua. O chefe da delegação das Nações Unidas, Major-General William Harrison, deixa tal coisa bem clara aos vermelhos na entrevista semanal que com êles manteve, em Pan Mun Jom. O único resultado dêsse encontro foi o sexto adiamento consecutivo das negociações de trégua por mais outra semana. — Começaram as eleições presidenciais no Chile. O Ministério do Interior declarou que as operações de votos estavam se desenrolando com perfeita normalidade em todo o país. — A nota das três potências ocidentais, em resposta à de Moscou sôbre o tratado austríaco, será entregue antes do fim desta semana, anunciam os meios bem informados. A 14 de março último, os três propunham à União Soviética a alternativa entre a conclusão rápida do tratado detalhado, negociado em vão há seis anos, e a aprovação de um tratado abreviado, que apresentavam. A 15 de agôsto, respondeu a União Soviética rejeitando a proposta do texto abreviado, ao qual censurava, em particular, não mencionar quaisquer garantias relativas à desmilitarização, à desnazificação e democratização da Áustria. — Faleceu em Roma o Conde Carlo Sforza, antigo Ministro do Exterior italiano. — No Palácio Itamarati, procede-se à troca dos documentos de ratificação do Acôrdo sôbre Transportes Aéreos Regulares entre o Brasil e a Itália. — Os membros das Jornadas Médicas Luso-Brasileiras visitam o Hospital dos Servidores do Estado. — Chegam dos Estados Unidos os Srs. Almirante Miles, General Walsh e Major-General Berderanden.

5 — SEXTA-FEIRA : —

O Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento diz, em seu relatório anual e num informe suplementar dados à publicidade, que fêz dezenove empréstimos a dezesseis países, durante o ano econômico de 1952, no montante equivalente a 298.000.000 de dólares. No curso de suas operações até 31 de agôsto passado, desde que foi criado, há cinco anos, o Banco fêz ao todo setenta e dois empréstimos a 27 países, na soma global de 1.489.000.000 de dólares. Dêsses empréstimos, o Brasil recebeu dois, no montante de 37.500.000 de dólares e 25.000.000, êsse para atender à importação de equipamentos elétricos. — De acôrdo com a Constituição Chilena, se nenhum candidato obtiver a maioria exigida, caberá ao Congresso desempatar entre os concorrentes, proclamando eleito um dêles. Julgam os observadores políticos, porém, que, apesar do General Ibanez não ter obtido, pelos dados fornecidos, a maioria absoluta, será difícil ao Congresso deixar de reconhecer sua vitória. — As Embaixadas da França, Grã-Bretanha e Estados Unidos fazem entrega ao govêrno russo, em Moscou, de suas respostas à nota soviética sôbre a Áustria. — O delegado soviético, Jacob Malik, acusa o Presidente Truman e o Secretário de Estado, Dean Acneson, assim como o Gal. Eisenhower, de serem capazes de "firmar aliança com o diabo em pessoa, desde que seu novo sócio ladre com fôrça suficiente perante a cruzada a que estão dedicados". Falando perante o Conselho de Segurança, que está debatendo a proposta russa sôbre a admissão de novos membros à ONU, disse Malik que os dirigentes norte-americanos estão muito ocupados criando blocos agressivos no mundo inteiro, em preparação da guerra contra a Rússia. — O General Dwight Eisenhower declarou hoje que alistará o Senador Robert Taft como participante ativo da campanha em favor de uma vitória republicana em novembro. O postulante republicano à Presidência fêz tal declaração em uma reunião dos líderes do partido, no meio dêste, na qual expressou confiança de que a agrupação republicana vencerá fàcilmente os democratas.

6 — SÁBADO : —

O Sr. Adlai Stevenson, candidato democrata à presidência, respondendo, em um discurso em Denver, ao "slogan" empregado pelos republicanos — "O povo americano quer uma mudança" — pergunta — "Qual é essa mudança, desejada pelos republicanos?". O Governador de Illinois declarou que lêra o programa eleitoral do Partido Republicano, mas que êste não precisa, absolutamente, qual a mudança que o Partido pretendia operar na política interna ou externa dos Estados Unidos. — Tropas chinesas atacam novamente a posição de Bunker-Hill, no "front" ocidental, a alguns quilômetros da sede da Conferência de Armistício de Pan Mun Jom. O ataque é repelido depois de breve combate. A referida posição estava ocupada pelas fôrças das Nações Unidas desde o dia 12 de agôsto último. Depois dessa data, os chineses não passam um dia ou uma noite sem tentar reconquistar a posição. Bunker-Hill faz parte do mesmo maciço rochoso da sua gêmea Siberia Hill, que domina ligeiramente, mas da qual está separada por estreito desfiladeiro. — Informa-se oficialmente em Londres que 27 pessoas morreram, além dos dois ocupantes do avião a jacto "De Havilland-110", que se desintegrou no ar, pouco depois de haver ultrapassado a barreira de som, nas exibições da Exposição Aérea de Farnborough. O total de feridos elevou-se a 65. — A denúncia do pacto de ajuda militar com os Estados Unidos e o estabelecimento de relações com todos os países do mundo, inclusive a U.R.S.S. e os países da "Democracia Popular", assim como a revogação da lei "de defesa permanente da democracia", figuram entre os principais objetivos da política do novo Govêrno, presidido pelo Presidente Carlos Ibañez"

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI

A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

— declara o Deputado Javier Lira, Secretário-Geral do movimento que sustentou a candidatura do General Ibañez à Presidência da República. Como se sabe, a parte principal da "lei de defesa permanente da democracia" foi a colocação fora da lei do Partido Comunista Chileno. — O Primeiro Ministro Winston Churchill prediz que, para fins dêste ano, a Grã-Bretanha e tôda a área do esterlino terão subjugado seu "déficit" comercial. Falando num comício conservador em seu próprio distrito eleitoral, Churchill manifesta que "podemos agora prognosticar que nesta ilha... no segundo semestre dêste ano, estaremos com a nossa posição equilibrada com o resto do mundo onde não rege a libra esterlina... como também o estará tôda a área do esterlino". — A Junta de Governadores Latino-Americanos do Fundo Monetário Internacional divulga uma declaração em apoio do trabalho da instituição e solicitando que continue a apoiar os problemas dos países que representam. Os governadores concordaram em expressar a sua satisfação e agradecimento a Ivar Rooth, Conselho de Diretores Executivos e pessoal técnico do Fundo Monetário Internacional pela atitude compreensiva e inteligente que vem adotando ante os problemas latino-americanos. — Chega o Sr. Francesco Maria Dominedó, sub-secretário das Relações Exteriores da Itália.

7 — DOMINGO : —

A intransigência com a qual o Dr. Mossadegh continua a rejeitar o oferecimento de Churchill e Truman para uma solução do conflito anglo-iraniano do petróleo provoca o aparecimento de certo número de hipóteses nos meios financeiros britânicos. Quanto ao futuro da indústria petrolífera persa, pensam alguns observadores que o segrêdo da atitude do Dr. Mossadegh deve ser procurado na descoberta de novas e importantes jazidas petrolíferas no Irã, longe da concepção da "Anglo-Iranian Oil Co." situada no sul do país. Consta que essas jazidas foram descobertas há seis semanas apenas, por um grupo de técnicos americanos da Companhia "Drill", a 150 quilômetros ao sul de Teerã. — "O papel exato que desempenharei na campanha eleitoral republicana dependerá da entrevista que se prepara, com o General Eisenhower, nos próximos dias. Nenhuma data definitiva, porém, foi ainda marcada para esta entrevista", declara o Senador Robert Taft, num comunicado publicado ao terminar a reunião que o Senador de Ohio teve com o Presidente do Partido Republicano. Acrescenta o Senador Taft no comunicado que o Presidente do Partido lhe pedira para fazer um discurso pelo rádio, mas não declara se resolveu acatar o pedido. — O matutino liberal "El Tiempo' reaparece em Bogotá, em formato de tablóide, com oito páginas, editado numa oficina gráfica de propriedade do Partido Liberal, e anuncia o imediato regresso de seu diretor, Roberto Garcia Pena, que atualmente se encontra em Norwaly, Connecticut, Estados Unidos.

8 — SEGUNDA-FEIRA : —

Autoridades diplomáticas norte-americanas dizem que continuariam a opôr-se ao emprêgo de tropas nacionalistas chinesas na Coréia. Manifestam surprêsa ante as notícias de Taipeh, Formosa, no sentido de que as autoridades militares britânicas ali vinham instando com Washington para o envio de duas divisões nacionalistas para a Coréia. Funcionários diplomáticos, que não quiseram ser citados nominalmente, acreditam que a utilização de tropas de Chiang Kai Shek daria às Nações Unidas mais dôres de cabeça do que vantagens econômicas. — Mustafá Khamis e Mohamed El Bakri, os principais responsáveis pelos sangrentos acontecimentos de Kafr El Dawar, são executados, na forca, na prisão a que estavam recolhidos. A execução de Mustafá Khamis e seu companheiro estava marcada para o meio-dia, mas foi antecipada, a fim de impedir manifestações. Desde as primeiras horas, importantes fôrças motorizadas patrulhavam as ruas da cidade, e caminhões repletos de soldados estacionavam nas esquinas. — Vários feridos falecem no hospital, elevando-se a 28 o número de mortos no desastre verificado sábado último com um "De Havilland-110", durante o Festival Aéreo de Farnborough. Outros 44 dos 62 feridos no sinistro ainda se encontram internados e mais de uma dezena dêles se acham em estado grave. Centenas de pessoas visitam o necrotério, tentando identificar as vítimas. Três senhoras que pereceram na catástrofe ainda não foram identificadas. — Regressa ao seu país o Sr. Raul Soules Baldo, Ministro da Saúde da Venezuela. — O Professor Francesco Maria Dominedó, Sub-Secretário dos Ne-

gócios Estrangeiros da Itália, concede uma entrevista à imprensa sôbre o problema da imigração.

9 — TÊRÇA-FEIRA : —

O Presidente do Líbano, Al Khoury, nomeia um gabinete de emergência, composto de três elementos, destinado a dirigir os assuntos nacionais. Al Khoury procede de tal forma ao ter conhecimento da renúncia, em pleno Conselho de Ministros do Premier Sami Sohi. — Uma formação de bombardeiros norte-americanos ataca importante depósito de abastecimento inimigo em Yandok, ao longo da estrada de fero que liga Pyong Yang a Wonsan. O comunicado que dá essa notícia esclarece que foram lançadas duzentas toneladas de bombas contra êsse objetivo. — O Gabinete do General Mohamed Naguib aprova decretos para a reorganização dos partidos políticos do Egito e devisão das grandes propriedades, a fim de permitir a reforma agrária. — Assume o Comando da 2ª Zona Militar do Leste o Sr. General Euclydes Zenóbio da Costa. — O Sr. Ministro da Marinha oferece um almôço ao Sr. Almirante Edward Milles, Chefe da Divisão de Operações da Marinha Norte-Americana na América Latina. — Segue para S. Paulo o Sr. Francesco Maria Dominedo, Sub-Secretário dos Negócios Estrangeiros da Itália.

10 — QUARTA-FEIRA : —

Noticia-se que novas prisões de destacados líderes políticos foram efetuadas pela polícia egípcia. — Repercute como um acontecimento importante a renúncia do Secretário Geral da Liga Árabe, Rhaman Azzan. — O General Mohamed Ibrahim é nomeado Subcomandante Supremo das fôrças armadas. — Adiado, por falta de *quorum*, o debate pelo Parlamento iraniano da proposta Truman-Churchill, para a solução da disputa anglo-persa, já rejeitada pelo "premier" Mossadegh. — Noticia-se que é de calma o ambiente no Líbano, após o golpe de Estado ali verificado. — É prêso na Argentina o ex-Secretário de Obras Públicas da Província de Buenos Aires, Sr. Raul Mercante, primo do antigo governador da aludida Província, Coronel Mercante. — É marcada para 30 de novembro próximo a realização das eleições gerais na Venezuela. — O Chanceler Acheson faz declarações sôbre a questão coreana, fazendo referências a uma proposta apresentada pelo México, no sentido de se encontrar uma solução para o impasse acêrca da repatriação de prisioneiros de guerra. — O Comandante do Exército britânico em Berlim reclama contra a prisão de dois oficiais pelos comunistas e contra o desaparecimento de três soldados inglêses nas proximidades da fronteira da zona soviética. — Noticia-se que prosseguem satisfatòriamente as conversações entre os chanceleres Schuman e Adenauer sôbre a questão sarrense. — Chega a esta Capital o Sr. Dr. Alberto Lleras Camargo, Secretário-Geral da Organização dos Estados Americanos.

11 — QUINTA-FEIRA : —

O Ministro das Relações Exteriores, Anthony Eden, e o Secretário Geral das Nações Unidas, Trìgvie Lie, conferenciam hoje sôbre as novas propostas para a consecução de um armistício na Coréia o mais cedo possível. Informa-se que ambos estão de acôrdo quanto à necessidade de se fazer pressão para que tal armistício seja concertado antes que a Assembléia Geral das Nações Unidas se ocupe dêsse problema, quando começar seu novo período de sessões em outubro próximo, em Nova Iorque. — Na sessão da Comunidade do Carvão e do Aço, é realizada a eleição dos cinco vice-presidentes. São eleitos Fuender, da Alemanha; Teftgen, da França; Vixsebolse, da Holanda; Casati, da Itália; e Fohotzalil, do Luxemburgo, que obtêm, respectivamente, 61, 57, 56, 49 e 42 votos. Assim, a mesa da Assembléia Geral da Comunidade ficou constituida do Presidente Spaak e dos cinco vice-presidentes acima enumerados. Por ter que amanhã dirigir-se a Bonn o Chanceler alemão Adenauer, a Assembléia resolve modificar sua Ordem do Dia e dá a palavra, sucessivamente, ao Sr. Jean Monnet e Adenauer. — "O que o General Eisenhower propõe é um Congresso Republicano, isto é, "um Congresso isolacionista", o que provàvelmente não forjará a paz, principal objetivo pelo qual os democratas trabalham há 7 anos", declara o Presidente Truman em sua habitual entrevista à imprensa. Em seguida, o Presidente ataca violentamente a imprensa dos Estados Unidos, que êle acusou de ser — como em 1948 — noventa por cento a favor dos republicanos. Para que a democracia funcione nos Estados Unidos, é necessário que haja uma imprensa bipartidária, acrescenta Truman, que concluiu afirmando que, apesar disso, os democratas obterão a vitória nas eleições presidenciais. — Fôrças de infantaria sul-coreana dominam o Monte do Capitólio, depois de repelirem quatro selvagens ataques chineses, que talvez viessem ser ponto de partida para uma tentativa de irrupção em larga escala, através da linha aliada. O correspondente Fred Painton, da U.P., noticia da linha de frente que lá se especula que talvez os chineses tivessem em perspectiva um assalto de envergadura. — Seis pessoas morreram e 30 ficaram feridas, inclusive 10 gravemente, quando um transformador da estação geradora de energia elétrica de Vilviestre del Pinar, na Espanha, incendiou. Vilviestre del Pinar é uma aldeia na província de Burgos. — Chegou o Sr. Stanley Andrews, Administrador da Cooperação Técnica do Ponto Quatro.

12 — SEXTA-FEIRA : —

O Ministro Lafer faz declarações sôbre os trabalhos realizados na Conferência Monetária realizada na Capital Mexicana. — O Sr. Otávio Paranaguá é eleito Diretor Executivo do Fundo Monetário Internacional. — O Senador Kefauver faz declarações sôbre a posição dos candidatos à presidência dos Estados Unidos, em relação à organização do Pacto do Atlântico. — São aprovadas as recomendações no sentido de facilitar as viagens nos países signatários da Organização na concesão de divisas. — Asilam-se na embaixada venezuelana, em Bogotá, o ex-Presidente da Colômbia, Sr. Alfonso Lopez e o ex-Ministro Carlos Lleras Restrepo. — A imprensa norte-americana tece comentários em tôrno das violências ocorridas na capital colombiana.

GOIABADA marca PEIXE

Produto das **INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITTO S. A.**

RECIFE — RIO — SÃO PAULO — MINAS



Há mais de 50 anos a Goiabada marca PEIXE tem a preferência nos mercados, porque é fabricada com as melhores goiabas, rigorosamente selecionadas para manter o seu verdadeiro sabor conservando todos os valores vitaminosos.

— Prossegue a greve das emprêsas em transporte na capital uruguaia. — Chega ao México o Presidente eleito do Panamá, Sr. Antônio Remon. — O Presidente Aleman, do México, declara que quando terminar o seu mandato abandonará a vida pública. — O Govêrno do Uruguai pede a retirada de dois diplomatas argentinos em função no seu território. — O Primeiro Ministro Pinay pronuncia um discurso no qual apresentou as medidas estabelecidas pelo govêrno visando a baixa do custo de vida. — O delegado brasileiro na Conferência da Geologia Internacional faz declarações sôbre as atividades da nossa delegação. — No Palácio Itamarati realiza-se a cerimônia da assinatura de um acôrdo comercial entre o Brasil e o Japão.

13 — SÁBADO : —

Super-fortalezas voadoras efetuam outro devastador bombardeio das centrais-elétricas do Rio Yalu, adiantando-se que, dessa vez, a Inglaterra foi cientificada prèviamente do ataque. — Diversos outros objetivos militares são alvo dos bombardeios aliados. — Divulga-se que novas propostas de paz estão sendo preparadas pelos comunistas. — A Conferência dos seis paises europeus, reunida em Estrasburgo, decide começar amanhã a elaboração de planos destinados a fundar a Comunidade Política Européia. — O govêrno austríaco responde, refutando às acusações formuladas pelo Alto Comissário da Rússia em Viena. — O govêrno uruguaio emite uma nota na qual desmente as notícias de agitação em Montevidéu. — Noticia-se que será realizada, pròximamente, uma reunião dos fiadores do Protocolo do Rio de Janeiro, que são os Estados Unidos, Brasil, Argentina e Chile. — É revelado que, nas provas atômicas a serem realizadas na Austrália, a Inglaterra fará experiências com uma devastadora arma secreta. — O Sumo Pontífece faz declarações nas quais apoia o direito dos Estados se defenderem da agressão, afirmando que a "guerra fria" deve ser condenada por ser imoral. — Realiza-se o "vermissage" do LVII Salão Nacional de Belas Artes.

14 — DOMINGO: —

O Sr. Anthony Eden, na breve palestra que teve com o Sr. Robert Schuman, dá parte ao Ministro francês dos Negócios Estrangeiros das grandes linhas do seu discurso perante a Assembléia do Conselho da Europa. Nos círculos autorizados precisa-se que a entrevista entre os dois ministros refere-se essencialmente às questões relativas ao Conselho da Europa e à Comunidade Européia do Carvão e Aço. — As maiores manobras combinadas da Marinha e da Aviação dos países da NATO, que se realizam desde a assinatura do Pacto do Atlântico, estão em curso em águas da Europa do Norte. Pouco depois da meia-noite, o Almirante britânico Sir Georgge Creasy, Comandante-Chefe do setor naval Atlântico, dá ordem aos 82 navios de guerra ancorados no pequeno pôrto escocês de Greenor, os quais participam da operação "Mainbrace", para se dirigem para alto mar. — Os caças-bombardeiros atacam fábricas em Siniju, perto da fronteira da Mandchuria. Mais de 80 "Migs" atravessam o Rio Yalu, de sua base em

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Antung, a fim de proteger os objetivos, sendo interceptados por 104 "Sabres". Segundo o exemplo dado pelo General Mohamed Naguib, Primeiro Ministro do Egito, Salam busca uma saída para a crise que atravessa seu pequeno mas rico país, desferindo um golpe mortal contra a corrupção nos altos círculos oficiais. Exige que renunciem imediatamente o Prefeito de Beirute, Nicola Rizcallah, o Procurador Geral, Gabriel Bassilia, o Diretor de Comunicações, Hassan Farhat e o Diretor Nacional de Economia, Ihan Beydoun. Fontes bem informadas dizem que se espera que Salam dê início, prontamente, a outras reformas.

15 — SEGUNDA-FEIRA : —

Prevê-se a formação de uma Comissão de trinta membros, para elaborar um projeto da nova Constituição do Egito. Os membros da mesma serão recrutados entre os juristas e tôdas as comunidades serão representadas. — O govêrno Naguib está decidido, segundo se declara nos meios bem informados, a não se contentar em emendar a atual Constituição, como o propunha Ali Maher. É uma revisão completa que pretende proceder, para estabelecer uma Lei Fundamental original. — O Primeiro Ministro designado, Saed Salam, do Líbano, o mais recente da série de "homens fortes" que está fazendo sua entrada no cenário político do Oriente Médio, busca pôr fim à paralisadora greve nacional, exigindo sumàriamente que se leve a cabo uma limpeza total nos círculos administra-

ISTO E' COM VOCÊ!!!

SIM, PORQUE ESTAMOS CERTOS QUE LHE INTERESSAM, PELO MENOS, 3 LIVROS.
COMPRE EM NOSSOS BALCÕES: NO RIO: AV. RIO BRANCO, 25 e RUA MÉXICO, 128-SOBRELOJA
EM SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403 E NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS | NO INTERIOR, PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL - PARA O RIO!

- Métodos Científicos e Modernos para Limitar os Filhos — .87 - 20,00
- Anormalidades Sexuais — Nº 95 — 20,00
- A Conquista Amorosa pela Aplicação da Psicologia Sexual — Nº 92 — 15,00
- Problemas Sexuais dos Solteiros — Nº 66 — 15,00
- Como evitar a Solidão Amorosa / Como conquistar e arrumar namorada — Nº 18 — 15,00
- Guia Intimo da Sexualidade / O ato sexual detalhes — Nº 5 — 15,00
- Dicionario Moderno de Sexo e Amor / Científico-Curioso Diferente — Nº 7-15,00
- Estimulantes Sexuais — Nº 67 — 15,00
- Técnica e Prática Sexual — Nº 2 — 20,00
- Costumes Sexuais Estranhos — Nº 4 — 15,00
- Vigor Sexual — Nº 6 — 20,00
- A Felicidade Sexual no casamento — Nº 3 — 15,00
- Amor e Sexo — Nº 91 — 15,00
- Discursos para todas as Ocasiões — Nº 122 — 15,00
- A Arte e a Tecnica do Beijo — Nº 93 — 15,00
- Test para os seus conhecimentos — Luiz Victoria — Nº 34 — 15,00
- Testes de Inteligencia / Util - Instrutivo / Contagem de pontos — Nº 78 — 10,00
- Dicionario da Mitologia — Luiz Victoria — Nº 9 — 15,00
- Dicionario de Citações de Frases Celebres Vol. I — Luiz A. R. Victoria — 80 - 15,00
- Dicionario de Citações de Frases Celebres Vol. II — Luiz A. R. Victoria — 144 - 15,00
- Dicionario de Proverbios Brasileiros Portugueses — Nº 88 — 15,00
- Dicionario de Proverbios Franceses — Nº 88 — 15,00
- Declarações de Amor — 165 - 15,00
- Anedotas — 169 - 15,00
- Elimine o seu Complexo de Inferioridade — Nº 139 — 20,00
- Como se fazer Amar — Nº 23 — 15,00
- Segredos de Hollywood para a Beleza Feminina — Nº 33 — 20,00
- Desenvolva a Memória / Pratico Eficiente — Nº 82 — 10,00
- Regras de Etiqueta Social — 149 — 15,00
- Formulas para Ganhar Dinheiro — 153 - 15,00
- Assim se Emagrece Comendo — 156 — 15,00
- Conquiste Amizades aumentando a sua Simpatia — 161 - 15,00
- Aprenda a Viver — 159 - 15,00
- Curiosidades e Extravagâncias deste e do outro mundo — 150 — 15,00
- Filosofia da Vida e do Prazer — 167 - 15,00
- Aprenda a Dançar sem Mestre — 170 — 15,00
- Teoria e Prática do Existencialismo — 172 — 15,00
- Para Vencer na Vida (Regras) — 182 - 15,00
- Construa a tua Personalidade — 183 - 15,00
- Cenas de Amor dos melhores romances (Ana Karenina, A Dama das Camelias, Madame Bovary, Pilhos e Amantes, Naná, Thais) — 81 — 10,00
- O Banho / O Beijo — Emile Zola — 65 — 15,00
- Mortes Curiosas e Estranhas — 17 — 10,00
- Pequenas Biografias de Grandes Escritores — Luiz A. R. Victoria — 128 - 15,00
- A Bíblia de Haia / Seleções de Ruy Barbosa — 28 - 15,00
- Sensualidade / Páginas sensuais de: Pitigrilli, O. Bilac, A. France, Victor Hugo, Vargas Vila, Camões e outros — Nº 131 — 20,00
- 133 — 20,00
- A Carne — Júlio Ribeiro — Nº 140 — 25,00
- Grandes Cortesãs — Henri de Kock — 178 - 15,00
- Nana — Emile Zola — 180 - 15,00
- Quo Vadis — 179 - 15,00
- A Santa Cruz de Caravaca: Tesouro de Orações — Nº 94 — 15,00
- Como Interpretar os Sonhos — Nº 12 — 10,00
- As Chaves Ocultas do Poder — Nº 11 — 15,00
- Como ler os Pensamentos — Nº 13 — 15,00
- Guia Como ler as Mãos / Conheça o futuro — Nº 14 — 15,00
- Enciclopédia Industrial Ocultista — Nº 10 — 15,00
- Como tirar a Sorte / Cartas / Dados / Bola de Cristal — Nº 39 — 15,00
- Grafologia Prática — Nº 64 — 15,00
- Os Sonhos... o Riso e as Mulheres — 152 - 10,00
- O Retrato de Dorian Gray — 181 - 15,00
- Hipnotismo Prático — Nº 15 — 15,00
- Métodos para Hipnotisar — 147 — 15,00
- O Livro das Mágicas — Nº 68 — 10,00
- Aprenda a fazer Mágicas — 158 - 15,00
- Regras e táticas do Futebol de Mesa — 173 — 15,00
- Jogos de Cartas (Regras) — 51 - 15,00
- Taticas de Xadrez — Nº 123 — 15,00
- Jiu-Jitsu sem Mestre — 129 — 15,00
- Natação sem Mestre — 135 — 15,00
- Habilidades e Proezas da Juventude — Nº 137 — 15,00
- Aprenda a Dirigir Sozinho — 141 — 15,00
- Manual do Motorista / Mecanica - Trafego — Nº 36 — 15,00
- Enguiços do Automovel — 138 - 15,00
- Rádio para Principiantes — 146 — 15,00
- Quebra-Cabeças, Mágicas e Passatempos — Nº 22-15,00
- Sólidos para armar / Para cortar, colar e armar — H. Resende — 97 - 20,00
- Fatos Curiosos e Inacreditaveis — 151 — 15,00
- Cock-Tail de Palavras Cruzadas — A. Fernando Sousa — 157 — 10,00
- Manual do Detetive Amador — Nº 29 — 10,00
- Método de Datilografia sem Mestre / Pratico Rapido — Nº 96 — 15,00

Editora
GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 11 - B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME.....................
RUA.....................
LOCALIDADE.....................
ESTADO.....................

tivos do govêrno. — Caças a jacto "Sabre" dos Estados Unidos, destroem nove caças "Mig" comunistas, quando davam cobertura a caças-bombardeiros aliados, num ataque a objetivos na Coréia do Norte. Outro "Mig" é provàvelmente destruido e dois outros danificados em onze batalhas separadas. — No Palácio Itamarati realiza-se a cerimônia da troca de notas relativas a um Acôrdo sôbre tôdas as questões pendentes entre os govêrnos do Brasil e da Itália, sendo signatários das mesmas os Srs. Ministro João Neves da Fontura e Deputado Francesco Maria Dominedó. — O Sr. Ministro da Educação preside à solenidade da inauguração do LVII Salão Nacional de Belas Artes. — Realiza-se a solenidade de posse do Sr. General Angelo Mendes de Moraes, no cargo de Chefe do Departamento Geral de Administração do Exército. — Verifica-se, no Gabinete do Sr. Ministro da Justiça, o ato de posse do Sr. Desembargador Florêncio de Abreu, no cargo de Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

16 — TÊRÇA-FEIRA : —

Encerram-se em Moscou as conversações sino-soviéticas entabuladas há várias semanas. Entre outras deliberações, fica resolvido que as fôrças russas permanecerão na Mandchuria. — Circulos diplomáticos da capital russa declaram acreditar que alguns acôrdos secretos tenham sido concertados nas negociações. — O Primeiro Ministro Mossadegh fêz uma explanação ao Parlamento acêrca da proposta Truman-Churchill para solucionar a questão petrolífera. Diz o "premier" persa dos motivos que o levaram a rejeitar a referida proposta e, ao mesmo tempo apresenta condições para submeter a disputa à Côrte Internacional. Declarou ainda que estava disposto a romper relações com a Inglaterra, para fazer valer os direitos do Irã. — O Parlamento iraniano aprova uma moção de confiança ao Sr. Mossadegh, por sessenta votos entre sessenta e um votantes. — Pio XII, dirigindo-se ao Congresso Internacional de Histopatologia, fêz uma advertência contra a aplicação de certos métodos de psicanálise, apontando os limites morais que devem ser respeitados. — O Sr. De Gasperi fêz declarações referentes ao ponto de vista da Itália em relação à Trieste. — A questão triestina é debatida numa conferência entre o "premier" italiano e o Chanceler Eden. — O General Omar Bradley faz uma advertência contra o exagerado otimismo reinante acêrca da eficácia da bomba atômica. — Disse o comandante norte-americano que é necessário o fornecimento e treinamento das fôrças da NATO dentro do periodo fixado. — O "Wall Street Journal" tece comentários em tôrno da situação financeira do Brasil. — Anuncia-se que o Marquês de Reading, membro do "Foreign Office", virá brevemente ao Brasil. — Segue para os Estados Unidos o Sr. Ministro da Marinha. — Regressa à Europa o Sr. Francesco Maria Dominedó, Sub-Secretário dos Negócios estrangeiros da Itália.

17 — QUARTA-FEIRA : —

Prossegue no Conselho da Europa, reunido em Estrasburgo, os debates sôbre a constituição da Comunidade Européia. — Entre outros, usa da palavra o Sr. Spaak, para dizer que deve ser mantida uma "porta aberta" à Inglaterra e outros países da Europa que desejarem filiar-se à Comunidade. — Decidido o encaminhamento das acusações alemãs sôbre a supressão da liberdade democrática no Sarre, ao Comité Geral do Conselho. — Com a participação de onze países, inaugura-se em Londres a Conferência Internacional do Algodão, cujo objetivo principal é aumentar o consumo do produto. — O General Eisenhower fala perante a Convenção da Federação Americana do Trabalho, condenando a lei Taft-Hartley. — É lida uma mensagem do Presidente Truman, na qual os trabalhadores são advertidos acêrca das intenções dos republicanos contra o proletariado. — O Presidente Truman faz declarações defendendo o seu govêrno de acusações formuladas por seus adversários politicos. — Anuncia-se a prisão, como conspiradores, de 4 líderes comunistas. — Tomadas diversas medidas preventivas em face da nova ameaça de greve dos mineiros. — O Sr. Dean Acheson declara que prosseguem as negociações hispano-norte-americanas, para a utilização de bases aéreas e navais, pelos Estados Unidos, na Espanha. — O govêrno colombiano, respondendo a uma mensagem de protesto da Sociedade Inter-Americana de Imprensa, dá esclarecimentos acêrca das medidas tomadas para apurar responsabilidades nos ataques contra os jornais "El Tiempo" e "El Espectador".

18 — QUINTA-FEIRA : —

Atendendo aos desejos da oposição, o Sr. Bechari el Khoury renuncia à Presidência da República do Líbano, tendo tomado a mesma atitude o Sr. Saeb Salam, encarregado de formar o novo Gabinete. — Grandes manifestações populares verificam-se após as renúncias. — Noticia-se que na Conferência Algodoeira de Derbyshire, os Estados Unidos e o Japão são contrários às tarifas protecionistas e às restrições que mantém baixa a exportação de tecidos de algodão, medidas pelas quais se bate o bloco encabeçado pela Inglaterra.

— Em sua visita à Belgrado, o Chanceler Anthony Eden troca saudações com o Marechal Tito, salientando os laços da amizade que unem a Inglaterra à Iugoslávia. — A seção internacional do Conselho de Comércio de Nova Iorque solicita "providências positivas para a liqüidação das dividas comerciais do Brasil, de 250 milhões de dólares. — O destacado lider trabalhista Seráfico Romualdo declara, na Convenção da Federação Americana do Trabalho, que nenhum progresso conquistou o comunismo em qualquer pais latino-americano. — O Govêrno francês emite uma nota, na qual declara que está estudando a proposta mexicana tendente a solucionar a questão da troca de prisioneiros. — Anuncia-se que projetis dirigidos são lançados de um porta-aviões aliado contra objetivos militares dos comunistas.

19 — SEXTA-FEIRA : —

A União Soviética veta o pedido de admissão na ONU do Vietnam, Cambodia e Laos. Os três vetos,

em rápida sucessão, elevam para 56 o total de vetos até agora usados no Conselho. Os dez membros restantes do Conselho haviam votado pela admissão dos três estados. O delegado soviético Jacob Malik qualifica os três estados de "títeres" da França e insta para que o Conselho admita o "govêrno democrático do Vietnam", isto é, o Vietminh rebelde, sob contrôle comunista. — O Ministro das Relações Exteriores britânico, Anthony Eden, declara à imprensa de Belgrado que os aliados talvez consigam concertar um armistício na Coréia, se o Kremlin não se opor a isso no transcurso das negociações que celebraram em Moscou os dirigentes comunistas chineses e soviéticos. Eden analisa os diversos problemas internacionais, em sua maior parte do ponto de vista da importância que têm para a Iugoslávia. O Ministro britânico diz aos jornalistas que com união assegurar-se-á a paz, que a guerra mundial não é iminente nem inevitável, que a situação internacional melhorou durante os últimos anos, e que tôda a distração, por parte do Ocidente, em suas gestões defensivas, poderá ser fatal. — Uma delegação parlamentar da Alemanha Oriental, cujos membros são portadores de ramos de flores e "cálidas saudações" de "detrás da Cortina de Ferro", formula, em Bonn, uma proposição sôbre a unificação do dividido país. O grupo, que viajava em luxuosos automóveis, teve que atravessar a multidão anticomunista, para chegar ao Palácio Presidencial da Federação Alemã. Ali os delegados soviéticos são recebidos pelo Presidente do Senado da Alemanha, em nome do "Premier" Konrad Adenauer, com quem passaram a conferenciar, pelo espaço de um quarto de hora. — O Gal. Eisenhower promete substituir o "Fair Deal" (Tratamento Justo) do Presidente Truman, pelo "Honest Deal" (Tratamento Honesto), antes de reiniciar sua campanha nos Estados do centro. Em discurso pronunciado, Eisenhower verberou "essa gente arrogante que está no poder há demasiado tempo e a "terrível tributação posta em vigor pelo govêrno Truman". — Segue para Pôrto Alegre o Sr. Presidente Getúlio Vargas, que presidirá ali a Conferência dos Governadores sôbre a Bacia do Paraná e Uruguai. — Os governos do Brasil e da Indonésia resolvem estabelecer relações diplomáticas, mediante criação de Embaixadas. — Asisnado decreto pelo Sr. Presidente da República, designando um Embaixador brasileiro na posse do Presidente do Panamá.

20 — SÁBADO : —

Três ações importantes, além de numerosos embates isolados, registram-se na frente da Coréia. No setor ao sul de Pan Mun Jom, um batalhão inimigo, apoiado pela artilharia pesada e três "tanks", ataca quatro posições avançadas aliadas numa extensão de mil metros de "front", às 7 horas da manhã. O inimigo se retirou às 10 horas, de duas das posições de que se apoderara. Os combates continuaram durante tôda a parte da manhã em Banke Hill, onde o inimigo continua a ocupar o cimo, a despeito de um violento tiro de artilharia e da ação de diversas patrulhas aliadas. Combates, também, de que participam "tanks", continuam para o contrôle do Monte Chauve, tendo as fôrças aliadas se colocado a leste e ao oeste dessa posição. Depois de enganar os comunistas com ataques simulados, as fôrças da ONU reconquistam a colina de "Old Baley". — O candidato republicano à vice-presidência, Senador Richard Nixon, conferência por telefone com o Estado Maior do candidato à presidência, General Eisenhower, o qual se acha atualmente a bordo de seu trem especial em viagem pelo "Middle West". A conversação, na qual o General Eisenhower não tomou parte, durou cêrca de meia hora e, consoante a confissão de uma personalidade ligada a Nixon, versou especialmente sôbre a questão dos apoios financeiros recebidos pelo candidato à vice-presidência, e cuja existência foi revelada recentemente pelo Partido Democrata. — Kashani, o grande líder político e religioso do Oriente Médio, ameaça proclamar a guerra santa contra os inglêses, se

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

êstes não afrouxarem sua pressão econômica sôbre o Irã. Êsse ancião, provàvelmente o religioso mulçumano mais poderoso do mundo, ao ser entrevistado em sua residência, diz que o Irã romperá definitivamente suas relações com a Inglaterra se esta não modificar suas táticas, na acesa contenda sôbre o petróleo iraniano. — Instala-se, no Ministério da Educação, o II Congresso Americano de Medicina do Trabalho. — No Rio Grande do Sul, o Sr. Presidente da República preside à solenidade da instalação da XIX Exposição de Animais e Produtos Derivados, em Pôrto Alegre, e comparece ao almôço que lhe é oferecido pelos empregados e empregadores sul-rio-grandenses, tendo, em ambos, pronunciado discurso.

21 — DOMINGO: —

Os resultados das eleições realizadas na Suécia dão maior número de cadeiras aos conservadores e liberais, em relação ao pleito de 1948. — Os comunistas perdem 3 cadeiras, obtendo um têrço a menos na votação que tiveram no último pleito. — O Senador Nixon, candidato dos republicanos à Vice-Presidência da República, interrompe a sua viagem de propaganda, a fim de falar hoje, defendendo-se da acusação de ter aceito dinheiro de fundos particulares para as despesas de sua campanha. — Um jornal de Los Angeles fêz idêntica acusação ao candidato a Presidente da República, Sr. Stevenson. — O Ministro da Defesa Nacional, Sr. René Pleven, aborda a política externa governamental, num discurso pronunciado durante a comemoração do 38º aniversário da Batalha do Marne. — Chega a Bonn, onde conferenciará com o Chanceler Adenauer, o Primeiro Ministro da Itália.

22 — SEGUNDA-FEIRA: —

O Sr. Adlai Stevenson fala perante a Federação Norte-Americana do Trabalho, adiantando que, depois de seu discurso, o candidato democrata parece que conquistou as simpatias da entidade que emprega 8 milhões de trabalhadores. — O Primeiro Ministro Pinay fala acêrca dos esforços de seu govêrno em prol do renascimento da economia francêsa. — O Sr. De Gasperi faz declarações acêrca da sua viagem à capital da Alemanha Ocidental. — Os Estados Unidos e a Inglaterra rejeitam a nota na qual a Rússia declara que o acôrdo com a Itália, para a administração de Trieste, contrária ao Tratado de Paz Italiano. A nota ocidental também responsabiliza a Rússia por não terem entrado ainda em execução as cláusulas concernentes ao Território Livre de Trieste. — Na Conferência Algodoeira, reunida em Londres, são divulgados cálculos relativos ao comércio mundial do produto. — A delegação do Japão declara que o seu país pretende aumentar a exportação de tecidos de algodão.

23 — TÊRÇA-FEIRA: —

As três grandes potências ocidentais entregam, através de seus enviados em Moscou, ao Ministério do Exterior soviético, uma nota conjunta que repele a proposta soviética de imediata conferência de paz para a Alemanha. Conseqüentemente, quer parecer que o impasse entre o Oriente e o Ocidente sôbre a Alemanha continuará. As perspectivas, ao vêr dos meios ocidentais, são de conservação da Alemanha, indefinidamente, no seu atual estado de divisão. — O General Omar Bradley, Chefe do Estado-Maior Geral Misto Norte-Americano, declara que o govêrno dos Estados Unidos deveria proporcionar aos seus aliados informações acêrca das armas atômicas. Falando à imprensa, diz considerar importante o fato de que um homem como o General Alfonse Juin, no comando da frente central européia, deveria ter, pelo menos, informações que lhe facilitassem saber que efeito faria, em sua posição de defesa, uma bomba atômica lançada sôbre um aeroporto, uma ponte ou uma estrada. Atualmente as leis norte-americanas proibem a divulgação de tais informes. — Por 74 votos, em 76 votantes, o Parlamento elegeu Presidente da República do Líbano, em sucessão ao Presidente demissionário, Sr. Bechara Khalil Kury, o Sr. Camillo Chamoun. A sessão, em que se verificou a eleição, foi muito concorrida, notando-se representantes de tôdas as classes, que acompanhavam com interêsse os trabalhos. Entre os que primeiro chegaram ao edifício do Parlamento, figura o General Fuad Chehab, Chefe Supremo do Exército, Primeiro Ministro e dirigente máximo da recente revolução que culminou com a renúncia do Presidente Bechara El Kury. — A "American Federation of Labour" anuncia o seu apoio à candidatura do Sr. Adlai Stevenson à Presidência da República dos Estados Unidos. É por unanimidade que a "A.F.L." dá seu apoio ao Sr. Stevenson e depois de uma recomendação feita nesse sentido pelo Comitê Executivo da Federação. Desde a sua fundação, em 1881, a "A. F. L." dera seu apoio a um candidato ùnicamente: o Senador Robert Lafollette, do Wisconsin, candidato apresentado pelo Partido Progressista, em 1924. — Assume a direção do Serviço Geográfico do Exército o Sr. General Nelson de Castro Sena Dias. — O Sr. General João Teles Vilas Boas assume a direção da Diretoria de Veterinária do Exército.

24 — QUARTA-FEIRA: —

Encontra-se desaparecido o submarino francês "Sybille", que realizava exercícios nas costas da Provença. Essa unidade, cujo destino está causando sérias inquietações às autoridades francesas, tem a bordo 48 homens, e deixou de retornar à superfície transcorridas as horas normais. — O Chanceler Schuman faz declarações otimistas quanto ao estabelecimento da comunidade européia, dizendo que os planos destinados àquêle fim se encontram em plena execução. — Distribuido um comunicado sôbre os objetivos da Conferência Algodoeira reunida em Londres. Noticia-se que continuam as divergências entre o Japão e a Inglaterra, quanto à decisão do primeiro em prol da liberação do comércio do algodão, em benefício da expansão de sua indústria cotonífera. — O Secretário de Estado norte-americano acusa a Rússia de não encarar com sinceridade a questão alemã, não aceitando as propostas aliadas para a realização de eleições livres na Alemanha. — Em

Estambul encontra-se em curso conversações entre a Turquia, Grécia e Iugoslávia, visando a eloboração de um plano conjunto contra uma possível agressão. — O Ministro Horácio Lafer, num almôço à S. Eª, em Nova Iorque, focaliza a situação financeira do Brasil. — Falece nesta capital a atriz Carmem Santos, presidente e proprietária da Brasil Vita Filmes, e que foi uma pioneira e grande animadora do cinema brasileiro, tendo sido protagonista e diretora de vários filmes.

25 — QUINTA-FEIRA: —

É recebida no Foreign Office a nota do govêrno do Irã, respondendo ao oferecimento Truman-Churchill para solução do conflito anglo-iraniano do petróleo. Na sua resposta, que é entregue ao Encarregado de Negócios Britânico em Teerã, o Sr. Mossadegh rejeita as propostas Truman-Churchill, como "incompatíveis com as leis de nacionalização da indústria petrolífera" e como "muito menos equitativas que as soluções ou propostas precedentemente apresentadas". O govêrno de Teerã declara, especialmente: "Nas circunstâncias presentes, a nação iraniana deve procurar melhorar as condições sociais e elevar o nível de vida das classes oprimidas, o que seria impossível sem a renda proveniente do petróleo; ou então — se êsse caminho permanecer fechado — a nação iraniana terá que se abandonar a acontecimentos prováveis, que se desenrolariam em detrimento da paz mundial. — O Sr. G. N. Zirubin, novo embaixador soviético nos Estados Unidos, apresenta suas credenciais na Casa Branca,' e permuta com Truman afirmativas de que seus respectivos países trabalhariam pela paz e pelas boas relações mundiais. Zarubim disse que a Rússia nutria um sentimento sincero de amizade pelos Estados Unidos, respondendo Truman que eram os mais amistosos os sentimentos de seu país para com a Rúsia. — Truman repete seu pedido de que todos os funcionários do govêrno, inclusive os membros do Congresso, que recebam salários superiores a 10.000 dólares por ano, prestem contas pùblicamente dos rendimentos que auferem de tôdas as fontes. Esta foi a bem dizer a única contribuição de Truman, em sua entrevista semanal, à controvérsia a respeito do recebimento de 18.000 dólares pelo candidato republicano à Vive-Presidência, Richard Nixon. — A Marinha de Guerra Francesa anuncia oficialmente que "não há esperanças" de salvar os 48 homens que se acham a bordo do submarino "La Sybille", perdido desde ontem pela manhã a 2.000 pés abaixo da superfície do Mediterrâneo, a cêrca de 48 quilômetros a sudeste de Toulon, ao largo do Cabo Camarat. O radar localiza o submarino no fundo do mar, depois que os aviões navais de busca e salvamento avistaram uma mancha de óleo na região. Devido à grande profundidade em que se encontra o "La



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

O NOVO PACOTE É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E MAIS BARATO!





À "MAIZENA DURYEA" 50
Caixa Postal, 8006 – São Paulo E 52
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

Sybille, são abandonadas imediatamente as esperanças de salvar seus ocupantes, uma vez que as operações de mergulho raramente são coroadas de êxito quando se trata de profundidade tão considerável.

26 — SEXTA-FEIRA: —

O Secretário de Estado norte-americano, Sr. Dean Acheson, refuta categòricamente as acusações feitas pelo General Eisenhower em sua campanha eleitoral, contra a política externa dos Estados Unidos na região do Pacífico em geral e a propósito da Coréia em particular. Acheson acusa o General de ter "torturado os textos" e de criticar agora decisões na elaboração das quais tomou parte como chefe do Estado Maior. — Cinco Embaixadores e Ministros egípcios e dezenas de vice-secretários de Estado e altos funcionários são demitidos de seus postos no govêrno, na primeira fase de uma depuração na administração do Egito. Entre os demitidos do serviço no estrangeiro estão Mohammed Aly Sadek, tio da ex-Rainha Narriman e Embaixador na Holanda; Mohammed Hosni Omar, Embaixador na Espanha; Ahmed Rashid, Ministro no Vaticano; Mohammed el Said Mattar, Ministro em Portugal; e Hussein Sawky, Ministro no Brasil. — Um comunicado publicado pela Embaixada do Brasil em Washington anuncia a decisão do Banco Internacional de intensificar sua cooperação nos múltiplos projetos do desenvolvi-

mento econômico do Brasil, especialmente no que concerne ao desenvolvimento da energia elétrica e do sistema de transporte.

27 — SÁBADO: —

O Partido Wafdista, por unanimidade, resolve não aceitar as determinações do General Naguib, no sentido de, com as demais agremiações, pedir o seu registro como Partido político. — Chega a Londres o novo embaixador do Egito, o qual, espera-se, estabelecerá negociações com o govêrno britânico tendentes a solucionar a disputa anglo-egípcia. — Renuncia à presidência da Costa Rica, passando o govêrno ao vice-presidente Oreamuno Flores, o Sr. Otilio Ulate, alegando ter tomado essa resolução devido à atitude da oposição no Congresso. — O General Bradley declara que diminuiu a possibilidade de irrompimento de uma guerra em 1954, advertindo, porém, que os aliados não poderão descuidar-se de seus planos defensivos. — O Chanceler do Erário, Sr. Hugh Dalton, declara-se contrário à livre conversibilidade do esterlino em dólar, tendo dirigido um apêlo, a êsse propósito, ao Primeiro Ministro Churchill. — Parte de Nova Iorque, por via aérea, de regresso ao Brasil, o Sr. Horácio Lafer. O Ministro da Fazenda diz-se satisfeito com o resultado das conversações mantidas com os círculos financeiros norte-americanos. — O Presidente Oscar Osório, falando à nação, diz que a situação em San Salvador é grave, embora tenha sido conjurada a conspiração comunista. São prêsas mais de mil pessoas. — Encerra-se a IV Convenção Nacional do Partido Republicano, tendo o Sr. Arthur Bernardes, presidente da agremiação, pronunciado um discurso sôbre a situação nacional. — Vítima de um desastre de automóvel, morre carbonizado o cantor Francisco Alves. — Falece em Roma o filósofo e escritor George Santayana.

28 — DOMINGO: —

A Rússia responde à nota aliada sôbre o Tratado de Paz com a Áustria, declarando ser a mesma a sua atitude já revelada em janeiro e agôsto de 1952, isto é, que os ocidentais se propunham a retirar suas propostas sôbre o acôrdo restrito. — No Conselho da Europa é aprovada uma resolução recomendando a elaboração de um plano de libertação dos novos que vivem sob regime totalitário. — Ataques comunistas são repelidos pelos aliados na frente centro-oeste. — O chefe da aviação aliada faz declarações acêrca do poderio aéreo dos comunistas. — Noticia-se que, com a participação de diversos países sul-americanos, instala-se hoje, em Londres, uma Conferência para a elaboração do novo Convênio Internacional do açúcar.

29 — SEGUNDA-FEIRA: —

Os delegados das Nações Unidas nas conversações de armistício apresentam três novas propostas, tendentes a solucionar a questão referente aos prisioneiros de guerra. — Marcada outra reunião das delegações de armistício para o próximo dia 8, mas os comunistas deram a entender que as propostas não serão aceitas. — Em Viena, tem repercussão desfavorável a resposta soviética, esperando os círculos austríacos pelo recurso oferecido pelo Brasil, para que o assunto seja entregue à Assembléia Geral da O.N.U. — O chefe do partido Wafdista faz declarações dizendo que prosseguirá na defesa dos interêsses nacionais do Egito, com ou sem partido. — Combatida a proposta britânica, segundo a qual a Inglaterra e outros países não membros pudessem tomar parte nas reuniões do Conselho, sem direito a voto. — O Primeiro Ministro do Egito conclama o povo a manter-se unido em defesa das aspirações nacionais. — O Sr. Mohammed Naguib critica as declarações do Ministro da Guerra britânico sôbre o valor do Canal de Suez para a Grã-Bretanha. — Chega ao Rio o Sr. Shin Kmitsuka, novo Embaixador do Japão.

30 — TÊRÇA-FEIRA: —

O Sr. Aneurin Bevan conquista importante triunfo no Congresso do Partido Trabalhista Britânico, elegendo-se com mais cinco partidários para a Comissão Executiva da agremiação, derrotando o ex-Chanceler Morrison. Deve-se extraordinária significação à vitória do líder dos dissidentes. — Falece Lord Waldorf Astor, magnata da imprensa e do turf britânicos, e que teve destacada atuação na política de seu país. — Anuncia-se que o Chanceler Adenauer dirigiu uma nota ao "Quai d'Orsay", esclarecendo algumas propostas tenden-

(Cont. na pág. 111.)

Alivio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLI Ú — ANO XXXVI — Nº 6 — NOVEMBRO — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Porvérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

4.º TORNEIO
OUTUBRO—DEZEMBRO

54 — Se com labor e ação,
Um ao outro coligado,
Dá-lhe *ajuda* na questão
Mostra ser bom empregado.
Fusinho (Bangu-Rio)

Ao distinto confrade Agalves

55 — Com tua pequena porção
Mais o pouco que Deus me deu,
Iremos, pela vida, ao léu,
Longe da humana *confusão*.
Mascobei (Barra do Mendes-Ba.)

Ao Dr. Lavrud

56 — No charadismo, fonte de luz,
Tem dado a todos a sua mão,
A cada um de nós ensina e induz
A vir, como êle, a ser *campeão*.
Sam (Rio)

---

57 — O Mário lá do Pará
De uma morena gostou,
Mas o pai "seu" Manoel,
Com o caso encrencou.
Diz êle que o rapaz
Está cheio de pecados,
E do trabalho só quer
Ser bom *homem de recados*.
Onde?
Sotnas (Rio Grande)

---

58 — Duas vêzes dar um presente
Nesta época que a gente,
Após a labuta infinda,
O cobre custa a ganhar,
É o mesmo que pretender,
Por capricho, por prazer,
Beijar a estrêla mais linda,
Lá no céu a CINTILAR...
Gil Virio (Andradina)

★

CHARADAS SINCOPADAS

59 — Três (duas) — O *filante* apareceu trazendo uma *taquara de que se fazem cestos*.
Pele Vermelha — *T. B.* (S. Paulo)

---

60 — Três (duas) — Um *camponês russo* tem muita *fôrça muscular*.
Sertaneja (Rio)

61 — Três (duas) — A *ladroeira* se fazia pelo *pé*.
Velo-Vela — C. E. C. (Rio)

---

62 — Três (duas) — Em 1904, o *navio de guerra* "Adamastor", da Marinha portuguêsa, *cruza*, pela primeira vez, os nossos mares, em viagem de confraternização.
Conselheiro (S. José de Mipibu)

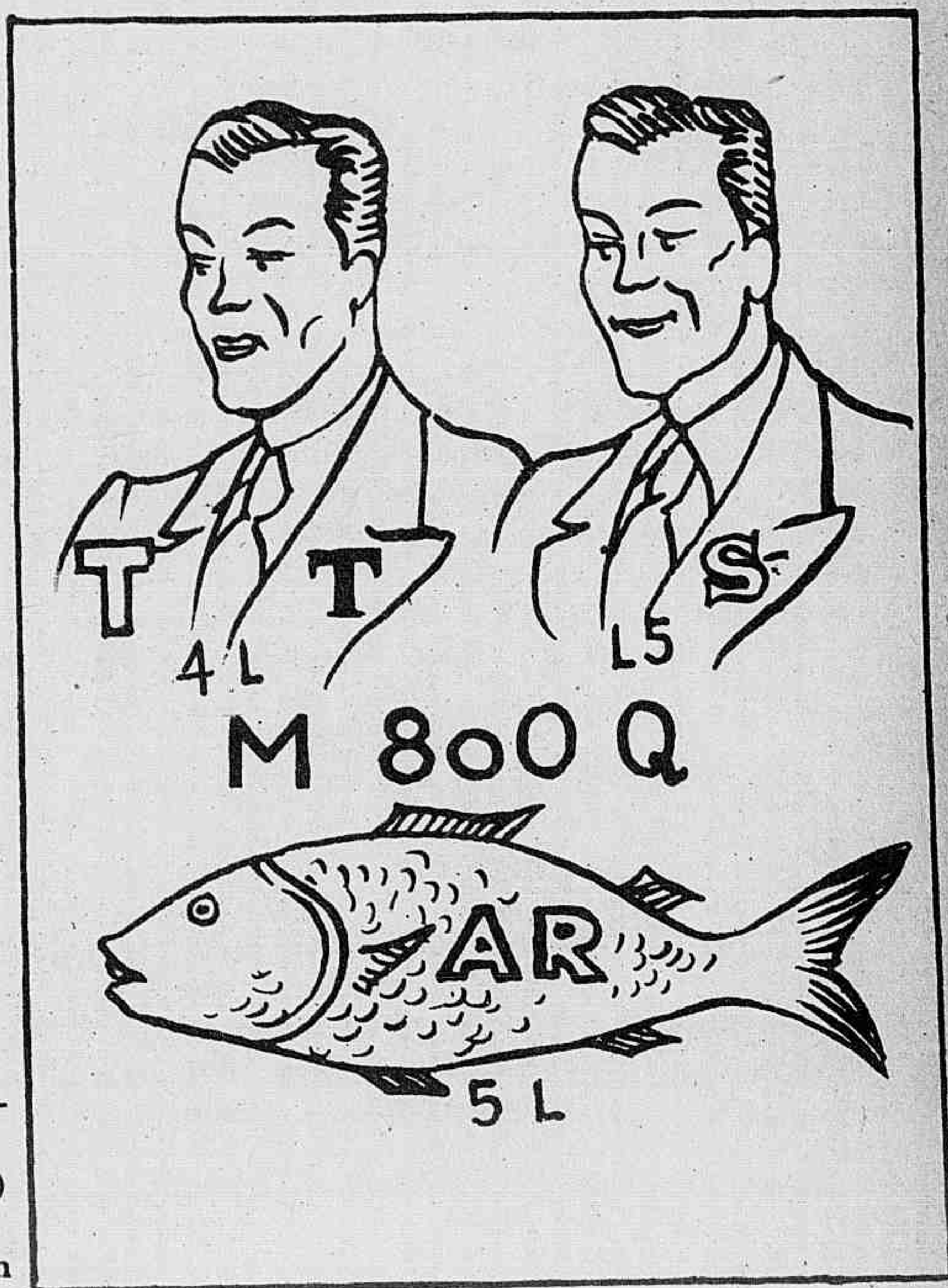
---

63 — Três (duas) — Bati com a cabeça numa *pequena lasca* de pedra e a *pancada* me deixou atordoado.
Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

---

64 — Três (duas) — Quebrei a *pedra pomes* e escondi-a para não *sofrer repreensão*.
El Principe (Uberaba)

ENIGMA FIGURADO — 105

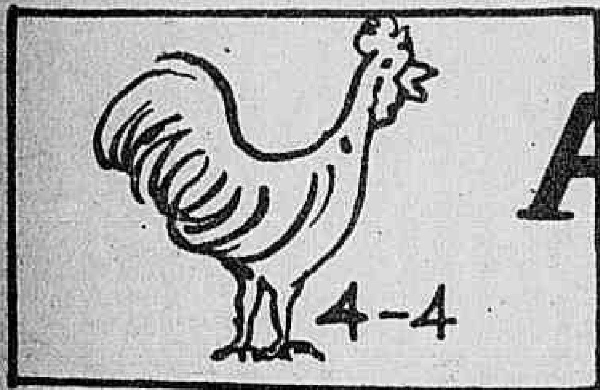


Cidar (Belém — Pará)

ENIGMA FIGURADO — 106







A


Dabliú (Rio)

65 — Três (duas) — Estendi sôbre o *encôsto* de uma cadeira a *faixa para fortalecer as velas de navio.*

Heron Silpes (Canavieiras)

66 — Três (duas) — Quando êle entrava na *bebedeira*, ameaçava céus e terras, empunhando uma *lança antiga.*

Jayreis (Salvador)

67 — Três (duas) — Se a *criada de cozinha* não se *modera* nos condimentos, lá se vai o dinheiro do patrão.

KTQZ (S. Paulo)

68 — Três (duas) — O *impôsto* de renda sôbre salários é um absurdo, e a sua retirada ensejerá uma *festa nacional.*

Malba Tantan P. S. — CEC (Santos)

69 — Três (duas) — Achou um *azorrague antigo* e foi chamado de ladrão; *assim aconteceu.*

Matsuk — T E (Rio)

70 — Três (duas) — Numa *pequena cabaça* não se *avalia o volume de um sólido.*

Nomisio Nunes (Feira de Santana)

✶

CHARADAS NOVÍSSIMAS

71 — Duas (uma) — *Lances mão* dêste escopro *fino* e verás que o trabalho não te será *contrário.*

Pompeu Júnior (Botucatu)

72 — Duas (duas) — *Portanto*, o *enigma* é *coisa obscura.*

Tony (Campo Florido)

73 — Duas (uma) — *Distingo* o bom do mau *ùnicamente* porque amo o *obsequioso* e detesto o fingido.

Zytho (Rio)

74 — Duas (duas) — Foi a *bula sumária* um documento de perfeita *imaginação*; *em pouco tempo* todo o mundo o entendeu.

Acobar — G. C. O. R. — G. C. N. (Maceió)

Para Mário Noval

75 — Duas (duas) — No *possal*, por uma *bagatela*, o páróco deixou a freira *humilhada.*

Bisilgra (Manaus)

76 — Uma (duas) — *Ora pois*, ainda tenho remorso de ter dito que o teu sonêto *julgado* continha *palavra estultas.*

Cysneirense

77 — Duas (duas) — Uma *aparência áspera* pode ocultar uma *pessoa cínica.*

Dr. Jofran (Fortaleza — Ce)

78 — Duas (uma) — Por que êste *amuo*, se a *tua* proferida é uma *velha cheia de rugas?*

Donatila Borba (Criciuma — S. C.)

79 — Uma (duas) — Na *pôpa* do navio a mulher *vesga* quebrou a *curva do báculo.*

Eva Dio (Rio)

80 — Duas (uma) — Na vida do *mar sòmente* vive bem quem fôr *brioso.*

Guilherme Tell (Rio)

81 — Duas (uma) — O *recurso* que custará uma *bagatela*, é conseguir um meio de *fácil transporte.*

Iza Abel (Rio)

82 — Uma (uma) — *Sim* eu *logo* vi que êste buraco era uma *tulha subterrânea.*

Paulistinha (Rio)

83 — Duas (uma) — *Chega* a causar *compaixão* a atitude do homem *covarde.*

Malba Tantan (Santos)

84 — Uma (uma) — *Debaixo* de grande *amargura*, o toureiro lançou o *laço grosseiro de pegar touros.*

Segon (Rio)

85 — Três (duas) — As *maluquices* da vida são causas *importantes* que nos levam para *o inferno.*

José Balsamo (Rio)

86 — Duas (uma) — Procure *acautelar-se, no caso de* surgir o *efeito moral da tragédia.*

Marcimento (S. Paulo)

CHARADAS ANTIGAS

Ao Dr. Lavrud, com admiração

— 87 —

Na *taverna* a *inundar* — 1—2
Seus fregueses, de bebida,
Vai levando sua vida
O taverneiro a *berrar*

Esclepios (Rio)

— 88 —

Estás, deveras, bonita. — 1
Com nova saia de chita
Eu te vejo cada vez.
Mas por ti não sou *querido*, — 2
E o tempo tenho vivido
De um modo bem *descortês*.

Euclides Vila (Camp. Grande)

MOLÉSTIAS DA BEXIGA

A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de inicio. Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas
DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

CHARADAS CASAIS

89 — Duas — Só colocando a armadilha na *estaca* apanharás o *falcão que ainda não tem um ano*.

P. Del Debbio (S. Paulo)

90 — Três — O *clinico* da vila chama-se Antônio *Luzerna*..

Ranzinza (Rio)

91 — Quatro — A *apartação* do gado faremos em lugar *afastado*.

Roago (Maranhão)

92 — Três — A rapôsa é mais *astuciosa* do que qualquer *animal*.

Sotnas (Rio Grande)

93 — Três — Aquêle que se *saracoteia muito*, não merece *prenda*.

Sertanejo II (Lavras)

94 — Três — É uma *emprêsa arriscada*, mas que poderá proporcionar lucro *sem igual*.

Sefton (Rio)

95 — Três — *Subo* naquele morro para apreciar a *praia*.

Seamva (Santos)

96 — Três — Há homem que vive em certa *condição*, *que não sobe nem desce*.

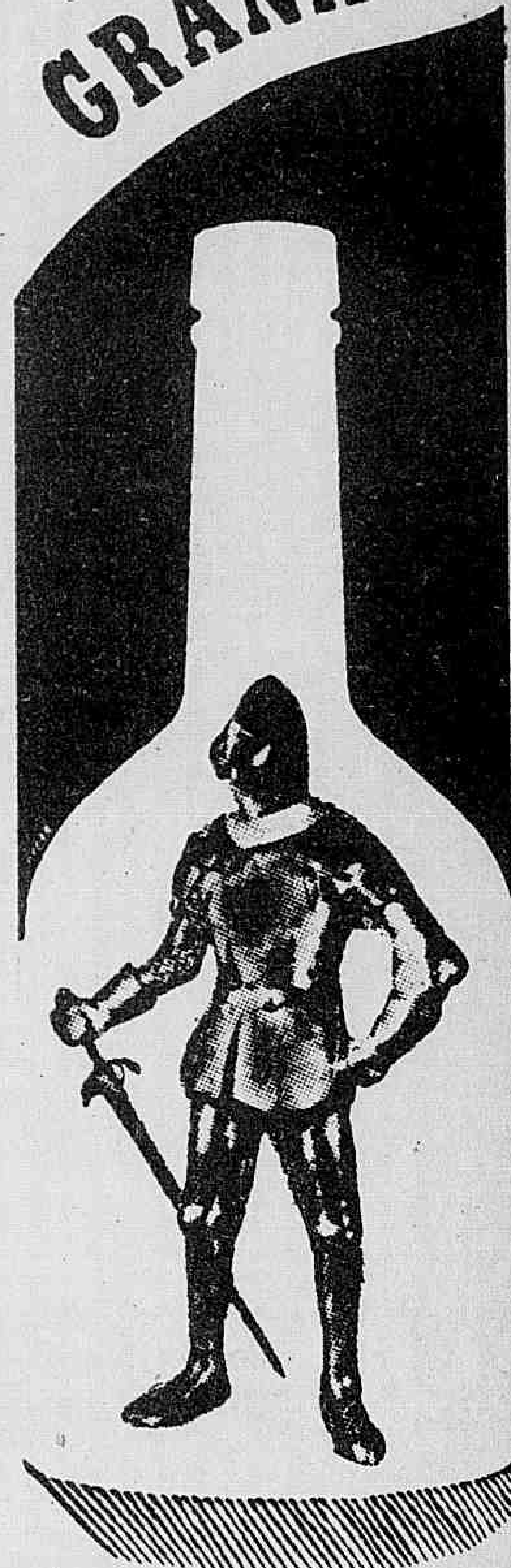
Agalves (Bento Simões - Ba.)

97 — Três — Remédio bom é que *alivia* a dor em *pouco* tempo.

Aló Tropina — H. C. (Rio)

98 — Quatro — Devido à sua *extravagância* usava uma roupa *fora do comum*.

Adalfo Tuchman (Rio)

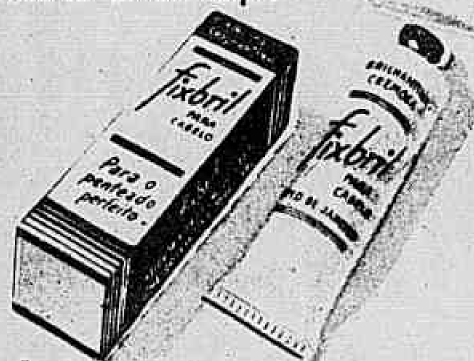


fixbril

assenta e dá brilho ao cabelo!



De manhã à noite. Fixbril mantém seu cabelo impecàvelmente penteado, sedoso e brilhante. A queda prematura do cabelo e a caspa são evitadas com o uso Fixbril. Lembre se Fixbril não é gorduroso Comece a usá-lo ainda hoje!



De Witt - Rio - Londres - Nova York - Buenos Aires

99 — Três — Quem *vive a custa de outrem* se chama *parasito*.

Dr. Zepanta
(S. do Ipanema - Alagoas)

---

100 — Três — A *convenção* do meu partido, não passou de uma *fraude*; silêncio.

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

---

101 — Três — O homem *volúvel* perde, às vêzes, um bom *partido*.

Farani (Salvador)

---

102 — Três — A *soleira* desta casa não se *afasta com violência*.

Fiote (Cuiabá)

BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
FUNDADO 1926
PEÇA PROSPECTOS

FUME

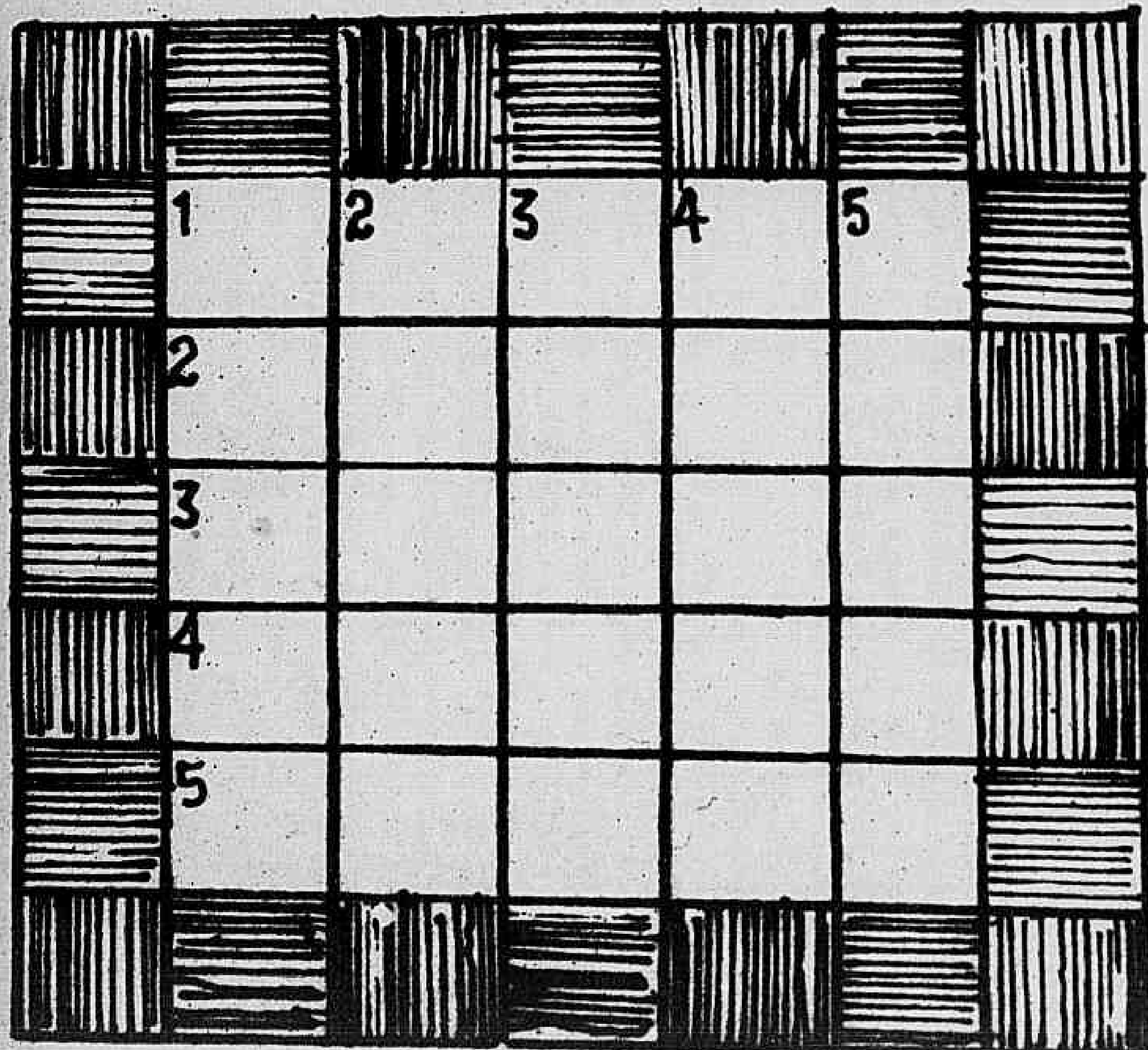
MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Noã contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1



Mambira da Jiquitaia

HORIZONTAIS E VERTICAIS

1 — Escudo circular, usado antigamente pelos romanos. 2 — Abalar. 3 — Afogueado. 4 — Pequeno. 5 — Perfume.



PROBLEMA Nº 2

HORIZONTAIS — 1 — Mil. 2 — Animação. 4 — Antiga montanha da Grécia ao norte da Tessália. 5 — Terreno feudal. — 6-A — Sol dos Egípcios. 6-B — Aparência. 7 — Consinto. 8 — Autora de crime. 10 — Século. 11 — Lisonja. 12 — Centro de rotação. 13 — Opa, sobrepelis. 15 — Filha do Rio Inacho. 16 — Aragem.

VERTICAIS — 1 — Coisa inevitável. 2 — Engana. 3 — Ilha da América Central nas Antilhas Holandesas. 5 — Pescado. 6 — Consecutivamente. 7 — Molesto. 9 — Ilha entre a Córsega e a Toscana. 11 — Mil. 12 — Anel muito delgado. 14 — Donaire.

SENHORAS
E SENHORITAS
QUE AMAM A PRAIA

Não deixe que a queimadura do Sol roube a sua maior atração: a beleza de sua pele. Queime-a, porém, mantenha sempre fresca, assetinada e juvenil. A Água de Junquilho, com atestado insuspeito do grande dermatologista professor Aleixo de Vasconcelos, corrige e evita as sardas e manchas da pele, principalmente os chamados "pigmentos", parasitas que tiram a graça aos ombros e braços das nossas sereias. As espinhas, cravos, acnes e dilatação dos poros desaparecem com o uso da maravilhosa Água de Junquilho, que previne, trata e preserva a pele dos males próprios. Nas farmácias, drogarias e perfumarias. Dist. Araújo Freitas & Cia.

103 — Três — Agora *corrijo* a última *cláusula* do contrato a ser assinado.

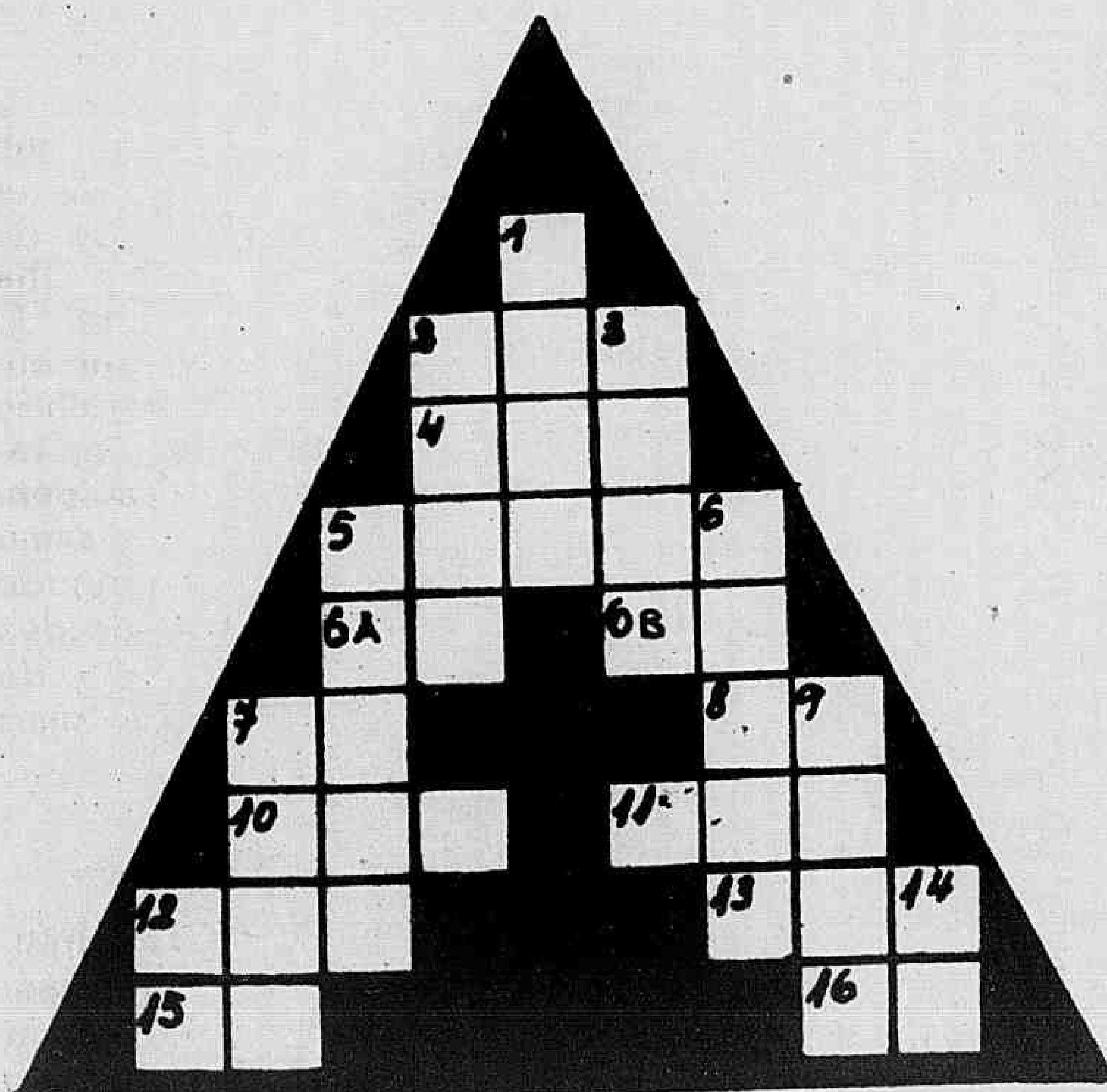
Gumercindo Leite (J. Pessoa)

---

104 — Três — Tenho muito *amor* à minha *namorada*.

Isaac Wajsbrot (Rio)

PROBLEMA Nº 2



Ebandeira (Delmiro — Alagoas)

MILITIA

É a revista ilustrada de as-:untos técnicos, policiais, mi-'ares e culturais em geral, ›riedade do Club Militar Fôrça Pública de S. Paulo, direção geral do Sr. Co-sé Anchieta Torres, o 'ho colaborador *Anchieta*, hoje juiz do Tribunal da Justiça Militar, de S. Paulo.

A revista, que se apresenta com magnífico aspecto, traz uma bem cuidada seção charadística, sob a direção de *Aesse*.



CORRESPONDÊNCIA

XASILBERTO (Niterói) — Recebemos as soluções. Inscrito.

MATSUK (Rio) — Anotada a sua nova residência.

ACOBAR (Maceió) — O EU SEI TUDO tem saído com grande atraso, devido às grandes modificações das nossas oficinas. Enquanto durar êste





EVITE A OBESIDADE



Com o uso diário do ENO. Elimina as toxinas do organismo, combate a prisão de ventre, a azia e a acidez... Laxante ideal, alcalinizante e estomacal.

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Mais de 70 anos de uso no Mundo inteiro!

motivo, não exigimos precisão nos prazos. Gratos pela colaboração.

NELMOS (São Paulo) — As soluções chegaram a tempo.

AGAGÊCÊ (Rio) — O seu problema de palavras cruzadas está difícil para esta seção, e não foi feito pelos dicionários adotados.

SAM (Rio) — Grato pela colaboração, vamos estudar o motivo de sua carta.

HEMORRÓIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

HEMO-VIRTUS

VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO.

HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL



USAR DURANTE TRÊS MESES.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

BISILVO (Manaus) — O Agenor Costa respondeu à sua carta sôbre dicionários.

SOTNAS (Rio Grande — R. G. S.) — Veja o que dizemos ao *Acobar*.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias, demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor,

DR. LAVRUD



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da pág. 11)

Fui ao anuário de remédios e, como esperava, encontrei vários frascos que continham poções destinadas ao bebê, e que, como é de hábito, trazem colados, por fora, a receita e o nome do médico. Assim, não me foi difícil encontrar na lista telefônica o endereço do médico da família, o qual, receitando, declarou que a presteza com que foi chamado afastara qualquer perigo para a criança.



CUIDADO COM ÊLES!

Em Passadena, Califórnia, um indivíduo entrou num café e deu ao caixa quatro notas de dez dólares e pediu que lhe dessem uma de cinqüenta. O caixa o atendeu, mas pediu outra nota de dez. O espertalhão puxou a nota da carteira e, repentinamente, declarou que pensando melhor, preferia mesmo fazer trôco de cem. Atrapalhado o caixa recebeu as cinco de dez e mais a sua própria nota de cinqüenta e deu ao ladrão uma nota de cem!



O alcoolismo é uma enfermidade incurável, isto é, os alcoólatras podem ser tratados com eficiência desde que nunca mais provem álcool. Essa foi a opinião da sexta reunião anual do "National Comittee on Alcoholism", realizada em Nova York.

MEMENTO EU SEI TUDO
(Cont. da página 104)

tes a solucionar o problema do Sarre. — A pronta intervenção das fôrças leais ao govêrno faz abortar um movimento revolucionário irrompido nas cidades venezuelanas de Boca del Rio e Brumal. Nos encontros perecem 4 civis e 1 soldado. — O Presidente Truman acusa o General Eisenhower de comprometer a segurança da nação quando Comandante-Chefe na Europa. Ao mesmo tempo, o Presidente enaltece a atuação do candidato Stevenson, "que soube prever o perigo comunista". — O Sr. Presidente da República assina decreto designando a representação brasileira à Conferência Plenipotenciária Internacional de Telecomunicação.

★

AR LIVRE E AR COMPRIMIDO

Todo mundo que ouve falar na vida na fazenda se lembra logo da vida ao ar livre. Mas há uma outra espécie de ar que está sendo aplicado com êxito aos trabalhos rurais: é o ar comprimido. E' surpreendente o número de compressores portáteis de ar comprimido, dos denominados "blue brutes", que têm sido vendidos ùltimamente, em Cuba. Êsses compressores são montados sôbre duas rodas e podem ser manejados com a mesma facilidade que as escavadeiras. Existem dois modelos: um movido a gasolina e outro a eletricidade.

Quem já teve ocasião de encher o pneumático de um trator, lubrificar o maquinário agrícola ou desinfetar os currais e estábulos com um aparelho manual, fàcilmente compreenderá as vantagens do compressor de ar comprimido que pode fazer êsses trabalhos, além de muitos outros, como a poda de árvores, a pintura de currais e estrebarias, etc., num tempo mínimo, em comparação com o tempo gasto com os trabalhos feitos a mão.



MILHARES DE PESSOAS EM TÔDA A PARTE ACLAMAM ESTA

Nova Psicologia Da Vida!

Está abrigando esperanças não realizadas? Acham-se fora do seu alcance as coisas mais desejaveis da vida?

Os tempos mudam-se, e V. Sa., porque não? Abrace uma nova psicologia da vida e SEJA MESTRE DOS SEUS PROBLEMAS. Conhecendo o modo apropriado, não necessitará mais grande esfôrço mental para *conseguir resultados.*

Os Rosacruzes lhe farão conhecer o modo, seguindo regras simples e fáceis, de aplicar as suas fôrças mentais afim de alcançar alterações surpreendentes na sua vida. Se é sincero em seu desejo, escreva pedindo um exemplar do livro gratis, o qual lhe indicará o modo de obter a dita informação tão util. Favor mencionar se deseja o livro em inglês ou em espanhol. Dirigir-se a: Escriba O.B.T.

OS ROSACRUZES
AMORC
SAN JOSÉ, CALIFORNIA, E. U. A.

★

INSETICIDAS PULVERIZÁVEIS

De dia para dia são descobertos novos inseticidas que ajudam a reduzir os danos sofridos pelas plantações e livram os animais domésticos e o gado das fazendas dos insetos que os perseguem e lhes diminuem o rendimento. A experiência já ensinou que os inseticidas mais econômicos e mais fáceis de serem usados são os aplicados por meio de pulverizador.

A maior parte dos fazendeiros usa, sem dúvida, êsse mesmo sistema, porém, segundo parece, ignora que a quase totalidade dos inseticidas pulverizáveis é feita com agentes umidecedores e emulsificadores.

★

PRODUÇÃO DE OVOS

Acontece, às vêzes, estragar-se nas granjas avícolas, a produção de ovos de tôda uma semana, por defeito de instalação elétrica, que acarreta o não funcionamento dos refrigeradores. Vejamos o que aconselha, para tais emergências, um técnico agrícola, Ed. W. Mitchell. Obtenha-se um litro de água cristalizada (sodium selicate) e siga-se as instruções contidas na etiqueta. Devem ser evitados os ovos sujos e rachados.

MATERIAL GRÁFICO

VENDE-SE

GUILHOTINA AMERICANA "NATIONAL CUTTER", formato 2-B (66x96 cms.) — Fita métrica de precisão, instalação elétrica em caixa blindada prêsa à máquina, botões de comando à mão do operador e motor GENERAL ELETRIC de 3HP.

★

Propostas e informações com o senhor WENCESLAU — Cia. Editôra Americana. Rua Visconde de Maranguape, 15. Rio de Janeiro. Telefone 22-8647.

MEXAM COM OS DEDOS DOS PÉS

Os médicos aconselham às pessoas que tenham de ficar de cama durante muito tempo, que mexam, com freqüência, os dedos dos pés. Isso faz duplicar a circulação de sangue nas pernas, evitando, portanto, a trombose.

Além disso, êsse movimento dos dedos concorre para manter os músculos em constante forma.

O CORAÇÃO DE LUÍSA

(Cont. da pág. 50)

falar; revelou com os olhos que, de fato, desejava alguma coisa.

— Êle estêve ausente — continuou o médico — Devia ter uma razão para isso... A senhorita conhece o motivo?

O rosto de Aliette se cobriu de rubor. Teria que contar a êsse estranho os dolorosos segredos dêsse drama de família?

—Êle foi... — respondeu, finalmente, cuidando de respeitar a verdade, sem ferir os sentimentos paternos — ...creio que foi visitar o local em que minha mãe pereceu, na catástrofe de estrada de ferro...

O médico ficou pensativo. Essa psicologia complicada não era incompatível com as ventosas sêcas e os vomitórios de tôda espécie... Escreveu uma receita e prometeu voltar, retirando-se a seguir.

A Sra. Mornand estava na sala ao lado: prevenida pelos vizinhos dêsse quarteirão perdido em Paris, quase num recanto provinciano, viera em socorro de sua jovem amiga.

—Oh! Minha boa amiga! — murmurou Aliette, com voz chorosa — Quanta desgraça! Se a senhora soubesse! Êle quer alguma coisa... e não posso saber o que êle deseja!

— Vá beijá-lo! — sugeriu a Sra. Mornand.

Aliette voltou ao quarto doloroso, tão doloroso agora, onde jazia inerte o pai que tanto a fizera sofrer e que, no entanto, ela ainda amava acima de tudo neste mundo, pois que sacrificaria seu amor a ter que abandoná-lo. Lentamente, de maneira a lhe deixar o tempo necessário para a repelir, pela expressão do olhar, caso recusasse a sua carícia, Aliette se curvou, um pouco mais ainda, e seus lábios frescos tocaram a fronte pálida.

Ergueu-se, a seguir, e fitou-o ansiosamente...

Naqueles olhos em que tantas vêzes vira ferver a cólera, quanta ternura indescritível, quanta meiguice suplicante havia agora!... Aliette não ousava compreender, parecendo-lhe que o seu próprio coração se quebrava, estourava de alegria no entusiasmo do seu amor filial, finalmente conquistador e reconquistado.

— Meu pai! O senhor gosta de mim? — disse ela — E eu... Oh! Se pudesse saber quanto o adoro!

Um ligeiro, muito rápido estremecimento percorreu o corpo de Rieul. Sem nada perceber, Aliette se voltou para a porta entreaberta, de onde a Sra. Mornand seguida os seus menores gestos. Sua amiga a encorajava com o olhar e o sorriso.

— Meu pai... O senhor encontrou o que procurava? — perguntou Aliette, repentinamente inspirada — O senhor **entendeu**? O senhor gosta de mim? **Gosta de nós?**

Ràpidamente correu ao seu quarto e voltou com o retrato de sua mãe, que sempre conservara junto do seu leito.

— Pai... O senhor também gosta **dela?**

Aproximava o retrato dos lábios pálidos, que pareciam mover-se; trêmula, ela o ofereceu ao beijo do espôso arrependido, punido, mas feliz. Os lábios de Rieul molharam o espelhado da pequenina fotografia. Com uma energia da qual ninguém o acreditava capaz, enlaçou com um braço a filha que continuava curvada sôbre o leito e com voz rouca, porém distinta, disse:

—Sejam abençoadas!

Depois voltou a perder os sentidos.

Com as horas, Lúcia, depois Elisa, chegaram; finalmente, Alberto, que haviam mandado procurar. Os olhos de Rieul erravam por todo o quarto, procurando um outro rosto... O médico chegou, surpreendido ao saber do que ocorrera.

— Mas, nessas moléstias — disse êle — tudo é possível. A senhorita encontrou uma parte do que êle desejava; mas vê-se que êle ainda quer mais... Mais **alguém**, talvez. Não pode adivinhar quem seja?

— Tentarei! — disse simplesmente Aliette.

Realmente ela pensava em **alguém**, mas não ousava sequer citar o seu nome, com mêdo de provocar alguma cólera perigosa —— mortal, provàvelmente, desta vez.

— Êle beijou mamãe — seu retrato, quero dizer — e a mim; creio que isso é a prova de que reconheceu o seu êrro... Não seria o noivo de Elisa que êle poderia querer ver com tanto empenho...

— Nem o namorado de Lúcia, do qual não tem a menor idéia... — concluiu a Sra. Mornand. — Tenhamos um pouco mais de paciência e amanhã... amanhã veremos o que Deus nos ensinará.

Na manhã seguinte, depois da visita do médico, Rieul ficou só com Aliette. Estava enfraquecido e bastante abalado. Sua vida estava por um fio, à mercê de um invisível destino.

— Êle viverá? — perguntara Aliette.

— Não posso afirmar... — fôra a resposta — Talvez fôsse mesmo melhor que êle se extinguisse assim, feliz... Porque êle tem um ar feliz e bastante desprendido das coisas da terra... Pena que não se possa adivinhar o desejo que o rói neste momento...

— Êle viveria? — perguntou vivamente Aliette voltando para o médico o seu meigo rostinho banhado de lágrimas.

— Talvez não, mas ao menos partiria sem qualquer sombra de desgôsto, enquanto que agora, alguma coisa ainda pesa sôbre o seu coração... Procure descobrir, senhorita... Tem sido enfermeira tão maravilhosa...

— Oh, não! — exclamou ela — Apenas adoro o meu pobre pai! Só isso!

Logo que o médico se retirou, a porta foi aberta novamente. De resto não se fechava mais completamente, para evitar ruídos e para que o enfêrmo não sentisse as idas e vindas de Aliette, que êle não consentia que se afastasse um só instante do seu leito.

Lúcia, que se encontrava na sala de jantar, fêz um sinal e Aliette voltou. A Sra. Mornand, um dedo sôbre a bôca, para ordenar silêncio, aguardava a sua jovem amiga.

Os olhos de Aliette, entretanto, foram mais ágeis e seu olhar foi atraído para um recanto mais sombrio, junto do **buffet**; ali estava **êle**.

Richard! Decidira ir para junto dela, nessa hora de angústia; fôra proçurá-la, justamente, porque é nas grandes dôres que são medidas as grandes afeições. Imediatamente ela correu para êle com todo o impulso de sua alma virgem.

— Ah! Eu teria morrido, sem você — disse ela, em voz baixa, entre soluços.

— E eu teria morrido antes de renunciar a você! — respondeu Richard.

Um frágil gemido no quarto do enfêrmo chamou-os à realidade.

— Que devemos fazer? — perguntou Aliette

— O doutor afirma que papai deseja ver alguém, que espera êsse alguém... Não me atrevo a pensar...

— Pois — disse Richard — eu me atrevo!

A seguir, tomando Aliette pela mão, penetrou no quarto onde vivia ainda um corpo, prestes a deixar fugir a alma.

Pela expressão feliz da fisionomia de Rieul, pela alegria do seu olhar, ambos compreenderam que haviam finalmente satisfeito o último desejo do moribundo.

Muito lentamente, com esfôrço, como uma criança que reúne letras para formar palavras, Jacques falou:

— Ah! Você veio, Richard... Que bom! Pode ficar com ela... E' sua! Eu fui mau com você. O ciúme... O ciúme torna mau... Enlouquece... Não seja ciumento... Espero que a minha Luísa tenha perdoado as minhas maldades...

Richard retirou do bôlso do colete a aliança de Luísa Belfroy, tão singularmente encontrada por êle, na fonte; colocou-a, então, na mão de Jacques.

— Encontrei-a lá mesmo — disse êle — Na fonte... Queria trazer para o senhor, mas não ousava...

Com mãos inábeis, Rieul se esforçava por realizar um gesto; Richard o entendeu e ajudou: apresentando o dedo de Aliette aos de seu pai, êste pôde colocar no mesmo a aliança matrimonial.

Feliz, sorrindo, a fisionomia serena, Rieul deixou a cabeça repousar de novo sôbre a almofada, mantendo a mão sôbre as mãos entrelaçadas de seus filhos. A Sra. Mornand saiu do quarto na ponta dos pés.

O rosto de Rieul se apresentava mais e mais calmo, mais repousado, mais suave... Repentinamente, uma sombra passou por seu rosto... Richard se voltou e conduziu Aliette para a sala vizinha.

Quando a trouxe de volta, o rosto do morto, preparado já então para o seu derradeiro repouso, conservara sua nobreza e ganhara uma beleza marmórea, que bem poucos haviam suspeitado nêle, salvo nos dias de sua primeira juventude.

De pé, junto dela, que chorava mansamente, Richard disse à sua noiva:

— Êle nos deu, um ao outro; jamais havíamos esperado tanto! Afinal, êle morreu em paz — e fui eu quem lhe trouxe o prêmio da paz... Lúcia é adorada por um excelente rapaz, que a fará feliz, tenho tôda a certeza... Você, Aliette querida, é minha, desde agora e para sempre. Nossa vida será bela e boa; prometo!

Ela levantou para êle o seu rostinho adorável, umedecido pelas mais santas lágrimas; e foi assim que ambos entraram na vida nupcial pela porta da dor.

FIM

AGUARDEM! A partir do próximo número, um novo romance, destinado a empolgar os nossos leitores — A FÔRÇA DE UM JURAMENTO — empolgante narrativa de fundo histórico, desenrolado no princípio do século XVIII, em França, e no qual o amor, a aventura, a renúncia e o sacrifício se entrelaçam maravilhosamente, despertando o mais forte interêsse desdes as primeiras linhas.

★ ★

COMO DESCOBRI O MEU...

(*Continuação da página 58*)

obstáculo para conseguir o que desejam. Empregam até mesmo truques grosseiros, contanto que o público fique assombrado — e satisfeito. Êste, realmente "engole" tudo o que lhe apresentam *sem procurar examinar nada do que vê.*"

Essa descrição serve-me de "retrato" *com a idade de vinte e quatro anos!* Era, assim, uma espécie de *Svengali*, usando o hipnotismo para truques condenáveis e para "épater les bourgeois".

Com a idade de cinqüenta anos — e daí por diante — descobri que o hipnotismo pode ser de grande valia para a ciência médica. Por isso mesmo entrei a fazer demonstrações selecionadas para os auditórios das Universidades norte-americanas.

Milhões de pessoas ainda hoje acreditam no hipnotizador de dedos longos e trêmulos, com unhas como garras, olhos arregalados e terríveis e o vistoso turbante de sêda.

O hipnotizador moderno já raspou completamente a barba muito longa e antihigiênica. Não usa quimonos ou sobrecasaca comprida e negra, desprezou para sempre o turbante, nem recorre a uma voz oleosa ou soturna para adormecer o cliente.

O hipnotizador de hoje, em geral, trabalha em hospitais para enfermos nervosos, sem dispensar — é claro — o palco, muito mais rendoso; já deixou de ser *um homem miraculoso*, que surpreendia a própria medicina.

O diretor geral de uma das maiores clínicas psiquiátricas de Nova York — e dizer isso já é dizer o máximo de um indivíduo como capacidade médica — perguntou-me, um dia, francamente: "*Por que o senhor se fêz hipnotizador?*" Tentei explicar-lhe — e também ao mundo e a mim próprio — que eu me tornara um dos instrumentos da ciência moderna e que me orgulhava disso.

Conservo, na verdade, apenas umas poucas "chaves" em minhas mãos, porém tôdas valiosas para as pesquisas nos recantos mais insondáveis do espírito humano.

Tornei-me um hipnotizador, a princípio, por simples acidente, e continuei porque desejava demonstrar o meu poder de concentração e sugestão.

Devo ter hipnotizado até ao presente, cêrca de um milhão de indivíduos em troca de fama e fortuna.

Depois de realizar êsse trabalho, parece-me que foi pouco ou mesmo nada, comparado com o que já tenho feito e pretendo ainda fazer para o desenvolvimento e aplicação da hipnose no uso terapêutico.

O hipnotismo pode auxiliar o homem idoso na sua luta contra a decadência do próprio organismo, tornando-o finalmente senhor da sua própria natureza.

N.º 426 DO ANO XXXVI
EU SEI TUDO
N.º 6 — 1952 OUTUBRO

SUMÁRIO:

Frontispício — Dupla pescaria (conto romântico) 7
Como você resolveria isto? 11
Os anti-corpos (Como o organismo se defende contra os micróbios) 13
O ABC da Vida (Viva e deixe viver) 17
O Sol é um péssimo relógio! (E' necessário corrigi-lo com fuso horário, convenções e "hora legal") 18
Existe a maçã que Adão mordeu? 22
Novas luzes sôbre os gêmeos (Uma das mais intrigantes fantasias da natureza) 23
Tirem os sapatos... (Não importa onde você esteja!) 28
Para guardar pequenas ferramentas 30
Para guardar alicates, etc. 30
Cuidado com os espertalhões! 30
Já é possível operar sem sangue 31
Mais vagarosos que o caracol 34
Para guardar chaves de mecânico 34
Para guardar serrotes 34
Um retrato perfeito! (Conto misterioso) 35
Atividades científicas 38
Adeus dinheiro! (Episódio real) 39
A mensagem indecifrável (Anedota do período da guerra) .. 40
Negócios confidenciais (Episódio real) 41
Antolhos para touros 42
Filtro de Sal 42
O coração de Luísa (Romance — conclusão) 43
As mulheres dirigem melhor um automóvel 51
Como descobri meu poder hipnótico (pelo Dr. Franz J. Polgar, famoso hipnotizador húngaro) 56
Explorando o Brasil Meridional (Continuação) 59
Justiça estática (Episódio real) 67
Novidades e invenções 67
Os grandes erros judiciários (VI) — O mistério dos dois cadáveres 68
Raid noturno 71
Vamos, Napoleão! (Conto turfístico) 72
A pupila rubra (Romance — continuação) 75
10.000 mulheres trocam um rosto velho por outro, novo! 83
Nos domínios da Gramática 86
O amendoim — Importante fator econômico 87
Sensibilidade de irracionais 89
Esquecer é humano 90
Replantio 92
Memento de Eu Sei Tudo 93
Quebra-Cabeças, Charadas, etc. 105

★

A CAPA — A maçã, não sabemos se por seu aspecto encantador ou se pelo perfume suavíssimo e adorável, sempre constituiu uma atração quase irresistível para os humanos. Ver maçãs, aspirar-lhes o perfume e comprar, são atos que praticamos constantemente, apesar do preço elevadíssimo que alcança a fruta no nosso mercado interno. A maçã figurou logo na primeira crônica policial, aparecendo nas Escrituras como causa do primeiro delito praticado neste planêta. Talvez não possa haver coisa mais conhecida e falada que a "maçã de Adão". Pois bem: eis que agora surge um indivíduo que pura e simplesmente afirma possuir a verdadeira maçã **que custou ao nosso pai venerável a expulsão do Paraíso. Se duvidam.... leiam o que se encontra à página 22 da presente edição.**

CORRESPONDÊNCIA



HELOÍSA MAGALHÃES — Distrito Federal — Sentimos não poder informar. Não publicamos romances que já possam ser encontrados nas livrarias.

★

ABEL FERREIRA — Distrito Federal — Não podemos garantir sem examinar os originais. Desde agora podemos informar apenas que o assunto é interessante. Gratos.

★

JÚLIO CÉSAR DE ALMEIDA RAMOS — Goiânia — O nosso novo formato foi adotado a partir de julho de 1951. A obra "Explorando o Brasil Mericional" teve início com o número de junho de 1951. Não existe nas livrarias.

★

ABELARDO PIMENTA — Vassouras — Estado do Rio de Janeiro — O senhor tem boa memória, sim. E', realmente, obra que pretendemos publicar novamente, com as alterações indispensáveis em razão dos novos descobrimentos, teorias, etc. A data, infelizmente, não podemos apontar desde agora.

★

O preço desta revista, em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um garnde desconto para vender pelo preço indicado, com lucro.